

Um Herói de Quinze Anos

Julio Verne

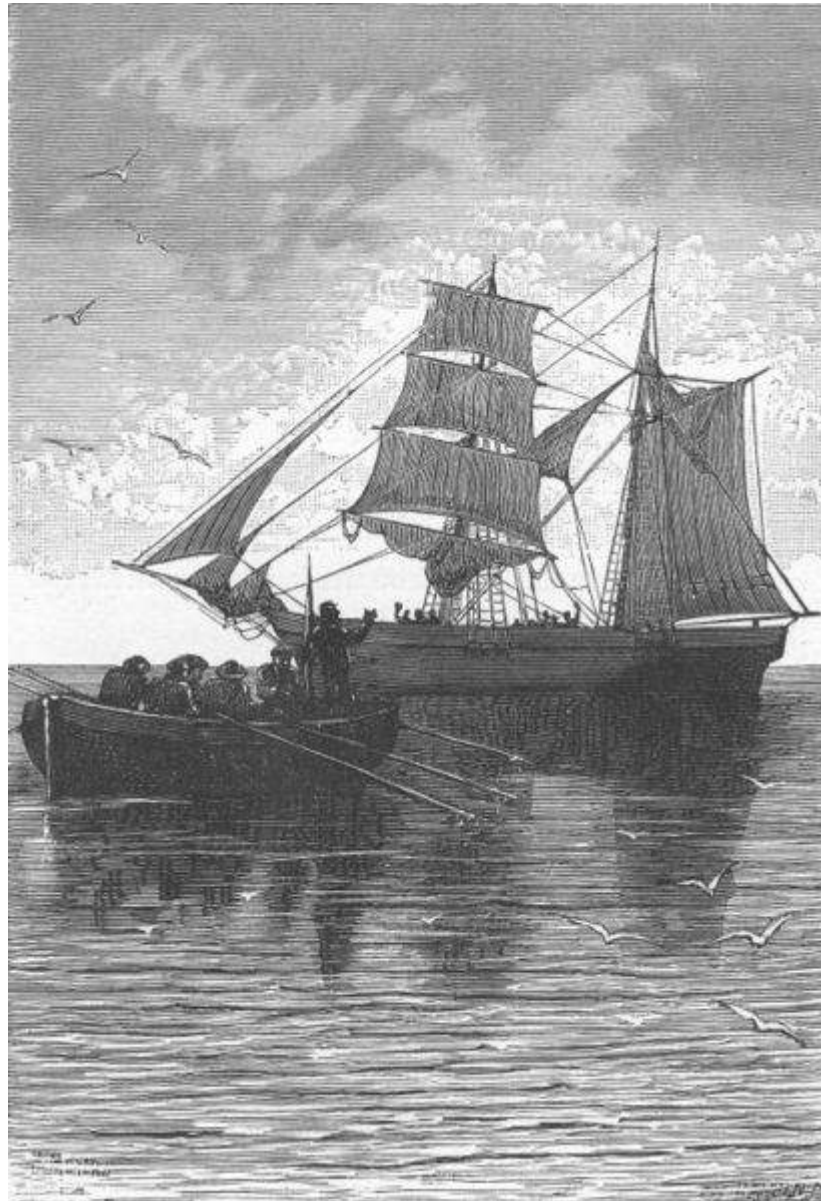
Primeira Parte

A VIAGEM FATAL

Quando a decisão e a audácia habitam um corpo jovem geram abnegação e heroísmo. Pelos vastos mares nem sempre pacíficos do grande mundo, entre a Nova Zelândia e as Américas oceano afora, Dick Sand tem apenas quinze anos, mas não se deixa amedrontar. O desaparecimento de seu capitão deixou-lhe nas mãos uma grande tarefa: levar a cabo a missão. Como fazer aportar o Pilgrim e salvar os que ficaram sob sua guarda? Não são apenas os perigos do grande oceano; também a bordo poderosas forças vão confrontá-lo.

CAPÍTULO I

O PATACHO “PILGRIM”



No dia 2 de fevereiro de 1873 estava o patacho “Pilgrim” por $43^{\circ} 57$ minutos de latitude sul e $165^{\circ} 19$ minutos de longitude oeste do meridiano de Greenwich.

Navio de quatrocentas toneladas, aparelhado em San Francisco para a grande pesca nos mares austrais, pertencia a James W. Weldon, rico americano da Califórnia, o qual desde muitos anos confiara seu comando ao capitão Hull.

O “Pilgrim” era um dos menores mas dos melhores navios da flotilha que James W. Weldon mandava todos os anos além do estreito de Bering, até aos mares boreais, e desde as paragens da Tasmânia ou do Cabo Horn até ao oceano Antártico. Era navio de boa marcha, e, por ter aparelho muito leve, podia aventurar-se com pouca gente a manobrar por entre as grandes e impenetráveis massas de gelo do hemisfério austral. O capitão Hull sabia safar-se bem, como dizem os marinheiros, navegando por entre os gelos que durante o Verão se encontram nas proximidades da Nova Zelândia ou do Cabo da Boa Esperança, por latitude muito inferior à que chegam nos mares setentrionais do Globo. Aludimos, bem entendido, às pequenas massas de gelo, gastas já pelos choques e corroídas pela água de temperatura relativamente elevada e o maior número das quais vão fundir-se no Pacífico ou no Atlântico.

Sob o comando do capitão Hull, bom marinheiro e um dos mais hábeis arpoadores da flotilha, havia uma tripulação composta de cinco marinheiros e de um prático. Era pouca gente para a pesca da baleia, que exige pessoal muito numeroso, tanto para a manobra das embarcações como para o corte dos animais capturados; mas James W. Weldon, seguindo o exemplo de outros armadores, achava mais econômico não embarcar em San Francisco senão o número de marinheiros que fosse estritamente necessário para a manobra do navio. Na Nova Zelândia não faltavam arpoadores, marinheiros de todas as nacionalidades, desertores ou não, os quais procuravam contratar-se pela estação, servindo como hábeis pescadores. Terminado o tempo útil, pagava-se-

lhes e desembarcavam-se, e eles lá iam esperar que, no ano seguinte, viessem outros baleeiros valer-se dos seus serviços. Por este método havia melhor emprego da gente disponível e tirava-se mais proveito da sua cooperação.

Assim se fez a bordo do “Pilgrim”. O patacho fizera a estação da pesca no círculo polar antártico, mas não tinha o carregamento completo de barris de azeite e de barbas de baleia. Naquela época já a pesca era difícil. Os cetáceos, por muito perseguidos, tornavam-se cada vez mais raros. A baleia ordinária, que tem o nome de nord-caper no oceano boreal e se chama sulpher-boltone nos mares do sul, desaparecia de dia para dia; os pescadores viam-se pois obrigados a lançar-se sobre a fin-back ou jubarte, grande mamífero cujos ataques não são isentos de perigos.

Foi o que fez o capitão Hull durante o tempo que estive na pesca, contando, porém, na sua próxima viagem ir até mais alta latitude, e, se preciso fosse, chegar até à vista das terras de Clara e de Adélia, cuja descoberta, contestada pelo americano Wilkes, pertence definitivamente ao ilustre comandante do “Astrolábio” e da “Zelosa”, o francês Dumont d'Urville.

Em suma, a estação não fora feliz para o “Pilgrim”. No princípio de Janeiro, isto é, pelos meados do Estio austral, apesar de não ser chegada ainda a época da volta para os baleeiros, o capitão Hull foi obrigado a deixar as paragens da pesca. A gente que contratara a mais dera-lhe muito que fazer, e por isso tratou de se ver livre dela.

O “Pilgrim” soltou rumo para o noroeste, em demanda da Nova Zelândia, que avistou a 15 de Janeiro. Chegou a Waitemata, porto de Auckland, no golfo de Chouraki, na costa leste da ilha setentrional, e desembarcou os pescadores que tinha ajustado.

A tripulação não estava satisfeita. Faltavam, pelo

menos, duzentos barris de azeite para completar a carga do “Pilgrim”. Nunca a pesca fora tão má. O capitão Hull voltava quase tão contrariado como o caçador emérito que pela primeira vez erra todos os tiros. O seu amor-próprio estava irritado, e não podia perdoar àqueles que, pela sua insubordinação, foram a causa de tão escassa colheita.

Foi em vão que tentou recrutar em Auckland nova companhia para a pesca. Todos os marinheiros disponíveis tinham já embarcado a bordo de outros navios baleeiros. Perdeu, pois, a esperança de completar o carregamento do “Pilgrim”, e dispunha-se a partir de Auckland quando uma pessoa a quem ele não podia deixar de satisfazer lhe pediu passagem a seu bordo.

Mrs. Weldon, mulher do dono do “Pilgrim”, estava então em Auckland, com Jack, seu filho, criança de cinco anos, e com um dos seus parentes, o primo Bénédicte. James Weldon, a quem os negócios chamaram à Nova Zelândia, levava para ali os três, contando trazê-los depois consigo para São Francisco. Mas, na ocasião em que toda a família ia partir, Jack adoeceu gravemente, e seu pai, obrigado por negócios urgentes, teve de sair de Auckland, deixando a mulher, o filho e o primo Bénédicte.

Decorreram três meses, três longos meses de separação e de angústias para Mrs. Weldon. Entretanto restabeleceu-se o filhinho, e já se dispunha a partir quando lhe anunciaram a chegada do “Pilgrim”.

Ora, naquela época, Mrs. Weldon para voltar a São Francisco tinha de ir à Austrália, a fim de embarcar num dos navios da companhia transoceânica Golden Age, que fazem a carreira de Melbourne ao istmo de Panamá, tocando em Papeiti; e teria de esperar em Panamá que partisse o vapor americano que estabelece a comunicação regular entre o istmo e a Califórnia. Disto resultavam demoras e baldeações, sempre incômodas para uma senhora e uma criança. Foi pois em boa

ocasião que o “Pilgrim” veio fundear em Auckland. Mrs. Weldon não hesitou e pediu ao capitão Hull que lhe desse lugar a bordo e a levasse para São Francisco, bem como ao filho, ao primo Bénédicte e a Nan, preta já idosa, que a servia desde a infância. Três mil léguas marítimas a percorrer a bordo de um navio de vela era muito! O navio do capitão Hull, porém, estava bem arranjado, e a monção era ainda favorável de um e do outro lado do equador. O capitão Hull pôs imediatamente os seus aposentos à disposição da sua passageira, porque desejava que durante a viagem, a qual devia durar quarenta a cinquenta dias, Mrs. Weldon fosse acomodada do melhor modo possível a bordo do navio baleeiro.

Havia para Mrs. Weldon algumas vantagens em fazer a viagem nestas condições e o único inconveniente provinha da circunstância de o “Pilgrim” ser obrigado a ir descarregar em Valparaíso, no Chile. Mas isto feito, era seguir depois pela costa americana com os terrais, que tornam aquelas paragens muito agradáveis.

Mrs. Weldon era senhora animada, a quem o mar não apavorava. Tinha então trinta anos e boa saúde; habituada aos incômodos das longas viagens, porque muitas fizera, acompanhando o seu marido, não receava meter-se a bordo de um navio de medíocre tonelagem. Tinha o capitão Hull por excelente marinheiro, em quem James W. Weldon depositava grande confiança. O “Pilgrim” era navio seguro, de bom pé e muito acreditado entre os baleeiros americanos. A ocasião era boa; convinha aproveitá-la, e Mrs. Weldon aproveitou-a.

O primo Bénédicte, bem entendido, devia acompanhá-la. Era ele excelente pessoa, e, apesar de contar então cerca de cinquenta anos de idade, não seria prudente deixá-lo sair só. Mais comprido que alto, mais esguio que magro, de cara ossuda, cabeça enorme e farta de cabelos, denunciando na sua interminável pessoa uma dessas criaturas inofensivas e boas, que

toda a vida são crianças, e acabam de velhos, como se fossem macróbios entregues ainda aos cuidados das aias.

“Primo Bénédict”, que assim lhe chamavam todos, até mesmo aqueles que não pertenciam à sua família, e efetivamente era ele daquelas pessoas que parecem aparentadas com toda a gente, era incapaz de se livrar do mais insignificante perigo sem auxílio estranho. Não se podia chamar importuno, pelo contrário, mas era incômodo para os outros e para si mesmo. Vivendo bem com todos, sujeitando-se a tudo, esquecendo-se de comer ou de beber, se lhe não davam de beber ou de comer, insensível ao frio como ao calor, mais parecia pertencer ao reino vegetal que ao animal. Era como uma árvore sem frutos e sem folhas, que não pudesse alimentar, nem dar abrigo, mas cujo âmago fosse bom.

Tal era primo Bénédict. Teria de boa vontade prestado serviços a toda a gente se, como diria Prudhomme, fosse capaz de os prestar!

Finalmente a sua própria fraqueza o fazia estimado. Mrs. Weldon considerava-o como uma criança: como um irmão mais velho de Jack.

Deve dizer-se que o primo Bénédict não era ocioso, nem livre de ocupações; pelo contrário, trabalhava, e a sua única paixão, a história natural, prendia-o completamente.

Dizer “história natural” é dizer muito, pois é sabido que as diferentes partes que compõem esta ciência são a zoologia, a botânica, a mineralogia e a geologia; ora o primo Bénédict não era botânico, nem mineralogista, nem geólogo. Seria pois um zoólogo em toda a extensão da palavra, um Cuvier do Novo Mundo, que decompusesse os animais pela análise e os recompusesse pela síntese, um destes conhecedores profundos, versados no estudo dos quatro tipos aos quais a ciência moderna refere toda a animalidade: os

vertebrados, os moluscos, os articulados e radiários? Destas quatro divisões, o ingênuo mas estudioso sábio teria observado as diversas classes e investigado as ordens, as famílias, as tribos, os gêneros, as espécies e as variedades que as distinguem?

Não.

Ter-se-ia entregado ao estudo dos vertebrados, mamíferos, pássaros, répteis e peixes?

Também não.

Seriam os moluscos, desde os cefalópodes até aos briozoários, que tiveram a preferência, e na malacologia não haveria segredos para ele?

Tampouco.

Seria pois o estudo dos radiários, equinodermes, acalefos, pólipos, briozoários, entomozoários, espongiários e infusórios que lhe tivesse queimado as pestanas?

Não foi.

Como da zoologia só falta citar a divisão dos articulados, é claro que foi a esta divisão que se aplicou o primo Bénédict.

Efetivamente assim foi, mas convém precisar que no ramo dos articulados se contam seis classes: os insetos, os miriápodes, os aracnídeos, os crustáceos, os cirrípedes e os anelídeos.

Ora, cientificamente falando, o primo Bénédict não sabia distinguir os vermes da terra das sanguessugas, os percevejos dos baianos, as aranhas dos lacraus, os camarões das raninas, os mourões(1) das escolopendras.

Mas, finalmente, o que era o primo Bénédict? Era um simples entomologista, nada mais.

Dir-se-á, porém, que, na sua acepção etimológica, a entomologia é a parte das ciências naturais que compreende todos os articulados. Falando na generalidade, assim é, mas o costume tem admitido uma significação mais restrita àquela palavra, a qual não se

aplica, por consequência, senão ao estudo propriamente dito dos insetos, isto é: todos os animais articulados, cujo corpo, formado de anéis ligados uns aos outros, sucessivamente, forma três segmentos distintos, e, porque têm três pares de pernas, receberam o nome de hexápodes.

Ora, como primo Bénédicte tinha restringido o seu estudo aos articulados desta classe, era por isso apenas entomologista.

Deve, porém, ter-se presente que nesta classe de insetos contam-se não menos de dez ordens: os ortópteros(2), os neurópteros(3), os himenópteros(4), os lepidópteros(5), os hemípteros(6), os coleópteros(7), os dípteros(8), os ripípteros(9), os parasitas(10) e os tisanuros(11). Em algumas destas ordens, na dos coleópteros, por exemplo, conhecem-se trinta mil espécies, e sessenta mil na dos dípteros; não faltam, portanto, assuntos para estudo, e neste há matéria bastante para ocupar toda a vida de um homem, e toda a vida do primo Bénédicte foi inteiramente consagrada à entomologia.

A esta ciência dedicava ele todas as horas, todas, sem exceção, porque até mesmo quando dormia sonhava em “hexápodes”. Não se podiam contar os alfinetes que trazia pregados nas mangas e na gola do casaco, na copa do chapéu e no rebuço do colete. Quando primo Bénédicte voltava de um passeio científico, o chapéu, principalmente, era como uma caixa de história natural, completamente cheia, tanto interna como externamente, de insetos espetados em alfinetes.

Finalmente, ter-se-á dado completa ideia deste homem singular quando se disser que foi unicamente por amor à entomologia que ele acompanhou Mr. e Mrs. Weldon à Nova Zelândia. Ali enriqueceu a sua coleção com alguns exemplares raros, e por isso tinha pressa de voltar, para os classificar nos armários do seu gabinete

em São Francisco.

Como Mrs. Weldon e seu filho voltassem para a América a bordo do “Pilgrim”, era natural que primo Bénédicte os acompanhasse. Mas não podia Mrs. Weldon contar com ele em qualquer situação embaraçosa. Felizmente a viagem era fácil, o tempo bom, o navio seguro e o capitão merecia toda a confiança.

Durante os três dias que o “Pilgrim” esteve fundeado em Waitemata, Mrs. Weldon fez apressadamente todos os preparativos para a viagem, porque não queria retardar a partida do patacho. Despediu os criados indígenas que a serviam em Auckland, e a 22 de Janeiro embarcou a bordo do “Pilgrim”, com Jack, primo Bénédicte e Nan.

O primo Bénédicte levava numa caixa especial toda a sua curiosa coleção de insetos. Nesta coleção viam-se alguns exemplares de novos estafilinos, coleópteros carniceiros, cujos olhos estão colocados na parte superior da cabeça, e os quais até então se julgava que pertenciam exclusivamente à Nova Caledónia.

Tinham-lhe recomendado muito uma aranha venenosa, kapito, dos Maiores, cuja mordedura é quase sempre mortal para os indígenas; mas uma aranha não pertence à ordem dos insetos propriamente ditos; agrupa-se entre os aracnídeos, e portanto tinha pouco ou nenhum valor para primo Bénédicte, que pouco caso fez dela. O melhor objeto da sua coleção era um notável estafilino da Nova Zelândia.

Fácil é de crer que primo Bénédicte, pagando bom prêmio, segurou toda a sua coleção, que para ele tinha mais valor do que a carga de azeite e de barbas de baleia que o “Pilgrim” tinha no porão.

Na ocasião da partida, quando Mrs. Weldon e os seus companheiros de viagem entravam na coberta do patacho, o capitão Hul, aproximando-se, disse à sua passageira:

— Mrs. Weldon, é sem dúvida sob sua responsabilidade que empreende esta viagem a bordo do “Pilgrim”?

— Porque me faz essa pergunta, Mr. Hull?

— Porque não tive ordens de Mr. Weldon a este respeito, e porque um patacho não pode dar garantias de uma boa viagem como um paquete, feito especialmente para transportar passageiros.

— Se meu marido aqui estivesse, julga Mr. Hull que ele hesitaria um instante em embarcar com sua mulher e seu filho a bordo do “Pilgrim”?

— Não, Mrs. Weldon, não hesitaria decerto. O “Pilgrim”, apesar desta vez não ter sido muito feliz, é um bom barco! Tenho a certeza disso, conheço-o como um marinheiro pode conhecer o navio em que embarca há muitos anos. O que eu disse, Mrs. Weldon, foi para ressalvar a minha responsabilidade, para lhe repetir que, a bordo deste navio, não encontrará as comodidades a que está habituada.

— Como se trata unicamente de comodidades — respondeu Mrs. Weldon —, não tem dúvida. Não sou das passageiras mais difíceis de contentar, das que a toda a hora se queixam da pequenez dos beliches e do mau serviço da mesa.

Mrs. Weldon, depois de ter olhado para Jack, cuja mão segurava, acrescentou:

— Partamos, Mr. Hull.

Deram-se as ordens para largar; mareou-se o pano, o “Pilgrim” navegou para sair do golfo e voltou depois rumo para a costa da América.

Três dias depois, o patacho, obrigado por ventos contrários e frescos de leste, cingiu de bolina, com amura a bombordo.

No dia 2 de Fevereiro o capitão Hull estava por mais alta latitude que desejava e na posição de quem mais parece querer montar o Cabo Horn do que chegar-se para

a costa da América.

Obs.: As notas não assinaladas por "(N. do T.)" ou "O Tradutor" são do Autor.

** (...) Também se chamam julos; conservamos o nome português antigo que lhe dá a zoologia de Cuvier, traduzida em português e revista por Brotero. Tipos — Gafanhotos.. Tipos — Mirmeleão, libelinha.. Tipos — Abelhas, vespas, formigas.. Tipos — Borboletas.. Tipos — Cigarras.. Tipos — Besouros, pirilampos.. Tipos — Mosquitos, moscas.. Tipos — Estilopes.. Tipos — Ácaros.. Tipos — Lepismas (N. do T.)*

CAPÍTULO II

DICK SAND

O mar estava sereno e, salvo pequenas contrariedades, a navegação fazia-se em condições muito regulares.

Mrs. Weldon alojara-se a bordo do “Pilgrim” tão comodamente quanto era possível. Não havendo, na coberta à ré, nem tombadilho, nem gaiuta, teve a passageira de se contentar com a câmara do capitão Hull, modesto alojamento de um marinheiro; e para isto foi preciso que o capitão insistisse para ela aceitar. Naquele pequeno espaço estavam Mrs. Weldon, seu filho Jack e a velha Nan. Ali jantavam, na companhia do capitão e do primo Bénédict, para quem se improvisara um camarote à amurada.

O comandante do “Pilgrim” alojou-se num camarote da proa, que pertenceria ao piloto se o houvesse a bordo; mas, como se sabe, o patacho navegava em tais condições que podia dispensar um outro oficial.

A tripulação do “Pilgrim” era composta de marinheiros bons e experimentados e muito unidos pela conformidade de ideias e de costumes. Era a quarta estação de pesca que faziam juntos; todos americanos de Oeste, conhecidos de longa data e pertencentes ao mesmo litoral do Estado da Califórnia. Tinham muitas atenções para Mrs. Weldon, a mulher do seu patrão, a quem eles estimavam muito. Deve dizer-se que, largamente interessados nos lucros do navio, haviam navegado até então tirando sempre bons ganhos. Se em razão do pequeno número o trabalho era maior, também maior era a paga quando, no fim da viagem, se ajustavam as contas. Desta vez, porém, os lucros seriam

pequenos, e por isso eles, com razão, praguejavam contra a gente que embarcara em Nova Zelândia.

Havia um único homem a bordo que não era de origem americana, mas cuja nacionalidade se não conhecia: chamava-se Negoro, falava inglês regularmente e exercia no patacho o modesto emprego de cozinheiro.

O cozinheiro do “Pilgrim” tinha desertado em Auckland; Negoro, que então estava desempregado, ofereceu-se para o substituir. Era homem taciturno, pouco comunicativo, não se chegando muito para os outros, mas desempenhando regularmente o seu ofício. O capitão parecia ter acertado ajustando Negoro, que nunca dera motivo para ser repreendido. Contudo, o capitão lastimava-se por não ter tido tempo de se informar a seu respeito. A fisionomia de Negoro, ou, antes, o seu olhar, não lhe agradava muito, e, tratando-se de meter um indivíduo desconhecido na restrita e íntima vida de bordo, deviam empregar-se todas as cautelas.

Negoro teria quarenta anos. Magro, musculoso, de estatura meia, cabelos escuros e trigueiro, parecia homem robusto. Via-se pelas observações, que raras vezes fazia, que tivera alguma instrução. Nunca falava do seu passado nem da sua família. Onde vinha e onde tinha vivido, ninguém o podia adivinhar. Qual seria o seu futuro, também não era fácil de saber. Revelava unicamente a intenção de desembarcar em Valparaíso. Era um homem extraordinário. Não era marinheiro e parecia até mais alheio às coisas do mar do que geralmente costumam ser os cozinheiros que têm embarcado. Contudo, o balanço não o incomodava, como acontece às pessoas que nunca navegaram, circunstância muito para apreciar num cozinheiro de bordo.

Em suma, via-se pouco. Durante o dia estava na

cozinha, em frente do fogão de ferro fundido, que ocupava grande espaço. À noite, logo que apagava o fogão, Negro ia para o lugar que lhe estava destinado no alojamento da marinhagem, deitava-se e dormia.

A tripulação do “Pilgrim”, como se disse já, compunha-se de cinco marinheiros e de um prático. Tinha este quinze anos e era enjeitado. Abandonado, desde que nasceu, fora recolhido pela caridade pública e por ela educado.

Dick Sand, que assim se chamava, devia ser oriundo do Estado de Nova York e sem dúvida da capital deste mesmo Estado. O nome de Dick, abreviatura de Richard, foi dado ao enjeitadinho porque aquele nome era o da pessoa caridosa que o recolheu duas ou três horas depois de ele ter nascido. O nome de Sand(1) é uma recordação do lugar em que foi encontrado, na ponta de Sandy-Hook que forma a entrada do porto de Nova York, na embocadura do Hudson. Dick Sand, quando tiver atingido todo o seu desenvolvimento físico, não deve exceder a estatura regular; contudo, é de constituição robusta. Não se pode duvidar que é de origem anglo-saxónia, e, apesar de ser trigueiro, tinha olhos azuis muito vivos. O master de marinheiro dispusera-o para as lutas da vida. Na sua fisionomia inteligente mostrava-se a energia; não tinha os traços da audácia, tinha os da ousadia. Citam-se muitas vezes as três palavras seguintes, de um verso incompleto de Virgílio:

“Audaces fortuna juvat...”

mas citam-se incorretamente. O poeta disse:

“Audentes fortuna juvat...”

**1. Sand = areia em inglês.*

E é aos ousados e não aos audazes que a fortuna quase sempre sorri. O audaz pode ser irrefletido; o

ousado pensa primeiro e age depois: tal é a diferença.

Dick Sand era audente. Aos quinze anos sabia já resolver e levar a cabo o que em seu espírito tivesse decidido fazer. O seu ar, vivo e sério ao mesmo tempo, atraía a atenção de toda a gente; não dissipava gestos nem palavras, como fazem geralmente os rapazes da sua idade.

Desde muito cedo, na idade em que ainda se não discutem os grandes problemas da vida, viu ele qual era a sua miserável condição, e a si mesmo prometeu lutar e vencer.

E assim foi: era quase homem na idade em que outros são crianças.

Desembaraçado e hábil em todos os exercícios corporais, Dick Sand era dos entes bem-fadados que depressa aprendem, que tudo fazem e tudo conseguem.

Educado pela caridade pública, como atrás se disse, esteve primeiro num asilo, onde há sempre, na América, lugar para as criancinhas abandonadas. Aos quatro anos Dick aprendia a ler, a escrever e a contar, numa das escolas do Estado de Nova York que as subscrições de caridade sustentam generosamente.

Aos oito anos o gosto pela vida do mar, que em Dick era inato, faziam-no embarcar como moço de convés num navio que navegava para os mares do sul. A bordo deste navio aprendia ele a arte de marinheiro, como se deve aprender quando se é ainda muito novo. Pouco a pouco foi-se instruindo sob a direção dos oficiais, que se interessavam muito por Dick. Assim o moço do convés progredia sempre, esperando sempre mais. A criança que, desde o princípio da sua carreira, vê que o trabalho é a lei da vida, que de muito cedo sabe que deve ganhar o pão com o suor do seu rosto — preceito da Bíblia, que é a lei da humanidade —, está provavelmente destinada para as grandes coisas, porque um dia virá em que juntará à vontade a força para as

executar.

Foi quando Dick Sand era ainda moço de bordo que o capitão Hull o viu. Afeiçoou-se o capitão a ele e mais tarde fê-lo conhecido do seu armador, James W. Weldon, que tomou muito interesse pelo enjeitado e mandou-o para São Francisco, a fim de completar a sua educação, fazendo-o seguir a religião católica, à qual pertencia sua família.

Durante o curso dos estudos, Dick Sand mostrou maior predileção pela geografia e pelas viagens, esperando a idade própria para aprender a parte da matemática que se refere à navegação. À parte teórica da instrução que recebia não se esquecia ele de juntar a prática. Foi como prático que embarcou pela primeira vez a bordo do “Pilgrim”. Os bons marinheiros devem conhecer a grande pesca, como as navegações grandes, porque habilitam para todas as eventualidades da vida marítima. Dick Sand partia a bordo de um navio de James W. Weldon, o seu benfeitor, comandado pelo homem que o protegera, o capitão Hull. Estava, pois, em excelentes condições.

Dizer até que ponto chegaria a sua dedicação pela família Weldon seria supérfluo. Melhor será deixar falar os fatos. Compreende-se, porém, o contentamento do jovem marinheiro quando soube que Mrs. Weldon embarcaria a bordo do “Pilgrim”. Mrs. Weldon fora para ele uma boa mãe. Dick considerava Jack como um irmão mais novo, respeitando-o sempre como filho do rico proprietário de navios. Não ignoravam os seus protetores que a boa semente por eles lançada não caíra em terreno ingrato. O reconhecimento do pobre órfão era cada vez maior, e se um dia fosse preciso dar a sua vida por aqueles que o tinham mandado instruir e ensinado a amar a Deus, não hesitaria um momento em fazê-lo. Em poucas palavras, tinha quinze anos e pensava como se tivesse trinta. Tal era Dick Sand.

Sabia Mrs. Weldon quanto valia o seu protegido: por isso podia, sem cuidado, confiar-lhe Jack. Dick Sand acariciava a criancinha, a qual, conhecendo que ele a estimava, gostava de estar com ele. Durante as horas de ócio, que as há às vezes em viagem, quando se navega com bom mar e vento galerno, Dick e Jack estavam quase sempre juntos. O jovem prático mostrava a Jack tudo quanto da sua arte o pudesse interessar. Era sem receio que Mrs. Weldon via Jack, acompanhado por Dick Sand, subir pelas enxárcias, trepar ao cesto de gávea, e descer como uma seta pelos brandais. Dick Sand ou o precedia ou o seguia, sempre pronto a segurá-lo se os tenros bracinhos de Jack fraquejassem naqueles exercícios. Tudo isto era de grande proveito para Jack, a quem a doença tinha enfraquecido; a bordo do “Pilgrim”, porém, recuperara depressa forças, graças a esta ginástica quotidiana e às saudáveis brisas do mar.

Assim corriam as coisas, assim ia a viagem, e, se o tempo fosse mais favorável, nem os passageiros nem a tripulação do “Pilgrim” teriam razão de se queixar.

Entretanto a constância do vento por leste não deixava de preocupar o capitão Hull, que não via o navio em boa rota e receava, mais tarde, perto do trópico de Capricórnio, encontrar calmas que ainda mais o contrariariam, sem falar da corrente equatorial, que irresistivelmente o levaria para oeste. Inquietava-se principalmente por Mrs. Weldon e pelas demoras, de que ele decerto não era responsável. Pensava até em aconselhar à sua passageira que fosse para bordo de algum vapor que se encontrasse no caminho navegando para a América. Infelizmente estava em latitudes muito elevadas, onde não cruzam os vapores da carreira do Panamá, e naquela época ainda não eram tão frequentes, como depois se têm feito, as comunicações pelo Pacífico entre a Austrália e o Novo Mundo.

As coisas tinham pois de correr à vontade de Deus.

Parecia que nada vinha perturbar esta monótona viagem quando se deu o primeiro incidente, justamente no dia 2 de Fevereiro, na latitude e longitude indicadas no princípio desta história.

Dick Sand e Jack, pelas nove horas da manhã, como o tempo estivesse claro, tinham subido para os vaus de joanete de proa. Dali dominavam todo o navio e o vasto espaço do oceano. À ré o círculo do horizonte era, às suas vistas, apenas interceptado pelo mastro grande e pelas velas deste mastro, a vela grande-latina e o gafetope; para a proa via-se, como se estivesse estendido sobre as ondas, o gurupés com as suas velas, as quais, caçadas ao portar pela esteira, pareciam três asas de desigual grandeza; por debaixo deles enfunava-se o traquete e o velacho; acima deles estava o joanete, cuja testa ia sempre a bater por coar o vento. O patacho navegava de bolina cerrada com amuras a bombordo.

Dick Sand estava explicando a Jack a razão por que o “Pilgrim”, por estar bem alastrado, não corria perigo de fazer da quilha portaló(1), apesar de ir muito inclinado para sotavento, quando Jack o interrompeu, perguntando-lhe:

— Que vejo eu além?

— Vê alguma coisa? — perguntou Dick Sand, pondo-se de pé sobre os vaus.

— Vejo — tornou Jack, designando um ponto no mar, entre o estai da bujarrona e a baluma da giba.

Dick Sand olhou com atenção para o ponto indicado e imediatamente gritou: — Um casco à tona de água! Pela proa, um pouco para estibordo!

*1. Fazer da quilha portaló significa virar. (N. do T.)

CAPÍTULO III

À TONA DE AGUA

Ao grito de Dick Sand acudiu toda a tripulação. A gente que não estava de quarto correu para o convés; o capitão Hull saiu do camarote e dirigiu-se para a proa.

Mrs. Weldon, Nan e até o indiferente primo Bénédict vieram encostar-se à amurada para ver o casco que se avistara.

Só Negro não saiu da cozinha; de toda a tripulação foi ele o único, como sempre, a quem a vista de um casco à tona de água não parecia interessar.

Todos olharam atentamente para o objeto flutuante, que as ondas balouçavam a três milhas do “Pilgrim”.

— Que será aquilo? — perguntou um marinheiro.

— Uma jangada sem gente — respondia outro.

— Quem sabe — observou Mrs. Weldon — se naquela jangada, que além vemos à mercê das ondas, estarão alguns náufragos?

— Veremos — respondeu o capitão Hull —, mas aquilo não é uma jangada, é um casco adornado.

— Talvez seja algum monstro marinho, algum mamífero de dimensões colossais — lembrou primo Bénédict.

— Não creio — opinou o prático.

— Então o que julgas ser, Dick? — perguntou Mrs. Weldon.

— Um casco adornado, exatamente o que disse o capitão, Mrs. Weldon. Até me parece que vejo luzir o cobre da carena.

— É verdade — afirmou o capitão Hull. Depois, virando-se para o homem do leme, ordenou-lhe:

— Põe o leme de encontro, Bolton; deixa arribar

uma quarta; governa a passar perto do casco.

— Vai arribado — declarou o timoneiro.

— Mas — continuou primo Bénédic —, estou ainda pelo meu dito. Aquilo é com toda a certeza um animal.

— Então será um cetáceo forrado de cobre — respondeu o capitão Hull —, porque também, com toda a certeza, vejo luzir o cobre...

— Em todo o caso, primo Bénédic — acrescentou Mrs. Weldon —, há de convir que o cetáceo está morto, porque é certo que não faz o menor movimento.

— Ora, minha prima — respondeu Bénédic, teimando sempre —, não seria a primeira vez que se vê uma baleia dormir à tona d'água.

— Efetivamente assim é — admitiu o capitão Hull —, mas o que está ali não é uma baleia, é um navio.

— Veremos — teimava Bénédic, que, apesar de tudo, teria dado de boa vontade todos os mamíferos dos mares árticos e antárticos por um gafanhoto de espécie rara.

— Andar assim, Bolton, andar assim — recomendou de novo o capitão Hull para o timoneiro. — Não arribar mais; não quero atracar com o navio, quero passar perto dele. Se atracássemos com aquele casco, ele pouco perderia, e nós podíamos ter avaria grossa. Orça um pouco, Bolton!... Orça ainda mais!

A proa do “Pilgrim”, que ia direita ao navio adornado, desviou para barlavento.

O patacho estava ainda a uma milha do casco avistado. Os marinheiros não deixavam de o observar com interesse. Talvez que ele tivesse carga de valor, que fosse possível baldear para bordo do “Pilgrim”. Como é sabido, em casos de salvamento, a terça parte do valor da carga pertence aos salvadores, e neste caso, se o carregamento não estivesse avariado, a tripulação do “Pilgrim” teria apanhado boa maré, como se costuma dizer. Seria a compensação da má pesca que fizeram.

Um quarto de hora depois o casco estava a meia milha do “Pilgrim”.

Era um navio, não havia dúvida; mostrava o costado de estibordo, adornado a tocar com a trincheira na água, e estava por tal modo inclinado que seria impossível andar de pé na coberta. Da mastreação nada restava; das mesas das enxárcias pendiam unicamente alguns cabos e os colhedores dos ovéns; na amura de estibordo via-se um grande rombo.

— Aquele navio foi decerto abalroado — afirmou Dick Sand.

— Sem dúvida — acrescentou o capitão Hull —, e só por milagre é que não está no fundo.

— Se foi abalroado — observou Mrs. Weldon — „ é natural que a tripulação fosse salva pelo outro navio.

— Sim, Mrs. Weldon, é natural — respondeu o capitão Hull —, exceto se a tripulação depois do choque não tentou salvar-se nos próprios escaleres, por ter o navio abalrador continuado o seu caminho, o que infelizmente acontece algumas vezes.

— Parece incrível! É realmente grande desumanidade, Mr. Hull!

— Pois é como lhe digo, Mrs. Weldon, é como lhe digo, e não são raros os casos. Quanto à tripulação daquele navio, o que me faz crer que ela o abandonou é não ver um único escaler a bordo, e, a não ser que tivesse sido salva, o que em minha opinião é mais crível é que ela tentou demandar a terra. Mas a esta distância da América ou das ilhas da Oceânia, receio muito que não tivesse conseguido o seu intento!

— Talvez — continuou Mrs. Weldon — fique para sempre ignorado o segredo daquela catástrofe; contudo, não será impossível que se encontre ainda alguém a bordo.

— Julgo que não é provável — respondeu o capitão Hull.

— Se lá houvesse alguém, perceberia que nos aproximamos e decerto já nos teria feito qualquer sinal. Enfim, veremos. Ainda mais de ló, Bolton! Mais de ló! — gritou o capitão, indicando ao mesmo tempo com a mão onde queria orçar.

O “Pilgrim” estava aproximadamente a três amarras de distância do casco desmastreado, que não havia dúvida tinha sido abandonado pela guarnição.

Nesta ocasião Dick Sand, com um gesto imperioso, impôs silêncio a todos.

— Ouçam! — disse ele. Todos prestaram atenção.

— Parece-me que ouvi ladrar.

Efetivamente ouviu-se um ladrido longínquo dentro do outro navio. Estava lá pois um cão, preso talvez, porque era possível que as escotilhas estivessem completamente fechadas, o que não se podia saber de modo algum, porque ainda não se via a coberta.

— Ainda que ali não haja senão um cão, nós o salvaremos, Mr. Hull — disse Mrs. Weldon.

— Sim, sim — acrescentou Jack —, há de ser salvo, e por esse motivo passará a ser muito nosso amigo... Mamãe, vou buscar um torrão de açúcar para dar ao cão.

— Sossega, meu filho — disse Mrs. Weldon, sorrindo. — Creio que o pobre animal deve estar a morrer de fome e que preferirá um pedaço de carne ao torrão de açúcar.

— Então há de dar-se a ele minha sopa — continuou Jack. — Passo bem sem ela.

Os ladridos ouviam-se distintamente, e os dois navios não estariam a mais de trezentos pés quando apareceu, trepando à trincheira de estibordo, um enorme cão, ladrando desesperadamente.

— Howick — disse o capitão Hull, voltando-se para o contramestre do “Pilgrim” —, atravesse o navio e arrie imediatamente o bote ao mar.

— Espera! Espera! — disse Jack para o cão, que

parecia responder com um ladrido abafado.

O pano do “Pilgrim” foi rapidamente mareado, de modo que o navio ficou quase imóvel e a menos de meia amarra de distância do casco.

Arriou-se o bote imediatamente, e nele embarcaram o capitão Hull, Dick Sand e dois marinheiros.

O cão ladrava sempre, tentando sustentar-se, mas caindo na coberta repetidas vezes. Parecia que os latidos não se dirigiam àqueles que iam em seu socorro. Seriam pois para os marinheiros ou passageiros encerrados a bordo do navio em que ele estava?

“Estará a bordo algum náufrago que tenha sobrevivido à catástrofe?”, pensava Mrs. Weldon.

Algumas remadas mais e o bote do “Pilgrim” atracaria ao navio adornado.

De repente, porém, o cão fez notável mudança. Àqueles latidos, que pareciam chamar pelos seus salvadores, sucederam-se outros, furiosos. A mais violenta cólera excitava sem dúvida o animal.

— Que terá aquele cão? — perguntava o capitão Hull, enquanto o bote passava pela popa do navio, a fim de ir atracar à parte da ponte que estava submersa.

O que o capitão Hull não pôde ver, o que não foi notado a bordo do “Pilgrim”, é que a fúria do cão se manifestou precisamente no momento em que Negro saía da cozinha e se dirigia para o castelo de proa.

O cão conhecia o cozinheiro, e reconheceu-o então? Não é crível.

Seja como for, porém, Negro, depois de ter olhado para o cão sem manifestar a menor surpresa, conquanto tivesse franzido o sobrolho, entrou para o alojamento da marinhagem.

O bote, entretanto, passara junto da popa do navio, em cujo painel estava unicamente pintado este nome: “Waldeck”.

“Waldeck”, sem designação da praça a que pertencia; mas pela forma do casco e por certos sinais que os marinheiros descobrem à primeira vista, o capitão Hull reconheceu que o navio era de construção americana. O nome confirmava-o. Era o casco de um grande brigue de quinhentas toneladas.

Na amura do “Waldeck”, um grande rombo indicava o lugar por onde fora abalroado. Em consequência da inclinação do navio, estava aquela abertura a cinco ou seis pés acima do nível da água, o que explicava perfeitamente a razão por que o brigue não tinha soçobrado.

Na coberta, que o capitão Hull via de vante a ré, não estava ninguém.

O cão, que saltara da trincheira, deixou-se escorregar até à escotilha grande, que estava aberta, e, ora da parte de dentro, ora de fora dela, ladrava sempre.

— Este animal não está só a bordo! — notou Dick Sand.

— Decerto! — concordou o capitão Hull.

O bote prolongou-se então com a amurada de bombordo, quase toda metida na água. Com ondulação forte, o “Waldeck” ter-se-ia submergido em poucos minutos.

A coberta do brigue estava varrida de popa à proa. Restavam apenas uns fragmentos do mastro grande e do traquete, quebrados dois pés acima das enoras; deviam ter caído por efeito do abalroamento, levando enxárcias, brandais e cabos de laborar. Contudo, tão longe quanto a vista podia alcançar, nada se avistava em torno do “Waldeck”, o que parecia indicar que a catástrofe acontecera havia dias.

— Se alguns desgraçados sobreviveram à colisão — disse o capitão Hull —, é provável que tenham morrido de fome e sede, porque a água invadiu os porões. Não há com certeza a bordo senão cadáveres!

— Não me parece! — exclamou Dick Sand. — Se houvesse só cadáveres, o cão não ladraria assim. Nada. Aqui há gente viva!

O animal, chamado pelo práctico, deixou-se escorregar até o mar e a muito custo nadou para o bote. Parecia extenuado.

Logo que o recolheram, precipitou-se para um balde que continha água doce, desprezando o pedaço de pão que Dick Sand lhe ofereceu.

— Estava a morrer à sede! — disse Dick Sand.

O bote procurou lugar favorável para atracar mais facilmente ao “Waldeck”, e para isso teve de se afastar algumas braças. O cão julgou que os seus salvadores não queriam ir a bordo, porque agarrou Dick Sand pela jaqueta, e recomeçou com mais força os seus ladridos lamentosos.

Perceberam o que ele queria. A sua pantomina e linguagem era tão clara como pode ser a de um homem. O bote chegou-se para o navio e atracou junto ao turco de bombordo, onde os dois marinheiros o amarraram, enquanto o capitão Hull, Dick Sand e o cão saltavam para a coberta e não sem custo trepavam até à escotilha grande, que se abria entre os fragmentos dos dois mastros.

Por esta escotilha desceram ambos ao porão do “Waldeck”, o qual, meio de água, não continha mercadoria de espécie alguma. O brigue navegava em lastro, lastro de areia, que correra a bombordo, mantendo por consequência o navio inclinado.

No porão não havia nada para salvar.

— Aqui não está ninguém! — afirmou o capitão Hull.

— Ninguém — confirmou o práctico, depois de ter descido até onde era possível.

Mas o cão, que estava na coberta, ladrava sempre e parecia chamar mais insistentemente a atenção do

capitão.

— Subamos — disse o capitão Hull ao práctico.
Ambos subiram para a coberta.

O cão, correndo para eles, parecia querer levá-los para o tombadilho.

Seguiram o cão.

Ali, na câmara, viram então cinco corpos, cinco cadáveres talvez, estendidos no chão.

À luz do dia, que se infiltrava pela gaiuta, o capitão viu que eram cinco negros.

Dick Sand, correndo de um para outro, percebeu que os desgraçados ainda respiravam.

— Vamos já para bordo! — ordenou o capitão Hull.

Chamaram os dois marinheiros, que tinham ficado no bote, os quais ajudaram a transportar os náufragos para fora do tombadilho.

Não custou pouco, mas dois minutos depois os cinco náufragos estavam deitados no paneiro da embarcação, sem que nenhum deles tivesse consciência dos esforços que se tentavam para os salvar. Algumas gotas de um licor cordial e água administrada com prudência podiam, talvez, chamá-los à vida.

O “Pilgrim” mantinha-se a meia amarra de distância do casco e por isso o bote não levou muito tempo a chegar.

Deitaram uma retenida do lais da verga do traquete, e cada um dos negros, içados separadamente, descansou enfim na coberta do “Pilgrim”.

Acompanhava-os o cão.

— Desgraçados! — exclamou Mr. Weldon, vendo aqueles corpos inertes.

— Vivem, Mrs. Weldon! E havemos de os salvar! Afirmo que os havemos de salvar — assegurou Dick Sand.

— Que lhes aconteceu então?... — perguntou primo Bénédict.

— Em eles podendo falar — respondeu o capitão Hull —, saberemos. Agora é preciso que bebam água com rum.

Depois, voltando-se, chamou:

— Negro!

Ao ouvir este nome o cão levantou-se, pronto a acometer. Tinha o pelo eriçado e a boca aberta. O cozinheiro, porém, não vinha.

— Negro! — repetiu o capitão Hull. Negro saiu enfim da cozinha.

Apenas apareceu na coberta, o cão correu para ele, querendo mordê-lo.

Com uma pancada dada com o poker o cozinheiro repeliu o animal, cuja raiva os outros marinheiros conseguiram refrear.

— Conhece por acaso esse cão? — perguntou o capitão Hull ao cozinheiro.

— Eu? — respondeu Negro. — Nunca o vi!

— É singular! — murmurou Dick Sand.

CAPÍTULO IV

OS NÁUFRAGOS DO “WALDECK”

A escravatura pratica-se ainda em grande escala em quase toda a África Equinocial. Apesar da atenta vigilância dos cruzadores ingleses e franceses, vários navios carregados de escravos saem todos os anos das costas africanas, transportando nos seus bojudos porões centenas e centenas de negros para os mais diversos pontos do mundo, e, custa dizê-lo, do mundo civilizado.

Não o ignorava o capitão Hull. Ainda que aquelas paragens não fossem frequentadas pelos negreiros, o capitão Hull perguntava a si mesmo se os negros que salvara não seriam os únicos que tivessem sobrevivido da carregação de escravos que o “Waldeck” fosse vender a alguma colônia do Pacífico.

Se assim fosse, aqueles homens podiam considerar-se livres desde já, só pelo fato de terem pisado o seu navio. Hull ardia em desejos de os informar da verdade.

Entretanto, a bordo do “Pilgrim” prodigalizavam-se aos náufragos os mais diligentes cuidados, que se justificavam dado o estado de fraqueza em que esses infelizes se encontravam.

Mrs. Weldon, ajudada por Nan e Dick Sand, tinha-lhes dado a beber algumas gotas de água, da qual estavam privados havia dias; isto e pequena porção de comida foi quanto bastou para os reanimar.

O mais idoso dos cinco negros — teria sessenta anos — passado pouco tempo estava em estado de falar, e pôde, por consequência, responder em inglês às perguntas que lhe fizeram.

— O navio que os transportava foi abalroado por

outro? Sabe alguma coisa a esse respeito? — foi a primeira pergunta que o capitão Hull fez.

— Sim, senhor — respondeu o negro. — Há dez dias que isso aconteceu. Foi numa noite escura. Estávamos todos a dormir...

— Mas o que é feito da tripulação do “Waldeck”? — prosseguiu o capitão.

— Já não se encontrava a bordo, senhor, quando eu e os meus companheiros subimos para a coberta.

— Talvez que a tripulação tivesse podido saltar para bordo do navio que abalroou o “Waldeck”? — sugeriu o capitão Hull.

— Sim, talvez, e oxalá que assim tenha acontecido efetivamente.

— E o navio, depois do choque, não tentou recolhê-los a bordo?

— Não, senhor.

— Teria ido a pique?

— Não foi a pique — declarou o velho negro, sacudindo a cabeça —, porque o vimos fugir, apesar de ser noite.

Este fato, confirmado por todos os naufragos do “Waldeck”, pode parecer incrível, mas é verdadeiro. Há capitães que, depois de uma terrível colisão, devida à sua imprudência, continuam a navegar, desprezando os desgraçados que eles lançaram a uma morte aflitiva, não tentando sequer prestar-lhes socorro!

Que os cocheiros nas ruas públicas façam o mesmo e deixem aos outros o cuidado de reparar o mal que fizeram, é condenável, apesar de haver a certeza de que as vítimas terão socorros prontos. Mas que haja homens que deixem outros abandonados no meio do mar, é incrível e é infame!

Contudo, o capitão Hull sabia de muitos casos de tão grande desumanidade, e podia por isso afirmar a Mrs. Weldon que tais fatos, por monstruosos que

parecessem, infelizmente não eram raros.

Depois continuou perguntando:

— De onde vinha o “Waldeck”?

— De Melburne.

— Então vocês não são escravos?

— Não, senhor, não somos escravos!... —

respondeu vivamente o negro, que aparentava ter sessenta anos, pondo-se de pé. E acrescentou, não sem um certo orgulho:

— Somos súbditos do estado da Pensilvânia e cidadãos da América livre.

— Pois, meus amigos, creiam que não perderam a sua liberdade passando para bordo do patacho americano “Pilgrim”.

Efetivamente, os cinco negros vindos de bordo do “Waldeck” pertenciam ao estado da Pensilvânia. O mais velho, vendido na África quando tinha seis anos, e transportado depois para os Estados Unidos, estava livre, havia muito tempo, pelo ato de emancipação. Os seus companheiros, muito mais novos que ele, filhos de libertos antes do seu nascimento, nasceram já livres; nunca nenhum branco tivera sobre eles o direito de propriedade. Não falavam a linguagem dos negros, que nunca empregam o artigo e só conhecem o infinito dos verbos, linguagem que desapareceu desde a guerra contra a escravidão. Aqueles negros haviam, pois, deixado livremente os Estados Unidos e livremente para lá voltavam.

Tinham-se ajustado, segundo disseram ao capitão Hull, como trabalhadores, com um inglês que possuía vastos terrenos em exploração perto de Melburne, na Austrália Meridional. Estiveram lá três anos, colhendo bons resultados, e no fim do contrato quiseram voltar para a América.

Embarcaram no “Waldeck”, pagando passagem. Saíram de Melburne em 5 de dezembro, e dezessete dias

mais tarde, durante a noite, escura e assustadora, foram abalroados por um grande vapor.

Estavam deitados. Alguns segundos depois do choque, que foi terrível, correram para o convés.

Já então o “Waldeck” estava adornado; não foi, porém, a pique, porque a água não encheu o porão.

O capitão e marinheiros do “Waldeck” tinham desaparecido todos, uns porque se precipitassem ao mar, outros porque tivessem se lançado em escaleres atrás do navio abalroador, o qual, depois do choque, continuou a navegar e nunca mais voltou.

Ficaram, pois, sós os cinco negros, a bordo de um casco meio soçobrado, e ainda a duzentas milhas da terra mais próxima.

O mais velho se chamava Tom. A sua idade, o seu caráter enérgico e a sua experiência, provada em muitas circunstâncias de uma longa vida de trabalhos, deram-lhe muito naturalmente o lugar de chefe entre os companheiros que com ele se encontravam.



Os outros eram homens de vinte e cinco a trinta anos; chamavam-se Bat(1), filho de Tom, Agostinho, Acteon e Hercule. Todos os quatro de constituição vigorosa, teriam valido bom preço nos mercados da África Central.

**1. Bat é abreviatura de Bartolomeu.*

Tom e os seus companheiros estavam, pois, sós a bordo do "Waldeck", depois da abalroação, não tendo meio de pôr em condições de navegar aquele casco

inerte, sem mesmo poder abandoná-lo, porque as duas únicas embarcações que havia a bordo foram destruídas quando os navios colidiram. Estavam, pois, reduzidos a esperar que passasse algum navio, enquanto o casco, à tona de água, era levado pela ação das correntes, e esta ação explicava o motivo por que o “Waldeck” fora encontrado tão longe da sua derrota, pois, tendo saído de Melburne, devia estar em latitude muito mais baixa.

Durante os dias que decorreram entre o sinistro e o momento em que o “Pilgrim” avistou o navio naufragado, os cinco negros sustentaram-se de alimentos que encontraram na despensa da câmara; mas não tendo podido ir ao paiol do vinho, porque a água o invadira completamente, não tinham nenhuma bebida espirituosa, e sofreram por isso atrozmente. As quartolas de água que vinham na cobertura despedaçaram-se com o choque. Desde a véspera que Tom e os seus companheiros, torturados pela sede, estavam sem sentidos. O “Pilgrim” chegou, pois, muito a tempo.

O animal nadou
penosamente
para o bote



Tal foi a narrativa que Tom fez, em poucas palavras, ao capitão Hull. Não se podia duvidar do que dizia o velho negro. Os seus companheiros confirmaram tudo quanto ele disse, e os fatos vinham em favor destes desgraçados.

Um outro ente teria falado com a mesma franqueza, se a fala fosse a sua voz. Era o cão, que a vista de Negroro impressionava tão desagradavelmente. Havia decerto entre aqueles dois seres uma antipatia

inexplicável.

Dingo — assim se chamava o cão — era de raça dos mastins, peculiar à Nova Holanda; contudo, não foi ele trazido da Austrália pelo capitão do “Waldeck”. Dois anos antes, Dingo, perdido e quase morto de fome, foi encontrado no litoral da costa ocidental da África, próximo à entrada do Zaire. O capitão do “Waldeck” recolheu o belo animal, que, pouco sociável, parecia sempre saudosos do antigo dono, de quem violentamente tivesse sido separado, e o qual não se encontraria decerto naquelas paragens desertas. — S. V. — Estas letras, gravadas na coleira, eram tudo quanto relacionava Dingo com um passado inteiramente misterioso e que em vão se teria tentado descobrir.

Dingo, animal grande e forte, maior que os cães dos Pirenéus, era soberbo espécime da sua raça. Quando se endireitava e entesava a cabeça, igualava a estatura de um homem. Pela sua agilidade e força muscular, podia acometer sem medo as onças e as panteras, e não recearia a luta com os ursos.

Dingo tinha pelo espesso, cauda comprida, farta e direita, como a do leão, era de cor arruivascada, tendo apenas no focinho algumas malhas brancas. Quando se encolerizasse, devia ser temível, e por isso Negoro não ficou contente com o acolhimento que lhe fez este vigoroso exemplar da raça canina.

Contudo, Dingo, se não era sociável, também não era mau. Parecia triste. Uma observação fizera Tom, a bordo do “Waldeck”: era que o cão parecia não gostar de pretos. Não lhes fazia mal, mas evitava-os. Talvez que os indígenas da costa africana, onde ele andara perdido, lhe tivessem dado maus tratos.

Assim, conquanto Tom e os seus companheiros fossem bons, Dingo não se chegava para eles. Durante os dez dias que os naufragos passaram a bordo do “Waldeck”, o cão andou sempre afastado, não sabendo

eles de que se sustentou, mas tendo também sofrido sedes cruéis.

Tais eram os naufragos daquele casco, que o primeiro golpe de mar submergira, e que só teria levado cadáveres para as profundezas do oceano se a chegada inesperada do “Pilgrim”, retardado pelas calmas e pelos ventos contrários, não tivesse dado ao capitão Hull a ocasião de fazer tão humanitária obra. Para a completar, tinha ele de repatriar os naufragos do “Waldeck”, os quais haviam perdido com o naufrágio as economias de três anos de trabalho. Era o que o capitão Hull tencionava fazer. O “Pilgrim”, depois de descarregar em Valparaíso, seguiria pela costa da América até ao litoral da Califórnia. Aí, Tom e os seus companheiros seriam bem recebidos por James W. Weldon — assim o garantia a sua generosa esposa — e, bem providos de tudo quanto lhes fosse necessário para a viagem, seguiriam para o Estado de Pensilvânia.

Os naufragos, tranquilos pelo seu futuro, agradeceram a Mrs. Weldon e ao capitão Hull. Deviam-lhes muito, sem dúvida, e, apesar de serem uns pobres negros, esperavam pagar mais cedo ou mais tarde esta dívida de reconhecimento.

CAPÍTULO V

S. V.

O “Pilgrim” entretanto continuava a navegar, esforçando-se em ganhar para leste. A persistência das calmas não deixava de preocupar o capitão Hull, não porque tivesse importância a demora de mais uma ou duas semanas, numa viagem da Nova Zelândia a Valparaíso, mas pelo cansaço que tal demora podia produzir à sua passageira.

Mrs. Weldon, porém, não se queixava e encarava com resignação esta contrariedade.

No mesmo dia, 2 de Fevereiro, pela noite, perdeu-se de vista o casco abandonado.

O capitão Hull tratou antes de tudo de alojar o mais convenientemente possível Tom e os seus companheiros. A coberta da tripulação, disposta avante em forma de gaiuta, era pequena. Acomodaram-se, pois, debaixo do castelo. Aquela gente, habituada aos trabalhos rudes, contentava-se facilmente com tudo, e como o tempo estava bom, quente e saudável, o alojamento servia-lhes admiravelmente para toda a viagem.

A vida de bordo, perturbada um instante na sua monotonia por aquele incidente, de novo voltou ao seu curso regular.

Tom, Agostinho, Bat, Acteon e Hercule desejavam tornar-se úteis. Mas quando o vento é constante, o pano uma vez braceado, nada há que fazer.

Se se tratava de virar de bordo, o velho negro e os seus companheiros corriam em auxílio da tripulação, e é forçoso dizer que, se o colossal Hercule deitava a mão a um cabo, percebia-se imediatamente. Este vigoroso

negro, de seis pés de altura, valia bem por três homens!

Jack entretinha-se a olhar para o gigante, de quem não tinha medo; e, quando Hercule lhe pegava ao colo, como se o pequenino fosse um boneco de cortiça, a alegria de Jack era imensa.

— Levanta-me bem alto — pedia Jack.

— Lá vai, muito alto! — acedia Hercule.

— Sou pesado?

— Como uma pena. Nem o sinto!

— Então levanta-me mais! Até onde chegarem os teus braços.

E Hercule, com os dois pezinhos de Jack numa das mãos, passeava com ele, como faria um ginasta no circo. Jack, vendo-se em grande altura, gritava muito e tentava fazer-se pesado, o que Hercule nem sequer percebia.

Tinha pois Jack dois amigos, Dick Sand e Hercule, mas não tardou que a estes juntasse um terceiro.

Foi Dingo.

Disse-se que Dingo era pouco sociável, porque não gostava da gente do “Waldeck”. A bordo do “Pilgrim” era porém outra coisa. Jack soube fazer-se estimar por Dingo, ao qual agradava brincar com Jack. Viu-se então que Dingo era daqueles cães que têm predileção especial pelas crianças. Jack não lhe fazia mal; o seu maior prazer era transformar Dingo em cavalo, e pode-se afirmar que valia muito mais que os quadrúpedes de papelão, embora tenham rodas nas patas. Jack cavalgava o cão, que tudo deixava fazer pacientemente; o peso de Jack era para ele como a metade do peso de um jóquei para um cavalo de corridas.

Mas que grande brecha se fazia todos os dias no açúcar da despensa!

Em pouco tempo Dingo era o favorito de toda a tripulação.

Só Negroro evitava encontrar-se com ele, cuja antipatia era tão grande como inexplicável.

Jack não desprezava, por amor a Dingo, Dick Sand, seu antigo amigo. O tempo que o prático não aplicava ao serviço do navio passava-o com Jack.

Mrs. Weldon via com grande satisfação aquela intimidade.

Um dia, a 6 de Fevereiro, falava Mrs. Weldon com o capitão Hull a respeito de Dick Sand, e o capitão fazia os maiores elogios do jovem prático.

— Asseguro — dizia o capitão a Mrs. Weldon — que aquele rapaz há de vir a ser um grande marinheiro! Tem o instinto das coisas do mar, e com este instinto supre a teoria que lhe falta. Espanta o que ele sabe, principalmente quando se pensa que tem tido pouco tempo para aprender.

— É preciso acrescentar também — fez notar Mrs. Weldon — que é muito bom rapaz, muito superior ao que é de esperar na sua idade, e que nunca mereceu ser repreendido, pelo menos desde que o conhecemos.

— Sim, é muito bom rapaz — confirmou o capitão Hull — e merecidamente estimado e apreciado por todos.

— Quando acabar esta viagem, sei que é intenção do meu marido mandá-lo seguir o curso de navegação, para que possa obter depois a carta de piloto.

— E faz muito bem, porque Dick Sand há de honrar um dia a marinha americana.

— Este pobre órfão começou tristemente a sua vida — observou Mrs. Weldon. — Foi educado no meio dos trabalhos.

— É verdade, mas foram-lhe proveitosas as lições. Compreendeu que precisava de trabalhar, e vai a bom caminho.

— Certamente, vai pelo caminho do dever!

— Olhe para ele — continuou, o capitão Hull. — Está ao leme, não tira os olhos da testa do traquete; não se distrai e por isso não toca nunca com o navio em vento.

Governa como os velhos marinheiros. Bons princípios, Mrs. Weldon, bons princípios! Para ser grande nesta arte é preciso começar de criança. Quem nunca embarcou como moço, não será nunca marinheiro consumado, pelo menos na marinha mercante. É preciso ver tudo e em tudo aprender para que no homem do mar tudo seja ao mesmo tempo instintivo e pensado — a resolução que se deve tomar, como a manobra que se tem a fazer.

— Contudo, capitão Hull — observou Mrs. Weldon —, não faltam bons oficiais na marinha de guerra.

— Não, certamente, mas na minha opinião os melhores começaram todos a sua carreira muito cedo, sem falar de Nelson e de muitos outros. Os piores não são os que começaram por moços.

Neste momento saía da escotilha primo Bénédict, sempre absorto, e sempre tão pouco deste mundo como será o profeta Elias, quando voltar à Terra.

Primo Bénédict começou a divagar pela coberta, penetrando com a vista as fendas das amuradas, procurando debaixo das capoeiras e passando a mão sob as costuras da coberta, onde o breu estava estalado.

— Então, primo Bénédict — perguntou Mrs. Weldon —, continua passando bem?

— Muito bem... mas já tenho bastantes desejos de chegar a terra.

— O que procura debaixo desse banco, Sr. Bénédict? — -perguntou o capitão Hull.

— Procuo insetos — respondeu Bénédict. — Pois que quer que eu procure senão insetos?

— Insetos? Parece-me que não será no mar que há de enriquecer a sua coleção.

— E porque não?... Não é impossível achar a bordo algum exemplar de...

— O primo Bénédict — atalhou Mrs. Weldon — deve maldizer o capitão Hull, porque tem o seu navio tão

asseado que o primo nada pode descobrir nas suas explorações.

O capitão Hull riu-se.

— Mrs. Weldon exagera — disse este —, contudo, parece-me que perde o seu tempo procurando pelos camarotes.

— Bem sei — disse primo Bénédict, encolhendo os ombros.

— Mas no porão do “Pilgrim” — continuou o capitão Hull — talvez encontre algumas baratas, bichinhos aliás pouco interessantes.

— Quê? Pouco interessantes! Esses ortópteros noctívagos, que mereceram as maldições de Virgílio e de Horácio! — retrucou primo Bénédict, endireitando-se. — Pouco interessantes esses parentes próximos do periplaneta orientalis e do kakerlac americano, e que habitam...

— Que infestam... — corrigiu o capitão Hull.

— Que reinam a bordo... — replicou com altivez primo Bénédict.

— Amável realeza!...

— O senhor não é entomologista?

— Nunca fui.

— Primo Bénédict — disse Mrs. Weldon, sorrindo —, não nos deseje ver devorados por amor da ciência!

— Não desejo, prima, não — respondeu o ardente entomologista —, o que quero unicamente é juntar à minha coleção algum exemplar raro, que lhe faça honra.

— Não está satisfeito com as conquistas que fez na Nova Zelândia?

— Muito satisfeito, prima Weldon. Fui até muito feliz por ter obtido um dos novos estafilinos que até aqui só se encontravam a algumas centenas de milhas mais longe, na Nova Caledónia.

Neste momento, Dingo, que brincava com Jack, aproximou-se, pulando, do primo Bénédict.

— Vai-te! Vai-te! — disse este, repelindo o cão.

— Oh! Sr. Bénédic! Gosta das baratas e despreza os cães! — exclamou o capitão Hull.

- E um cão tão bom como este — disse Jack, agarrando com as mãozinhas a cabeça de Dingo.

— Sim... não digo que não!... — admitiu Bénédic.

— Mas, que querem, se este animal não realizou as esperanças que o seu encontro me prometia.

— Ora, com efeito! — exclamou Mrs. Weldon. — Contava poder classificá-lo entre os dípteros ou na ordem dos himenópteros?

— Não —olveu primo Bénédic, com gravidade. — Mas não será verdade que Dingo, conquanto seja de raça neozelandesa, foi encontrado na costa ocidental da África?

— É verdade — respondeu Mrs. Weldon. — Tom muitas vezes o ouviu dizer ao capitão do “Waldeck”.

— Pois bem, eu pensei, esperei até... que este cão traria no pelo alguns espécimes de hemípteros especiais da fauna africana.

— Ainda bem que não os trouxe! — exclamou Mrs. Weldon.

— É que podiam ser — acrescentou primo Bénédic — algumas pulgas penetrantes ou irritantes... de nova espécie...

— Ouves, Dingo? — disse o capitão Hull. — Ouves? Faltaste ao teu dever!

— Catei-o, mas debalde — prosseguiu, com pesar, Bénédic —, pois não lhe encontrei um único inseto...

— E se o tivesse achado tê-lo-ia imediata e desapidadamente morto — afirmou o capitão Hull.

— Saiba — respondeu secamente primo Bénédic — que Sir John Franklin tinha escrúpulo de matar o mais pequeno inseto, ainda que fosse um moscardo, cujos ataques são mais para temer que os da pulga; e, contudo, creio que convirá que Sir John Franklin era

homem do mar como há poucos!

— Certamente — concordou, inclinando-se, o capitão Hull.

— Um dia, depois de ter sido terrivelmente mordido por um díptero, soprou-o, dizendo-lhe, sem sequer o tratar por tu: “Ide! O mundo é muito grande para, para mim!”

— Ah! — exclamou o capitão Hull.

— É como lhe digo!

— -Pois bem, Sr. Bénédict — redarguiu o capitão Hull —, já outro antes de Sir John Franklin havia dito o mesmo!

— Antes!

— É verdade, foi o tio Tobias.

— Era entomologista? — perguntou com vivacidade primo Bénédict.

— Nada, não! O tio Tobias de Sterne pronunciou precisamente as mesmas palavras, sacudindo um mosquito que o importunava, mas que ele tratou com pouca cerimônia. “Vai-te, pobre diabo, disse-lhe ele, o mundo é muito grande para ti e para mim!”

— Grande homem era o tio Tobias! — disse primo Bénédict. — Já morreu?

— Creio que sim — respondeu com muita seriedade o capitão Hull —, se alguma vez existiu.

Todos se riram olhando para primo Bénédict.

Nestas e outras conversações semelhantes, que quase sempre caíam sobre algum ponto de entomologia, se acaso primo Bénédict tomava parte nelas, se iam passando as longas e fastidiosas horas daquela contrariada viagem. O mar sereno sempre, mas os ventos escassos obrigavam o patacho a navegar de bolina. O “Pilgrim” pouco ganhava; era já tempo de chegar às paragens onde os ventos reinantes lhe seriam favoráveis.

Deve dizer-se que primo Bénédict tentou iniciar o

jovem prático nos mistérios da entomologia, mas Dick Sand mostrou-se muito refratário para este estudo. Não achando em quem melhor pudesse empregar o seu tempo, o sábio quis ensinar os negros, mas estes nada entendiam. Tom, Acteon, Bat e Agostinho abandonaram a escola, de sorte que o professor ficou só com Hercule, que lhe parecia ter disposição natural para distinguir os parasitas dos tisanuros.

O colossal preto vivia pois no mundo dos coleópteros, carniceiros, caçadores, cavadores, cicindelas, sirfos, escaravelhos de todas as espécies, tenebriões, gorgulhos e coccinelas, estudando na coleção do primo Bénédict, não sem que este receasse ver os seus delicados espécimes entre os dedos de Hercule, que tinham a dureza e a força de uma turquês. Mas o colossal discípulo ouvia tão docilmente as lições do professor, que só por isso valia a pena arriscar alguma coisa.

Enquanto primo Bénédict se entretinha deste modo, Mrs. Weldon não deixava Jack desocupado. Ensinava-lhe a ler e a escrever. Os primeiros elementos da arte de contar aprendia-os com o seu amigo Dick Sand.

Aos cinco anos de idade é-se ainda muito pequenino, e melhor se faz a instrução por meios práticos do que por lições teóricas, necessariamente mais difíceis.

Jack não aprendia a ler por abecedário, mas por meio de letras, impressas com tinta encarnada sobre cubos de madeira, com os quais brincava, formando palavras. Muitas vezes, Mrs. Weldon compunha com alguns cubos uma palavra, misturava-os e dava-os a Jack para os dispor na ordem devida.

O pequenino gostava muito deste modo de aprender a ler. Passava muitas horas do dia, ora na câmara, ora na coberta, a arrumar e a desarrumar as letras do seu alfabeto.

Um dia, porém, provocou isto um incidente tão

extraordinário e tão inesperado que merece ser referido com todas as particularidades.

Na manhã de 9 de Fevereiro, Jack, meio estendido sobre o convés, brincava, formando uma palavra, que Tom adivinharia, depois de baralhar as letras. Tom tinha as mãos nos olhos, para não fazer trapaça. Nada devia ver e nada via do que Jack estava a fazer.

As diversas letras, em número de cinquenta, umas eram maiúsculas, outras minúsculas. Alguns cubos tinham algarismos; serviam para ensinar a formar os números como outros ensinavam a formar as palavras.

Os cubos estavam dispostos em certa ordem sobre o convés e Jack ia tirando, ora um, ora outro, para compor a palavra. Grande trabalho, na verdade.

Dingo, que andava à roda de Jack havia não muito tempo, parou. Fixou os olhos, levantou a pata direita e agitou a cauda convulsivamente. De repente, lançou-se sobre um dos cubos de madeira, pegou-lhe com os dentes e foi largá-lo no convés, a alguns passos de distância de Jack.

Neste cubo estava uma letra maiúscula — a letra S. — Dingo! Dingo! — exclamou Jack, receando que o seu S fosse engolido pelo cão.

Mas Dingo voltou e, recomeçando no mesmo manejo, pegou num outro cubo e foi colocá-lo junto ao primeiro.

Este segundo cubo tinha um V maiúsculo.

Jack desta vez deu um grito, ao qual acudiram Mrs. Weldon, o capitão Hull e o prático, que andavam a passear na coberta. Jack contou-lhes então o que acabava de acontecer.

— Dingo conhecia as letras! Dingo sabia ler! Não havia dúvida! Jack tinha visto.

Dick Sand tentou apanhar as letras, a fim de as dar ao seu amigo, mas Dingo mostrou-lhe os dentes.

O prático, porém, conseguiu apoderar-se dos dois

cubos e repô-los no jogo.

Dingo arremessou-se novamente, pegou nas mesmas letras e tornou a pô-las de lado. Desta vez, porém, assentou as duas mãos sobre elas, decidido a guardá-las. As outras letras do alfabeto eram para ele como se não existissem.

— Isto é maravilhoso! — disse Mrs. Weldon.

— É muito extraordinário — concordou o capitão Hull, olhando atentamente para as duas letras.

— S. V. — disse Mrs. Weldon, — S. V. — repetiu o capitão Hull. — São precisamente as mesmas letras que Dingo tem na coleira!

Depois, virando-se subitamente para o negro, perguntou-lhe:

— Tom, não disse que havia pouco tempo que este cão pertencia ao capitão do “Waldeck”?

— Sim, senhor — respondeu Tom. — Dingo estava a bordo havia dois anos, se tanto.

— E não me contou também que o capitão do “Waldeck.” encontrara o cão na costa ocidental da África?

— .Sim, senhor, perto do Zaire. Ouvi-o contar muitas vezes.

— Assim — continuou o capitão Hull —, nunca se soube a quem pertenceu, nem de onde veio?

— Nunca.

— Pior é encontrar um cão perdido que uma criança. O cão não tem papéis nem sabe se explicar.

O capitão Hull calou-se. Parecia refletir.

— Aquelas letras despertam-lhe alguma lembrança? — perguntou Mrs. Weldon ao capitão Hull, depois de o ter deixado por alguns instantes entregue às suas reflexões.

— Sim, Mrs. Weldon, uma lembrança, ou antes uma aproximação...

— Qual é?

— Aquelas letras podem ter um determinado sentido e fixar-nos sobre a sorte de um viajante intrépido.

— Que quer dizer? — inquiriu Mrs. Weldon.

— Quero dizer que em 1871 — há por consequência dois anos — um viajante francês partiu, seguindo as indicações da Sociedade de Geografia de Paris, com a intenção de atravessar a África de oeste para leste. O seu ponto de partida era exatamente a foz do Zaire, e o seu ponto de chegada devia ser, tanto quanto fosse possível, em Cabo Delgado, nas embocaduras do Rovuna, cujo curso devia seguir. Este viajante francês chamava-se Samuel Vernon.

— Samuel Vernon! — repetiu Mrs. Weldon.

— Sim, e estes dois nomes começam exatamente pelas duas letras escolhidas por Dingo entre todas; as mesmas que estão gravadas na coleira.

— É verdade — disse Mrs. Weldon. — E que é feito desse viajante?

— Partiu efetivamente — respondeu o capitão Hull —, mas nunca mais se soube dele.

— Nunca? — perguntou o prático.

— Nunca — repetiu o capitão Hull.

— O que conclui de tudo isto? — interrogou Mrs. Weldon.

— Que Samuel Vernon não chegou com toda a certeza à costa oriental da África, ou porque tivesse sido prisioneiro dos indígenas, ou porque tivesse morrido.

— E o cão?

— O cão seria dele, e mais feliz que seu dono, se a minha hipótese é verdadeira, teria conseguido voltar para o litoral, perto do Zaire, pois que foi aí, na época em que estes fatos se deviam ter dado, que o capitão do “Waldeck” o encontrou.

— Mas — observou Mrs. Weldon — sabe se esse viajante francês, quando partiu, ia acompanhado por um cão? Ou é simples suposição da sua parte?

— Efetivamente é simples suposição — respondeu o capitão Hull. — Mas é certo que Dingo conhece as duas letras S e V, que são as iniciais dos dois nomes do viajante francês. As circunstâncias, porém, em que o animal aprendeu a conhecê-las, não as sei eu explicar; mas, repito, conhece as letras muito bem, e, repare, empurra-as com as patas e parece, até, desejar querer que as vejamos.

Não podia haver ilusão a respeito das intenções de Dingo.

— Samuel Vernon ia só quando partiu do Zaire? — perguntou Dick Sand.

— Não sei —olveu o capitão Hull —, mas é provável que ele levasse consigo alguns indígenas.

Neste momento apareceu Negoro, que saía da cozinha. Ninguém dera por ele e ninguém pôde observar o olhar que ele lançou sobre o cão quando viu as duas letras, que este parecia guardar. Mas Dingo, vendo o cozinheiro, deu logo mostras de grande furor.

Negoro entrou no alojamento da tripulação, fazendo para Dingo um gesto de ameaça.

— Ali há grande mistério! — murmurou o capitão Hull, que nada perdera desta cena.

— Mas, senhor — disse o prático —, não é espantoso que um cão conheça as letras do alfabeto?

— Não é, não — respondeu Jack. — A mamãe conta-me muitas vezes a história de um cão que sabia ler e escrever, e que até jogava o dominó.

— Meu filho — disse, sorrindo, Mrs. Weldon —, esse cão, que se chamava Munito, não era erudito como julgas. Acreditando no que me contaram, não sabia ele distinguir, umas das outras, as letras com que compunha as palavras. O seu dono, que era americano e muito hábil, tendo notado que Munito tinha ouvido delicado, dedicou-se-lhe a exercitar-lho, conseguindo efeitos maravilhosos.

— Como fazia ele então isso, Mrs. Weldon? — perguntou Dick Sand, a quem a história interessava quase tanto como a Jack.

— Da seguinte maneira: quando Munito devia “trabalhar” perante o público, punha letras semelhantes a estas ordenadas sobre uma mesa. Sobre ela andava o cão de um para o outro lado, esperando que se escolhesse a palavra, ou fosse em voz alta ou em segredo; havia só uma condição essencial: era que o dono soubesse qual era a palavra escolhida.

— E quando o dono não estava presente? — quis saber O prático.

— O cão nada podia fazer — elucidou Mrs. Weldon —, e a razão é esta: as letras estavam expostas sobre a mesa e Munito andava por diante delas. Quando chegava em frente da letra que devia tirar para formar a palavra, parava, porque ouvia o ruído — imperceptível para os outros — de um palito que o americano quebrava dentro da algibeira. Este ruído era para Munito o sinal para abocar a letra e vir dispô-la convenientemente.

— Eis o grande segredo! — exclamou Dick Sand.

— Era este com efeito o segredo — continuou Mrs. Weldon —, mas muito simples, como tudo que respeita à prestidigitação. Na falta do americano, Munito não teria sido o que foi. Admira-me pois que Dingo, não estando aqui o dono, se efetivamente Samuel Vernon foi o dono, saiba distinguir as duas letras.

— E com efeito — ponderou o capitão Hull — é para espantar, mas é ainda mais notável que neste caso se trata de duas determinadas letras, e não de uma palavra escolhida ao acaso. Mas o cão que batia à portaria do convento para se apoderar da comida reservada para os pobres pedintes, o outro que tinha com um seu semelhante o encargo de mover um torno em dias alternados e que se recusava a trabalhar quando lhe não competia, estes dois cães iam mais longe pela

inteligência, a qual é predicado do homem. Estamos em presença de um fato indiscutível. De todas as letras daquele alfabeto, Dingo escolheu só duas: S e V; as outras parece que lhe são desconhecidas. É preciso, pois, concluir que por uma razão qualquer, que nos escapa, a sua atenção foi guiada particularmente para aquelas letras.

— Ah! capitão Hull — observou o jovem práctico —, se Dingo pudesse falar!... Talvez nos dissesse a significação das duas letras e a razão por que mostra os dentes ao mestre cozinheiro.

— E que dentes! — respondeu o capitão Hull, exatamente na ocasião em que Dingo abria a boca e mostrava as suas enormes presas.

CAPÍTULO VI

BALEIA À VISTA

Como é natural, este extraordinário incidente foi mais de uma vez o assunto das conversações na câmara do “Pilgrim”, entre Mrs. Weldon, o capitão Hull e o jovem prático. Este, principalmente, tinha instintiva desconfiança de Negro, cuja conduta continuava, no entanto, a não merecer censura.

Na proa as conversas eram semelhantes, mas as consequências diferentes. Entre a marinhagem, Dingo era um cão que sabia ler e talvez escrever melhor do que alguns dos marinheiros de bordo. Se não falava é porque tinha razões para andar calado.

— Um belo dia — dizia Bolton —, um belo dia, vocês verão: o cão vem perguntar-nos aonde vai a proa, e se o vento está oés-noroeste, e há de responder-se-lhe.

— Não há animais que falam? Porque não há de o cão fazer outro tanto se tiver vontade? É mais difícil falar com o bico do que com a boca!

— É verdade — admitiu o contramestre Howick —, mas isso nunca se viu.

Aquela gente ficaria espantada se soubesse que, pelo contrário, não era caso novo, e que um sábio dinamarquês tinha um cão que pronunciava distintamente cerca de vinte palavras; mas entre dizê-las e compreendê-las havia um abismo. Evidentemente, este cão, cuja glote podia emitir sons regulares, ligava tanto sentido às palavras que dizia como ligam os papagaios e as pegas às que pronunciam. A frase nos animais é uma espécie de canto ou de grito falado, tirado de língua estranha e cujo sentido é para eles imperceptível.

Seja porém como for, o certo é que Dingo se tornou o herói de bordo, mas não tinha orgulho por isso. Muitas vezes o capitão Hull recomeçou a experiência. Os cubos de madeira, do alfabeto, punham-se diante de Dingo e invariavelmente, sem erro e sem hesitação, as letras S e V eram separadas pelo notável animal, enquanto as outras nem sequer lhe atraíam a atenção. Esta experiência foi repetida mais de uma vez em presença do primo Bénédict sem que este lhe ligasse grande importância.

— -Contudo — dignou-se ele dizer um dia —, não se julgue que só os cães são inteligentes. Outros animais os igualam, seguindo apenas o próprio instinto. Os ratos, por exemplo, que abandonam o navio em mau estado e em risco de ir a pique; os castores, que prevêem as cheias e se abrigam delas levantando diques; os cavalos de Nicomedes, de Scanderberg e de Ópio, cuja dor pela morte dos seus donos foi tal que não resistiram a ela e morreram; os burros, tão notáveis pela sua memória, e tantos outros irracionais, que fazem honra à animalidade! Não se têm visto pássaros tão admiravelmente ensinados que escrevem sem erros as palavras que lhes ditam os mestres, catatuas que contam tão bem como qualquer calculista de observatório as pessoas reunidas numa sala? Não houve um papagaio — custou cem escudos de ouro! — que recitava, sem se enganar, ao cardeal seu dono, todo o Símbolo dos Apóstolos? Finalmente, não se deve elevar muito o legítimo orgulho dos entomologistas quando se vêem simples insetos dar provas de inteligência superior e afirmar eloquentemente o axioma: In minimis, maximus Deus? As formigas que ensinaram os edis das grandes cidades, argironetas aquáticas, que fabricam sinos de mergulhadores sem nunca terem aprendido a mecânica; as pulgas, que puxam carrinhos, que fazem exercícios como soldados e dão fogo às peças como os

bons artilheiros de West Point?(1) Não me parece, pois, que Dingo mereça tão grandes elogios, e, se acaso conhece tão bem o alfabeto, é sem dúvida porque pertence a uma espécie de mastins não classificada ainda na ciência zoológica, o canis alphabeticus da Nova Zelândia.

Apesar destes e doutros discursos semelhantes do desdenhoso entomologista, Dingo nada perdia da estima pública e continuava a ser considerado como um fenômeno nas conversas à roda da abita.

É contudo muito provável que Negro não participasse do entusiasmo que havia a bordo por Dingo. Talvez que o achasse inteligente de mais. Seja porém como for, o certo é que o cão continuava a mostrar a mesma animosidade contra o cozinheiro, e talvez Dingo tivesse sofrido grande mal se a si mesmo não fosse capaz de se defender e não estivesse, além disso, protegido pela simpatia de toda a tripulação.

Negro evitava mais do que nunca encontrar-se com Dingo, mas Dick Sand não deixara de observar que, depois do incidente das duas letras, a antipatia recíproca do homem e do cão tinha aumentado. Era inexplicável.

A 10 de Fevereiro, o vento nordeste, que até então soprara, depois das fastidiosas calmas que imobilizaram o “Pilgrim”, abonançou sensivelmente. O capitão Hull teve, pois, a esperança de que se fizesse qualquer mudança na direção das correntes atmosféricas. O patacho navegaria, finalmente, tendo ventos de feição. Contava apenas dezenove dias de viagem; a demora não era muito considerável e o “Pilgrim”, com bom vento do través e todo o pano pargo, facilmente recuperaria o tempo perdido.

*1. Escola militar do Estado de Nova York.

Mas tinha ainda de esperar alguns dias antes de encontrar os ventos bem firmes pelo quadrante noroeste. Aquela região do Pacífico estava quase sempre

deserta: nenhum navio aparecia por aquelas paragens. Eram latitudes abandonadas pelos navegadores, e os baleeiros dos mares austrais ainda julgavam cedo para atravessar o trópico. Com exceção do “Pilgrim”, que circunstâncias especiais obrigaram a abandonar as paragens piscosas, não era provável que outro navio passasse por aquela latitude, vindo das mesmas regiões.

Os paquetes transpacíficos, como se disse já, não procuravam paralelo tão elevado nas suas carreiras entre a Austrália e o continente americano.

Contudo, e talvez mesmo porque o mar estava deserto, não se devia deixar de observar o horizonte. Por muito monótono que o mar possa parecer aos espíritos menos atentos, não deixa contudo de ser infinitamente variado para quem o sabe observar. As mais insignificantes mudanças encantam a imaginação de quem sabe compreender a poesia do mar. Uma alga marinha que flutua, ondulando, um ramo de sargaço com a sua tênue esteira à superfície das águas, um pedaço de madeira, cuja história despertaria a curiosidade, bastam para prender a atenção. Ante esta grandeza imensa o espírito não pára. A imaginação alarga-se. Cada molécula de água, que a evaporação eleva incessantemente do mar para a atmosfera, tem em si talvez o segredo de mais de uma catástrofe. Ditosos aqueles que nos seus íntimos pensamentos sabem interrogar os mistérios do oceano, espíritos que, da sua superfície sempre em movimento, se erguem às grandes alturas do céu.

A vida manifesta-se por toda a parte, tanto acima como abaixo da superfície das águas. Os passageiros do “Pilgrim” tiveram ocasião de ver cardumes de pequenos peixes perseguidos pelos bandos de aves que durante o Inverno fogem do áspero clima dos pólos, e, mais de uma vez, Dick Sand, discípulo neste ponto, como em muitos outros, de James W. Weldon, mostrou a sua rara habilidade em atirar com a espingarda ou à pistola,

matando alguns dos rápidos voláteis.

Aqui procelárias brancas(1), ali outras com as asas orladas de cinzento-escuro; algumas vezes viam-se passar bandos de feijões-frades(1) ou de pinguins(1), cujo andar em terra é tão pesado como feio. O capitão Hull disse que os pinguins se servem dos cotos como barbatanas, excedendo a nadar os peixes mais rápidos, a ponto de os marinheiros confundirem algumas aves com os bonitos(2).

Em mais elevada altura os albatrozes, ou carniceiros-do-cabo(1), librados nas suas grandes asas, cuja envergadura tem dez pés de comprimento, vinham como que pousar à superfície da água e com o bico procurar nela alimento.

**1. Aves aquáticas. 2. Peixes.*

Tudo isto formava um espetáculo variado, que só os espíritos rebeldes para compreender os encantos da natureza achariam monótono.

Naquele dia, Mrs. Weldon passeava à popa do “Pilgrim” quando um fenómeno muito notável lhe chamou a atenção. As águas do oceano fizeram-se vermelhas quase subitamente. Seria fácil de acreditar que se tinham tingido de sangue; aquela cor inexplicável estendia-se até onde a vista alcançava.

Dick Sand e Jack estavam nesse momento junto de Mrs. Weldon.

— Vês, Dick — disse ela ao jovem práctico —, esta cor tão extraordinária da água do oceano Pacífico? Será causada por alguma erva marinha?

— Não é, Mrs. Weldon — respondeu Dick Sand —, esta cor é produzida por muitas miríades de pequenos crustáceos, que ordinariamente servem para sustentar os grandes mamíferos do mar. Os pescadores chamam a isto o manjar da baleia.

— Crustáceos! — repetiu Mrs. Weldon —, mas são tão pequenos que bem se poderiam chamar insetos do

mar. Talvez que o primo Bénédicte gostasse de os colecionar. Primo Bénédicte?! — gritou Mrs. Weldon.

Bénédicte surdiu da escotilha quase ao mesmo tempo que o capitão Hull.

— Primo Bénédicte — disse Mrs. Weldon —, veja esta imensa extensão avermelhada do oceano; estende-se até onde os olhos podem ver.

— Olá! — exclamou o capitão Hull. — Isto é o manjar da baleia. Sr. Bénédicte, excelente ocasião para estudar esta espécie de crustáceos.

- — Ora!... — desdenhou o entomologista.

— Não desdenhe — observou o capitão Hull. — Não tem razão para afectar tal indiferença! Aqueles crustáceos que além vê, se acaso não estou em erro, formam uma das seis classes dos articulados, e como tais...

— Ora, adeus!... — tornou primo Bénédicte, abanando a cabeça.

— Com efeito!... Parece-me muito desdenhoso para entomologista.

— Entomologista! Pois seja entomologista! — admitiu primo Bénédicte —, mas principalmente hexapodista, entende, capitão Hull, tome nota disto...

— Já vejo que aqueles crustáceos não lhe despertam interesse; mas olhe que o caso seria diferente se o Sr. Bénédicte tivesse estômago de baleia. Que grande banquete ali tinha! Mrs. Weldon, quando nós, os baleeiros, andamos à pesca, e vemos o mar coalhado destes crustáceos, não temos tempo se não para preparar arpéus e linhas, porque com certeza a baleia não anda longe.

— Mas como é possível que animaizinhos tão pequenos possam sustentar outros tão grandes? — perguntou Jack com curiosidade.

— Diga-me, meu menino — volveu o capitão Hull —: não se fazem excelentes sopas com farinhas

diversas? Fazem. A natureza tudo previu. Quando uma baleia flutua no meio de águas vermelhas, está a comer a sopa. Não tem mais que fazer senão abrir a enorme boca para penetrarem nela, de uma só vez, miríades de crustáceos. As grandes lâminas que lhe revestem o paladar estendem-se como redes de pescador. Nada pode dali sair, e grande quantidade de crustáceos se abisma no vasto estômago, como a sopa do seu jantar, Jack, entra para o seu estômagozinho.

— Olha, Jack — observou Dick Sand —, que a senhora baleia não perde tempo em os descascar, a um por um, como tu fazes aos camarões!

— É na ocasião em que a grande comilona se está regalando — continuou o capitão Hull — que é mais fácil chegar perto dela, sem lhe causar desconfiança. É a ocasião favorável para com bom êxito a arpoar.

No mesmo instante, e como para dar razão ao capitão Hull, ouviu-se um marinheiro gritar de cima do castelo:

— Uma baleia por bombordo da proa!

O capitão Hull endireitou-se e exclamou: — Uma baleia!

Impelido pelo instinto de pescador, correu para a proa.

Mrs. Weldon, Jack, Dick Sand e primo Bénédicte seguiram o capitão imediatamente.

Com efeito, a quatro milhas por barlavento, uma espécie de cachão que se via no mar indicava a presença de um grande mamífero marinho, a nadar no meio das águas vermelhas. Os baleeiros não se haviam enganado.

A distância era, porém, ainda grande para que se pudesse conhecer a espécie a que pertencia o mamífero. As espécies são realmente muito distintas.

Pertenceria por acaso à espécie das baleias ordinárias, procuradas de preferência pelos pescadores do mar do Norte? Aqueles cetáceos, sem barbatana

dorsal e cuja pele reveste grossa camada de gordura, atingem às vezes oitenta pés de comprimento, apesar de, em média, não excederem sessenta. Um só de tais monstros dá cem barris de óleo.

Seria um hump-back, da espécie dos baleinópteros — designação esta cuja terminação lhe devia ter valido a estima do entomologista? Têm estes cetáceos barbatanas dorsais brancas, de extensão igual a metade do seu comprimento, parecendo asas, o que faz supor que pudessem voar.

Ou estaria à vista um fin-back, mamífero que também se conhece pelo nome de jubarte, o qual tem barbatana dorsal e cujo comprimento iguala às vezes o da baleia ordinária?

Nem o capitão Hull nem a sua gente podiam dizer coisa concreta a respeito do enorme mamífero, mas olhava para ele, com mais vontade de o apanhar que de o admirar.

Se os relojoeiros não podem entrar em salas onde haja relógios, sem que os tente a vontade de lhes dar corda, com mais razão os baleeiros devem sentir-se arrastados pelo imperioso desejo de apanhar uma baleia. Diz-se que os caçadores de caça grossa porfiam mais do que os que só atiram à caça miúda. Quanto maior é o animal, maior é o desejo de o caçar. Que de emoções devem sentir os caçadores de elefantes e os pescadores de baleias! Acrescia a tudo isto que a tripulação do “Pilgrim” se encontrava pouco satisfeita, por voltar da pesca com a carga incompleta.

Diligenciava o capitão Hull reconhecer o animal que se tinha avistado, o que não era fácil, em razão da distância a que estava; contudo, a vista exercitada do marinheiro não se enganava vendo alguns sinais fáceis de distinguir de longe.

Os jatos, isto é, as colunas de vapor de água que a baleia lança, deviam decerto chamar a atenção do

capitão Hull e dar-lhe a completa certeza da espécie a que pertencia o cetáceo.

— Não é uma baleia ordinária! — afirmou ele —, se o fosse, lançaria jatos mais altos, mas de menor volume. Se o ruído que o jato fizer na ocasião de ser expelido imitar a detonação de uma peça de artilharia a grande distância, então inclino-me a acreditar que aquele cetáceo pertence à espécie do hump-back; mas não me parece, e, escutando bem, percebe-se que o ruído é de natureza diferente. Qual é a tua opinião, Dick? — perguntou o capitão Hull ao jovem prático.

— Tenho quase a certeza, capitão — respondeu Dick Sand —, de que é uma jubarte. Veja como atira para o ar aquela coluna líquida! Não lhe parece que naquele repuxo há mais água que vapor condensado? E, se assim é, tenho razão, porque, se não me engano, é sinal característico da jubarte.

— É verdade, Dick — confirmou o capitão Hull. — Não há dúvida, é uma jubarte que vemos a flutuar sobre aquelas águas vermelhas.

— É admirável! — exclamou Jack.

— É verdade, meu menino! Mas se a enorme baleia, que está ali a almoçar sossegadamente, soubesse que estão baleeiros tão perto...

— Quase que me atrevo a afirmar que é colossal — observou Dick Sand.

— É, com toda a certeza — concordou o capitão Hull, em quem o entusiasmo ia crescendo pouco a pouco. — Dou-lhe pelo menos setenta pés de comprimento.

— Bastava — acrescentou o contramestre — meia dúzia de baleias como aquela para encher um navio como o nosso.

— Decerto — aprovou o capitão, saindo ao gurupés para melhor ver o cetáceo.

— E com aquela, se a apanhássemos — continuou o contramestre —, meteríamos a bordo metade do

carregamento que nos falta.

— Sim, sim — murmurou o capitão Hull.

— Tudo isso é verdade — disse Dick Sand —, mas... é perigoso algumas vezes atacar as grandes jubartes!

— Perigosíssimo — confirmou o capitão Hull. — É necessário ter muito cuidado na aproximação daqueles baleinópteros, porque, com as formidáveis caudas que têm, podem facilmente escangalhar a mais bem construída canoa. Mas, também, o muito que se aproveita compensa o trabalho.

— Quem apanha uma jubarte — declarou um marinheiro — faz boa presa.

— E que dá dinheiro — reforçou outro.

— Seria pena se não lhe disséssemos a razão por que estamos aqui, e não lhe fizéssemos os nossos cumprimentos...

Evidentemente, os marinheiros animavam-se com a vista da baleia. Se era uma carga de barris de óleo que andava a flutuar perto deles!

Quem os ouvisse julgaria que nada mais havia a fazer senão arrumar os barris no porão do “Pilgrim”.

Alguns marinheiros trepidos à enxárcia do traquete soltavam gritos de contentamento. O capitão não dizia nada; roía as unhas. Havia uma espécie de ímã irresistível que atraía o “Pilgrim” e toda a sua tripulação.

— Mãe — disse Jack —, gostava de ter aquela baleia para ver como é.

— Ah! Quer ter aquela baleia? E porque não? — disse o capitão Hull, cedendo enfim aos seus íntimos desejos. — Faltam-nos, é verdade, os pescadores auxiliares; mas nós também somos homens e prestamos para alguma coisa...

— Certamente! — gritaram os marinheiros a um tempo.

— Não será a primeira vez que vou arpoar, e vocês vão ver se eu sei ainda lançar o arpéu!

— Hurra! Hurra! Hurra! — foi a resposta da marinhagem.

CAPÍTULO VII

PREPARATIVOS

É fácil de acreditar que a vista do prodigioso mamífero produzisse grande excitação na tripulação do “Pilgrim”. A baleia que flutuava naquelas águas vermelhas parecia enorme. Capturá-la e com ela completar o carregamento era realmente para tentar. Podiam pescadores deixar escapar tão boa ocasião?

Mrs. Weldon entendeu, porém, que devia perguntar ao capitão Hull se não havia perigo para a sua gente e para ele em ir atacar uma baleia naquelas condições.

— Não há perigo, Mrs. Weldon — asseverou o capitão Hull. — Tem-me acontecido mais duma vez perseguir baleias só com uma embarcação, e consegui sempre pescá-las. Repito, não há perigo para nós, nem o haverá por consequência para Mrs. Weldon.

Mrs. Weldon, tranquilizada, não insistiu mais.

Depois o capitão Hull começou os preparativos para pescar a jubarte. Sabia por experiência própria que a pesca deste baleinóptero oferece dificuldades e queria por consequência preveni-las. A pesca tornava-se menos fácil, porque, conquanto o “Pilgrim” tivesse a lancha nos picadeiros, entre o mastro grande e o mastro do traquete, e mais três baleeiras, duas das quais andavam suspensas nos turcos, a bombordo e a estibordo, e a terceira na popa, a guarnição do patacho não chegava para guarnecer mais do que uma delas.

Habitualmente empregavam-se as três baleeiras na perseguição dos cetáceos, mas, como ficou dito, para reforçar a tripulação do “Pilgrim” contratava-se gente na

Nova Zelândia.

Nas circunstâncias presentes, o “Pilgrim” tinha unicamente os cinco marinheiros, isto é, o estritamente indispensável para guarnecer uma baleeira. Não se podia aproveitar o serviço de Tom e dos seus camaradas, que de boa vontade se tinham oferecido, porque a manobra de uma canoa de pesca exige gente especialmente adestrada. O mau governo ou os maus remadores podiam comprometer a segurança da embarcação durante o ataque.

Por outro lado, o capitão Hull não queria abandonar o navio sem deixar a bordo um homem da tripulação, pelo menos, que lhe merecesse confiança. Era preciso prever todas as eventualidades.

Obrigado, pois, o capitão a guarnecer a baleeira com a sua gente, entregou o “Pilgrim” a Dick Sand.

— Dick — disse-lhe o capitão — ficas encarregado do navio durante a minha ausência, que espero seja curta.

— Sim, senhor — volveu o prático.

Dick Sand teria preferido tomar parte na pesca, que para ele tinha grandes atractivos, mas compreendeu imediatamente que os braços de um homem valiam mais que os seus na manobra da pequena embarcação, e que só ele podia substituir o capitão Hull a bordo do “Pilgrim”.

Ficou, pois, satisfeito.

A guarnição da baleeira compunha-se de cinco homens, entrando neste número o contramestre Howick: quase toda a tripulação do “Pilgrim”. Os quatro marinheiros eram para os remos, Howick governaria com o remo armado na popa, como é de uso em embarcações deste gênero, porque os lemes vulgares não têm ação tão pronta, e quando se inutilizam os remos dos lados, o da popa, bem manejado, põe a embarcação fora da ação das pancadas da cauda do monstro.

Restava o capitão Hull. Para este estava reservado

o lugar de arpoador que, como ele dizia, não era a primeira vez que exercia. A ele competia lançar o arpéu, vigiar quando se desenrolava a comprida linha que o fixa, e finalmente acabar de matar o animal às lançadas, logo que este voltasse extenuado à superfície das águas.

Os baleeiros empregam algumas vezes armas de fogo para este gênero de pesca. Por meio de um engenho especial, uma espécie de canhão de pequenas dimensões, montado a bordo do navio ou na proa da embarcação, lançam eles ou o arpéu, que leva fixado o cabo, ou balas explosivas, as quais produzem grandes estragos no corpo do animal.

O “Pilgrim” não tinha destes aparelhos. São máquinas dispendiosas, difíceis de manejar, e os pescadores, pouco amigos de inovações, preferem empregar as armas primitivas, isto é, o arpéu e a lança, dos quais se servem com grande habilidade.

Era, pois, pelos meios correntes, atacando a baleia à arma branca, que o capitão Hull ia tentar a pesca da jubarte, avistada a cinco milhas de distância do seu navio.

O tempo devia favorecer a expedição. O mar, sereno como estava, propiciava as manobras da baleeira; o vento tendia a acalmar, e, como era natural, o “Pilgrim” não se afastaria abatendo.

Arriou-se a baleeira de estibordo e saltaram para ela os quatro marinheiros.

Howick meteu-lhe dentro dois grandes arpéus e duas lanças com as pontas aguçadas. A estas armas juntou cinco peças de cabo macio, mas resistente, a que os baleeiros chamam linha, e cujo comprimento é de seiscentos pés. Não é muito, porque não raras vezes sucede que estes cabos, ligados uns aos outros pelos chicotes, não dão ainda filame bastante à baleia quando ela profunda.

Tais foram os poderosos engenhos que se

dispuseram na proa da embarcação.

Howick e os quatro marinheiros estavam prontos; aguardavam só a ordem para largar.

Havia ainda na baleeira um lugar desocupado: era o do capitão Hull.

É evidente que a tripulação do “Pilgrim”, antes de sair de bordo, atravessou o navio. Por outras palavras, dispôs o pano de modo que as velas, contrariando a ação umas das outras, mantinham o patacho quase estacionário. No momento de embarcar, o capitão Hull lançou mais uma vez a vista sobre o navio, para se certificar de que tudo estava em boa ordem, os cabos com volta e o pano bem mareado. Como deixava o jovem práctico a bordo durante a sua ausência, que poderia durar algumas horas, queria, e com razão, que Dick Sand não tivesse de manobrar, a não ser para caso muito urgente.

Na ocasião de largar fez-lhe as suas últimas recomendações.

— Dick — disse o capitão — :, deixo-te só. Olha por tudo. Se por acaso for necessário marear o navio, porque nos tenhamos afastado muito perseguindo a jubarte, Tom e os seus companheiros podem servir. Recomendando-lhes bem o que devem fazer, estou certo de que tudo farão.

— Certamente, capitão Hull — afirmou o velho Tom —, o Sr. Dick pode contar conosco.

— É preciso alar algum cabo? — perguntou Hercule, arregaçando as mangas.

— Por enquanto não preciso de nada — respondeu, sorrindo, Dick Sand.

— Pois nós estamos às suas ordens — continuou o colosso.

— Dick — tornou o capitão Hull —, o tempo está belo, o vento caiu completamente e não há sinais de refrescar; mas, toma conta: aconteça o que acontecer,

não arries embarcação alguma ao mar e não abandones o navio.

— Isso está sabido.

— Se for necessário que o “Pilgrim” vá ter conosco, faço-te imediatamente sinal, içando a bandeira americana na vara de um croque.

— Vá descansado, capitão, que eu não perco de vista a baleeira — assegurou Dick Sand.

— Muito bem — continuou o capitão Hull. — Ânimo e prudência! Estás feito piloto, é preciso que honres o posto que tens agora. Olha que com a tua idade ainda ninguém o teve.

Dick Sand não respondeu, mas sorriu-se e o rubor subiu-lhe às faces. O capitão Hull compreendeu o rubor e o sorriso.

— Belo rapaz! — dizia o capitão. — Todo ele é modéstia e alegria!

Por aquelas instantes recomendações se via claramente que, conquanto não houvesse risco em sair do navio, o capitão não o deixava sem cuidado, apesar de ser por pouco tempo. Mas o irresistível instinto do pescador, e sobretudo o louco desejo de completar o carregamento de óleo, não deixando de satisfazer aos fornecimentos a que se tinha obrigado James W. Weldon, em Valparaíso, tentavam-no a aventurar-se. O mar, sereno como estava, prestava-se admiravelmente para a pesca do cetáceo que tinham à vista. Nem a tripulação nem ele podiam resistir a tal tentação. A viagem tornar-se-ia boa, e esta consideração valia por todas no espírito do capitão Hull.

O capitão dirigiu-se para o portaló.

— Estimarei que seja feliz! — desejou Mrs. Weldon.

— Obrigado, Mrs. Weldon!

— Não faça muito mal à baleia — recomendou Jack.

— Não, meu menino, não faço — respondeu o capitão Hull.

— Prenda-a sem lhe fazer doer!

— Sim, fique descansadinho; hei de pegar-lhe só... com dois dedos...

— Às vezes — observou primo Bénédict — encontram-se insetos muito raros no dorso desses mamíferos.

— Pois, Sr. Bénédict — volveu rindo o capitão Hull —, dou-lhe licença para entomologizar a jubarte, quando ela estiver atracada ao “Pilgrim”.

Depois, voltando-se para Tom, disse-lhe: — Tom, conto consigo e com os seus companheiros para nos ajudarem a cortar a baleia, quando a tivermos amarrada ao navio, o que não tardará muito.

— Estamos à sua disposição--declarou o velho negro.

— Muito bem — continuou o capitão Hull. — Dick, estes homens ajudar-te-ão a preparar os barris vazios. Enquanto estamos fora, içá-os para a coberta. É trabalho que fica adiantado.

— Tudo se fará, capitão!

Para quem ignora, convirá dizer que a jubarte, depois de morta, devia ser rebocada para o “Pilgrim”, e bem amarrada no costado de estibordo. Depois os marinheiros, calçados com grandes botas de rompões, instalados sobre o dorso do enorme cetáceo, cortá-lo-iam metodicamente em tiras paralelas, na direção da cabeça para a cauda. Estas tiras seriam depois cortadas em pequenas talhadas de pé e meio de comprimento, depois ainda divididas em quantidades menores, e estas metidas em barris, que seriam por último arrumados no porão.

Habitualmente o navio baleeiro, quando finda a pesca, navega de maneira que dê fundo o mais depressa possível, a fim de terminar todos os trabalhos. A tripulação vai para terra e é lá que faz derreter a gordura, que pela ação do calor deixa livre toda a parte

útil, isto é, o óleo(1).

**1. Nesta operação, a gordura da baleia perde pouco mais ou menos um terço do peso.*

Mas nas circunstâncias em que estava o “Pilgrim”, o capitão Hull não pensava em voltar para trás com o fim de concluir esta operação. Só em Valparaíso contava ele derreter a gordura que obtivesse desta última pesca, e, como o vento não tardaria a puxar para oeste, esperava por isso avistar a costa da América dentro de vinte dias, tempo este que não comprometeria os bons resultados da pesca.

Chegou o momento de largar. O “Pilgrim”, antes de atravessar, aproximou-se do lugar onde a jubarte se mostrava pelos jatos de vapor.

A jubarte nadava sempre no meio da vasta extensão da água avermelhada pelos crustáceos, abrindo automaticamente a enorme boca e absorvendo por cada trago miríades de animálculos.

Diziam os práticos de bordo que não havia receio de que ela lhes escapasse. Era sem a menor dúvida o que os pescadores chamam baleia de combate.

O capitão Hull saltou por cima da borda e desceu pela escada de cabo para a proa da baleeira.

Mrs. Weldon, Jack, primo Bénédict, Tom e os seus companheiros despediram-se novamente do capitão, desejando-lhe boa sorte.

Dingo, levantando-se sobre as patas e pondo a cabeça por cima do talabardão, parecia também despedir-se da marinhagem.

Depois todos se dirigiram para vante, a fim de não perderem uma só das interessantes peripécias daquela pesca tão cheia de atrativos.

Largou a baleeira, e pelo esforço dos quatro remos, vigorosamente puxados, afastou-se do “Pilgrim”.

— Toma conta, Dick, vigia bem! — gritou pela

última vez o capitão Hull ao práctico.

— Vá descansado, capitão.

— Olho no navio, olho na baleeira, meu rapaz! Não te esqueças.

— Sim, senhor capitão — respondeu Dick Sand; e foi para o leme.

Já a frágil canoa distava muitas centenas de pés do navio e ainda o capitão Hull, erguido na proa, porque já não se podia fazer ouvir, renovava as suas recomendações por gestos os mais expressivos.

Foi então que Dingo, ainda com a cabeça sobre o talabardão, soltou um uivo lamentoso, que teria impressionado até mesmo as pessoas menos supersticiosas.

Este uivo fez estremecer Mrs. Weldon.

— Dingo — disse ela —, Dingo! Então é assim que tu animas os teus amigos? Vamos, ladra de outro modo e nada de tristezas!

Mas o cão não ladrou; deixou-se cair para dentro e foi vagarosamente deitar-se junto de Mrs. Weldon, cujas mãos lambeu.

— Não mexe o rabo!... — murmurou Tom. — Mau sinal! Mau sinal!...

Mas quase repentinamente Dingo levantou-se e soltou um rugido de cólera.

Mrs. Weldon voltou-se.

Negoro saíra da cozinha e dirigia-se para a proa, com a intenção, sem dúvida, de ver as manobras da baleeira.

Dingo, cheio de grande mas inexplicável furor, arremeteu para o cozinheiro.

Negoro deitou a mão a um espeque e pôs-se em guarda.

O cão ia saltar-lhe.

— Aqui, Dingo, aqui já! — gritou Dick Sand, deixando o seu lugar e correndo para a proa do navio.

Mrs. Weldon, por sua parte, diligenciou também acalmar o cão.

Dingo obedeceu, ainda que com relutância, e voltou, rosando sempre, para junto do práctico.

Negoro não dissera uma única palavra, mas empalidecera, e, deixando cair o espeque, voltou para a cozinha.

— Hercule — ordenou então Dick Sand —, vigia bem aquele homem!

— Vigiá-lo-ei — respondeu simplesmente Hercule, fechando as mãos enormes.

Mrs. Weldon e Dick Sand voltaram de novo a sua atenção para a baleeira, que voava puxada pelos seus quatro remos.

Era já apenas um ponto negro no meio do mar.

CAPÍTULO VIII

A JUBARTE

O capitão Hull, como baleeiro consumado que era, nada devia deixar ao acaso. A pesca de uma jubarte é difícil. Não se deve, pois, desprezar nenhuma precaução, e nenhuma se desprezou.

O capitão Hull principiou por navegar de modo que atacasse a baleia por sotavento, a fim de que a aproximação da embarcação se não denunciasse pelo mais pequeno ruído.

Howick dirigia a baleeira, seguindo a curva que desenhava na água a mancha vermelha, e no meio da qual flutuava a jubarte.

O contramestre era marinheiro de grande serenidade de ânimo, que inspirava muita confiança ao capitão Hull. Não havia a recear que ele hesitasse ou se distraísse.

— Atenção ao governo, Howick — ordenou o capitão Hull. — Vamos diligenciar surpreender a jubarte e não nos descubramos senão já ao alcance do arpéu.

— Está claro — respondeu o contramestre. — Vou seguir a orla da água vermelha e quanto possível conservar-me por sotavento.

— Muito bem — tornou o capitão Hull. — Rapazes, pouca bulha com os remos.

Estes, previamente forrados, quase que se não sentiam.

A embarcação, habilmente governada pelo contramestre, chegara à grande mancha produzida pelos crustáceos. Os remos de estibordo vogavam na água verde e límpida, ao passo que os do bombordo, quando

se levantavam do líquido vermelho, pareciam escorrer sangue.

— Olha lá! Vinho e água! — disse um dos marinheiros.

— É verdade — concordou o capitão Hull —, mas água que se não bebe e vinho que se não pode tragar. Vamos, rapazes! Nada de conversas e piquem a voga!

A baleeira, dirigida pelo contramestre, deslizava sobre aquelas águas gordurosas como se estivesse flutuando em óleo.

A jubarte não fazia o menor movimento; parecia até que não vira ainda a embarcação, a qual descrevia um círculo em volta dela.

O capitão Hull, fazendo o circuito, afastava-se do “Pilgrim”, que pela distância parecia diminuir pouco a pouco de grandeza.

É de efeito extraordinário a rapidez com que os objetos diminuem no mar. Parece que se olha para eles pela objetiva de um óculo. Provém a ilusão óptica evidentemente de não haver pontos de referência naquele vastíssimo espaço. Assim aconteceu ao “Pilgrim”, que, por diminuir a olhos vistos, parecia mais distante do que realmente estava.

Uma hora depois de ter saído de bordo, o capitão Hull achava-se precisamente por sotavento da baleia, de tal modo que esta ocupava um ponto equidistante entre o navio e a pequena embarcação.

Chegara o momento de se aproximarem. Convinha fazer o menor ruído possível. Não seria difícil atacar o animal pelo lado e arpoá-lo estando a curta distância, antes mesmo de lhe despertar a atenção.

— Remem mais devagar, rapazes — recomendou o capitão Hull, baixando a voz.

— Parece-me — observou Howick — que a menina ouviu alguma coisa! Sopra agora menos!...

— Silêncio! Silêncio! — repetiu o capitão Hull. Cinco

minutos depois a baleeira estava a menos de meia amarra(1) da jubarte.

**1. A amarra é medida especial da marinha; tem cento e vinte braças, ou duzentos metros.*

O contramestre, de pé sobre o paneiro, governava por modo que se aproximava do mamífero, evitando, porém, com o maior cuidado, passar ao alcance da formidável cauda, da qual bastaria uma só pancada para destruir a embarcação.

À proa, o capitão Hull, com as pernas abertas para melhor se equilibrar, tinha na mão o instrumento com que ia vibrar o primeiro golpe. Era de esperar da sua habilidade que o arpéu penetrasse na massa volumosa que emergia das águas.

Perto do capitão, numa selha, estava colhida a primeira das cinco linhas, bem amarrada ao arpéu; nesta linha ir-se-iam emendando sucessivamente as outras quatro, se o cetáceo profundasse muito.

— Pronto, rapazes? — perguntou em voz baixa o capitão Hull.

— Prontos — respondeu Howick, agarrando o remo vigorosamente.

— Aproxima-te! Aproxima-te!

O contramestre obedeceu, e a baleeira foi passar a menos de dez pés de distância do cetáceo.

Este não se movia; parecia dormir. As baleias que são surpreendidas durante o sono oferecem mais fácil presa, e não é raro que o primeiro golpe as fira mortalmente.

— Tanta imobilidade é para admirar! — pensou o capitão Hull. — É impossível que esteja a dormir... Isto faz-me desconfiar de alguma coisa.

O contramestre, que pensava do mesmo modo, procurava ver o lado oposto do animal.

Não era, porém, ocasião para refletir, se não para

atacar.

O capitão Hull, agarrando o arpéu pelo meio da haste, balanceou com ele repetidas vezes, a fim de ter mais certeza de acertar, apontando para a jubarte; depois arremessou-o com toda a força do seu braço.

— Cia! Cia! — gritou ele; e os marinheiros, ciando com os remos ao mesmo tempo, fizeram recuar a baleeira, a fim de a porem fora do alcance do rabo do cetáceo.

Mas nesta ocasião, por um grito do contramestre, todos compreenderam a razão por que a baleia se conservara por tanto tempo e tão extraordinariamente imóvel à superfície do mar.

Com efeito, a jubarte, depois de ferida pelo arpéu, quase se virara sobre o lado, descobrindo o baleote que ela amamentava.

Esta circunstância — não o ignorava o capitão Hull — devia fazer mais difícil a captura da jubarte. A mãe ia defender-se mais furiosamente, tanto por ela, como para proteger o filhinho, se tal diminutivo é aplicável a um animal que não tinha menos de vinte pés de comprimento.

Contudo, como era para recluir, a jubarte não se arremessou imediatamente sobre a embarcação; não houve, pois, ocasião de cortar a linha que prendia o arpéu. Pelo contrário, como acontece a maior parte das vezes, a baleia, seguida pelo baleote, mergulhou, seguindo logo uma linha oblíqua; depois elevou-se por um salto enorme e continuou nadando entre águas com extrema rapidez.

Antes, porém, dela mergulhar, o capitão Hull e o contramestre tiveram tempo de a ver e, conseqüentemente, de lhe dar o devido valor.

Aquela jubarte era realmente dos maiores baleinópteros conhecidos. Da cabeça até à cauda media vinte e quatro pés, pelo menos. A pele, de cor cinzenta-

amarelada, tinha manchas de pardo-escuro.

Custava na verdade, depois de um ataque tão felizmente principiado, ter de abandonar tão boa presa.

Começara a perseguição ou, melhor dizendo, o reboque. A baleeira, cujos remos tinham sido desarmados, voava sobre as ondas como uma seta.

Howick conservava-se imperturbável, apesar das rápidas e terríveis oscilações da embarcação. O capitão Hull, com os olhos pregados na sua presa, não cessava de repetir: — Governa bem, Howick! Governa bem!

Podia haver a certeza de que o contramestre não deixaria um momento de governar bem.

Como, porém, a baleeira não corria tanto como a baleia, a linha do arpéu desenrolava-se com tal velocidade que era para recear que, pelo atrito, pegasse fogo a bordo da baleeira; por isso o capitão Hull teve o cuidado de molhar a linha, enchendo de água a selha em que estava colhida.

A jubarte parecia não querer parar na sua corrida, nem sequer moderá-la.

Emendou-se segunda linha no chicote da primeira, a qual foi levada com a mesma velocidade.

Cinco minutos depois foi preciso emendar a terceira linha, que também desapareceu nas águas.

A jubarte não parava. Evidentemente o arpéu não penetrara em qualquer parte vital do corpo do cetáceo. Podia-se observar, pela inclinação mais pronunciada da linha, que o animal, em vez de vir à superfície, mais se abismava nas profundezas do mar.

— Diabo! — exclamou o capitão Hull. — Esta endemoninhada come-nos as cinco linhas.

— E leva-nos para boa distância do “Pilgrim” — observou o contramestre.

— Mas ela há de vir respirar! — tornou o capitão Hull.

— Não é peixe, e precisa de ar como qualquer um

de nós.

— Talvez que suprimisse a respiração para correr melhor — disse rindo um dos marinheiros.

A linha continuava ainda a desenrolar-se com a mesma rapidez.

À terceira linha foi necessário juntar a quarta, o que fez desconfiar os marinheiros da futura parte da presa.

— Diabo! Diabo! — murmurou o capitão Hull. — Nunca vi isto! Leva o demônio no corpo.

Enfim, corria já na quinta linha e estaria por metade quando pareceu abrandar.

— Bem, bem! — exclamou o capitão Hull. — A linha já não está tão rija. A jubarte já se cansou.

Nesta ocasião o “Pilgrim” estava a mais de cinco milhas de distância da baleeira.

O capitão Hull içou uma bandeira na vara de um croque. Era o sinal convencionado para se aproximar.

E quase ao mesmo tempo Dick Sand, ajudado por Tom e pelos seus companheiros, bracearam as vergas, de bolina cerrada.

Mas o vento estava fraquíssimo e incerto. Eram aragens apenas. O “Pilgrim” teria, com certeza, grande dificuldade de alcançar a baleeira, se acaso pudesse alcançá-la.

Neste meio tempo, como era de prever, a jubarte veio respirar à superfície da água com o arpéu fixado no costado. Estava quase imóvel, parecendo que esperava pelo baleote, que nesta carreira furiosa se distanciara.

O capitão Hull mandou remar com força, a fim de se aproximar dela, e em pouco tempo estava a curta distância.

Desarmaram-se dois remos, e os homens que os manejavam pegaram em compridas lanças, assim como o capitão Hull, para ferirem o animal.

Howick manobrou então habilmente, pronto sempre a fazer guinar a embarcação no caso de a baleia vir a

acometê-la.

— Atenção! — gritou o capitão Hull. — Não dêem golpes no ar. Golpes certos, rapazes. Vamos a ela, Howick?

— Estou pronto! — respondeu o contramestre. — Mas há uma coisa que me inquieta! É que este animal, depois de ter fugido do modo que vimos, tão rapidamente, está agora tranquilo, como se nada fosse com ele.

— É verdade, Howick. Tens razão: é para estranhar!

— Será bom desconfiarmos!

— Sim, é, mas vamos para avante.

O capitão Hull animava-se cada vez mais.

A embarcação aproximava-se sempre. A jubarte não fazia senão girar no mesmo lugar. O baleote não estava ali. Talvez que ela o procurasse.

Repentinamente fez um movimento com a cauda e afastou-se cerca de trinta pés.

Iria fugir novamente, e seria preciso continuar aquela interminável perseguição sobre as águas?

— Atenção! — exclamou o capitão Hull. — Vai ganhar distância para arremeter contra nós! Governa bem, Howick! Governa bem!

A jubarte tinha-se virado e apresentava-se de frente à baleeira. Depois, impelindo-se por meio das enormes barbatanas, precipitou-se para diante.

O contramestre, que já esperava este ataque direto, de tal modo fez girar a embarcação que a jubarte passou sem lhe tocar.

O capitão Hull e os dois marinheiros brandiram-lhe vigorosas lançadas, procurando ferir-lhe algum órgão essencial.

A jubarte parou e lançou a grande altura duas colunas de água e sangue, e novamente se voltou para a embarcação, quase aos saltos, diga-se assim. Só vê-la fazia medo.

Aqueles marinheiros eram pescadores denodados. Por isso não perderam o ânimo em tal ocasião.

Howick evitou ainda desta vez, com grande destreza, o ataque da jubarte, guinando com a embarcação.

Três novas lançadas foram três novas feridas feitas no cetáceo. Mas este, ao passar, bateu por tal modo a água com a enorme cauda, e levantou tão grande vaga, que o mar ficou como se tivesse embravecido de repente.

A baleeira esteve a ponto de ir a pique; a água que entrou por cima da borda chegava quase às bancadas.

— Os baldes, peguem nos baldes! — ordenou o capitão Hull.

Os outros dois marinheiros deixaram os remos e começaram a esgotar rapidamente a baleeira, enquanto o capitão cortava a linha, que já era inútil.

Engano! O animal, furioso com a dor, não cuidava em fugir. Chegava-lhe a ocasião de atacar e a sua agonia começava a ser terrível.

Uma terceira vez o cetáceo virou em roda, como dizem os marinheiros, e novamente se precipitou sobre a embarcação.

Mas a baleeira, meia de água, não manobrava com a mesma facilidade. Em tais condições, como se evitaria o choque que a ameaçava?

Não podia dar pelo leme e não podia fugir.

Demais, por muito depressa que a embarcação caminhasse, a rápida jubarte alcançá-la-ia facilmente.

Não era ocasião de atacarem, mas a de se defenderem.

O capitão Hull não se iludiu.

O terceiro ataque do animal não pôde, pois, ser evitado. Ao passar, roçou apenas na baleeira com a enorme barbatana dorsal, mas com tal força que Howick caiu.

As três lanças, infelizmente desviadas pela oscilação, resvalaram e não a feriram.

— Howick, Howick! — exclamou o capitão, que com grande dificuldade se mantivera de pé.

— Cá estou — respondeu o contramestre, levantando-se.

Percebeu, porém, que, quando caiu, o remo da popa se quebrara pelo meio.

— Arma o outro remo! — disse o capitão Hull.

— Não há — respondeu Howick.

Nesta ocasião viu-se, a curta distância, a água agitar-se.

Era o baleote que reaparecera. A jubarte viu-o e correu para ele.

Esta circunstância ia dar à luta caráter ainda mais terrível. A jubarte ia bater-se por ambos.

O capitão Hull olhou para o lado onde estava o “Pilgrim” e agitou freneticamente a vara de croque, que tinha a bandeira.

Que podia fazer Dick Sand que não tivesse já feito ao primeiro sinal do capitão? As velas do “Pilgrim” estavam mareadas e o vento começava a enfuná-las. Infelizmente, o patacho não tinha hélice que auxiliasse a ação do pano, não podendo por consequência andar com mais velocidade. Arriar uma embarcação ao mar e, ajudado pelos negros, correr em socorro do capitão, seria perder muito tempo; demais, o práctico recebera ordem para não sair de bordo, acontecesse o que acontecesse; contudo, arriou o escaler da popa e levou-o a reboque, a fim de que, se fosse necessário, o capitão e os seus companheiros se salvassem nele.

Entretanto a jubarte, cobrindo o baleote com o seu corpo, voltou à carga. Desta vez atacou diretamente a embarcação.

— Atenção, Howick!... — ordenou mais uma vez o capitão Hull.

Mas o contramestre estava por assim dizer desarmado; em vez de uma alavanca, cujo comprimento daria força, não tinha mais do que um remo relativamente curto.

Tentou virar de bordo.

Impossível.

Os marinheiros compreenderam que estavam completamente perdidos.

Levantaram-se todos, e todos deram um grito terrível que foi ecoar, talvez, a bordo do “Pilgrim”!

O monstro bateu com a cauda no fundo da baleeira.

A embarcação, projetada para o ar com irresistível violência, caiu, feita em pedaços, no meio das águas furiosamente agitadas pelos saltos que dava a baleia.

Os infelizes marinheiros, ainda que gravemente feridos, talvez tivessem forças para nadar ou para se sustentarem, agarrando-se a algum dos destroços de baleeira.

O capitão Hull ainda atirou um remo ao contramestre.

Mas a jubarte, no último grau de furor, voltou, talvez já nas vascas de terrível agonia, sacudindo com violência as águas agitadas em que nadavam os desgraçados tripulantes da baleeira.

Durante alguns minutos não se via senão uma tromba líquida, espadanando água para todos os lados.

Um quarto de hora mais tarde, quando Dick Sand, que, seguido dos negros, se precipitara para o escaler, chegou ao local da catástrofe, tinham já desaparecido todos os pescadores.

Viam-se apenas os restos da baleeira, flutuando à superfície das águas tintas de sangue.

CAPÍTULO IX

O CAPITÃO SAND

A primeira impressão que sentiram os passageiros do “Pilgrim” ao ver aquela pavorosa catástrofe foi um sentimento em que havia ao mesmo tempo pesar e horror. Não podiam esquecer a morte do capitão Hull e dos cinco marinheiros. Aquela cena medonha passara-se quase debaixo dos olhos dos que estavam a bordo do “Pilgrim”, sem que nada tivessem podido fazer para salvar o capitão e os outros tripulantes. Não puderam chegar a tempo para os recolher a bordo, feridos, é certo, mas vivos ainda, nem para opor o costado do “Pilgrim” aos formidáveis arremessos da jubarte. O capitão Hull e os homens que o acompanhavam tinham desaparecido para sempre nas profundezas do mar.

Quando o patacho chegou ao lugar do sinistro, Mrs. Weldon ajoelhou e, pondo as mãos, disse: — Rezemos.

Jack, chorando, ajoelhou junto de sua mãe. A criança tinha percebido tudo quanto se havia passado. Dick Sand, Nan, Tom e os companheiros inclinaram a cabeça. Todos repetiram a oração que Mrs. Weldon elevava a Deus, encomendando à sua bondade infinita aqueles que havia poucos momentos tinham sido chamados perante Ele.

Depois, Mrs. Weldon, voltando-se para os seus companheiros, recomendou: — Agora imploremos do céu força e ânimo para nós! E, na verdade, era tão grave a situação em que se encontravam que não pediam de mais, por muito que pedissem, Àquele que tudo pode.

O navio em que estavam não tinha já nem capitão que o dirigisse nem marinheiros que o manobrassem.

Estava no meio do imenso oceano Pacífico, a centenas de milhas das terras mais próximas e à mercê dos ventos e das ondas.

Que fatalidade foi a que trouxe a baleia à vista do “Pilgrim”! Que maior fatalidade ainda levou o infeliz capitão Hull, habitualmente tão prudente, a sacrificar tudo para completar o carregamento do seu navio! E que catástrofe, entre as mais raras, nos anais da grande pesca, era esta, da qual não escapou um único homem! Terrível fatalidade!

Não havia mais do que um marinheiro a bordo do “Pilgrim”!

Um único! Dick Sand, prático ainda, um jovem de quinze anos apenas!

Capitão, contramestre, marinheiros, toda a tripulação, enfim, se resumia agora nele.

A situação tornava-se difícil, por haver a bordo uma passageira com o seu filho. Havia também alguns pretos, boa gente, valentes e zelosos, prontos para fazer tudo quanto lhes fosse ordenado, mas ignorando os mais simples rudimentos da arte de marinheiro.

Dick Sand ficara imóvel, com os braços cruzados, olhando para o lugar onde tinha desaparecido o capitão Hull, o seu protetor, e por quem ele tinha afeição filial. Percorria com a vista o horizonte, esperando descobrir algum navio, ao qual pedisse socorro, ou, pelo menos, entregasse Mrs. Weldon.

Não abandonaria o “Pilgrim” sem tudo tentar para o conduzir a porto de salvamento, onde Mrs. Weldon e seu filho ficariam livres de maiores riscos. Depois, nada mais teria a recear por aqueles a quem se votara de corpo e alma.

O oceano estava deserto. Desde a desapareição da jubarte nada mais viera perturbar a superfície das águas. Em volta do “Pilgrim”, só céu e mar. Sabia o prático que se achava fora das derrotas dos navios mercantes, e que

os baleeiros navegavam ainda longe dali, nas paragens da pesca.

Contudo, era preciso encarar a situação de frente, e ver as coisas tais elas se apresentavam. Foi o que fez Dick, rogando a Deus, do fundo do seu coração, proteção e auxílio!

Que resolução deveria tomar?

Quando assim pensava apareceu Negoro na coberta, que ele deixara logo depois do desastre. O que teria sentido — ele que era um enigma — à vista de tão irreparável desgraça, ninguém o poderia dizer. Tinha visto o fatal acontecimento, sem fazer um gesto sequer, sem sair da sua habitual mudez. Havia seguido avidamente, com o olhar, todos os pormenores. Mas, se em tal momento alguém o tivesse observado, admirar-se-ia de ver que naquele rosto impassível nem um só músculo se contraiu. Fingindo que não tinha ouvido, não correspondeu à piedosa súplica de Mrs. Weldon pela tripulação submergida.

Negoro caminhou para a ré, dirigindo-se para Dick Sand, que se conservava imóvel. Parou a três passos do práctico.

— Quer falar comigo? — perguntou Dick Sand.

— Desejo falar ao capitão Hull — respondeu Negoro friamente — ou, na sua falta, ao contramestre Howick.

— Bem sabe que ambos morreram! — disse o práctico.

— Quem é então que nos comanda? — perguntou Negoro com modo insolente.

— Eu! — respondeu Dick Sand sem hesitar.

— O senhor! — redarguiu Negoro, encolhendo os ombros. — Um capitão de quinze anos!...

— É verdade, um capitão de quinze anos! — repetiu o práctico, avançando para o cozinheiro.

Este recuou.

— Lembre-se bem! — interveio Mrs. Weldon. —

Lembre-se de que aqui a bordo há uma pessoa que comanda... É o capitão Sand, e bom será que todos saibam que ele se fará respeitar!

Negoro inclinou-se, murmurou algumas palavras que se não puderam ouvir, e voltou para o seu lugar.

Como se vê, Dick tinha já resolvido o que devia fazer.

Entretanto o patacho, pela ação do vento, que começava a refrescar, passou o vasto espaço onde estavam os crustáceos.

Dick Sand examinou o pano, depois baixou os olhos, pressentindo o peso da responsabilidade, mas conhecendo que era necessário ter força para a suportar. Olhou para os que ficaram do “Pilgrim”, os quais tinham naquele momento as vistas fixadas sobre ele. E, conhecendo nos seus olhares que podia contar com eles, assegurou-lhes que contassem também com a sua dedicação.

Dick Sand havia consultado a sua consciência.

Se sabia diminuir ou aumentar de pano ao patacho segundo as circunstâncias, empregando para isso os braços de Tom e dos seus camaradas, não possuía ainda todos os conhecimentos necessários para determinar o ponto pelo cálculo.

Com mais quatro ou cinco anos, Dick Sand conheceria bem a vela mas difícil arte náutica! Saberá fazer uso do sextante, instrumento com que todos os dias o capitão Hull tomava a altura dos astros! Saberá contar no cronometro a hora do meridiano de Greenwich, e dela, pelo ângulo horário, deduzir a longitude! O Sol aconselhá-lo-ia todos os dias. A Lua, os planetas, dir-lhe-iam: “O teu navio está aqui, neste ponto do oceano!” O firmamento, onde as estrelas se movem como os ponteiros de perfeitíssimo relógio, que nenhum abalo pode perturbar e cuja exatidão é absoluta, o firmamento marcar-lhe-ia as horas e as distâncias! Pelas observações

astronômicas fixaria quotidianamente, como o seu capitão, o lugar do “Pilgrim”, com a aproximação de uma milha, a derrota seguida e a que se devia seguir.

Por ora, só pela estima, isto é, pelo andamento medido pela barquinha e pelo rumo da agulha, correto da variação e do abatimento, sabia ele traçar o seu caminho.

Contudo, não desanimou. Mrs. Weldon compreendera perfeitamente tudo quanto agitava o coração resoluto do jovem prático.

— Obrigada, Dick — disse ela, sem querer mostrar na voz a mais leve comoção. — O capitão Hull morreu; a marinhagem desapareceu com ele. O destino do navio está nas tuas mãos, Dick! Tu o salvarás, e aqueles que nele ainda existem.

— Sim, Mrs. Weldon — respondeu Dick Sand —, sim! Eu o farei com o auxílio de Deus!

— Tom e os seus companheiros são homens bons e com os quais podes contar.

— Bem sei. Farei deles marinheiros e com eles manobrarei o navio. Com bom tempo tudo é fácil, mas com mau tempo... com mau tempo... havemos de lutar... e havemos de a salvar, Mrs. Weldon, e a Jack e a todos, enfim! Sim! Sinto que o posso fazer.

E repetiu: — Com o auxílio de Deus!

— Podes saber, Dick, qual é agora a posição do “Pilgrim”? — perguntou Mrs. Weldon.

— Muito facilmente — respondeu o prático. — Basta-me ver a carta, onde o capitão Hull marcou ontem o ponto.

— E sabes que rumo tomar?

— Tomo rumo de leste. Por aí demora o lugar na costa da América para onde era o nosso destino.

— Mas Dick — tornou Mrs. Weldon —, creio que compreendes que esta catástrofe pode e deve até modificar os nossos primeiros projetos. Não se trata já de

levar o “Pilgrim” para Valparaíso. O porto mais próximo na costa da América é agora o porto do nosso destino.

— Sem dúvida, Mrs. Weldon — respondeu o prático —, e deste modo não receie nada. A costa da América estende-se muito para o sul, e por isso não deixaremos de a avistar.



— Onde fica ela? — perguntou Mrs. Weldon.

— Ali — respondeu Dick Sand, apontando com o

dedo para o lado de leste, que marcou pela bússola.

— Muito bem, Dick! Que vamos para Valparaíso ou para qualquer outro ponto do litoral, é indiferente! O que importa é dar com a terra.

— Fá-lo-emos, Mrs. Weldon, espero que a hei de desembarcar em lugar seguro — respondeu o práctico —, e não perdi ainda a esperança de encontrar, logo que chegue à costa, alguns barcos de cabotagem. Ah! Mrs. Weldon, o vento começa a firmar-se pelo noroeste. Se Deus o conservar assim, andaremos a caminho e bem! Com o vento largo todo o pano serve, desde a giba até à vela grande!

Dick Sand falava com a confiança do marinheiro que tem bom navio, seguro e obediente a todas as manobras. Corria já para o leme e ia chamar os seus companheiros para marcar o pano convenientemente, quando Mrs. Weldon lhe lembrou que, antes de tudo, devia conhecer a posição do “Pilgrim”.

E era, com efeito, a primeira coisa a fazer. Dick Sand foi buscar à câmara a carta, onde estava marcado o ponto da véspera, e mostrou a Mrs. Weldon que o patacho se encontrava por 43 ° e 35 minutos de latitude sul e 164 ° e 13 minutos de longitude oeste de Greenwich, porque durante as últimas vinte e quatro horas pouco tinha andado.

Mrs. Weldon, inclinada sobre a carta, via os traços que figuravam a terra, à direita do vasto oceano; era o litoral da América- do Sul, muralha imensa lançada entre o Pacífico e o Atlântico, desde o Cabo Horn até às praias da Colômbia. Contemplando aquela carta, onde se via um oceano inteiro, julgar-se-ia que era obra fácil restituir à pátria os passageiros do “Pilgrim”. Ilusão, mas ilusão que se reproduz invariavelmente em quem não está habituado com as escalas das cartas marítimas. E, com efeito, a Mrs. Weldon parecia que a terra devia estar à vista do “Pilgrim”, como estava no pedaço de papel que

tinha sob os seus olhos!

Contudo, naquela página branca, o “Pilgrim”, representado em escala exata, seria mais pequeno que o mais microscópio infusório! Ponto matemático, sem dimensões apreciáveis, pareceria perdido, como realmente estava, na imensidade do oceano Pacífico!

Dick Sand não teve a mesma impressão que Mrs. Weldon. Sabia quanto a terra estava afastada e quantas centenas de milhas mediam a distância que o separava dela. Tinha, porém, tomado a sua resolução; a responsabilidade fizera-o homem.

Chegara o momento de executar. Era preciso aproveitar o noroeste, que refrescava. Ao vento contrário sucedera O vento favorável, e algumas nuvens espalhadas no zênite, sob a forma de cirros, indicavam que teria duração.

Dick Sand chamou Tom e os seus companheiros.

— Meus amigos — disse-lhes ele —, não temos a bordo outra tripulação senão vocês. Não posso manobrar sem que vocês me auxiliem. Bem sei que não são marinheiros, mas vejo que têm braços afeitos ao trabalho. Se os puserem ao serviço do “Pilgrim”, poderemos governá-lo. A nossa salvação depende da boa ordem com que tudo caminhar.

— Sr. Dick — respondeu Tom —, seremos agora os seus marinheiros. Não nos faltará a boa vontade, e tudo quanto puderem fazer homens comandados pelo senhor, o faremos nós.

— Muito bem, Tom — -aprovou Mrs. Weldon.

— Muito bem — repetiu Dick Sand —, mas é preciso ser prudente. Não farei força de vela para não arriscar alguma coisa. Será melhor andar um pouco menos, mas com mais segurança. Assim o exigem as circunstâncias. Eu lhes indicarei o que cada um tem a fazer, quando manobrarmos. Pela minha parte, fico ao leme enquanto o cansaço me não obrigar a deixá-lo. De tempos a tempos,

algumas horas de sono bastarão para me dar novo alento. Mas durante essas horas é preciso que algum de vocês vele em meu lugar. Tom, vou ensinar-te a cartear a agulha. Não é difícil. Prestando atenção saberás, em pouco tempo, governar o navio.

— Quando quiser, Sr. Dick — respondeu o negro.

— Bem — prosseguiu o práctico —, conserva-te aqui, junto de mim, ao leme, até que venha a noite; e se o cansaço me vencer, já me poderás substituir por algumas horas.

— E eu — perguntou Jack —, não posso ajudar o meu amigo Dick?

— Sim — disse Mrs. Weldon, apertando o filho nos braços —, tu aprenderás também a governar, e tenho a certeza de que enquanto estiveres ao leme teremos bom vento!

— Sim! Sim! Prometo isso — respondeu Jack, pulando e batendo com as mãozinhas uma na outra.

— Sim — acrescentou sorrindo o práctico —, os bons moços sabem conservar o vento de feição, dizem os velhos marinheiros.

Depois, dirigindo-se para Tom e para os outros negros, declarou:

— Vamos bracear as vergas mais pelo redondo. Só têm a fazer o que eu lhes disser.

— Às suas ordens — respondeu Tom —, às suas ordens, capitão Sand!

CAPÍTULO X

OS QUATRO DIAS SEGUINTE

Dick Sand, promovido a capitão do “Pilgrim”, não perdeu um instante, e tudo fez para pôr o navio a caminho. É claro que os passageiros só tinham uma única esperança: a de chegar a qualquer ponto do litoral da América, quando não fosse a Valparaíso. O que Dick Sand pensava fazer era apreciar a direção e a velocidade do “Pilgrim”, a fim de fazer o cálculo pela estima, e marcar na carta o caminho indicado pela barquinha e pela bússola. A bordo havia um mostrador que dava com bastante aproximação a velocidade para um determinado tempo. Este útil instrumento, de fácil emprego, prestava muito bom serviço, e os homens já sabiam fazer uso dele.

Subsistia, pois, uma só causa de erros — as correntes. Para combater tal causa, a estima era insuficiente, e só as observações astronômicas dariam dela conta exata. Ora estas observações não as podia ainda fazer o jovem prático.

Dick Sand pensou primeiro em reconduzir o “Pilgrim” para a Nova Zelândia. A viagem era menos longa, e a teria feito se o vento, que até então fora contrário, não tivesse se tornado favorável. Mais valia pois dirigir-se para a América.

O vento, que tinha rondado quase dezesseis quartas, soprava agora do noroeste, mostrando tendência para refrescar. Convinha aproveitá-lo, andando quanto fosse possível. Dick Sand dispôs-se a marcar o pano, de modo que levasse o vento quatro quartas para

ré do través.

Num patacho, um mastro do traquete tem quatro velas redondas: o traquete, no mastro-real; logo acima, o velacho, no mastaréu deste nome; depois, no mastaréu do joanete, o joanete e o sobre.

No mastro grande não tem tanto pano. No mastro-real, anda a vela grande, latina, e por cima, caçado na carangueja, o gafetope.

Entre os dois mastros, nos estais que sustentam para avante o mastro grande e o respetivo mastaréu, há ainda três velas triangulares.

Finalmente, à proa, no gurupés, envergam-se a vela de estai, a bujarrona e a giba.

As três velas de proa, a latina, o gafetope e as velas de estai de entre mastros são manejáveis da coberta, donde podem ser içadas ou arriadas. Pelo contrário, a manobra do pano redondo do mastro do traquete exige mais hábito da vida do mar, porque é necessário trepar pelas enxárcias ao traquete, ao velacho, aos vaus de joanete e às encapeladuras deste mastaréu, ou seja para largar ou ferrar o pano ou para meter nos rizes as velas que os têm. Daqui a indispensável agilidade para andar sobre os estribos de cabos, que se estendem por baixo das vergas, a necessidade de saber trabalhar com uma das mãos, segurando-se com a outra, manobra perigosíssima para quem não estiver habituado. As oscilações de bombordo a estibordo e de popa à proa, e as sapatadas das velas debaixo de vento fresco, têm atirado mais de um homem ao mar. Era, por consequência, operação perigosíssima para Tom e para os seus camaradas.

Felizmente, o vento estava bonançoso e o mar plano. Tanto o balanço de bombordo a estibordo como o de popa à proa tinham amplitude moderada.

Quando Dick Sand, ao sinal do capitão Hull, se dirigiu para o teatro da catástrofe, o “Pilgrim”, em velas

de proa, vela grande, traquete e velacho, estava atravessado; para o marear de bolina, o prático teve de alar por sotavento os braços de proa e caçar alguma escota que estivesse folgada. Os negros facilmente o ajudaram, a fazer esta manobra.

Agora, porém, ia bracear largo do vento e aumentar de pano, largando o joanete e o sobre, o gafetope e as velas de estai de entre mastros.

— Olá, meus amigos — disse o prático aos cinco negros —, façam o que lhes vou dizer, e tudo se fará bem.

Dick Sand ficou ao leme.

— Tom — gritou ele —, larga depressa esse cabo!

— Larga?... — perguntou Tom, que não compreendera a expressão.

— Sim, tira-lhe volta daí! E tu, Bat... faz o mesmo a esse outro! Bom... ronda primeiro... Ala agora! Ala por cima!

— Assim? — perguntou Bat.

— Assim mesmo. Muito bem. Vamos, Hercule, ala com força! Vamos, ala à uma!

Dizer a Hercule ala com força era talvez imprudência, porque o gigante, mesmo sem querer, podia quebrar tudo.

— Está bom, basta! — exclamou Dick Sand, sorrindo. — És capaz de deitar a mastreação abaixo.

— Eu não puxei muito! — declarou Hercule.

— Pois bem, finge só que puxas! É quanto basta! Bem, folga agora... larga da mão!... Dá volta... assim! Bom! Agora, todos juntos, além... puxem pelos braços de proa a barlavento.

Todas as vergas de proa, cujos braços de sotavento se tinham largo, giravam lentamente. O vento, atuando melhor sobre as velas, imprimiu maior velocidade ao navio.

Dick Sand mandou então folgar as escotas das

velas de proa e chamou depois os negros para a ré.

— O que está feito, amigos, está bem feito. Agora vamos ao mastro grande. Mas não rebentes por aí alguma coisa, Hercule.

— Farei o melhor que puder — respondeu o colosso, sem querer obrigar-se a muito.

Esta manobra era mais fácil. Arriou-se sobre volta a escota da retranca, e a vela grande, recebendo o vento mais normalmente, juntou a sua poderosa ação à das velas de avante.

Içou-se o gafetope, o qual ferrava no calcês, mas, porque estava naquela ocasião apenas carregado, bastou alar pela adriça, amurá-lo e depois caçá-lo. Mas Hercule alou tão bem, como o seu amigo Acteon e Jack, que se juntara a eles, que a adriça rebentou.

Os três caíram de costas, sem felizmente se magoarem. Jack estava contentíssimo.

— Não é nada, não é nada! — exclamou o prático. — Amarrem um chicote ao outro e icem com cautela.

Tudo isto foi feito à vista de Dick Sand, sem que ele deixasse o leme. O “Pilgrim” navegava já rapidamente com proa de leste. Era mantê-lo naquela direção. Nada mais fácil, porque, estando certo o vento, as guinadas não eram para recear.

— Muito bem, meus amigos! — disse Dick Sand. — Antes de findar a viagem, estão vocês marinheiros!

— Faremos as diligências, capitão Sand — volveu Tom.

Mrs. Weldon também lhes dirigiu algumas palavras agradáveis e, a seguir, elogiou Jack, por ter trabalhado tão bem.

— Creio, menino Jack — gracejou Hercule, sorrindo —, creio que foi o menino quem rebentou a adriça! Que boa mãozinha que tem! Sem o menino nada teríamos feito.

Jack, cheio de orgulho, sacudiu a mão de Hercule.

O “Pilgrim” ainda podia puxar com mais pano. Estavam ferradas algumas velas, cuja ação não era para desprezar nas circunstâncias em que navegava. O joanete, o sobre, as velas de estai de entre mastros, deviam por certo aumentar o andamento do patacho, e Dick Sand resolveu largá-las.

Esta manobra, mais difícil que as outras que se tinham feito, não o era, contudo, por causa das velas de estai, que se podiam içar, amurar e caçar da coberta, mas pelas velas redondas do mastro do traquete. Para as largar era necessário subir acima dos vaus, e, como Dick Sand não queria sacrificar ninguém da sua improvisada tripulação, subiu ele.

Chamou Tom para o leme, mostrando-lhe como devia governar. Distribuiu depois as adriças e as escotas do joanete e do sobre por Hercule, Bat, Acteon e Agostinho. Subir pelas enxárcias do traquete, agarrar-se às arreigadas, tornar a subir pela enxárcia do velacho e passar além dos vaus de joanete, era para Dick coisa de pouca importância. Num momento estava ele sobre o estribo do joanete, largando as bichas que seguravam a vela para a verga.

Trepou depois até à verga de sobre, cuja vela largou também.

Logo que acabou, Dick Sand deitou as mãos a um brandal e deixou-se escorregar por ele até chegar ao convés da embarcação.

Aqui, sob as suas indicações, caçaram-se as duas velas. Também se içaram, amuraram e caçaram as velas de entre mastros. Feito isto, estava acabada a manobra.

Hercule desta vez não fez avaria.

O “Pilgrim” navegava com todo o pano, mas Dick Sand ainda podia largar os cutelos e a varredoura; era, porém, difícil, nas circunstâncias em que se encontrava, meter dentro rapidamente estas velas, se caísse algum aguaceiro. Decidiu, pois, o práctico deixá-las na enxárcia.

Dick rendeu Tom, que estava ao leme.

O vento refrescava. O “Pilgrim”, um pouco inclinado para estibordo, corria sobre a superfície do mar, deixando após de si esteira tão bonita que bem mostrava a beleza das suas linhas de água.

— Vamos a caminho, Mrs. Weldon, e com bom vento. Deus queira que ele não mude!

Mrs. Weldon, fatigada por tantas emoções, apertou a mão do práctico, desceu para a câmara e caiu em profundo abatimento.

A nova tripulação do patacho ficou em cima, velando pronta a obedecer às ordens de Dick Sand, isto é, a modificar a mareação do pano, consoante as variações do vento; mas enquanto este se conservasse constante nada havia que fazer.

Que era feito de primo Bénédict?

Estudava, com o auxílio da lupa, um articulado que por fim conseguira encontrar a bordo, um simples ortóptero, cuja cabeça se sumia no toracete, inseto de élitros achatados, abdômen arredondado, asas longas, da família das blattas e da espécie das baratas da América.

Foi procurando na cozinha de Negoro que Bénédict fez tão precioso achado, e exatamente no momento em que o mestre cozinheiro ia esmagar implacavelmente o inseto. Irritou-se por isto o entomologista, mas Negoro não fez caso.

Primo Bénédict saberia da mudança que se dera a bordo desde que o capitão Hull e os seus companheiros começaram a pesca da jubarte? Sabia. Encontrava-se mesmo na coberta quando o “Pilgrim” chegou ao lugar onde estavam os destroços da baleeira. Fora, pois, testemunha ocular do triste fim da tripulação do patacho.

Julgar que tão funesta catástrofe o não impressionara seria fazer injustiça ao seu bom coração. A comiseração por outrem, que toda a gente sente, sentia-a ele também. Afligira-o a situação de sua prima, e por

isso foi apertar-lhe a mão, como para lhe dizer: Não tenha medo! Ainda cá estou! Fiquei eu!

Depois, primo Bénédict voltou ao camarote, para sem dúvida refletir nas consequências do desastrosos acontecimento e nas medidas enérgicas que convinha tomar em tais circunstâncias.

Mas no caminho encontrou a barata em questão, e como a sua pretensão — aliás justificada contra certos entomologistas — era provar que as baratas de um certo gênero, notáveis pelas suas cores, têm hábitos muito diferentes das baratas propriamente ditas, entregou-se ao estudo, e esqueceu-se de que houvera a bordo do “Pilgrim” um capitão chamado Hull, e que este infeliz perecera, pouco tempo antes, juntamente com a tripulação! A barata absorvia completamente primo Bénédict! Admirava-a tanto e tanto a estimava como se ela fosse um escaravelho de ouro.

A vida de bordo retomara o seu curso regular, conquanto todos tivessem ficado, por muito tempo, impressionados por tão triste quanto inopinada desgraça.

Dick Sand, durante aquele dia, tudo fez, a fim de tudo ter preparado para as mais insignificantes eventualidades. Os negros obedeciam-lhe, cheios de zelo. A bordo do “Pilgrim” reinava a melhor ordem. Havia razão para esperar que tudo caminhará sem estorvo.

Negoro, pela sua parte, não fez nenhuma outra tentativa para se subtrair à autoridade de Dick Sand. Parecia tê-lo tacitamente reconhecido. Ocupado como sempre na acanhada cozinha, aparecia tanto como dantes. Dick Sand estava disposto a prendê-lo no porão, até ao fim da viagem, à menor infração de disciplina. Bastava um sinal de Dick Sand para Hercule deitar as mãos às goelas do cozinheiro. Se tal acontecesse, Nan, que sabia cozinhar, substituiria Negoro. Este reconhecia que não era indispensável, e como, além disto, era vigiado de perto, entendeu que não devia dar motivo

algun para procederem contra ele.

O vento, conquanto refrescasse para a noite, não foi tanto que obrigasse a fazer alteração no pano do “Pilgrim”. A mastreação estava segura por bem conservado massame de ferro, de modo que o “Pilgrim” podia ainda assim aguentar mais vento.

Usa-se, às vezes, durante a noite, diminuir o pano e principalmente o pano alto, como as velas de estai, de entre mastros, gafetope, sobres e algumas vezes joanetes. É isto prudente quando se receia vento de rajadas ou tempo de aguaceiros; mas Dick Sand julgou poder dispensar tal precaução. O estado da atmosfera era bom, e como o jovem práctico tencionava velar toda a noite em cima da coberta, por tudo e para tudo olharia. Como ia, caminhava mais. Lá lhe tardava achar-se em paragens menos desertas.

Disse-se que a barquinha e a bússola eram os únicos instrumentos de que Dick Sand se podia servir para estimar o caminho percorrido pelo “Pilgrim”.

O práctico fez deitar a barquinha de meia em meia hora, e notou as indicações dadas pelo instrumento.

Havia a bordo duas agulhas ou bússolas. Uma estava na bitácula, para serviço do homem do leme. A rosa desta, esclarecida pela luz do dia até ao pôr do Sol, e durante toda a noite alumada por duas lanternas laterais, indicava a todos os instantes a proa do navio, isto é, a direção que ele devia seguir.

A outra agulha era uma bússola invertida, fixada num dos vaus da câmara que fora do capitão Hull. Sem sair da câmara, o capitão via se o rumo que ele tinha dado era exatamente seguido, e se o homem do leme, por inabilidade ou negligência, deixava andar o navio às guinadas.

Não há navios empregados em viagens de longo curso que não tenham pelo menos duas agulhas de marear e três cronômetros. É preciso comparar estes

instrumentos entre si, e conseqüentemente verificar as indicações que derem.

O “Pilgrim” estava bem provido a este respeito, e Dick Sand recomendou à sua gente que tomasse bastante cuidado nas agulhas, que tão necessárias lhe eram.

Infelizmente, na noite de 12 para 13 de Fevereiro, enquanto o práctico vigiava de quarto e ao mesmo tempo fazia leme, ocorreu um desagradável acidente. A bússola invertida, que estava fixa por um arco de cobre a um vau da câmara, desprendeuse e caiu; porém, só no dia seguinte se deu por tal.

Como faltou a virola? Era inexplicável. Seria possível, porém, que estivesse oxidada, que um balanço mais seco de bombordo a estibordo ou de popa a proa a desligasse do vau. O mar durante a noite estivera mais picado. Fosse como fosse, o certo é que a bússola se desmanchou de modo que não se podia consertar.

Dick Sand ficou pouco satisfeito, e viu-se reduzido dali em diante unicamente às indicações da agulha da bitácula. Ninguém evidentemente tinha responsabilidade do fracasso que sucedeu à agulha da câmara, mas o certo é que o acidente podia ter graves conseqüências. O práctico tomou depois todas as precauções para pôr a agulha da bitácula ao abrigo de qualquer desastre.

Até então, excetuando este acontecimento, tudo ia bem a bordo do “Pilgrim”.

Mrs. Weldon, vendo a serenidade de Dick Sand, recuperou a antiga confiança, ainda que não tivesse nunca desesperado. Confiança na suprema bondade de Deus, e, como católica sincera e religiosa, fortificava-se pelas orações.

Dick Sand arranjara as coisas de modo que passava as noites ao leme. Dormia cinco ou seis horas durante o dia e era quanto lhe bastava, porque não se sentia fatigado. Enquanto dormia, Tom e seu filho Bat

revezavam-se ao leme e, graças aos conselhos de Dick, iam-se fazendo, pouco a pouco, sofríveis timoneiros.

Muitas vezes Mrs. Weldon conversava com o práctico, e Dick Sand ouvia os conselhos daquela inteligente senhora.

Todos os dias Dick mostrava a Mrs. Weldon a distância percorrida, feita unicamente pela direção e velocidade aparentes do navio.

— Veja, Mrs. Weldon — repetia-lhe Dick muitas vezes —, continuando este vento, não deixaremos de avistar a costa da América do Sul. Não posso afirmar, mas creio que, quando o nosso navio chegar à vista da terra, não estará muito longe de Valparaíso.

Mrs. Weldon não duvidava de que o rumo que o navio levava era bom, e que os ventos de noroeste o favoreciam. Mas quão afastado da América lhe parecia que ainda estava o “Pilgrim”! Quantos perigos entre ele e a terra firme, não contando com os que podiam sobrevir pela mudança do estado do mar ou do céu!

Jack, despreocupado como todas as crianças da sua idade, tinha voltado aos seus brinquedos habituais, correndo na coberta e entretendo-se com Dingo. Achava que o seu amigo Dick não brincava tanto com ele como dantes; mas Mrs. Weldon fez-lhe perceber que era preciso não distrair o jovem práctico das suas ocupações. Jack cedera às razões de sua mãe e não incomodava o capitão Sand.

Assim corriam as coisas a bordo. Os negros trabalhavam com inteligência e, pouco a pouco, iam adquirindo a prática de marinheiros. Tom fazia naturalmente de contramestre. Os seus camaradas tê-lo iam escolhido para esse cargo. Comandava o quarto, enquanto o práctico repousava, e tinha consigo seu filho Bat e Agostinho. Acteon e Hercule acompanhavam Dick Sand.

Assim, enquanto um governava, estavam os outros

vigiando a vante.

Ainda que aquelas paragens fossem pouco frequentadas, e as abordagens pouco para temer, o prático exigia rigorosa vigilância durante a noite. Acendia os faróis de navegação, isto é, a luz Verde a estibordo e a luz encarnada a bombordo. Procedia com muito acerto.

Contudo, durante as longas noites que Dick Sand passou encostado à roda do leme, sentiu algumas vezes uma irresistível prostração apoderar-se dele. Era cansaço, de que ele não fazia caso.

Aconteceu que durante a noite de 13 para 14 de Fevereiro, Dick Sand, sentindo-se muito fatigado, foi descansar por algumas horas, indo substituí-lo ao leme o velho Tom.

O céu estava carregado de nuvens, as quais sob a influência do frio da noite tinham engrossado. A atmosfera estava muito escura, e tanto que não se podiam ver os topos dos mastros perdidos nas trevas. Hercule e Acteon estavam de vigia, à proa.

À ré, a luz da bitácula dava apenas vaga claridade, que fazia refletir suavemente as guarnições de metal da roda do leme. Os faróis de navegação, projetando a luz lateralmente e para vante, deixavam a coberta na mais profunda obscuridade.

Pelas três horas da manhã produziu-se uma espécie de fenômeno de hipnotismo, sem que o velho Tom tivesse consciência de tal acontecimento. Os olhos de Tom, que se haviam fixado sobre a parte luminosa da bitácula, perderam subitamente o sentimento da visão, e Tom caíra em profunda sonolência anestésica.

Somente não via, como nada sentiria se o tivessem puxado ou beliscado.

Não deu, pois, por uma sombra que se arrastava mansamente sobre a coberta. Era Negro.

Chegado à ré, o cozinheiro colocou debaixo da bitácula um objeto pesado que trazia na mão.

Depois de ter observado por pouco tempo o disco luminoso, retirou-se sem ser visto.

Se, no dia seguinte, Dick Sand descobrisse o objeto colocado por Negro debaixo da bitácula, tê-lo-ia tirado imediatamente.

Era um pedaço de ferro, cuja influência alterou as indicações da agulha, que, desviada, em vez de marcar o norte magnético, que naquele lugar não coincidia com o norte do mundo, marcava o nordeste.

Havia portanto o desvio de quatro quartas, ou, por outras palavras, de meio ângulo recto.

Tom, quase ao mesmo tempo, acordou do torpor em que estava. Viu a agulha. Acreditou e devia acreditar que o “Pilgrim” se tinha afastado do caminho.

Girou pois com o leme para pôr a proa do navio a leste... Julgava que ia bem.

Mas pelo desvio da agulha, que Tom não suspeitava, a proa, diminuída de quatro quartas, ia rumo de sueste.

E de tal arte que o “Pilgrim”, que pela ação do vento favorável podia seguir na direção desejada, caminhava com o erro de quarenta e cinco graus no seu rumo!

CAPÍTULO XI

A TEMPESTADE

Durante a semana que se seguiu a este último acontecimento, isto é, de 14 a 21 de Fevereiro, nenhum outro incidente perturbou a vida de bordo. O vento pelo quadrante noroeste refrescava pouco a pouco e o “Pilgrim”, se tinha singraduras de cento e sessenta milhas, tinha outras muito maiores, o que já não era mau para um navio da sua grandeza e para as circunstâncias em que navegava.

Dick Sand supunha que o patacho se aproximava das paragens mais frequentadas pelos navios que querem passar de um para o outro hemisfério. Esperava, pois, encontrar algum desses navios com a firme intenção ou de mudar os passageiros, ou de lhe pedir alguns marinheiros e talvez um oficial. Mas, apesar da ativa vigilância, nenhum navio se avistou: o mar continuava deserto.

Não deixava este fato de causar admiração a Dick Sand. Tinha ele atravessado várias vezes o Pacífico por aquelas paragens, quando ia pescar para os mares austrais. Pela latitude e longitude que lhe dava a estima, era raro não aparecerem navios ingleses ou americanos, vindos do Cabo Horn para o equador ou dirigindo-se para a ponta extrema da América do Sul.

Mas o que Dick Sand ignorava, o que mesmo não podia saber, é que o “Pilgrim” estava na mais alta latitude, isto é, mais ao sul do que supunha. Duas eram as razões.

A primeira, devida às correntes, cuja velocidade e direção o práctico não podia apreciar, e que afastaram o

navio do seu caminho.

A segunda provinha do desvio da bússola, causado pela mão criminosa de Negro. A bússola não dava indicações exatas, e Dick Sand não podia achar os erros, porque tinha perdido a agulha da câmara. Assim, acreditando que navegava ao rumo de leste, seguia para o sueste! Olhava para a agulha repetidas vezes, e mandava deitar a barquinha com regularidade. Só estes dois instrumentos empregava para dirigir o “Pilgrim” e medir o caminho percorrido. Mas bastava isto?

Entretanto o práctico tranquilizava quanto podia Mrs. Weldon, a quem os incidentes da viagem deviam às vezes inquietar.

— Havemos de chegar, Mrs. Weldon! Havemos de chegar! — repetia ele. — Que avistemos a costa da América mais para o norte ou mais para o sul é indiferente, o que importa é chegar lá; mas havemos de chegar.

— Não duvido, Dick.

— Na verdade, eu estaria mais sossegado se Mrs. Weldon não viesse a bordo, se apenas por mim respondesse — afirmou o práctico.

— Mas — tornou Mrs. Weldon —, se o primo Bénédict, Jack, Nan e eu não tivéssemos tomado passagem no “Pilgrim”, se também Tom e os seus companheiros não tivessem sido recolhidos, não haveria aqui senão duas pessoas, tu e Negro?... Que te teria acontecido, então, achando-te só, em companhia de um homem tão mau, e em quem não tens confiança?... Que teria sido feito de ti?

— Teria começado — respondeu resolutamente Dick Sand — por inutilizar Negro.

— E manobrarias só?

— Sim, sozinho... com o auxílio de Deus!

A firmeza destas palavras alentava Mrs. Weldon, a qual muitas vezes se sentia inquieta contemplando Jack!

Se a mulher não queria mostrar o que sentia a mãe, não podia contudo evitar que íntima tristeza lhe oprimisse o coração!

Mas se o prático não estava bastante adiantado no estudo da astronomia náutica, de modo que pudesse fazer o ponto pelo cálculo, tinha contudo o faro de marinheiro para conhecer o tempo. A aparência da atmosfera, por um lado, e por outro as indicações do barômetro, diziam-lhe que se precavesse. O capitão Hull, como bom meteorologista, ensinara-o a ler este instrumento, cujos prognósticos são muito certos.

Eis em poucas palavras o que contêm as indicações relativas à observação do barômetro(1): *1. Resumido do Dicionário Ilustrado, de Vorepierre.

Quando, depois de longo período de bom tempo, o barômetro desce precipitada e continuamente, é sinal de chuva; e o mercúrio pode descer tendo sido longo o período de bom tempo, sem que haja mudança no estado aparente da atmosfera. Neste caso, quanto maior é o espaço de tempo entre a descida do barômetro e a chegada da chuva, maior será a duração do tempo chuvoso..o Se, pelo contrário, durante o tempo chuvoso e de já longa duração, o barômetro começa a subir lenta e regularmente, é certo que voltará o bom tempo e que durará tanto mais quanto maior for o intervalo entre a sua chegada e o princípio da subida barométrica..o Nos dois casos precedentes, se a mudança de tempo segue imediatamente o movimento da coluna barométrica, essa mudança terá curta duração..o Se o barômetro sobe lenta e continuamente durante dois, três ou mais dias, anuncia bom tempo, ainda que não cesse de chover durante esses dias, e vice-versa; mas se o barômetro sobe durante dois ou mais dias, ainda que chova, e depois desce logo que chega o bom tempo, este durará muito pouco, e vice-versa..o Na Primavera e no Outono a descida rápida do barômetro pressagia vento. No Verão,

estando o tempo muito quente, denuncia trovoada. No Inverno, depois das grandes geadas, o rápido abaixamento da coluna barométrica anuncia mudança de vento, degelo e chuva; porém, a subida barométrica que vem durante a geada, que já tenha alguma duração, prognostica neve..o Nunca se devem interpretar as oscilações rápidas do barômetro como presságio de tempo seco ou chuvoso de longa duração. Estas indicações são dadas exclusivamente pela alta ou baixa, se for lenta e contínua..o Se pelo fim do Outono, depois de tempo chuvoso e ventoso muito prolongado, a coluna barométrica se eleva, há indício certo da mudança de vento para o pólo elevado e aproximação de neve.

Tais são as consequências que em geral se podem tirar das indicações de tão precioso instrumento.

Tudo isto sabia perfeitamente Dick Sand, e tinha-o verificado em diversas circunstâncias da sua vida de marinheiro, o que o habilitava, por consequência, a precaver-se contra qualquer eventualidade.

Aconteceu que, pelos fins de Fevereiro, Dick Sand começou a preocupar-se com as oscilações do barômetro, cuja leitura fazia repetidas vezes. A coluna barométrica baixava lenta e continuamente, pressagiando chuva; mas porque esta tardava em cair, concluiu Dick Sand que o mau tempo teria grande duração. Assim devia acontecer.

Mas, em vez da chuva, veio vento, o qual refrescou tanto que tinha já a velocidade de sessenta pés por segundo ou trinta e uma milhas por hora(1).

**1. Cinquenta e sete quilômetros e meio.*

Dick Sand tomou então algumas precauções para não arriscar a mastreação e o pano do “Pilgrim”.

Tinha já ferrado o sobre, o gafetope e a giba, e resolveu ferrar o joanete, arriar a bujarrona e meter o velacho nos segundos.

Esta última operação apresentava algumas dificuldades para uma tripulação pouco experimentada. Não podia contudo hesitar, e ninguém hesitou. Dick Sand, acompanhado por Bat e Agostinho, trepou e conseguiu, mas com dificuldade, ferrar o joanete. Se o tempo fosse menos ameaçador, teria deixado as duas vergas cruzadas, mas, prevendo que seria obrigado a acachapar o mastaréu, e talvez mesmo arriá-lo ao convés, arriou por isso as duas vergas. Quando o vento sopra com muita violência, é necessário não só diminuir de pano, mas também de mastreação; alivia o navio, que, menos carregado por cima, não se fatiga tanto com os balanços de bombordo a estibordo ou de popa à proa.

Feito este primeiro trabalho — no qual se empregaram duas horas —, Dick Sand e os seus companheiros trataram de reduzir a superfície do velacho, metendo-o nos segundos rizes. Não tinha o “Pilgrim” gávea partida, isto é, gávea e sobregávea, como a maior parte dos navios modernos, o que facilita a manobra. Era pois necessário trabalhar segundo o velho sistema, isto é, andar sobre os estribos, puxar para si e agarrar o pano, batido e açoutado pelo vento, e amarrá-lo com os rizes. Foi difícil, longa e perigosa a manobra; mas fez-se, e o velacho, reduzido, aliviou muito o “Pilgrim”.

Desceram Dick Sand, Bat e Agostinho. O “Pilgrim” estava então nas condições que o estado do vento exigia, e que é conhecido pela qualificação de “vento duro”.

Durante os três dias que se seguiram, 20, 21 e 22 de Fevereiro, a força e a direção do vento não tiveram mudança sensível; o barômetro porém continuava a descer, e neste último dia notou o práctico que ele se conservava abaixo de vinte e oito polegadas e sete décimos(1).

**1. Os barômetros ingleses e americanos contam-se*

por polegadas e décimos. Vinte e oito polegadas e sete décimos correspondem a setecentos e vinte e oito milímetros.

Não mostrava tendência para subir. O aspecto da atmosfera era mau e extremamente ventoso. Névoas grossas cobriam o céu, e tão cerrado estava, tão profunda era a camada de nuvens, que não se podia enxergar o Sol, e até seria difícil designar onde ele nascia e onde se ocultava.

Dick Sand começou a inquietar-se. Não deixava a coberta e dormia pouco; mas a sua energia moral dava-lhe forças para esconder no fundo do coração as maiores angústias.

No dia 23 de Fevereiro o vento pareceu abançar; Dick Sand, porém, não se iludiu. Fez bem, porque pela tarde o vento refrescou mais e o mar tornou-se mais alteroso.

Pelas quatro horas, Negro, que raras vezes se via, saiu da cozinha e subiu ao castelo da proa. Dingo dormia decerto, porque não rosnou, como costumava.

Negro, calado como sempre, demorou-se meia hora observando o horizonte.

As vagas, já muito alterosas, sucediam-se umas às outras, mas não rebentavam ainda; contudo, eram grandes de mais para o vento que fazia. Devia-se supor que havia mau tempo para oeste, não muito longe, e o qual não se demoraria em chegar àquelas paragens.

Negro contemplou a vasta extensão do mar, tão profundamente agitado em volta do "Pilgrim". Depois lançou o seu olhar frio para a atmosfera.

Era inquietador o cariz do céu. As nuvens corriam com diferentes velocidades; as mais altas iam mais velozes do que as das camadas inferiores. Era preciso prever o caso, aliás muito provável, de se abaixarem essas pesadas massas e tornar-se em iminente

tempestade, ou talvez mesmo em temporal desfeito, o que era por enquanto só vento muito duro, isto é, a deslocação do ar com velocidade de quarenta milhas por hora.

Ou porque Negro não fosse homem que se assustasse, ou porque nada entendesse do aspecto do tempo, é certo que ele não se mostrou impressionado. Contudo, brincou-lhe nos lábios um sorriso de maldade. Dir-se-ia mesmo que mais lhe agradava que aborrecia aquele estado do tempo. Subiu de uma vez ao gupês e foi até ao pau da bujarrona a fim de estender a vista, como se procurasse ver alguma coisa no horizonte. Depois desceu sossegadamente, e sem dizer uma palavra, sem fazer um gesto, voltou para o alojamento da tripulação.

Em tais conjunturas, porém, havia uma circunstância feliz, e que todos a bordo deviam ter notado: era que o vento, por muito violento que fosse ou viesse a ser, era favorável e levava rapidamente o “Pilgrim” para a costa da América. Se o tempo continuasse o mesmo, e não se desencadeasse a tempestade, a navegação continuaria a fazer-se sem risco, e os verdadeiros perigos surgiriam unicamente na ocasião de demandar a terra num ponto mal determinado da costa.

Era o que já preocupava Dick Sand. Como navegaria ele, logo que enxergasse a terra, se não encontrasse piloto prático da costa? No caso em que o mau tempo o obrigasse a arribar a algum porto, como e para onde iria ele, se a costa lhe era desconhecida? Era ainda cedo para se inquietar com esta eventualidade. Quando chegasse a hora do perigo, chegaria a ocasião de resolver, e Dick Sand resolveria então.

Durante os treze dias que mediaram entre 24 de Fevereiro e 9 de Março, o estado da atmosfera não teve alteração sensível. O céu conservou-se sempre carregado

de nuvens grossas. O vento abonançava durante algumas horas, mas tornava a soprar com a mesma violência. O barômetro subiu duas ou três vezes, mas foi subida de poucos décimos e tão rápida que não podia indicar mudança de tempo e diminuição de vento. Depois a coluna barométrica tornava a descer e nada fazia esperar o próximo fim do vendaval.

As grandes trovoadas, que então rebentaram, inquietaram Dick Sand. Mais de uma vez os raios caíram no mar, não muito longe do patacho. Chuva torrencial e turbilhões de vapores muito condensados envolviam o “Pilgrim” em espesso nevoeiro.

Durante muitas horas, o homem de vigia nada podia lobrigar pela proa fora. Caminhavam pois à aventura.

Ainda que o navio se portasse muito bem com o mar, jogava contudo bastante. Mrs. Weldon, felizmente, suportava o balanço sem se incomodar. Jack, pelo contrário, sofria muito, e por isso ela lhe prodigalizava todos os cuidados que podia.

Primo Bénédict estava tão incomodado como as baratas da América, suas companheiras. Passava o tempo a estudar como se estivesse no seu gabinete em São Francisco.

Felizmente também, Tom e os seus companheiros, pouco sensíveis ao enjoo, puderam continuar a prestar auxílio ao jovem práctico — completamente afeito a todos os movimentos desordenados do navio que corre com o tempo.

O “Pilgrim” navegava rapidamente com o pano já reduzido, mas Dick Sand previa que era necessário diminuí-lo ainda mais; desejava porém conservar as velas em cima enquanto não houvesse perigo. Pela sua estima, a costa não devia estar longe. Vigia-se muito e com muito cuidado; o práctico, porém, não confiava nos olhos dos seus companheiros para descobrir os primeiros

sinais de terra. Efetivamente, quem não estiver habituado a interrogar o horizonte com a vista, por melhor que esta seja, não pode distinguir as primeiras sombras da terra, principalmente quando as brumas a envolvem. Por isso Dick Sand vigiava também, e muitas vezes subia até aos vaus de joanete, para ver melhor. Mas a costa da América não aparecia ainda.

Causava-lhe isto espanto, e Mrs. Weldon percebeu-o por algumas palavras que escaparam a Dick.

Em 9 de março, o práctico estava à proa, ora observando o mar e o céu, ora vendo a mastreação do “Pilgrim”, que começava a fatigar-se pela força do vento.

— Não vêes nada, Dick? — perguntou ela, no momento em que ele largava o óculo.

— Nada, Mrs. Weldon, absolutamente nada — respondeu o práctico —, contudo, o horizonte parece querer aliviar um pouco, talvez por efeito deste vento violentíssimo, mas que ainda vai refrescar mais.

— E na tua opinião, Dick, a costa da América ainda está longe?

— Não pode estar e, se alguma coisa me espanta, é não a avistar ainda.

— Mas o navio tem sempre navegado em boa rota? — tornou Mrs. Weldon.

— Sempre, desde que o vento se fixou para o quadrante noroeste — respondeu Dick Sand —, isto é, desde o dia em que perdemos o nosso infeliz capitão e a sua gente! Foi a 10 de Fevereiro, estamos a 9 de Março, há por consequência vinte e sete dias!

— Mas nessa época a que distância estávamos da costa? — inquiriu Mrs. Weldon.

— A quatro mil e quinhentas milhas, pouco mais ou menos. Se há coisas sobre as quais eu tenha dúvida, neste número não tenho, posso garanti-lo, com a aproximação de vinte milhas.

— E qual tem sido a velocidade do navio?

— Tem sido, termo médio, cento e oitenta milhas por dia desde que o vento refrescou — elucidou o práctico. — Por isso me surpreende que a terra não esteja à vista. E o que é mais extraordinário ainda é não encontrarmos um só dos muitos navios que andam ordinariamente por estas paragens.

— Não te enganarias na tua estima, Dick? — tornou Mrs. Weldon.

— Não, Mrs. Weldon; não era possível enganar-me. A barquinha deitou-se sempre de meia em meia hora, e eu mesmo vi. Vou fazê-la deitar novamente, e verá que neste momento vamos andando dez milhas por hora, o que dá para a singradura mais de duzentas milhas!

Dick Sand chamou Tom e deu-lhe ordem para deitar a barquinha — operação em que o velho negro já estava muito práctico.

A barquinha, bem aimarrada no extremo da linha, foi lançada ao mar.

Tinham apenas corrido vinte e cinco braças quando a linha afrouxou rapidamente nas mãos de Tom.

— Ah! Sr. Dick! — exclamou ele.

— Que foi, Tom?

— Rebentou a linha!

— Rebentou! — exclamou Dick Sand. — E foi-se a barquinha!

Tom mostrou o chicote do pedaço da linha que lhe ficara na mão.

Era, com efeito, verdade. Não foi, porém, o nó que a prendia que se desfez, porque a linha estava rebentada pelo meio, apesar de ser linho entrançado. Era, pois, condição essencial que os cordões estivessem coçados, e estavam-no efetivamente, assim o verificou Dick Sand.

— Mas estariam coçados pelo uso? — perguntava desconfiado, a si mesmo, Dick.

Seja como for, é certo que a barquinha estava perdida e que Dick não tinha outro meio de avaliar com

exatidão a velocidade do navio. O único instrumento que possuía era a bússola, cujas indicações ignorava que eram falsas!

Mrs. Weldon viu-o tão melancólico por causa deste incidente que não insistiu mais e, cheia de tristeza, desceu para o camarote.

Mas se a velocidade do “Pilgrim” e, por consequência, o caminho que percorria não podia ser estimado, era contudo fácil avaliar que o andamento do navio não diminuiria.

No dia seguinte, 10 de Março, o barômetro desceu a vinte e oito polegadas e dois décimos(1). Era prenúncio de um desses temporais em que o vento chega a atingir a velocidade de sessenta milhas por hora.

**1. Setecentos e nove milímetros.*

Urgia diminuir ainda mais o pano, a fim de não pôr em risco a segurança do navio.

Dick Sand resolveu arriar ao convés o mastaréu de joanete e o do gafetope e ferrar todo o pano, deixando apenas a vela de estai e o velacho nos últimos.

Chamou Tom e os seus companheiros para que o ajudassem a fazer aquela difícil operação, a qual, infelizmente, não podia executar-se com rapidez.

O tempo, porém, exigia pressa, porque o temporal já se desencadeava com violência.

Dick Sand, Agostinho, Acteon e Bat subiram para a gávea, enquanto ficaram Tom governando ao leme, e Hercule no convés, pronto para arriar os andrébelos quando lhe fosse ordenado.

Depois de numerosos esforços, os mastaréus de joanete e de gafetope foram arriados, mas os pobres pretos muitas vezes correram o risco de ser arremessados ao mar, tão fortes eram as pancadas que sacudiam a mastreação por efeito de balanço. Depois que se meteu o velacho nos últimos e a vela grande foi

para a gaxeta, o patacho não levava outro pano além da vela de estai e do velacho sobre a pega.

Apesar, porém, de o pano estar já muito reduzido, o “Pilgrim” continuava a correr com excessiva velocidade.

No dia 12 o tempo carregou mais e mostrou pior cariz. Nesse dia, desde a madrugada, Dick Sand viu, não sem receio, o barômetro descer até vinte e sete polegadas e nove décimos(1).

**1. Setecentos e dezesseis milímetros.*

Era um temporal desfeito e tão grande que o “Pilgrim” não podia já com o pouco pano que ainda levava largo!

Dick Sand, vendo que o velacho se ia rasgar, mandou que o ferrassem.

Foi em vão. Uma rajada mais forte caiu nesse momento sobre o navio e fez o velacho em estilhas. Agostinho, que se encontrava em cima da verga, foi atingido com a escota de bombordo. Ferido, mas levemente, pôde descer para a coberta.

Dick Sand, extremamente inquieto, tinha um único pensamento: era que o navio, levado com tal fúria, ia-se perder de um momento para o outro, porque, segundo a estima, os escolhos da costa não deviam estar longe. Foi para a proa, mas, não vendo nada que lhe parecesse terra, voltou para o leme.

Pouco tempo depois Negro apareceu na coberta. Então, repentinamente, como sem se lembrar, estendeu o braço para um ponto do horizonte. Dir-se-ia que avistara alguma terra alta envolvida pelas brumas!

Sorriu maliciosamente mais uma vez, e, sem dizer nada do que vira, retirou-se para o seu alojamento.

CAPÍTULO XII

NO HORIZONTE

A esta altura o vendaval tomava a sua feição mais terrível, a da tempestade. O vento rondara para o sudoeste, o ar deslocava-se com a velocidade de noventa milhas(1) por hora.

**1. Cerca de cento e sessenta e sete quilômetros.*

Era, com efeito, uma dessas tempestades que fazem dar à costa todos os navios que estão fundeados, e às quais, mesmo em terra, não resistem as mais sólidas construções. Tal foi a tempestade que em 25 de julho de 1825 devastou Guadalupe. Quando as pesadas peças de vinte e quatro são arrebatadas dos respetivos reparos, julgue-se do que poderá acontecer a um navio que não tem outro ponto de apoio senão o mar embravecido! E, contudo, é à sua mesma mobilidade que o navio deve a salvação! Cede aos impulsos do vento e, sendo bem construído, pode afrontar os mais violentos golpes de mar! Neste caso estava o “Pilgrim”.

Poucos minutos depois de o velacho se ter rompido, a vela de estai foi também levada pelo vento. Dick Sand não pensou em envergar e largar a polaca, pequena vela feita de lona muito forte, a qual teria servido para ajudar o navio a governar melhor.

O “Pilgrim” corria, pois, em árvore seca; o vento que atuava sobre o casco, sobre a mastreação e aparelho, bastava para dar ao patacho excessiva velocidade. Parecia algumas vezes que ele ia saltar das ondas, e era para crer que apenas lhes tocava de leve. Em tais condições os balanços do navio, produzidos pelas

enormes vagas, que a tempestade levantava, eram medonhos. Havia motivo para temer que metesse algum grande golpe de mar pela popa. As montanhas de água corriam mais do que o patacho, ameaçando engoli-lo se ele não fugisse depressa. O perigo é sempre grande para qualquer navio que corre com o tempo.

Mas o que se devia fazer para prevenir esta eventualidade? Não era possível aumentar a velocidade do “Pilgrim”, por isso que não se podia largar pano. Era pois indispensável governar bem, tendo cuidado com o leme. Dick Sand não o abandonava. Tinha-se amarrado pela cintura, a fim de não ser levado por algum golpe de mar. Tom e Bat, amarrados também, estavam prontos a correr em auxílio de Dick. Hercule e Acteon, agarrados às abitas, vigiavam pela proa fora.

Mrs. Weldon, Jack, primo Bénédicte e Nan conservavam-se, por ordem do práctico, nos camarotes. Mrs. Weldon teria preferido vir para a coberta. Mas Dick Sand opôs-se formalmente. Seria expor-se sem necessidade.

Todas as escotilhas estavam hermeticamente fechadas. Era de esperar que elas resistissem, se o navio embarcasse grandes golpes de mar; mas se por fatalidade cedessem sob o peso das enormes massas de água, o navio soçobraria. Felizmente, a carga estava bem estivada e não se deslocava, apesar de o patacho inclinar bastante.

Dick Sand reduzira ainda mais o número de horas que tinha destinadas para dormir, e por isso Mrs. Weldon, receando que ele adoecesse, obrigou-o a descansar algum tempo.

Foi também quando Dick estava deitado, na noite de 13 para 14 de Março, que ocorreu novo incidente.

Tom e Bat estavam à ré, quando Negoro, que vinha raras vezes para a popa, se aproximou e quis entabular conversação com eles; porém, Tom e seu filho não lhe

responderam.

De repente, com um balanço mais forte, Negoro caiu e teria ido para o mar se não se tivesse agarrado à bitácula.

Tom deu um grito, julgando que a bússola se tinha quebrado.

Dick Sand, que estava acordado, ouviu o grito, saiu do seu alojamento e correu para a popa.

Negoro estava já de pé, mas conservava na mão o pedaço de ferro que ele tirara debaixo da bitácula, e que escondeu antes que Dick Sand o visse.

Tinha, portanto, Negoro interesse em que a agulha retomasse a sua verdadeira direção? Sim; porque lhe servia o vento sudoeste que então soprava!

— Que aconteceu? — perguntou o práctico.

— Aconteceu que o maldito cozinheiro do inferno caiu sobre a bitácula! — respondeu Tom.

A estas palavras, Dick Sand, extremamente agitado, inclinou-se sobre a bitácula... Estava inteira, e a agulha, alumada pelas duas lanternas, descansava nos dois círculos concêntricos.

O coração do práctico pulsou de novo. A avaria na única agulha que havia a bordo seria uma desgraça irreparável.

Mas o que Dick Sand não pôde observar foi que, desde que se tirou o pedaço de ferro da bitácula, a agulha retomou a sua posição normal e indicava com exatidão o norte magnético, como devia ser indicado naquele meridiano.

Se não se podia fazer Negoro responsável pela queda, que parecia involuntária, Dick Sand tinha, no entanto, razão para se admirar de que o cozinheiro estivesse àquelas horas na ré do navio.

— Que faz aí? — perguntou Dick Sand.

— O que quero — respondeu Negoro.

— Que diz? — gritou Dick Sand, não podendo

reprimir um movimento de cólera.

— Digo — volveu o cozinheiro — que não há regulamento que me proíba de passear aqui à ré.

— Mas faço eu esse regulamento — replicou Dick —, e proíbo-o de voltar aqui.

— Está bem! — respondeu Negoro.

E este homem, sempre senhor de si, fez um gesto ameaçador.

O práctico tirou um revólver da algibeira e disse, dirigindo-se para o cozinheiro:

— Negoro, saiba que este revólver não me deixa nunca, e que ao primeiro ato de insubordinação lhe faço saltar os miolos!

Ao mesmo tempo, Negoro sentiu-se irresistivelmente curvar até ao convés.

Foi porque Hercule lhe pôs simplesmente a pesada mão sobre o ombro.

— Capitão Sand — perguntou o gigante —, quer que atire este maroto pela borda fora? É bom petisco para os peixes, que são de boa boca!

— Ainda não — respondeu Dick Sand.

Negoro levantou-se logo que a mão do negro deixou de lhe carregar sobre o ombro, mas, quando passou por diante de Hercule, murmurou:

— Negro maldito, tu mas pagarás!

Entretanto o vento rondava, ou pelo menos parecia ter saltado quarenta e cinco graus; e contudo, coisa notável, que impressionou o práctico, o mar não indicava tal mudança. O navio seguia ao mesmo rumo, mas o vento e as vagas, em vez de virem diretamente da popa, vinham de avante da alheta de bombordo — situação esta muito perigosa porque expõe o navio a receber maus golpes de mar. Dick Sand teve, pois, de arribar quatro quartas para continuar a correr com o tempo.

Por outro lado, a sua imaginação estava mais sobressaltada que nunca. Perguntava a si mesmo se não

haveria alguma relação entre a queda de Negoro e a avaria da agulha da câmara? O que tinha vindo fazer ali o cozinheiro? Teria ele algum interesse em que a segunda agulha se inutilizasse? Que interesse podia ser esse? Nada disto se explicava. Não desejava Negoro, como todos, chegar o mais cedo possível à costa da América?

Quando Dick Sand falou deste incidente a Mrs. Weldon, esta, conquanto desconfiasse também de Negoro, até certo ponto, não achou motivo plausível para supor uma criminosa premeditação do cozinheiro.

Negoro foi, por prudência, muito vigiado; não desatendeu as ordens do práctico, e nunca mais se atreveu a vir à ré, onde, demais a mais, o serviço não o chamava e onde Dingo fora alojado como sentinela permanente.

Passou a semana sem que a tempestade diminuísse. O barômetro desceu ainda mais. Desde o dia 14 até 26 nunca houve um recalmão que se aproveitasse para largar o pano. O “Pilgrim” corria para o nordeste com velocidade não inferior a duzentas milhas em vinte e quatro horas, e contudo a terra não aparecia! E a terra era a América, que se estende como imensa barreira entre o Atlântico e o Pacífico, na extensão de cento e vinte graus!

Dick Sand pensava se acaso teria enlouquecido, se teria ainda o sentimento da verdade, se não navegava havia tempo em direção errada. Não! Não podia enganar-se tanto. O Sol, apesar de coberto pelas nuvens, nascia-lhe sempre pela proa e ocultava-se para o lado da popa! Mas foi então a terra que desapareceu? A terra da América, sobre a qual o seu navio se ia perder talvez, onde estava ela? Ou fosse o continente do sul ou o do norte, porque tudo era possível naquele caos, o “Pilgrim” não deixaria de avistar um ou outro! O que acontecera desde o começo da medonha tempestade? O que era

que acontecia ainda, porque a costa tão desejada, ou fosse a salvação ou a perda, não aparecia?

Devia Dick Sand supor que a bússola o enganava, mas os erros não os podia verificar desde que perdera a agulha da câmara. Assaltou-o este receio, único que explicava a ausência da terra!

Por isso Dick Sand, quando não estava ao leme, não tirava os olhos da carta! Era porém inútil interrogá-la, porque não lhe podia ela decifrar o enigma que Negro engendrara, e que era tão incompreensível para Dick como seria para qualquer outra pessoa!

No dia 21 de Março, pelas oito horas da manhã, produziu-se um incidente muito grave.

Hercule, que estava de vigia à proa, gritou: — Terra! Terra!

Dick Sand saltou para o castelo. Hercule, porque não tinha a vista de marinheiro, não se poderia ter enganado?!

— Terra? — perguntou Dick Sand. — Onde?

— Ali — respondeu Hercule, apontando para um ponto quase imperceptível no horizonte, na direção do nordeste.

A custo se ouviam as vozes, entre os rugidos do mar e o zunido do vento.

— Viste a terra? — perguntou o práctico.

— Vi — assegurou Hercule, afirmando com a cabeça. E estendeu a mão para a amura de bombordo. O práctico olhava, mas não avistava nada.

Mrs. Weldon, que tinha ouvido o grito de Hercule, subiu para a coberta, apesar da promessa em contrário que havia feito.

— Mistress!... — exclamou Dick Sand.

Mrs. Weldon, não podendo fazer-se ouvir, tentou ver a terra e parecia que tinha concentrados todos os sentidos nos seus olhos. Era de crer que a mão de Hercule indicasse mal o ponto do horizonte que pretendia

designar, pois nem Mrs. Weldon nem o prático conseguiram ver a terra.

Mas, de repente, Dick Sand estendeu também a mão.

— Sim! Sim, é terra! — disse então.

Via-se uma espécie de pico elevado, aparecendo por entre as nuvens. Os olhos de Dick Sand, olhos de marinheiro, não o enganavam.

— Enfim! — exclamou ele. — Enfim!

Dick agarrava-se à borda com esforço febril. Mrs. Weldon, segura por Hercule, não deixava de olhar aquela terra quase inesperada.

A costa formada pela terra alta que se avistava demorava então por bombordo à distância de dez milhas. Quando aclarou, viu-se melhor por uma abertura das nuvens. Era talvez algum promontório do continente americano. O “Pilgrim”, em árvore seca, como ia, não podia orçar, mas não deixaria de se chegar para terra.

Era questão de poucas horas. Seriam, quando isto se passou, oito horas da manhã; por consequência era provável que antes do meio-dia o “Pilgrim” estivesse próximo da terra avistada.

A um sinal de Dick Sand, Hercule conduziu Mrs. Weldon para a ré, porque sozinha não teria resistido à violência do balanço de popa à proa.

O prático demorou-se ainda à proa, mas por pouco tempo, e voltou para o leme, onde estava o velho Tom.

Descobriu, enfim, a costa, tão tardiamente vista e tão ardentemente desejada! Mas via-a com pavor.

Com efeito, nas condições em que se encontrava o “Pilgrim”, isto é, correndo com o tempo, a terra por sotavento era o naufrágio com todos os seus horrores.

Passaram duas horas. O promontório ficava então pelo través do navio.

Nesta ocasião viu-se Negro no convés. Olhava para a costa com grande atenção; sacudiu a cabeça

como homem entendido, e voltou para o seu posto, depois de ter pronunciado um nome, que ninguém pôde ouvir.

Dick Sand procurava avistar a costa, que devia aparecer por detrás do promontório.

Passaram mais duas horas. O promontório demorava já pela alheta, e a costa ainda se não via!

O horizonte, porém, estava mais leve; uma terra alta, como a América, coroada pela cordilheira dos Andes, devia avistar-se a mais de vinte milhas.

Dick Sand pegou no óculo e correu com ele o horizonte para o lado de leste.

Não viu nada!

Às duas horas da tarde os últimos vestígios da terra tinham já desaparecido pela popa do “Pilgrim”. Para a proa o óculo não conseguia descobrir o contorno de uma costa, alta ou baixa.

Um grito escapou então a Dick Sand. Abandonou a coberta e desceu precipitadamente à câmara, onde estava Mrs. Weldon, Jack, Nan e primo Bénédict.

— Uma ilha! Era uma ilha! — disse ele.

— Uma ilha, Dick! Mas qual pode ser? — perguntou Mrs. Weldon.

— A carta no-lo dirá! — respondeu o prático. E foi buscar a carta.

— Ela aqui está, Mrs. Weldon, aqui! — disse ele. — Aquela terra que avistamos não pode ser senão este ponto perdido no meio do Pacífico! Não pode ser senão a ilha de Páscoa. Não há outra nesta altura.

— E já nos fica para a ré? — perguntou Mrs. Weldon.

— Fica pela popa, muito a barlavento de nós!

Mrs. Weldon olhava com muita atenção para a ilha de Páscoa, que na carta se representava por um ponto quase imperceptível.

— E a que distância está a ilha da costa da

América?

— A trinta e cinco graus.

— Que representam?...

- — Mais de duas mil milhas.

— Parece pois que o “Pilgrim” não tem andado, por isso que estamos tão afastados do continente!

— Mrs. Weldon — respondeu Dick Sand, passando a mão pela fronte, como para concentrar as suas ideias -, não sei... não posso explicar este incrível atraso. Não sei, repito, não o posso explicar, salvo se as indicações da agulha têm sido erradas! Mas esta ilha não pode ser outra senão a ilha de Páscoa, porque nós corremos à popa ao rumo do nordeste; e devemos dar graças aos céus por nos terem permitido corrigir a nossa derrota. Sim, é a ilha de Páscoa! Está ainda a duas mil milhas da costa! Sei finalmente para onde nos impeliu a tempestade, e, quando abonançar, aproximar-nos-emos do continente americano com probabilidades de nos salvarmos! Agora já o nosso navio não está perdido na imensidade do oceano Pacífico!

A confiança de que dava mostras o práctico comunicou-se a todos que o ouviam, até mesmo a Mrs. Weldon. Parecia que aquela pobre gente, enfim, ao cabo de todos os seus trabalhos, e que o “Pilgrim”, achando-se a barlavento do porto do seu destino, só aguardava ocasião propícia para entrar!

A ilha de Páscoa — o verdadeiro nome é Valhou — , descoberta por David em 1686, visitada por Cook e La Pérouse, está na latitude sul de 27° e 112° na longitude este. Se o patacho fora levado de mais de quinze graus para o norte, era evidentemente devido à tempestade do sudoeste, diante da qual fugia.

O “Pilgrim” estava, portanto, a duas mil milhas da costa; contudo, sob a ação do vento tão forte, devia em menos de dez dias chegar a qualquer ponto do litoral da América do Sul.

Não seria provável que o vento abonançasse, e que se pudesse largar algum pano quando se reconhecesse a terra?

Tal era a esperança de Dick Sand. Dizia ele que o temporal, que durava havia muitos dias, acabaria cansado; e agora que, pela marcação da ilha de Páscoa, conhecia exatamente a sua posição, tinha razões para acreditar que, senhor do navio, saberia conduzi-lo a lugar seguro.

O conhecimento daquele ponto isolado no meio do mar, como se fosse um favor da Providência, dera confiança a Dick Sand; se continuava a navegar ao capricho do temporal, que ele não podia dominar, ao menos não navegava às cegas.

O “Pilgrim”, porque era solidamente construído e bem aparelhado, pouco sofreu com os choques impetuosos do mar. As avarias reduziam-se unicamente à perda do velacho e da vela de estai — perda que aliás seria fácil de reparar. Não abrira água nem pelo fundo nem pelos altos. As bombas funcionavam otimamente. A este respeito não havia nada a recear.

Restava, pois, o interminável temporal, sem dar indício de moderar os seus furores. Se Dick Sand podia com o seu navio lutar contra a tormenta, não podia mandar abonançar o vento, abater o mar e serenar o céu. A bordo era ele “senhor depois de Deus”; fora dali, só Deus dominava os ventos e as ondas.

CAPÍTULO XIII

TERRA! TERRA!

A confiança de Dick Sand ia ser em parte justificada. No dia seguinte, 27 de Março, a coluna de mercúrio elevou-se no tubo barométrico. A oscilação não foi rápida, nem muito grande, alguns décimos apenas, mas a progressão parecia continuar. O temporal diminuía evidentemente, e, se o mar continuava excessivamente alteroso, notava-se que o vento enfraquecia à proporção que rondava para o oeste.

Dick Sand não podia pensar em largar o pano. A mais pequena vela teria sido levada; contudo esperava que antes de vinte e quatro horas poderia içar a polaca.

Durante a noite o vento abonançou muito e o navio foi menos sacudido pelos balanços, que pareciam desligá-lo.

Os passageiros começaram a reaparecer na coberta. Já não havia risco de serem levados pelo mar.

Mrs. Weldon foi a primeira que saiu da câmara, onde Dick Sand por prudência a obrigou a estar enquanto durou o temporal. Veio conversar com o práctico, que uma vontade sobrenatural tornara apto para resistir a tantas fadigas. Magro, pálido, apesar de queimado, devia sentir-se fraco, pela privação do sono, tão necessário na sua idade. Contudo, aquela constituição robusta a tudo resistia. Talvez que mais tarde viesse a pagar tantas provações! Não era, porém, a ocasião para desanimar.

Dick Sand conhecia bem isso e Mrs. Weldon veio encontrá-lo mais enérgico que nunca.

Demais, Sand tinha confiança em si, e a confiança

não se ordena, mas domina.

— Dick, meu filho, meu capitão! — disse Mrs. Weldon, apertando a mão do práctico.

— Ah! Mrs. Weldon — exclamou Dick Sand, sorrindo —, desobedece ao seu capitão! Deixa a câmara e vem para a coberta, apesar de todos os pedidos que ele lhe fez!

— Sim, desobedeço-te — tornou Mrs. Weldon —, porque pressinto que a tempestade acalmou ou vai acalmar!

— Acalma com efeito. Não se engana. Desde ontem que o barômetro não desce e o vento abonança; por isso acredito que as nossas privações já passaram.

— O céu te ouça, Dick. Tens sofrido muito, meu filho! Tu, tens feito...

— A minha obrigação, Mrs. Weldon.

— Mas vais enfim descansar?

— Descansar! — respondeu o práctico. — Não tenho necessidade de descansar, Mrs. Weldon! Graças a Deus, sinto-me bem, e já agora é indispensável levar isto ao fim. Nomeou-me capitão, serei capitão até desembarcar todos os passageiros do “Pilgrim”.

— Dick — tornou Mrs. Weldon —, meu marido e eu nunca esqueceremos o que tu fizeste.

— Foi Deus quem tudo fez — afirmou Dick Sand. — Tudo!

— Dick, repito-te, pela tua energia moral e física, mostraste-te homem e digno de comandar, e dentro de pouco tempo, logo que concluíres os teus estudos — meu marido não me há de contrariar —, comandarás os navios da casa James W. Weldon!

— Eu... Eu!... — exclamou Dick Sand, cujos olhos se velaram de lágrimas.

— Dick — prosseguiu Mrs. Weldon —, tu já eras nosso filho adoptivo; agora és mais, porque és o salvador de tua mãe e do teu irmão Jack! Meu querido Dick,

abraço-te por meu marido e por mim!

Desejaria a animosa senhora não se comover quando apertou o prático nos seus braços, mas o seu coração trasbordava. As impressões de reconhecimento que Dick Sand sentia, qual é a pena que poderá descrevê-las?! Perguntava a si mesmo se dar a vida pelos seus benfeitores era bastante, e aceitava de antemão todas as provações que o futuro lhe tivesse reservadas.

Depois desta conversa, Dick Sand sentia-se mais fortalecido. Fosse o vento mais brando, de modo que pudesse largar algum pano, e não teria dúvida de dirigir o navio para qualquer porto, onde finalmente desembarcaria sãos e salvos todos aqueles que conduzia a seu bordo.

A 29, tendo o vento diminuído, Dick Sand fez largar o traquete ao velacho, a fim de aumentar a velocidade do “Pilgrim”, mantendo-o a navegar.

— Vamos, Tom, vamos! — gritou Dick, logo que subiu para a coberta, ao amanhecer. — Tenho necessidade de vocês.

— Estamos todos prontos, capitão Sand — respondeu o velho Tom.

— E prontos para tudo — acrescentou Hercule. — Não havia nada a fazer enquanto durou o temporal; parece-me que os braços se iam enferrujando!

— Se soprasses com a tua grande boca — disse Jack —, aposto que teria tanta força como o vento.

— Isso é boa ideia, Jack! — respondeu Dick Sand rindo. — Quando houver calma, Hercule há de soprar!

— Porque não, Sr. Dick! — replicou o negro, enchendo as bochechas como se fosse um Bóreas gigante.

— Agora — continuou o prático —, vamos começar por envergar o velacho de sobresselente, porque o que tínhamos na verga foi levado pela tormenta. Não é difícil,

mas é necessário que se faça.

— E há de fazer-se — asseverou Acteon.

— Posso ajudar? — perguntou Jack, sempre disposto para a manobra.

— Sim, Jack — respondeu o práctico. — Tu vais para a roda do leme com Bat, para o ajudares a governar.

É supérfluo dizer que Jack ficou cheio de orgulho por ser moço do governo a bordo do “Pilgrim”.

— Mãos à obra — tornou Dick Sand —, e, tanto quanto for possível, não nos exponhamos.

Os negros, guiados pelo práctico, começaram o trabalho. Envergar uma gávea oferecia dificuldades para Tom e para os seus camaradas. Primeiro havia de içar-se a vela enrolada, e depois se fixaria na verga.

Porém, Dick Sand -mandou com tal acerto e foi tão bem obedecido que, depois de uma hora de trabalho, a vela estava envergada, caçada e içada nos segundos rizes.

O traquete, que pôde ser ferrado antes de o temporal se declarar, bem como a vela de estai, largaram-se sem dificuldade apesar da força do vento.

Enfim, naquele dia, às dez horas da manhã, já o “Pilgrim” navegava com o traquete, velacho e vela de estai.

Dick Sand não julgara prudente largar mais pano. As velas, que levava largas, garantiam, enquanto o vento não abonançasse mais, singraduras de duzentas milhas; era quanto bastava para chegar à costa da América em menos de dez dias.

O práctico estava satisfeitíssimo quando voltou para o leme e retomou o seu posto, depois de ter agradecido a Jack, o moço de governo do “Pilgrim”. Já não navegava à mercê do mar. Ia em boa rota. Compreendem a alegria de Dick Sand todos aqueles que conhecem as coisas do mar.

No dia seguinte as nuvens corriam ainda com a

mesma velocidade, deixando, porém, grandes claros, por onde os raios do Sol desciam até à superfície das águas. O “Pilgrim” ainda de vez em quando embarcava alguma água.

Era magnífica aquela luz vivificante! Algumas vezes eclipsavam-na grandes massas de vapores, que caminhavam para leste, depois aparecia de novo, tornava a desaparecer ainda; mas o tempo melhorava sempre.

Abriam-se as escotilhas para ventilar o interior do navio. O ar salubre penetrava no porão, na câmara e no alojamento da tripulação. O pano, que estava úmido, estendeu-se a enxugar sobre as antenas. Baldeou-se a coberta. Dick Sand não queria que o seu navio fundeasse sem ir limpo. Algumas, mas poucas horas, empregadas todos os dias neste serviço, bastavam, e sem cansar a tripulação, para chegar com o navio asseado.

Conquanto o práctico não tivesse barquinha, tinha contudo a prática bastante de estimar, pela vista, o andamento do navio. Não duvidava pois avistar a terra dentro de sete dias, e desta opinião fez ele participar Mrs. Weldon, depois de lhe ter mostrado na carta a posição provável do “Pilgrim”.

— A que ponto da costa aportaremos, meu caro Dick? — perguntou ela.

— A este, Mrs. Weldon — respondeu o práctico, indicando a longa faixa da costa que se estende do Peru ao Chile. — Não sei calcular melhor. Aqui está a ilha de Páscoa, que deixamos a oeste, e pela direção do vento, que foi constante, concluo que marcaremos a costa a leste. Os ancoradouros são em grande número por toda esta costa, mas precisar aquele que avistaremos não me é possível agora.

— Muito bem, Dick, seja qual for o ponto que se avistar, será visto com alvoroço!

— Decerto, Mrs. Weldon, e nele encontrará meios

de seguir imediatamente para São Francisco. A Companhia de Navegação do Pacífico tem um serviço muito bem organizado em toda a costa, e os seus vapores fazem escala por todos os portos principais. Ser-lhe-á, pois, muito fácil, Mrs. Weldon, tomar passagem para a Califórnia.

— E tu tencionas levar o “Pilgrim” para São Francisco? — perguntou Mrs. Weldon.

— Sim, depois de a ter desembarcado. Se encontrarmos um oficial e tripulantes, iremos a Valparaíso descarregar, como era intenção do capitão Hull. Depois voltaremos para o nosso porto de amarração. Mas isto retardá-la-á muito, e apesar de eu ter muita pena de me separar de Mrs. Weldon...

— Bem, Dick — tornou Mrs. Weldon. — Veremos mais tarde o que convém fazer. Parecia-me que receavas os perigos da terra?

— E são para temer com efeito — respondeu o prático —, mas espero encontrar navios nessas alturas, e admiro-me até de ainda os não ver. Um só que passasse bastaria; comunicávamos com ele e dele saberíamos qual era a nossa posição, o que facilitaria a chegada do “Pilgrim” à terra,

— Não há práticos nesta costa? — perguntou Mrs. Weldon.

— Devem encontrar-se — respondeu Dick Sand —, mas muito mais perto da terra. É necessário aproximarmo-nos mais.

— E se não encontrarmos pilotos?... — tornou Mrs. Weldon, insistindo, para saber como o prático resolveria as dificuldades que se apresentassem.

— Em tal caso, Mrs. Weldon, ou o tempo se conserva claro, o vento regular, e eu costeio a terra, muito perto, para descobrir porto seguro, ou o vento refresca, e então...

— Então? Que farás tu, Dick?

— Nas condições em que está o “Pilgrim”, uma vez chegado para a terra, seria difícil fugir para o mar.

— Mas que farás tu nesse caso? — repetiu Mrs. Weldon.

— Ver-me-ei obrigado a encalhar — declarou o prático, cuja fronte se anuviou um instante. — Ah! Seria cruel extremidade. Deus no-la afaste! Mas repito, Mrs. Weldon, a aparência do céu está tranquilizadora e é impossível que um navio ou um barco de pilotos nos não veja! Portanto, não desanimar! Levamos a proa à terra, havemos de avistá-la dentro de pouco tempo!

Dar com o navio à costa é dura extremidade, a qual o mais valente marinheiro não encara sem pavor! Por isso, Dick Sand não queria pensar em tal, enquanto lhe sorrissem algumas probabilidades de escapar ao perigo. Durante alguns dias houve de novo alternativas no estado da atmosfera, que inquietaram muito o prático. O vento mantinha-se muito fresco, e as oscilações da coluna barométrica indicavam que ele tendia a refrescar. Dick Sand pensava que talvez tivesse ainda de correr em árvore seca. Tinha tão grande empenho de conservar largo, pelo menos o velacho, que resolveu não meter esta vela dentro, enquanto não tivesse risco de a perder. Mas para garantir a segurança dos mastros fez tesar as enxárcias e os brandais. Importava não agravar a situação, que se tornaria perigosíssima se o “Pilgrim” desarvorasse.

Uma ou duas vezes também, a subida do barômetro fez recear que o vento mudasse e se fixasse para leste. Seria então necessário navegar de bolina.

Novos motivos de ansiedade para Dick Sand. Que faria ele tendo o vento contrário? Bordejar? Mas, se a tal fosse obrigado, que de delongas e riscos de ser arrastado para mais longe!

Estes receios, felizmente, não se realizaram. O vento, depois de ter variado durante alguns dias,

soprando, ora do norte, ora do sul, fixou-se no oeste; mas era sempre vento duro, que fatigava muito a mastreação.

Chegara o dia 5 de Abril. Mais de dois meses se tinham passado desde a partida do “Pilgrim” da Nova Zelândia. Durante vinte dias, foram os ventos contrários e as calmas que lhe retardaram a marcha; depois achou-se em condições favoráveis para seguir rapidamente para o seu destino. Enquanto durou o temporal, a velocidade do patacho foi grande. Dick Sand não a estimava em menos de duzentas milhas por dia, termo médio. Por que razão não se avistava ainda a costa? Fugiria ela diante do “Pilgrim”? Era inexplicável.

E, contudo, nenhuma terra se avistava ainda no horizonte, apesar de um dos negros estar sempre de vigia nos vaus de joanete.

Muitas vezes Dick Sand subia também, e lá em cima, de óculo assestado, procurava descobrir qualquer aparência de montanhas. A cordilheira dos Andes é muito elevada; era pois acima das nuvens que se devia procurar algum pico que emergisse das brumas do horizonte.

Mais de uma vez Tom e os seus companheiros foram enganados por falsos indícios de terras. Eram vapores, afectando formas caprichosas, que se levantavam no último plano. Aconteceu até que os negros teimavam nas suas afirmações, mas, passado tempo, reconheciam que tinham sido enganados por uma ilusão de óptica. A suposta terra deslocava-se, mudava de forma e por fim desfazia-se completamente.

A 6 de Abril, porém, não houve dúvida, não a podia haver. Eram oito horas da manhã. Dick Sand subira aos vaus de joanete. Nesse momento as névoas condensavam-se sob a influência dos raios solares, e o horizonte estava limpo.

Da boca de Dick Sand escapou-se, enfim, o grito tão ansiosamente esperado.

— Terra! Terra pela proa!

A este grito todos correram para a coberta: Jack, curioso como todas as crianças da sua idade; Mrs. Weldon, cujos cuidados cessavam com a chegada; Tom e os seus companheiros, que iam finalmente pisar de novo o solo da América, e até primo Bénédict, que esperava fazer uma rica coleção de novos insetos.

Só Negro não apareceu. Todos viram então o que Dick Sand já tinha visto, uns distintamente, outros com os olhos da imaginação.

O prático, habituado como estava a observar o horizonte no mar, não se iludia, e uma hora depois verificou-se que não se enganara.

À distância de cerca de quatro milhas para o lado de leste, desenhava-se uma costa baixa, ou pelo menos tinha essa aparência. Devia dominá-la a alta cordilheira dos Andes, mas a última zona de nuvens não deixava ver as cumeadas das montanhas.

O “Pilgrim” corria direta e rapidamente sobre a costa, a qual se estendia a olhos vistos.

Duas horas depois distava dela apenas três milhas. Esta parte da costa terminava ao nordeste por um cabo bastante elevado, que encobria uma pequena enseada. Pelo contrário, para o sudoeste alongava-se, formando estreita língua de terra.

Raras árvores coroavam rochas escarpadas e pouco altas, as quais se destacavam então sobre o céu, mas era evidente, pelo caráter geográfico do país, que a elevada cadeia dos Andes devia formar o fundo do quadro.

Nenhuma habitação, nenhum porto, nenhuma embocadura de rio que pudesse servir de refúgio aos navios.

O “Pilgrim” corria direito para a terra. Com o pano reduzido que levava e vento de travessia, Dick Sand não podia orçar com o navio.

Na proa florescia larga faixa de recifes, sobre os quais o mar estendia alvos lençóis de espuma. Viam-se as ondas, desenrolando-se, chegarem até meia altura das rochas. A ressaca devia ser enorme.

Dick Sand, depois de estar no castelo a observar a costa, voltou para a ré, silencioso, e foi para o leme.

O vento refrescava mais. O patacho estava apenas a uma milha da terra.

Dick Sand viu então uma espécie de pequena angra, na qual resolveu abicar, mas antes de chegar a ela tinha de atravessar uma linha de recifes, entre os quais seria difícil descobrir um canal. A rebentação indicava que a água saltava por toda a parte.

Dingo, que naquela ocasião andava na coberta, de vante para ré, correu para a proa e, vendo a terra, ladrou tristemente. Dir-se-ia que o cão conhecia o litoral e que o seu instinto lhe recordava tristes lembranças. Negroro ouviu-o, sem dúvida, porque um irresistível sentimento o arrastou para fora da cozinha, e, ainda que receasse o cão, veio encostar-se à amurada.

Felizmente para Negroro, Dingo, cujos latidos sempre tristes se dirigiam para a terra, não o via.

Negroro olhava para a rebentação sem dar mostras de susto. Mrs. Weldon, que o observava, julgou ver que Negroro corara e que as suas feições se contraíram.

Conheceria Negroro aquele ponto do continente para onde os ventos tinham levado o “Pilgrim”?

Dick Sand neste momento deixou o leme, que entregou a Tom. Viu ainda a pequena angra que se abria, pouco a pouco; depois, dirigindo-se para Mrs. Weldon, disse-lhe com voz firme: — Perdi toda a esperança de encontrar refúgio! Antes de meia hora o “Pilgrim” estará sobre os escolhos. É inevitável dar à costa. Não levarei o meu navio a porto de salvamento! Sou obrigado a perder o patacho para a salvar; mas, Mrs. Weldon, entre a sua salvação e a do navio, não hesito!

— Fizeste tudo quanto estava ao teu alcance, Dick?
— perguntou Mrs. Weldon.

— Tudo! — afirmou o prático.

E imediatamente começou os preparativos necessários para encalhar.

Antes de tudo foram postos, a Mrs. Weldon, Jack, primo Bénédicte e Nan, cintos de salvação. Dick Sand, Tom e os negros, como hábeis nadadores, prepararam-se para ganhar a terra a nado, se acaso tivessem de se lançar ao mar.

Hercule devia particularmente tomar conta em Mrs. Weldon. O prático encarregava-se de Jack. Primo Bénédicte, muito tranquilo, apareceu na coberta trazendo a tiracolo a sua caixa de entomologista. O prático recomendou-o a Bat e a Agostinho. Quanto a Negro, o seu aspecto, singularmente sereno, dizia claramente que ele não necessitava do auxílio de ninguém.

Dick Sand, por suprema precaução, mandou pôr sobre o castelo doze barris do carregamento, cheios de óleo de baleia.

O óleo, lançado ao mar exatamente no momento em que o “Pilgrim” estivesse sobre a arrebentação, devia acalmá-lo por algum tempo, lubrificando, por assim dizer, as moléculas da água. Esta operação facilitaria talvez a passagem do navio entre os recifes.

Dick Sand nada queria desprezar de quanto pudesse concorrer para a salvação de todos.

Tomadas as necessárias precauções, o prático retomou o seu lugar ao leme.

O “Pilgrim” estava a duas amarras da costa, isto é, quase a tocar nas pedras; o costado de estibordo banhava-se na espuma branca da ressaca. A cada momento o prático esperava sentir a quilha do navio bater em algum rochedo do fundo.

De repente, Dick Sand percebeu, pela mudança na cor da água, que um estreito canal passava entre os

recifes. Era preciso sem hesitar seguir atrevidamente por ele, a fim de ir encalhar o mais perto possível da praia.

Não hesitou. Com uma guinada, meteu o navio pelo estreito e sinuoso canal. Neste lugar o mar estava ainda mais furioso e as ondas ressaltavam para a coberta.

Os negros estavam na proa, próximo dos barris, esperando as ordens do práctico.

— Despejem o óleo! Despejem! — gritou Dick Sand. Sob a ação do óleo, que se deitava com abundância, o mar sossegou como por encanto, mas pronto a tornar-se mais furioso, instantes depois.

O “Pilgrim” deslizou rapidamente sobre as águas lubrificadas e pôs a proa direita para a terra.

Subitamente sentiu-se um choque. O navio, levantado por uma onda formidável, tinha encalhado, e a mastreação caiu, sem ferir ninguém.

O casco do “Pilgrim”, aberto pelo choque, foi invadido pela água, com grande violência. Mas a praia estava a menos de meia amarra, e uma fiada de pedras pequenas e negras dava fácil passagem.

Assim, dez minutos depois, todos que o “Pilgrim” trazia a bordo tinham desembarcado junto das rochas.

CAPÍTULO XIV

O QUE CONVINHA FAZER

Em seguida a uma viagem contrariada ao princípio por calmas e favorecida depois pelos ventos dos quadrantes noroeste e sudoeste, a qual durou setenta e quatro dias, o “Pilgrim” deu à costa.

Contudo, Mrs. Weldon e os seus companheiros deram graças à Providência logo que se encontraram salvos. Foi com efeito sobre um continente e não numa das funestas ilhas da Polinésia que a tempestade os lançou. A repatriação dos náufragos, qualquer que fosse o ponto da América do Sul em que estivessem, não devia apresentar grandes dificuldades.

O “Pilgrim” estava completamente perdido. Era apenas um casco de pouco ou nenhum valor, que a rebentação desfaria dentro de poucas horas. Seria impossível salvar alguma coisa. Se Dick Sand não teve o prazer de levar o navio intato ao seu dono, ao menos aqueles que vinham a bordo estavam sãos e salvos em terra hospitaleira, e entre eles a mulher e o filho de James Weldon.

Pelo que dizia respeito ao conhecimento do lugar onde o patacho naufragou, assunto era este de não fácil resolução. Seria, como supunha Dick Sand, a costa do Peru? Talvez, porque Dick Sand sabia, pelas marcações que fez na ilha de Páscoa, que o “Pilgrim” tinha sido levado para o nordeste pela ação dos ventos e também pela influência das correntes da zona equatorial.

Dos quarenta e três graus de latitude, chegara até aos quinze. Era, pois, muito importante fixar bem e o mais depressa possível o ponto da costa em que o

patacho se perdera. Aceitando-se como certo que aquela costa era a do Peru, os portos, as aldeias ou as vilas não faltavam, e, conseqüentemente, seria fácil alcançar qualquer ponto habitado. A parte do litoral onde o navio naufragara parecia de todo deserta.

Era uma estreita praia de areia, semeada de pedras escuras, da qual se erguia a rocha escarpada e cortada por sulcos irregulares. Aqui e ali ladeiras suaves davam acesso para a eminência.

Do lado do Norte, talvez a um quarto de milha do lugar do naufrágio, abria-se a embocadura de um pequeno rio, que se não avistou do mar. Nas suas margens cresciam numerosos rizóforos, espécie de mangueiras essencialmente distintas das suas congêneres da Índia.

No alto do rochedo — viu-se pouco depois — havia uma espessa floresta, cujos tufos de verdura, ondulantes à vista, se estendiam até às montanhas que formavam o fundo do quadro. Se primo Bénédict fosse botânico, quantas árvores novas para ele teriam provocado a sua admiração!

Viam-se as altas adansônias, árvores a que erradamente se tem atribuído longevidade extraordinária e cuja casca se assemelha à sienite egípcia, os tamarindos, pimenteiras de espécie rara, e centenas de outros vegetais, que os Americanos não estão habituados a ver na região boreal do novo continente.

Mas — circunstância muito notável — entre estas várias espécies florestais não se encontrou um exemplar da numerosa família das palmeiras, que conta mais de mil espécies, profusamente espalhadas por toda a superfície do Globo.

Sobre a praia esvoaçavam muitas aves, soltando gritos estrídulos, a maior parte das quais, pertencentes às diferentes variedades de andorinhas, tinham plumagem negra com reflexos azulados e a parte

superior da cabeça de cor ruiva-acastanhada. Aqui e ali viam-se algumas galinhas do mato. Mrs. Weldon e Dick Sand notaram que aqueles diversos voláteis não pareciam muito selvagens. Deixavam aproximar-se-lhes sem nada recearem. Não teriam ainda aprendido a temer o homem e seria por acaso aquela costa tão abandonada que a detonação das armas de fogo nunca ali se tivesse ouvido?

Na orla dos escolhos passeavam alguns pelicanos da espécie do pelicanomiori, os quais se entretinham enchendo de peixes o saco que têm na mandíbula inferior.

Algumas gaivotas, vindas do mar, giravam em roda do “Pilgrim”.

Estas aves eram os únicos seres vivos que pareciam frequentar aquele lugar, excetuando, porém, grande número de insetos, que primo Bénédicte decerto descobriria. Jack desejava muito saber o nome do país em que estava, mas as aves e os insetos não o podiam dizer; para lhe responder seria, pois, necessário perguntá-lo aos indígenas. Não os havia ou não se viam. Tão-pouco se encontravam sinais de habitação, cabana ou choça, nem ao norte, para além do pequeno rio, nem para o sul, nem finalmente para a parte superior da rocha, entre as árvores da espessa floresta. Não se via no ar um fumozinho sequer. Nem um sinal, vestígio ou pegada, indicava que aquela porção do continente fosse visitada por seres humanos.

Dick Sand estava cada vez mais surpreendido.

— Onde estamos, onde podemos estar? — perguntava ele. — Pois que não há aqui ninguém?

Ninguém, na verdade, e seguramente, se algum indígena se aproximasse, Dingo tê-lo-ia sentido e anunciado ladrando. O cão percorria a praia de um para outro lado, com o focinho levantado, a cauda caída, rosnando surdamente, e muito extraordinário no aspecto,

não denunciando, porém, a aproximação de homens ou de animais.

— Dick, olha para Dingo! — advertiu Mrs. Weldon.

— É verdade, tem alguma coisa de extraordinário — respondeu o prático. — Parece que procura um rasto.

— Muito extraordinário, é verdade! — murmurou Mrs. Weldon.

Depois continuou:

— Que faz Negoro?

— Faz o mesmo que Dingo — respondeu Dick Sand. — Anda de um para outro lado!... Aqui está livre. Não tenho o direito de lhe dar ordens. O seu serviço terminou quando acabou o “Pilgrim”!

Efetivamente, Negoro andava sobre a areia, voltava-se, contemplava a praia e as rochas, como quem procura reunir e fixar todas as suas lembranças. Conheceria ele aquele sítio? Provavelmente recusar-se-ia a responder a esta pergunta se lhe fizessem. O melhor era não atender àquela personagem tão pouco sociável. Dick vira-o encaminhar-se para o lado do pequeno rio, e, logo que desapareceu na curva da rocha, nunca mais pensou nele.

Dingo ladrou quando o cozinheiro chegou à praia, mas calou-se pouco depois.

Era ocasião de pensar no mais instante. O queurgia mais era escolher um refúgio, um abrigo qualquer onde pudessem provisoriamente dormir e comer. Depois se pensaria e decidiria o que mais convinha fazer.

A alimentação não dava cuidado. Sem falar dos recursos que a região devia oferecer, a despensa do navio ficara despejada em proveito dos náufragos. O mar, aqui e ali, por entre os escolhos que a vazante descobriu, arrojara grande quantidade de objetos. Tom e os seus companheiros tinham apanhado barricas de bolacha, latas de conservas alimentícias e barris de carne salgada, que a água não havia ainda avariado. A

alimentação do pequeno grupo estava pois garantida por mais tempo que o necessário para chegar a qualquer aldeia ou povoação. Sob este ponto de vista nada havia a recear.

Os diversos salvados estavam postos em sítio onde não chegava a preia-mar.

Não faltava a água doce. Em primeiro lugar, Dick Sand teve o cuidado de mandar Hercule buscar uma pequena quantidade de água. Mas o vigoroso negro trouxe aos ombros uma quartola de pura e boa água do rio, que na baixa-mar ficava perfeitamente potável.

Lume, se fosse necessário, não faltaria; havia nas proximidades madeira seca e raízes de mangueiras, para fornecer o combustível de que se carecesse. O velho Tom, fumador insaciável, tinha consigo, em caixa hermeticamente fechada, uma porção de isca, e, quando se quisesse, petiscaria fogo ainda que fosse com os sílex da praia.

Só faltava encontrar a gruta onde se abrigasse o pequeno grupo, para o caso de ser conveniente descansar antes de se pôr a caminho.

Foi Jack quem encontrou o abrigo que se procurava. Brincando junto à rocha, numa curva que ela fazia, Jack descobriu uma dessas cavernas, limpas e nuas, que o mar cava em rochedos, quando as ondas, engrossadas pela fúria das tempestades, rebenta nas costas.

A criança estava satisfeitíssima. Chamou a mãe, dando gritos de alegria, e mostrou-lhe com ar de triunfo a sua descoberta.

— Muito bem, meu Jack! — disse Mrs. Weldon. — Se fôssemos Robinsons, destinados a viver largo tempo sobre esta praia, não nos esqueceríamos decerto de dar o teu nome à tua gruta.

A gruta tinha dez pés de profundidade e outros tantos de largura; mas para Jack era uma caverna enorme; bastava porém para abrigar os náufragos, e Mrs.

Weldon e Nan viram com satisfação que estava perfeitamente seca. Por ser quarto crescente, as marés eram mortas; por consequência, a água não chegaria à base do rochedo e menos ainda à gruta. Era, pois, quanto bastava para descansar algumas horas.

Dez minutos depois estavam todos estendidos sobre um tapete de vareques. Negoro veio também juntar-se ao grupo e tomar parte na refeição, que seria feita em comum. Indubitavelmente Negoro não julgara conveniente aventurar-se só pela espessa floresta, por entre a qual se sumia aquele sinuoso rio.

Era uma hora da tarde. Carne de conserva, bolacha, água doce com algumas gotas de rum, de uma pequena quartola que Bat salvou, foi o jantar.

Negoro comeu, mas não tomou parte na conversação, na qual se discutiam as medidas que exigia a situação dos náufragos. Sem contudo o parecer, prestou muita atenção e por certo aproveitou do que ouviu.

Durante este tempo Dingo, que não fora esquecido, guardava a gruta. Podia-se estar ali sem receio. Nenhum ser vivo apareceria na praia sem que o fiel animal desse aviso.

Mrs. Weldon, que tinha Jack reclinado sobre os braços e quase adormecido, disse, dirigindo-se a Dick Sand:

— Dick, agradeço em nome de todos a dedicação que por nós tens mostrado, mas ainda te resta alguma coisa que fazer. Serás o nosso guia em terra, como foste o nosso capitão a bordo. Tens toda a nossa confiança. Fala! Que devemos fazer?

Mrs. Weldon, a velha Nan, Tom e os seus companheiros olhavam para o jovem práctico. Negoro também olhava para ele com extraordinária insistência. Evidentemente, a resposta de Dick Sand interessava-o particularmente.

Depois de refletir um pouco, Dick Sand respondeu: — Mrs. Weldon, o que mais importa é saber, antes de tudo, em que lugar estamos. Julgo que o nosso navio veio dar com a terra na parte do litoral da América que forma a costa peruana. Os ventos e as correntes trouxeram-nos até esta latitude. Mas estamos nós na província meridional do Peru, isto é, na parte menos habitada que confina com os Pampas? Talvez. Tenho até mais razão para crer em tal, vendo esta praia deserta e que deve ser pouco frequentada. Neste caso, é provável que estejamos muito distantes da mais próxima aldeola, o que será muito penoso.

— Mas que devemos fazer? — repetiu Mrs. Weldon.

— A minha opinião é que se não deixe este abrigo sem estarmos bem certos da nossa situação. Amanhã, depois de termos repousado esta noite, dois de nós irão à descoberta. Os que forem tratarão, sem se afastar muito, de encontrar alguns indígenas e de obter deles os possíveis esclarecimentos, depois do que voltarão para esta gruta. É impossível que num raio de dez ou doze milhas não se encontre ninguém.

— Mas temos de nos separar! — objetou Mrs. Weldon.

— Parece-me necessário — respondeu o prático. — Mas se nada pudermos saber, se a região for completamente deserta, então veremos o que será melhor fazer.

— E quem deve ir à descoberta? — perguntou Mrs. Weldon depois de refletir.

— É o que resta decidir — redarguiu Dick Sand. — Penso contudo que Mrs. Weldon, Jack, o Sr. Bénédicte e Nan não devem sair desta gruta. Bat, Hercule, Acteon e Agostinho ficarão também, enquanto Tom e eu iremos ver se alguma coisa descobrimos. Negoro, sem dúvida, prefere ficar aqui? — acrescentou Dick Sand, olhando para o cozinheiro.

— Provavelmente fico — respondeu Negoro, que

não era homem que se obrigasse a muito.

— Levaremos Dingo conosco — disse ainda o prático. — Ser-nos-á útil durante a nossa exploração.

Dingo, ouvindo pronunciar o seu nome, apareceu à entrada da gruta, e parecia aprovar por ligeiros latidos os projetos de Dick Sand.

Mrs. Weldon ficou pensativa logo que ouviu a proposta do prático. Custava-lhe muito a ideia da separação, ainda que por pouco tempo. Não poderia acontecer que as tribos índias, que frequentavam o litoral, tanto ao norte como ao sul, soubessem do encalhe do “Pilgrim”, e, no caso de virem alguns ladrões para roubar os despojos do naufrágio, não seria melhor que todos estivessem reunidos para os repelir?

Esta objeção merecia ser realmente discutida.

Caiu, porém, ante os argumentos de Dick Sand, o qual observou que os índios da América não se deviam confundir com os selvagens da África ou da Polinésia, e que provavelmente as suas agressões não seriam para recluir. Mas internarem-se naquele território sem saber a que província da América do Sul pertencia, nem a que distância se estava da povoação mais próxima, era exporem-se a -muitas fadigas. A separação tinha inconvenientes, sem dúvida, mas muito menores do que caminhar cegamente por entre florestas, que se prolongavam até à base das montanhas que se viam lá - muito ao longe.

— Não julgo que esta separação dure muito, e ousou afirmar que será por pouco tempo. Se no fim de dois dias, quanto muito, Tom e eu não tivermos encontrado habitações nem habitantes, voltaremos para esta gruta; mas isto é inverosímil, e creio que não andaremos mais de vinte milhas pela terra dentro sem que saibamos exatamente a nossa situação geográfica. Posso ter-me enganado na estima, e não é para admirar, faltando-me os meios astronômicos, que estejamos em latitude mais

alta ou mais baixa.

— Certamente... tens razão, meu rapaz! —
respondeu Mrs. Weldon, ansiosa.

— E o que pensa o Sr. Bénédict deste projeto? —
perguntou Dick Sand.

— Eu? — voltou primo Bénédict.

— Sim, qual é a sua opinião?

— Eu... não tenho opiniões — respondeu primo
Bénédict. — Acho tudo bom, e farei tudo quanto
quiserem. Querem ficar aqui um ou dois dias? Não me
desagrada. Empregarei o tempo em estudar a praia sob o
ponto de vista entomológico.

— Faz a tua vontade — disse então Mrs. Weldon a
Dick Sand. — Ficaremos nós, e tu partirás com Tom.

— Está dito — acrescentou primo Bénédict o mais
tranquilamente que é possível. — Vou fazer os meus
cumprimentos aos insetos destes sítios.

— Não se afaste muito, Sr. Bénédict — aconselhou
o prático. — Olhe que bem lho recomendamos. — Não se
preocupe por minha causa.

— E sobretudo não nos traga muitos mosquitos! —
acrescentou Tom.

Poucos minutos depois, o entomologista, com a sua
preciosa caixa de folha a tiracolo, saiu da gruta.

Quase ao mesmo tempo, Negro saía também.
Parecia muito natural a este homem não se ocupar senão
de si; e quando primo Bénédict trepava pelas ladeiras da
rocha, a fim de ir explorar a orla da floresta, Negro
voltava para o lado do rio, afastava-se vagarosamente, e
pela segunda vez desaparecia, trepando pelas
ribanceiras.

Jack continuava a dormir. Mrs. Weldon, deixando-o
sobre os joelhos de Nan, desceu para a praia, seguida
por Dick Sand e pelos seus companheiros. Tratava-se
então de ver se o estado do mar permitiria ir ao
“Pilgrim”, onde ainda estavam muitos objetos que lhes

podiam ser úteis.

Os recifes em que encalhara o patacho estavam completamente descobertos. No meio dos destroços de toda a espécie avultava o casco do navio, que a água na preia-mar tinha quase imerso. Não deixou isto de causar espanto a Dick Sand, porquanto sabia que as marés crescem pouco no litoral americano do Pacífico. O fenômeno, porém, podia explicar-se pela fúria do vento de encontro à costa.

Revendo o seu navio, Mrs. Weldon e os seus companheiros sentiram tristíssima impressão. Ali tinham vivido muitos dias, fora ali que muito sofreram!

O aspecto do infeliz navio, quase quebrado, sem mastros e sem velas, deitado sobre um lado, como que privado de vida, pungia-lhes o coração.

Era, porém, necessário ir até ao barco, antes que o mar acabasse de o desfazer.

Dick Sand e os negros entraram facilmente, depois de se terem içado para a coberta por meio de alguns cabos que pendiam da amurada do “Pilgrim”. Enquanto Tom, Hercule, Bat e Agostinho tiravam da despensa tudo que podia ser aproveitado, tanto comestíveis como líquidos, o práctico foi até à câmara. Graças a Deus, a água não tinha penetrado até aquele lugar do navio, porque a popa ficara emersa depois do encalhe.

Dick Sand encontrou na câmara quatro carabinas em bom estado, excelentes “Remingtons” da fábrica de Purdey & C.a, assim como cerca de cem cartuchos, cuidadosamente arrumados nas respectivas cartucheiras. Era quanto bastava para armar a sua gente e pô-la em estado de resistir se, contra todas as previsões, os índios os atacassem no caminho.

Não deixou tão-pouco o práctico de lançar mão de uma pequena lanterna, mas os mapas, que estavam guardados no seu alojamento avante, ficaram completamente avariados pela água e incapazes de

servir.

Havia também a bordo do “Pilgrim” algumas machadinhas, que serviam para cortar as baleias. Dick Sand escolheu seis, que destinou para completar o armamento dos seus companheiros, e não se esqueceu de trazer uma inofensiva espingarda de criança, que pertencia a Jack. Quanto aos outros objetos que tinham ficado no navio, ou estavam perdidos, ou já não podiam servir. Era desnecessário trazer muito para poucos dias de viagem. De víveres, armas e munições estavam providos com abundância. Contudo, Dick Sand, por opinião de Mrs. Weldon, não quis deixar de trazer consigo todo o dinheiro que havia a bordo — cerca de quinhentos dólares.

Era pouco, realmente! Mrs. Weldon trouxera soma superior àquela, mas não se encontrou.

Quem, senão Negoro, os teria precedido na visita a bordo do navio e seria capaz de se apoderar do pecúlio do capitão Hull e de Mrs. Weldon? Ninguém, senão ele, com toda a certeza, se tornava suspeito. Contudo, Dick Sand ainda hesitou. O que Dick sabia de Negoro, o que dele pensava, era que tudo se devia rezear daquela natureza concentrada, a quem os males alheios faziam sorrir. Negoro era mau, mas, porque era mau, devia concluir-se que fosse ladrão? Repugnava ao caráter de Dick Sand ir tão longe. E, contudo, podiam as desconfianças recair sobre outra pessoa? Não, os honestos negros não tinham saído da gruta, ao passo que Negoro fora visto a passear pela praia. Só ele, pois, devia ser o culpado. Dick Sand resolveu, pois, interrogar Negoro, e em caso de necessidade revistá-lo logo que ele voltasse.

O Sol descia para o horizonte. Naquela data ainda não tinha passado o equador para ir levar calor e luz ao hemisfério boreal, mas não tardaria muito. Baixou, pois, quase perpendicularmente à linha circular, onde o mar e

o céu se confundem. Durou pouco o crepúsculo e a obscuridade fez-se prontamente, o que firmou o prático na ideia de que ele se chegara a terra num ponto do litoral situado entre o trópico de Capricórnio e o equador.

Mrs. Weldon, Dick Sand e os negros voltaram para a gruta, onde deviam repousar algumas horas.

— A noite há de ser ainda tormentosa — observou Tom, mostrando o horizonte carregado de nuvens espessas.

— É verdade — confirmou Dick Sand —, temos vento muito fresco. Mas o que nos importa agora, se o nosso infeliz navio está perdido! A tempestade não nos fará dano.

— Seja feita a vontade de Deus! — disse Mrs. Weldon.

Combinou-se que durante aquela noite, que ameaçava ser escuríssima, cada um dos negros vigiaria alternadamente à entrada da gruta. Além disto, contava-se com Dingo.

Deu-se então pela falta de primo Bénédicte.

Hercule chamou-o com toda a força dos seus vigorosos pulmões, e quase ao mesmo tempo viu-se o entomologista descer pela rocha, com risco de quebrar a cabeça.



Primo Bénédicte estava literalmente furioso. Não encontrara um único inseto novo na floresta, nem um só que fosse digno de figurar na sua coleção. Escorpiões, escolopendras e outros miriápodes, tudo quanto se quisesse e até mais, tudo havia. Mas, como se sabe, primo Bénédicte não se entusiasmava com os miriápodes.

— Não valia a pena — dizia ele — ter andado cinco ou seis mil milhas, ter apanhado uma tempestade e naufragar, para no fim de tudo não encontrar um único

dos hexápodes americanos que dão honra aos museus entomológicos! Não! Para isto não valia a pena!

Em conclusão, primo Bénédicct propôs que saíssem daquele sítio. Não queria ficar nem mais uma hora naquela detestável praia.

Mrs. Weldon sossegou-o. Deram-lhe esperanças de que seria mais feliz no dia seguinte. Todos se iam abrigar na gruta, para dormir até ao romper do Sol, quando Tom notou que Negoro ainda não tinha voltado, apesar de já ser noite fechada.

— Onde estará ele? — perguntou Mrs. Weldon.

— Que nos importa isso! — disse Bat.

— Importa, pelo contrário — replicou Mrs. Weldon.
— Gostaria mais de o ver aqui.

— Sem dúvida, Mrs. Weldon — interveio Dick Sand —, mas se ele nos deixou por sua própria vontade, não sei de que modo o obrigaremos a voltar! Quem sabe se ele não tem razões para fugir de nós?

E, chamando de parte Mrs. Weldon, Dick Sand comunicou-lhe todas as suspeitas que tinha. Não se espantou, porém, sabendo que Mrs. Weldon as tivera igualmente.

Só num ponto divergiam.

— Se Negoro reaparecer — afirmou Mrs. Weldon —, é porque escondeu o seu roubo em lugar seguro. Na minha opinião, o melhor que temos a fazer, porque não podemos convencê-lo, será ocultar as nossas suspeitas, e deixá-lo acreditar que de coisa alguma desconfiamos.

Mrs. Weldon tinha razão e Dick Sand acabou por concordar com ela.

No entanto, Negoro foi chamado muitas vezes... Não respondeu. Ou estava já muito longe para ouvir ou não quis responder.

Os negros não lastimaram a perda de Negoro; mas, como bem dissera Mrs. Weldon, talvez ele fosse mais para temer estando longe do que perto! E como explicar

que Negoro se quisesse aventurar sozinho por aquele território desconhecido? Ter-se-ia, pois, afastado, ou andaria em vão procurando, por aquela noite escura, o caminho da gruta?

Mrs. Weldon e Dick Sand não sabiam o que pensar. Fosse, porém, como fosse, não podiam, para esperar Negoro, privar-se do repouso, que a todos era tão necessário.

Neste momento o cão, que corria sobre a praia, ladrou com força.

— Que é isso, Dingo? — perguntou Mrs. Weldon.

— É necessário sabê-lo — declarou o prático. — Talvez seja Negoro que volta...

Imediatamente Hercule, Bat, Agostinho e Dick Sand se dirigiram para a embocadura do rio.

Chegados à margem, nada viram, nem ouviram. Dingo calou-se.

Dick Sand e os companheiros voltaram para a gruta.

Arranjou-se tudo do melhor modo possível. Os negros dispuseram-se para vigiar alternadamente, fora da gruta, mas Mrs. Weldon, inquieta, não pôde dormir. Parecia-lhe que aquela terra, tão ardentemente desejada, não lhe dava o que ela tanto esperava: segurança para os seus e repouso para si mesmo.

CAPÍTULO XV

HARRIS

No dia seguinte, 7 de Abril, Agostinho, que vigiava quando nasceu o Sol, viu Dingo correr ladrando para o lado do rio. Quase ao mesmo tempo, Mrs. Weldon, Dick Sand e os negros saíram da gruta.

Havia, pois, alguma coisa extraordinária.

— Dingo pressentiu homem ou animal — disse o prático.

— Em todo o caso não é Negoro — observou Tom —, porque então Dingo ladraria com furor.

— Se não é Negoro, onde estará ele? — perguntou Mrs. Weldon, lançando para Dick Sand um olhar que só ele compreendeu. — Se não é Negoro, quem será então?

— Vamos sabê-lo, Mrs. Weldon — respondeu o prático.

Depois, voltando-se para Bat, Agostinho e Hercule, ordenou:

— Armem-se e venham comigo!

Cada um dos negros pegou numa espingarda e numa machadinha; na culatra das “Remingtons” entrou um cartucho, e armados deste modo dirigiram-se todos os quatro para a margem do rio.

Mrs. Weldon, Tom e Acteon ficaram à entrada da gruta, de onde Jack e Nan não tinham saído.

Nascia então o Sol. Os seus raios, interceptados pelas

altas montanhas que ficavam para leste, não feriam ainda as rochas, mas para o lado do poente a luz da

manhã cintilava no mar até ao horizonte.

Dick Sand e os seus companheiros seguiram a praia, cuja curva se apertava na embocadura do rio.

Ali Dingo, imóvel e como que pronto a arremeter, ladrava sempre.

Evidentemente vira ou sentira algum indígena.

Com efeito, não era a Negoro, o seu implacável inimigo de bordo, a quem desta vez o cão se dirigia.

Um homem aparecia naquele momento no lugar onde acabava a rocha. Caminhava vagarosamente pela margem, e por gestos familiares tentava sossegar Dingo. Não se importava de afrontar a cólera do valente animal.

— Não é Negoro! — disse Hercule.

— Não perdemos na troca! — continuou Bat.

— Não! — Concordou o prático. — É provavelmente algum indígena, que nos evitará a tristeza da separação. Vamos, pois, saber exatamente onde estamos!

E os quatro, pondo as armas ao ombro, encaminharam-se rapidamente para o desconhecido.

Este, vendo-os aproximar, mostrou-se surpreendido.

Não esperava encontrar estrangeiros naquele lugar da costa. Evidentemente, não vira os destroços do “Pilgrim”; se os visse, a presença dos naufragos teria para ele fácil explicação. Durante a noite, o mar acabara de destruir o casco do navio, do qual só restavam alguns pedaços, que flutuavam à tona de água.

No primeiro momento o desconhecido, vendo dirigirem-se para ele os quatro homens armados, fez um movimento como para retrogradar. Trazia a arma a tiracolo, mas passou-a rapidamente para a mão e da mão para o ombro. Percebe-se com facilidade que não estivesse perfeitamente tranquilo.

Dick Sand fez-lhe um gesto de saudação, que o desconhecido sem dúvida compreendeu, porque, depois de uma pequena hesitação, continuou a caminhar.

Dick Sand pôde então vê-lo bem.

Era um homem vigoroso, de quarenta anos de idade, quando muito, olhar vivo, barba e cabelos grisalhos, tez queimada, como a dos nómadas, que vivem sempre ao ar livre da floresta ou da planície. Uma espécie de camisola de pele curtida servia-lhe de casaco, chapéu de abas largas, botas até ao joelho e esporas assentes em tacões de prateleira.

O que Dick Sand percebeu imediatamente — não se enganava — foi que não tinha diante de si um índio vagabundo dos Pampas, mas um desses aventureiros, pouco recomendáveis, que se encontram frequentes vezes nas mais remotas regiões. Pelo seu aspecto e pela cor arruivada de alguns cabelos da barba, parecia que o desconhecido devia ser de origem anglo-saxónica. Em todo o caso não era nem índio nem espanhol.

E disto houve a confirmação quando Dick Sand lhe disse em inglês: — Seja muito bem-vindo.

O desconhecido respondeu na mesma língua e sem pronúncia mesclada: — Outro tanto digo eu.

E dirigiu-se para o práctico, cuja mão apertou. Aos negros fez um gesto, sem lhes dirigir palavra.

— São ingleses? — perguntou ele ao práctico.

— Somos americanos — respondeu Dick Sand.

— Do Sul?

— Do Norte.

Esta resposta pareceu agradar-lhe, porque apertou mais vigorosamente a mão do práctico, e desta vez bem à americana.

— Posso saber por que se encontram nesta costa? Mas, sem esperar que o práctico lhe respondesse, o desconhecido tirou o chapéu e cumprimentou.

Mrs. Weldon, que viera até à margem do rio, encontrava-se então em frente dele.

Foi ela quem respondeu.

— Somos náufragos. O nosso navio perdeu-se

ontem sobre aqueles recifes que além vê!

No rosto do desconhecido, que com a vista procurava o navio naufragado, transpareceu um sentimento de dó.

— Nada resta do navio — disse Dick Sand. — Esta noite o mar destruiu-o completamente.

— A nossa primeira pergunta — continuou Mrs. Weldon — será para saber onde estamos.

— Estão na costa da América do Sul — respondeu o desconhecido, mostrando-se surpreendido pela pergunta.

— -Pois podem ter alguma dúvida a semelhante respeito?

— Sim, podemos, porque a tempestade desviou-nos da nossa rota — respondeu Dick Sand. — Mas perguntarei eu também: qual é precisamente a nossa posição? É na costa do Peru, como eu penso?

— Não! É mais para o sul! Naufragaram na costa da Bolívia.

— Ah! — exclamou Dick Sand.

— Exatamente na região meridional da Bolívia que confina com o Chile.

— Então que ponta é aquela? — interrogou Dick Sand, designando o promontório que lhes demorava ao norte.

— Não sei dizer o nome — respondeu o desconhecido. — Conheço em parte o interior da região, porque a tenho percorrido muitas vezes, mas esta é a primeira vez que visito a costa.

Dick Sand refletia no que acabava de ouvir, mas admirava-se pouco, porque a estima podia e devia mesmo tê-lo enganado, por causa das correntes; o erro porém não era muito grande. Julgava-se entre os vinte e sete e os trinta graus de latitude pelas marcações que fizera na ilha de Páscoa, e foi na latitude de vinte e cinco graus que encalhou.

Não era impossível que o “Pilgrim” tivesse desvio tão relativamente pequeno, numa tão longa viagem.

Nada autorizava a duvidar das asserções do desconhecido, e porque aquela costa era a da baixa Bolívia, não havia motivo de espanto, por ser tão deserta.

— Então — disse Dick Sand —, pelo que lhe ouvi, devo concluir que estamos a grande distância de Lima.

— Oh! Lima está longe... para além! Muito para o norte!

Mrs. Weldon, desconfiada pelo desaparecimento de Negoro, observava o recém-chegado com muita atenção. Mas nem nos modos, nem pela maneira de se expressar, descobriu coisa alguma que a fizesse suspeitar da boa-fé do desconhecido.

— Parece-me que não é de origem peruana? — disse Mrs. Weldon, que acrescentou: — Suponho que esta pergunta não será indiscreta.

— Sou americano — informou o desconhecido, esperando que Mrs. Weldon lhe dissesse o seu nome.

— Chamo-me Mrs. Weldon — respondeu esta.

— E eu, Harris. Nasci na Carolina do Sul. Há vinte anos que troquei o meu país pelos Pampas da Bolívia. Tenho, pois, grande satisfação de ver compatriotas meus.

— Habita nesta parte da província, Sr. Harris? — perguntou Mrs. Weldon.

— Não, Mrs. Weldon, vivo no sul, na fronteira do Chile, mas agora dirijo-me a Atacama, que fica para o nordeste.

— Estaremos por acaso nos limites do deserto desse nome? — perguntou Dick Sand.

— Exatamente, o deserto estende-se muito para além das montanhas que vemos no horizonte.

— O deserto de Atacama? — repetiu Dick Sand.

— Justamente — confirmou Harris. — Aquele deserto é como se fosse outro país, nesta vastíssima América do Sul, da qual difere em muitos pontos. É mesmo a região mais notável e a menos conhecida deste

continente.

— Viaja só? — perguntou Mrs. Weldon.

— Não é a primeira vez que faço esta viagem! — respondeu o americano. — A duzentas milhas daqui há uma fazenda importante, a hacienda de San Felice, que pertence a um dos meus irmãos. Lá vou eu para tratar dos meus negócios. Se me querem acompanhar, asseguro-lhes que serão bem recebidos e que não lhes faltarão os meios de se transportarem para a cidade de Atacama. Meu irmão terá muito gosto em os poder servir.

Estes oferecimentos tão espontâneos não podiam deixar de dispor bem os ânimos a favor do americano, que continuou, dirigindo-se para Mrs. Weldon, e apontando com a mão para Tom e para os seus companheiros: — Estes negros são seus escravos?

— Já não temos escravos nos Estados Unidos — respondeu Mrs. Weldon. — O Norte há muito que aboliu a escravatura e o Sul seguiu-lhe o exemplo.

— Ah! É verdade — volveu Harris. — Esquecia-me de que a guerra de 1862 acabara com esta grave questão. Peço perdão a esses homens — continuou Harris, metendo o bocadinho de ironia que os Americanos do Sul não dispensam nunca quando falam com negros. — Mas vendo estes senhores a seu serviço, julguei...

— Não estão e nunca estiveram ao meu serviço, senhor — explicou gravemente Mrs. Weldon.

— Muito nos honraria servi-la, Mrs. Weldon — disse Tom —, mas bom é que o Sr. Harris saiba que a ninguém pertencemos. Fui escravo, é verdade, e como tal vendido na África, quando tinha apenas seis anos, mas meu filho Bat, que ali vê, nasceu de pai liberto, e os meus companheiros tiveram pais que eram homens livres.

— Felicito-os — respondeu Harris, mas de um modo que Mrs. Weldon achou pouco sério. — Na Bolívia também não temos escravos. Nada pois têm a temer, e

podem andar por aqui tão livremente como nos Estados da Nova Inglaterra.

Nesta ocasião Jack, acompanhado por Nan, saía da gruta, esfregando os olhos. Vendo sua mãe, correu para ela. Mrs. Weldon beijou-o com ternura.

— Que bonita criança! — disse o americano, aproximando-se de Jack.

— É meu filho — declarou Mrs. Weldon.

— Oh! Mrs. Weldon, tem sofrido duplamente, por ver o seu filhinho exposto a tantos incômodos.

— Deus quis salvá-lo, assim como a nós, Sr. Harris - respondeu Mrs. Weldon.

— Dá-me licença que o beije? — perguntou Harris.

— Com muito gosto.

Mas a cara do “Sr. Harris” não agradou a Jack, porque se abraçou à mãe.

— Então — observou Harris — não quer que o beije! Meto-lhe medo?

— Desculpe-o, senhor — disse Mrs. Weldon. — É timidez de criança.

— Não importa! Ainda havemos de ser amigos. Quando estivermos na hacienda, montará um pônei muito bonito, e que servirá de medianeiro entre nós.

Mas o oferecimento do “bonito pônei” não seduziu o pequeno Jack.

Mrs. Weldon, muito contrariada, tratou de desviar a conversa. Convinha não desgostar quem tão obsequiosamente oferecia os seus serviços.

Enquanto isto se passava, Dick Sand refletia na inesperada mas oportuna proposta de ir até à hacienda de San Felice. Tinham, conforme o que dissera Harris, de caminhar mais de duzentas milhas por florestas e planícies, viagem muito fatigante, porque faltavam os meios de transporte.

O prático fez algumas observações a tal respeito, e esperou a resposta que lhe ia dar o americano.

— A viagem é longa, com efeito — admitiu Harris —, mas além, a algumas centenas de passos da margem, tenho um cavalo, que ponho à disposição de Mrs. Weldon e de seu filho. Para nós não é difícil nem incômodo fazer o caminho a pé. Demais, quando lhes falei em duzentas milhas, era seguindo, como já fiz, o curso do rio; mas, se atravessarmos a floresta, encurtaremos o caminho oitenta milhas pelo menos. Ora, caminhando dez milhas por dia, chegaremos à hacienda sem grandes demoras.

Mrs. Weldon agradeceu ao americano.

— Não pode agradecer-me melhor do que aceitando — afirmou Harris. — Conquanto eu nunca tivesse atravessado a floresta, creio que não me perderei. Tenho muita prática de caminhar nos Pampas. Há, porém, uma questão mais grave: é a dos víveres. Só tenho o que me era estritamente indispensável para chegar até à hacienda de San Felice.

— Sr. Harris — retorquiu Mrs. Weldon —, felizmente temos víveres em grande abundância, e podemos reparti-los.

— Muito bem, Mrs. Weldon; parece-me que tudo se arranjará do melhor modo possível, e que nada mais temos a fazer senão partir.

Harris dirigia-se para a margem, com a intenção de ir buscar o cavalo ao sítio- onde o deixara, quando Dick Sand o fez parar, fazendo-lhe uma pergunta.

Não agradava muito ao prático abandonar o litoral para se embrenhar no interior da região através da interminável floresta. Em tudo se revelava marinheiro, e melhor e mais à sua vontade se acharia subindo ou descendo a costa.

— Sr. Harris — observou ele —, em vez de caminharmos cento e vinte milhas pelo deserto de Atacama, porque não seguiremos de preferência o litoral? Distância por distância, não será melhor chegar à cidade mais próxima, quer seja ao norte, quer para o sul?

— Mas, meu amigo — respondeu Harris, franzindo ligeiramente o sobrolho —, parece-me que nesta costa, que eu mal conheço, se não encontra cidade a menos de trezentas ou quatrocentas milhas.

— Ao norte, certamente, mas para o sul?...

— Para o sul — replicou o americano —, é necessário descer até ao Chile. Ora o caminho é quase tão longo, e, no seu lugar, preferiria contornar os Pampas da República Argentina. Pela minha parte, ainda que com muita pena, não podia acompanhá-los.

— Os navios que vão do Chile para o Peru não passam à vista desta costa? — perguntou Mrs. Weldon.

— Não — informou Harris —, conservam-se ao largo. Por certo não avistaram nenhum.

— Efetivamente não encontramos — disse Mrs. Weldon. — Dick, tens mais alguma pergunta a fazer ao Sr. Harris?

— Uma só, Mrs. Weldon — respondeu o prático, que lhe custava muito a ceder. — Perguntarei ao Sr. Harris em que ponto julga que poderemos encontrar navio que nos leve a São Francisco?

— Não sei dizer, meu amigo — volveu o americano. — Tudo quanto sei é que lhes proporcionaremos na hacienda de San Felice os meios de irem até à cidade de Atacama, e de lá...

— Sr. Harris — esclareceu então Mrs. Weldon —, não suponha que Dick Sand hesite em aceitar os seus oferecimentos!

— Não, Mrs. Weldon, não hesito — acudiu o prático —, mas não posso evitar de me lastimar por não termos naufragado alguns graus para o norte ou mais para o sul. Estaríamos próximos de qualquer porto, e esta circunstância, facilitando a nossa repatriação, evitaria o incômodo, ainda que de boa vontade, do Sr. Harris.

— Não receie incomodar-me, Mrs. Weldon — tornou Harris. — Repito: são raras as ocasiões de me encontrar

com compatriotas. Tenho pois grande prazer em poder agora obsequiá-los.

— Aceitamos o seu oferecimento, Sr. Harris — disse então Mrs. Weldon —, mas não queria privá-lo do seu cavalo. Ando bem a pé.

— E eu também — respondeu Harris, cortejando. — Habitado às longas caminhadas através dos Pampas, não serei eu quem retardará a caravana. Mrs. Weldon e seu filho Jack se servirão do meu cavalo. É, porém, possível que no caminho encontremos alguns criados da hacienda, que nos cederão as montarias em que vierem.

Dick Sand percebeu que se fizesse novas objeções desagradaria a Mrs. Weldon.

— Sr. Harris — perguntou então Dick —, quando partimos?

— Hoje mesmo. A estação má começa em abril e é necessário, tanto quanto for possível, que antes disso tenhamos chegado à hacienda de San Felice. Em suma, o caminho através da floresta, além de ser o mais curto, é também o mais seguro. É menos exposto que a costa às correrias dos índios nômades, que são ladrões insaciáveis.

— Tom, meus amigos — disse Dick Sand, voltando-se para os negros —, temos de fazer os preparativos para a partida. Escolhamos entre as provisões de bordo as que forem de mais fácil transporte, e façamos pequenos pacotes, que cada um de nós carregará.

— Sr. Dick — retorquiu Hercule —, se quer, eu carrego tudo.

— Não, Hercule — respondeu o prático. — É melhor dividirmos os fardos.

— É robustíssimo — comentou Harris, dirigindo-se para Hercule e olhando-o como se este estivesse à venda.

— Na costa de África valeria bom dinheiro.

— Valho quanto peso — respondeu Hercule, rindo.

— Os compradores terão de correr bem se me quiserem deitar a mão.

Estava tudo combinado. Para apressar a partida trabalhavam todos. Só restava cuidar dos mantimentos necessários à pequena caravana para a jornada desde a costa até à hacienda, isto é, para doze dias de marcha.

— Mas antes de partirmos, Sr. Harris, antes de aceitarmos a sua hospitalidade, peço-lhe que aceite a nossa, que de boa vontade a oferecemos.

— Aceito, Mrs. Weldon, aceito com muito gosto! — respondeu Harris com satisfação.

— Daqui a pouco tempo o almoço estará pronto.

— E eu aproveitarei esse pouco tempo para ir buscar o meu cavalo, que decerto já almoçou.

— Quer que o acompanhe? — perguntou Dick Sand ao americano.

— Como quiser — acedeu Harris. — Venha, quero que conheça o curso daquele rio.

Partiram ambos.

Entretanto Hercule foi procurar o entoimologista. Primo Bénédict pouco se lhe dava do que acontecia. Procurava sobre a rocha um inseto, “que se não encontrava”, e que não descobriria com certeza.

Hercule trouxe consigo Bénédict. Mrs. Weldon disse-lhe que a partida fora decidida e que era necessário caminhar doze dias pelo interior do território.

Primo Bénédict respondeu que estava pronto a partir e que o seu maior prazer era atravessar a América, contanto que o deixassem “fazer coleções” pelo caminho.

Mrs. Weldon, auxiliada por Nan, ocupou-se do almoço. Excelente precaução para quem tinha de caminhar.

Harris e Dick Sand tinham voltado o ângulo que fazia a rocha. Seguiram pela margem cerca de trezentos passos, até onde estava um cavalo preso a uma árvore, o

qual, vendo o dono, relinchou.

Era um animal robustíssimo e de espécie desconhecida a Dick Sand. Tinha pescoço comprido, lombo curto, garupa alongada e testa quase chata; mostrava porém os caracteres distintivos das raças a que se atribui origem árabe.

— Como vê — disse Harris — -é um bom cavalo, e pode ter a certeza de que não fraquejará no caminho.

Harris despreendeu o cavalo, pegou-lhe pelas rédeas e desceu a margem do rio, seguido por Dick Sand. Este lançara rápido olhar tanto sobre o rio como para as florestas que revestiam as duas margens. Nada viu que o inquietasse.

Contudo, logo que se aproximou mais do americano, fez-lhe subitamente e sem que Harris o esperasse a seguinte pergunta: — Sr. Harris, não encontrou esta noite um homem chamado Negoro?

— Negoro? — respondeu Harris, como quem não compreende o que se lhe diz. — O que é Negoro?

— Era o cozinheiro de bordo — tornou Dick Sand. — Desapareceu...

— Talvez se afogasse?... — lembrou Harris.

— Nada, não! — continuou Dick Sand. — Ainda ontem à tarde esteve conosco, mas durante a noite deixou-nos, e provavelmente foi seguindo pela margem deste rio. Por isso perguntei se o não vira para esse lado, visto que de lá veio.

— Não encontrei ninguém — replicou o americano —, e se o seu cozinheiro se embrenhou só pela floresta, arrisca-se muito a perder-se. Talvez o encontremos no caminho.

— Sim... talvez — admitiu Dick Sand.

Quando Harris e Dick chegaram à gruta, o almoço estava pronto. Compunha-se, como a ceia da véspera, de conservas alimentícias, corned beef e bolacha. Harris comeu com grande apetite.

— Vejo — disse ele — que não morreremos de fome. Não direi outro tanto daquele pobre diabo, o cozinheiro, de quem o nosso jovem amigo me falou.

— Ah! Dick Sand contou-lhe — disse Mrs. Weldon — que não tornamos a ver o cozinheiro?

— Conteí, Mrs. Weldon — acudiu o prático. — Desejava saber se o Sr. Harris o tinha encontrado.

— Não encontrei, não — repetiu Harris. — Mas deixemos o desertor e ocupemo-nos da partida! Quando Mrs. Weldon quiser!

Todos pegaram nos fardos que lhes estavam destinados. Mrs. Weldon, ajudada por Hercule, montou a cavalo, e o ingrato Jack, com a sua espingardinha a tiracolo,

escarranchou-se, sem agradecer a quem punha à sua disposição tão bom ginete.

Jack disse então a sua mãe que sabia guiar perfeitamente o cavalo.

Deram-lhe as rédeas para segurar, e assim seguiu, acreditando que era ele o verdadeiro chefe da caravana.

CAPÍTULO XVI

NO CAMINHO

Não foi sem apreensões, aliás sem fundamento, que Dick Sand, depois de ter andado cerca de trezentos passos pela margem do rio, entrou enfim na floresta, onde, por veredas difíceis, ele e os seus companheiros tinham de caminhar durante uns doze dias.

Pelo contrário, Mrs. Weldon estava cheia de confiança, ela, mulher e mãe, a quem os perigos deviam duplamente inquietar.

Dois motivos, qual deles o mais forte, concorreram para a tranquilizar: o primeiro, porque naquela região dos Pampas não eram muito para recear os indígenas e os animais; o segundo, porque sob a direção de Harris, que parecia guia seguro, não se arriscava a perder-se na floresta.

Eis a ordem em que deviam marchar e a qual se devia manter, tanto quanto possível, durante toda a jornada.

Dick Sand e Harris, armados, este com a sua comprida espingarda, aquele com uma carabina “Remington”, iam na frente.

Depois Bat e Agostinho, igualmente armados, cada um com a sua carabina e uma machadinha.

Seguiam-se a estes Mrs. Weldon e Jack, a cavalo, e logo depois Nan e Tom.

Acteon, com a quarta carabina, e Hercule, com um machado à cinta, fechavam a marcha.

Dingo andava de um para o outro lado, como que farejando. Tinha visivelmente mudado de procedimento desde o naufrágio do “Pilgrim”. Parecia agitado, e, sem quase cessar, dava uivos surdos, mais lamentosos que enraivecidos. Todos notavam isto, mas ninguém sabia explicar o motivo.

No que diz respeito ao primo Bénédict, fora impossível, como a Dingo, determinar-lhe ordem de marcha. A não ser que o levassem amarrado, não seria o entomologista que a ela se sujeitaria. Com a caixa de folha a tiracolo, rede na mão, lupa ao pescoço, ora caminhando adiante, ora ficando para trás, metendo-se por entre as plantas, procurava ortópteros ou qualquer outro inseto de nome terminado em “ptero”, arriscando-se a ser mordido pelas serpentes venenosas.

Na primeira hora, Mrs. Weldon, inquieta, chamou-o repetidas vezes. Nada conseguiu.

— Primo Bénédict — disse-lhe ela enfim —, peço-lhe muito seriamente que não se afaste de nós. Pela última vez lhe digo que se não esqueça do meu pedido.

— Mas se eu vir algum inseto? — objetou o obstinado entomologista.

— Se vir algum inseto, deixe-o ir em paz, senão* obriga-me a mandar-lhe tirar a sua caixa!

— Quê? Tirar-me a caixa! — exclamou primo Bénédict, como se o ameaçassem de lhe tirar as entranhas.

— A caixa e a rede! — acrescentou inexoravelmente Mrs. Weldon.

— Também a rede, prima? E porque não irão os óculos? Não faz isso! Não se atreve a fazer isso!

— E é verdade, os óculos também. Agradeço-lhe, primo, por me haver lembrado o meio de o cegar, e por consequência de o obrigar a ser cauteloso.

Desta tríplice ameaça resultou que o rebelde primo se conservou mais sossegado durante uma hora

aproximadamente; mas tempo depois afastava-se outra vez, como o teria feito se não tivesse nem rede, nem caixa, nem óculos. Era pois melhor deixá-lo andar à vontade. Hercule encarregou-se de o vigiar, o que naturalmente ficou no número das obrigações a seu cargo. Tinha ordem de proceder como primo Bénédict procedia com os insetos, isto é, em caso de necessidade, agarrá-lo e conduzi-lo tão delicadamente como o entomologista fazia ao mais raro dos lepidópteros.

Depois disto, ninguém mais pensou no primo Bénédict. A caravana, como se sabe, ia bem armada; mas Harris repetia que não tinham a recear senão o encontro, aliás pouco agradável, dos índios nómadas. Em todo o caso, porém, as disposições que haviam tomado bastariam para os conter em respeito.

As veredas da cerrada floresta, se tal nome se lhes podia dar, mais eram estreitíssimos caminhos para animais do que para homens. A muito custo se avançava por elas. Por isso, Harris, calculando em dez milhas a média do andamento por cada dia de jornada, calculara com muita exatidão.

O tempo estava bom. O Sol, quase no zênite, dardejava perpendicularmente os seus raios. Na planície haveria intolerável calor; mas ali, sob aquelas ramagens impenetráveis, o sol suportava-se fácil e impunemente.

A maior parte das árvores da floresta eram desconhecidas, tanto de Mrs. Weldon como dos seus companheiros, brancos ou pretos. Os entendidos, porém, veriam que mais era para notar a qualidade do que a grandeza. Aqui a bauínia, ou pau-ferro; ali o molompó, idêntico ao pterocarpo, madeira resistente e leve, própria para fazer canoas e remos, e de cujo tronco saía resina em abundância; além as tatajubas, cheias de matéria corante, e os guiáiacos, medindo alguns doze pés de diâmetro, mas assim mesmo inferiores aos guiáiacos comuns.

Dick Sand, enquanto caminhava, pediu a Harris que lhe dissesse os nomes das diversas árvores.

— Nunca desembarcou no litoral da América do Sul? — perguntou-lhe Harris antes de satisfazer ao pedido do prático.

— Nunca — respondeu este —, nunca tive ocasião, durante o curso das minhas viagens, de visitar esta costa, e ainda não encontrei ninguém que a conhecesse.

— Mas já viu as costas da Colômbia, do Chile ou da Patagônia?

— Também não.

— Mas Mrs. Weldon conhece provavelmente esta região do novo continente? — perguntou Harris. — Os americanos não receiam viajar e talvez...

— Não, Sr. Harris — atalhou Mrs. Weldon —, os interesses comerciais de meu marido têm-no chamado sempre para a Nova Zelândia, e nunca o acompanhei para outra parte. Nenhum dos que estamos aqui conhece esta região da baixa Bolívia.

— Pois vão ver um país bem extraordinário, e que faz grande diferença do Peru, do Brasil ou da República Argentina. A flora e a fauna da terra em que estamos fariam a admiração dos naturalistas. Ah! Podem dizer que naufragaram em bom lugar, e se ao acaso se devem favores...

— Creio que não foi o acaso, mas Deus quem nos conduziu para aqui.

— Deus! Sim, Deus!... — disse Harris, em tom de quem não admite a intervenção da Providência nas coisas deste mundo.

Como, pois, ninguém da caravana conhecia o país ou as suas produções, Harris, obsequiosamente, mostrou as árvores mais notáveis da floresta.

Era realmente para lastimar que no primo Bénédict, o entomologista, não houvesse seus laivos de botânico, porque, se não tinha até então encontrado insetos raros

ou novos, teria feito, com toda a certeza, magníficas descobertas para a botânica. Havia ali grande quantidade de vegetais de todas as grandezas, cuja existência era desconhecida nas florestas do Novo Mundo. Primo Bénédicct decerto deixaria o seu nome ligado a algum fato deste gênero. Mas não gostava da botânica, nem mesmo a conhecia. Tinha aversão às flores, porque algumas delas prendiam os insetos nas suas corolas ou os envenenavam com sucos tóxicos.

A floresta em muitos sítios era pantanosa; sob os pés dos caminhantes corriam delgados fios de água, que iam provavelmente alimentar os afluentes do pequeno rio. Alguns destes, por serem mais largos, não puderam ser atravessados senão em pontos vadeáveis.

Nas margens dos ribeiros cresciam grandes moitas de caniços, aos quais Harris deu o nome de papiros. Não se enganava. Aquelas plantas herbáceas vegetavam abundantemente na parte mais baixa das encostas úmidas.

Passados os brejos, o mato espesso tornava a cobrir os estreitos caminhos da floresta.

Harris fez notar a Mrs. Weldon e a Dick Sand belos ébanos, mais grossos que o ébano comum, os quais dão madeira mais dura que a do comércio. Apesar de já longe do mar, encontravam-se ainda grande número de mangueiras. Uma espécie de musgo lhes vestia os troncos até aos ramos. A sombra copada destas árvores e os seus deliciosos frutos fazem com que elas sejam muito apreciadas; contudo, Harris contou que nenhum indígena se atreve a plantá-las. “Quem semeia uma mangueira, morre!”, tal é a superstição no país.

Durante a segunda metade do primeiro dia de jornada, a pequena caravana, depois de descansar, começou a subir um terreno ligeiramente inclinado. Não eram ainda os declives das primeiras montanhas, mas uma altura ligeiramente ondulada, que ligava a planície à

serra.

Aí as árvores estavam menos juntas e por vezes reunidas em grupos; a marcha seria, pois, mais fácil se o solo não estivesse coberto de plantas herbáceas. Dir-se-ia que se caminhava nos juncais da Índia. A vegetação seria ali talvez menos luxuriante do que era no vale do pequeno rio, mas era muito superior à das regiões temperadas do Velho e do Novo Mundo. O anil crescia exuberantemente, e, acreditando Harris, esta leguminosa era a planta que mais invadia a região. Quando se deixava qualquer campo inculto, aquele parasita, tão desprezível como os cardos e as urtigas, cobria-o rapidamente.

Parecia que a estas florestas faltava uma árvore, que aliás devia ser vulgaríssima nesta região do novo continente: era a árvore da borracha. Efetivamente, o ficus prinoides, a castilloa elástica, a cecropia peltata, a colophora utilis, a cameraria latifolia, e principalmente a syphonia elástica, que pertencem a famílias diferentes, abundam na América Meridional; e, contudo, era para notar que nenhuma se visse por aqueles sítios.

Ora aconteceu que Dick Sand tinha prometido ao seu amigo Jack mostrar-lhe as árvores da borracha. Foi, pois, grande a decepção para o pequenino, que imaginava ver as bolas, os bonecos e os balões de cauchu brotando das árvores, e não pouco se lastimava por isso.

— Paciência — disse-lhe Harris. — Perto da hacienda encontraremos centenas de árvores da borracha.

— E bonitas? — perguntou Jack.

— Sim, muito bonitas. Mas, enquanto não chegamos lá, quer o menino refrescar-se comendo um bom fruto?

Dizendo isto, Harris colheu de uma árvore alguns frutos, tão saborosos como pêssegos.

— Tem a certeza, Sr. Harris, de que estes frutos não fazem mal?

— Mrs. Weldon, vou tranquilizá-la já — respondeu o americano, dando uma grande dentada num dos frutos que colhera. — É manga — explicou.

Jack, sem se fazer rogado, seguiu o exemplo de Harris, declarando que aquelas “pêras” eram excelentes. A árvore foi muito dizimada. Pertenciam aquelas mangueiras à espécie cujos frutos, maduros em Março e em Abril, e mais tarde em Setembro, estavam por consequência em excelentes condições para se colherem.

— É muito bom, é muito bom! — afirmou Jack, com a boca cheia. — Mas Dick prometeu-me as árvores da borracha se eu tivesse juízo, e eu quero-as.

— E vê-las-ás, Jack — disse Mrs. Weldon —, que já to assegurou o Sr. Harris.

— Mas — tornou Jack — Dick também :me prometeu outra coisa.

— Sim! Então o que foi que lhe prometeu o amigo Dick? — perguntou Harris, sorrindo.

— Beija-flores.

— Também os terá; mas mais longe, muito mais longe! — afirmou Harris.

O fato é que Jack tinha direito a reclamar algumas destas lindas avezinhas num país em que elas deviam abundar. Os índios, que sabem enfeitar artisticamente os cabelos, deram os mais poéticos nomes a estes primores da raça volátil. Chamam-lhes os “raios” ou “cabelos do Sol”. Aqui é “o rei das flores”, ali é “a flor do céu que, voando, vem acariciar a flor da terra”, noutra parte é “um diadema de pedras preciosas, brilhando à luz do dia”. É de crer que a imaginação dos índios saiba dar uma nova e poética nomenclatura a cada uma das cento e cinquenta espécies que constituem a maravilhosa tribo dos chupa-méis.

Contudo, por muito numerosos que fossem os beija-flores nas selvas da Bolívia, Jack tinha por enquanto de se contentar com a promessa de Harris. Segundo dizia o americano, ainda estavam perto da costa, e aquelas avezinhas não procuravam os desertos que ficavam próximos do oceano. Não fugiam do homem; na hacienda ouvia-se durante o dia constantemente o seu canto e o zunido das suas asinhas.

— Ah! Quem me dera já lá! — exclamou Jack.

O meio mais seguro de chegar à hacienda de San Felice era não se demorarem no caminho, e Mrs. Weldon e os seus companheiros não perdiam senão o tempo absolutamente indispensável para repousarem.

A floresta começava a mudar de aspecto. Entre as árvores, já menos juntas, abriam-se num e noutro lugar grandes clareiras. O solo mostrava-se, rompendo o tapete de verdura; era de granito cor-de-rosa e escuro, semelhante a lâminas de lápis-lazúli. Nalguns pontos abundava a salsaparrilha, planta de tubérculos carnosos, a qual se enredava por modo inextricável. Era bem preferível a floresta com os seus estreitos caminhos.

Antes de anoitecer, a pequena caravana estava a oito milhas aproximadamente do seu ponto de partida. Caminhara-se até ali sem incidente algum e até sem grande fadiga. Foi o primeiro dia de jornada; provavelmente os seguintes seriam mais custosos.

De comum acordo decidiu-se parar no ponto onde tinham chegado. Não se pensava, é certo, em estabelecer um acampamento, mas simplesmente em arranjar sítio onde pudessem dormir. Um homem de sentinela, rendido de duas em duas horas, bastaria para vigiar durante a noite. Nem os indígenas nem as feras eram para recear.

O melhor abrigo que se encontrou foi uma mangueira imensa, cujos ramos grandes e frondosos formavam como que uma cobertura natural. Em caso de

necessidade seria fácil dormir sobre a folhagem. À chegada, porém, do pequeno grupo, ouviu-se em cima da árvore um concerto insuportável.

É que a mangueira servia de poleiro a uma colônia de papagaios cinzentos, bulhentos e palradores, voláteis ferozes, os quais não se podem julgar pelos que na Europa se encontram domesticados.

Gritavam tanto que Dick Sand pensou em lhes dar um tiro para os obrigar a calar ou a fugir. Mas Harris dissuadiu-o, dizendo-lhe que naquelas solidões era melhor não serem descobertos pela detonação de uma arma de fogo.

— Passemos sem ruído — concluiu ele —, e passaremos sem perigo.

Em seguida preparou-se a ceia sem que fosse necessário cozinhar os alimentos; compunha-se de conservas e bolacha. Um arroio, que serpeava por entre as ervas, forneceu água potável, a qual não se bebeu sem se lhe deitar algumas gotas de rum. A sobremesa deu-a a mangueira, dos seus frutos sucosos, que se não colheram sem que os papagaios protestassem, soltando gritos desagradáveis.

No fim da ceia começava a noite. As sombras subiam lentamente do solo para o cimo das árvores, cuja folhagem se destacava como fino recorte sobre o fundo mais luminoso do céu. As primeiras estrelas que se viram pareciam flores de brilhantes, cintilando nas pontas dos últimos ramos. O vento caiu com o dia; não se ouvia o mais ligeiro sussurro na folhagem. Os papagaios calaram-se. A natureza ia adormecer e convidava os seres animais a acompanhá-la no seu profundíssimo sono.

Os preparativos para a noite deviam ser simplicíssimos.

— Não acendemos fogueira? — perguntou Dick Sand ao americano.

— Para que serviria isso? — voltou Harris. — As noites, felizmente, não estão frias, e esta mangueira enorme evitará a evaporação do solo. Não temos que temer nem a frescura nem a umidade. Repito-lhe, meu jovem amigo, o que ainda há pouco lhe disse: passemos incógnitos, e, tanto quanto for possível, sem fogueiras e sem tiros.

— Penso — opinou Mrs. Weldon — que nada temos a recear dos índios, nem mesmo desses vagabundos dos bosques, de que nos falou o Sr. Harris. Mas não haverá outros vagabundos de quatro patas, aos quais a vista do fogo afastaria?

— Mrs. Weldon — respondeu o americano —, dá muita importância às feras deste país! Mais temem elas o homem do que o homem as teme a elas.

— Estamos num bosque — observou Jack — e nos bosques há sempre bichos!

— Mas nem todos os bosques são iguais, nem são iguais todos os bichos! — respondeu Harris, rindo. — Imagine que está num grande parque. E, na verdade, não é sem razão que os índios dizem deste país: “Ès como el paraíso!”

— -E serpentes? — lembrou Jack.

— Não, meu Jack — acudiu Mrs. Weldon —, não há serpentes. Podes dormir descansadinho.

— Mas há leões? — continuou Jack.

— Nem a sombra deles! — informou Harris.

— Então há tigres?

— Pergunte à sua mãe se ela ouviu dizer alguma vez que houvesse tigres neste continente.

— Nunca ouvi — confirmou Mrs. Weldon.

— Bravo! — disse primo Bénédic, que por acaso ouvira a conversação. — Se não há tigres nem leões no Novo Mundo, o que é certíssimo, encontram-se contudo onças e pumas.

— E são maus? — quis saber Jack.

— Assim, assim! — respondeu Harris. — Mas não se arreceiam deles os indígenas, e nós somos bastantes. Olhe! Bastaria Hercule para estrangular ao mesmo tempo duas onças, uma em cada mão!

— Então, Hercule, toma muito sentido — recomendou Jack —, e se vier algum animal para nos morder...

— Mordo-o eu primeiro, menino Jack — prometeu Hercule, mostrando a sua magnífica dentadura.

— Sim, Hercule vigiará — disse o prático —, mas os seus camaradas e eu o renderemos.

— Não, Sr. Dick — interveio Acteon. — Hercule, Bat, Agostinho e eu somos o bastante. É necessário que descanse toda a noite.

— Obrigado, Acteon — agradeceu Dick Sand —, mas devo também...

— Dick, deixe que esses rapazes vigiem! — disse Mrs. Weldon.

— Eu também hei de fazer sentinela! — acrescentou Jack, cujos olhos se fechavam com sono.

— Pois sim, Jack — acedeu Mrs. Weldon, que o não queria contrariar.

— Mas — tornou ainda a dizer Jack —, se não há leões nem tigres na floresta, há lobos talvez!

— Oh! Lobos que não valem de nada! — respondeu o americano. — Nem lobos são, mas uma espécie de raposas, ou mais propriamente de cães selvagens, a que dão o nome de guarás.

— E mordem, os guarás? — perguntou Jack.

— Qual! Bastava uma dentada de Dingo para os matar!

— Apesar de tudo — prosseguiu Jack, bocejando —, os guarás são lobos, porque assim se chamam!

Depois disto, Jack adormeceu nos braços de Nan, que se tinha encostado ao tronco da mangueira. Mrs. Weldon, deitada junto dela, deu um último beijo no

filhinho, e por fim os seus olhos fecharam-se também.

Pouco depois, Hercule trazia para o acampamento primo Bénédicte, que se afastara para dar começo a uma caçada aos piróforos. São os cucuyos, ou moscas luminosas, com que as elegantes enfeitam os penteados, como se fossem pedras preciosas. Estes insetos, que lançam luz viva e azulada por duas manchas situadas no toracete, são numerosíssimas na América do Sul. Primo Bénédicte contava fazer deles grande provisão, mas Hercule não lhe deu tempo, e, apesar das suas recriminações, o vigoroso negro trouxe consigo o entomologista. Hercule tinha recebido aquela ordem e cumpriu-a militarmente — o que salvou grande número de moscas luminosas de serem encarceradas na caixa de folha.

Passados alguns minutos, excetuando o gigante, que velava, todos dormiam profundamente.

CAPÍTULO XVII

CEM MILHAS EM DEZ DIAS

Acontece frequentemente aos viajantes ou àqueles que vagueiam pelos bosques e que neles têm dormido ao ar livre serem acordados por gritos tão caprichosos quanto extraordinários. Nestes concertos matinais ouve-se cacarejar, grunhir, grasnar, rir, uivar e quase “falar”, se se pode admitir esta palavra para complemento da série dos diversos sons.

São os macacos que saúdam por tal modo o romper da madrugada. Vê-se o mariquinha, o sagui de cara mosqueada, o mono pardo, de cuja pele os índios se servem para cobrir as fecharias das espingardas, os saitaias, fáceis de reconhecer pelos dois compridos penachos de pelo, e muitos outros espécimes desta numerosa família.

Destes diversos quadrúmanos, os mais notáveis, incontestavelmente, são os guaribas, de cauda preênsil e cara de Belzebu. Quando o Sol nasce, o mais experimentado do bando entoia com voz forte e sinistra um salmo monótono. É o barítono da companhia. Os jovens tenores repetem depois a sinfonia matinal. Dizem então os índios que os guaribas estão “rezando padrenossos”.

Mas naquele dia os macacos não fizeram a costumada oração, porque não se ouviram; contudo, a voz destes animais pode ser escutada de muito longe, porque é produzida pela vibração rápida de uma espécie

de tambor ósseo, formado pelo engrossamento do osso hióide do pescoço.

Fosse qual fosse a razão, o certo é que nem os guaribas, nem os saitaías, nem os outros quadrúmanos daquela floresta imensa entoaram o concerto da manhã.

Não teria este fato agradado aos indígenas, não porque eles gostem daquele gênero de música coral, mas pela caçada que fazem aos macacos, em razão de ser excelente a carne destes animais, principalmente quando é defumada.

Dick Sand e os seus companheiros não sabiam dos hábitos dos guaribas, aliás teria sido para eles objeto de surpresa o fato de os não ouvirem. Levantaram-se uns depois dos outros, reparados de forças pelas horas de repouso, sem que nenhum sinal de alarme os tivesse perturbado.

Não foi Jack o último a acordar. O seu primeiro cuidado foi perguntar a Hercule se havia comido algum lobo durante a noite, mas, como nenhum aparecera, Hercule, por consequência, não tinha almoçado ainda.

Todos estavam em jejum, como Hercule. Depois da oração da manhã, Nan ocupou-se do almoço.

Este foi como a ceia da véspera, mas, com o apetite aguçado pelo ar matinal da floresta, todos comeram bem. Convinha adquirir forças para a jornada, e pela primeira vez primo Bénédicte compreendeu que o comer não era um ato indiferente e inútil da vida. Declarou, porém, que não tinha vindo “visitar” aquele país para andar com as mãos nas algibeiras, e que se Hercule continuasse a não deixar apanhar os cucuyos e outras moscas luminosas, Hercule teria de se haver com ele.

Esta ameaça não pareceu assustar demasiadamente o gigante. Contudo, Mrs. Weldon chamou-o de parte, e disse-lhe que talvez fosse melhor deixar primo Bénédicte andar de um para o outro lado,

com a condição, porém, de nunca o perder de vista. Não convinha privar completamente primo Bénédict de prazeres tão naturais na sua idade.

Às sete horas da manhã a pequena caravana pôs-se a caminho, dirigindo-se para leste e conservando a ordem de marcha adoptada no dia anterior.

Era sempre a mesma floresta. Sobre aquele solo virgem, onde o calor e a umidade se combinam para ativar a vegetação, era bem de julgar que o reino vegetal se mostrasse em toda a sua grandeza. O paralelo daquela vasta região quase se confundia com as latitudes tropicais, e durante certos meses do Estio o Sol, quando passava pelo zênite, dardejava perpendicularmente os seus raios. Havia, por consequência, grande quantidade de calor acumulado naquelas terras, cujas camadas inferiores se conservavam úmidas. Nada, pois, mais belo do que esta sucessão de florestas ou, antes, esta floresta sem fim.

Contudo, Dick Sand não deixara de notar que, segundo Harris, estavam na região dos Pampas, e pampa, na língua quíchua, significa “planície”, e, se a memória o não enganava, Dick Sand julgava que tais planícies têm os seguintes caracteres: carência de água, ausência de árvores, falta de pedras, abundância de cardos, durante a estação das chuvas, cardos que no tempo do calor se tornam quase como arbustos, e formam então matagais impenetráveis, e, finalmente, algumas árvores e arbustos espinhosos, dando este conjunto um aspecto de aridez e desolação.

Nada disto, porém, se viu desde que a pequena caravana, guiada pelo americano, deixara o litoral. A floresta estendia-se até aos limites do horizonte. Não era, pois, o pampa, como imaginara o jovem práctico. Teria a natureza caprichado, como dissera Harris, em fazer daquela região do Atacama um território privilegiado, do qual Dick Sand não sabia mais senão que formava um

dos mais vastos desertos da América do Sul, entre os Andes e o oceano Pacífico?

Naquele dia, Dick Sand fez a este respeito algumas perguntas ao americano, e mostrou-lhe a surpresa que lhe causava o extraordinário aspecto do pampa.

Mas Harris desenganou-o imediatamente, dando-lhe sobre aquela região da Bolívia exatas particularidades, provando assim o seu profundo conhecimento do país.

— Tem razão, meu jovem amigo — disse Harris ao prático. — O verdadeiro pampa é tal como lho têm descrito os livros de viagem, isto é, uma planície imensa, muito árida, cuja jornada através dela é a maior parte das vezes impossível. Faz lembrar as nossas planícies da América do Norte, com a diferença, porém, de que estas são um pouco mais pantanosas. Tal é o pampa do rio Colorado, tais são os “Uanos” do Orenoque e da Venezuela. Aqui, porém, estamos num país cuja aparência a mim mesmo me espanta. É a primeira vez que eu percorro este caminho atravessando esta altura, caminho que tem a vantagem de abreviar a nossa viagem. Mas, se o não vi ainda, sei contudo que faz extraordinário contraste com o verdadeiro pampa. Este vê-lo-ia, não entre a cordilheira de oeste, e as altas serras dos Andes, mas para além das montanhas, na parte oriental do continente, que se estende até ao Atlântico.

— Teremos pois de atravessar a cadeia dos Andes?

— perguntou Dick Sand, com muito interesse.

— Não, meu amigo — volveu o americano, sorrindo.

— Disse-lhe “vê-lo-ia” e não “vê-lo-á”. Sossegue, que não deixaremos esta alta planura, da qual as maiores alturas não excedem mil e quinhentos pés. Se fosse necessário atravessar as cordilheiras com os únicos meios de transporte de que dispomos, não me teria arriscado a semelhante aventura.

— E com efeito — declarou Sand —, melhor seria seguir ao longo pela costa.

— Antes isso, cem vezes! — replicou Harris. — Mas a hacienda de San Felice está situada para aquém da cordilheira.

Tanto a primeira como a segunda parte da nossa viagem não terão, pois, dificuldades.

— E não receia perder-se nestas florestas, que pela primeira vez atravessa? — perguntou Dick Sand.

— Não receio. Sei que ela é como um mar imenso, ou, antes, como o fundo de um mar, onde nem os marítimos poderiam tomar alturas dos astros e conhecer a sua posição; mas, habituado a viajar pelos bosques, sei procurar o caminho unicamente pela disposição de certas árvores, pela direção das suas folhas, pelo movimento ou composição dos terrenos e por mil outras particularidades, que decerto lhe escapam. Tenha a certeza de que os hei de conduzir aonde devem parar!

Tudo isto dizia Harris com certa franqueza. Dick Sand e o americano, à frente da caravana, falavam muitas vezes um com o outro sem que ninguém entrasse na conversação. Se o prático tinha algumas inquietações, que o americano não conseguia dissipar, preferia guardá-las para si.

Os dias 8, 9, 10, 11 e 12 de Abril passaram-se sem incidente notável. Não caminhavam mais de oito a nove milhas em doze horas. Os momentos destinados às refeições ou ao repouso sucediam-se regularmente, e, embora a fadiga já se fizesse sentir, o estado sanitário era ainda muito satisfatório.

Jack começava a sofrer daquele viver no bosque, a que não estava acostumado. Demais a mais não cumpriram as promessas que lhe fizeram. Os bonecos de borracha, os beija-flores, tudo parecia recuar constantemente. Também lhe tinham falado dos mais belos papagaios do mundo, os que deviam abundar

naquelas riquíssimas florestas. Onde estavam, pois, os papagaios de penas verdes, quase todos oriundos daquelas regiões; as araras de cabeça despida de penas, de longas caudas pontiagudas, de cores brilhantes e cujos pés nunca pousam na terra; os camindés, mais especialmente vistos nos países tropicais; os periquitos multicolores, de cabeça emplumada, e, finalmente, todas as aves parreiras, das quais dizem os índios que falam ainda a língua das tribos extintas?

Jack só via os papagaios cinzentos, de cauda encarnada, que superabundavam sob as árvores, mas estes papagaios já ele os vira. Para todas as partes do mundo têm sido levados. Nos dois continentes enchem as casas com as suas garrulices insuportáveis, e de toda a família das psitácaras são os que mais facilmente aprendem a falar.

Deve dizer-se que, se Jack não estava contente, primo Bénédicte não estava mais satisfeito. Tinham-lhe dado alguma liberdade durante a marcha para andar de um para outro lado; mas não encontrou nenhum inseto digno de figurar na sua coleção.

À noite os piróforos obstinavam-se em não lhe aparecer, nem em o atrair pelas fosforescências dos seus toracetes. A natureza parecia brincar com o infeliz entomologista, que começava a estar de mau humor.

Durante mais quatro dias continuou a marcha para o nordeste, nas mesmas condições. A 16 de Abril contavam-se não menos de cem milhas percorridas desde a costa. Se Harris se não tinha perdido — e ele afirmava que não — a hacienda de San Felice estava apenas a vinte milhas do ponto onde descansaram naquele dia. Antes de quarenta e oito horas a pequena caravana teria abrigo cômodo, onde poderia, finalmente, descansar de todas as fadigas.

Contudo, apesar de o planalto ter sido quase todo atravessado, não se encontrou um único indígena na

extensa floresta.

Dick Sand, sem nada dizer, lastimava-se por não ter podido encalhar noutra ponto do litoral. Mais para o sul ou imais para o norte, as vilas, as aldeias ou as plantações não faltariam, e Mrs. Weldon e os seus companheiros teriam mais cedo encontrado abrigo.

Mas se a região parecia abandonada pelos homens, os animais reapareciam com mais frequência nos últimos dias.

Ouviam-se algumas vezes gritos longos e tristes, que Harris atribuiu a alguns dos corpulentos tardígrados, hóspedes habituais daquelas vastas regiões cobertas de matas, os quais têm o nome de preguiças.

No mesmo dia, durante o descanso, ouviu-se um silvo agudo, que, por ser extraordinário, não deixou de inquietar Mrs. Weldon.

— Que é isto? — perguntou ela, levantando-se sobressaltada.

— É uma serpente! — exclamou Dick Sand, correndo para a frente de Mrs. Weldon com a carabina engatilhada.

Era para recear, com efeito, que algum réptil se tivesse arrastado por entre as ervas até ao lugar onde descansavam. Não seria para espantar que fosse uma enorme sucuriúba, espécie de jibóia, que algumas vezes mede quarenta pés de comprimento.

Mas Harris chamou imediatamente Dick Sand, a quem os negros iam seguindo, e tranquilizou Mrs. Weldon.

Segundo a opinião do americano, o silvo que se ouvira não era de uma sucuriúba, por isso que esta serpente não assobia; indicava porém a presença de certos quadrúpedes inofensivos, mas muito numerosos naquele território.

— Descanse — recomendou ele — e não faça nenhum movimento que possa assustar estes animais.

— Mas que animais são? — perguntava Dick Sand, que se impusera o dever de obrigar o americano a falar, e o qual, aliás, não se mostrava muito renitente em lhe responder.

— São antílopes, meu jovem amigo — esclareceu Harris.

— Oh! Então quero vê-los! — exclamou Jack.

— É muito difícil, meu amigo — declarou o americano —, é muito difícil.

— Talvez possamos tentar aproximar-nos desses antílopes que assobiam — tornou Dick Sand.

— Qual! Não andaria três passos — respondeu o americano, sacudindo a cabeça — sem que fugissem! É melhor deixá-los!

Tinha porém razão de ser a curiosidade de Dick Sand. Quis ver e, com a carabina na mão, meteu-se por entre as moitas. Imediatamente uma grande quantidade de gazelas graciosas, de chavelhos curtos e aguçados, passou com a velocidade de uma tromba. Porque tinham pelo de cor ruiva muito viva, pareciam, tal era a sua rapidez, uma nuvem de fogo que passava por debaixo do alto arvoredado da floresta.

— Já o tinha prevenido! — disse Harris, quando o prático voltou.

Se foi realmente impossível distinguir aqueles antílopes, tão ligeiros na carreira, não aconteceu outro tanto a um outro bando de animais, que apareceu no mesmo dia. Estes viram-se imperfeitamente, é certo, mas a sua aparição foi causa de animada discussão entre Harris e alguns dos seus companheiros.

O rancho, cerca das quatro horas da tarde, parara um instante junto de uma clareira, quando três ou quatro animais de grande altura desembocaram do mato, que estava a cem passos de distância, e fugiram imediatamente, correndo com incrível velocidade.

Apesar das recomendações do americano, o prático

desta vez, tendo firmado bem a pontaria, fez fogo sobre um dos animais; mas, no momento em que a carabina se disparava, foi rapidamente desviada por Harris, e Dick Sand, apesar de bom atirador, errou o alvo.

— Não faça fogo! Não faça fogo! — ordenou o americano.

— São girafas! — exclamou Dick Sand, respondendo assim à observação de Harris.

— Girafas! — repetiu Jack, endireitando-se no selim. — Onde estão elas?

— Girafas! — disse também Mrs. Weldon. — Enganas-te decerto, Dick. Não há girafas na América.

— E, com efeito — acrescentou Harris, que parecia muito perturbado —, não pode haver girafas neste país!

— Mas então?... — estranhou Dick Sand.

— Não sei realmente o que pense! — respondeu Harris. — Não o teriam enganado os olhos, meu amigo, e não serão avestruzes os animais que viu?

— Avestruzes! — repetiram. Dick Sand e Mrs. Weldon, olhando-se muito admirados.

— Sim — disse Harris.

— Mas as avestruzes são aves — replicou Dick Sand —, e por consequência não têm quatro patas.

— Mas eu julguei que os animais que fugiram tão rapidamente eram bípedes!

— Bípedes! —olveu o práctico.

— Pois parece-me ter visto muito bem animais de quatro patas — declarou então Mrs. Weldon.

— E eu também — acudiu o velho Tom, cujas palavras foram confirmadas por Bat, Acteon e Agostinho.

— Avestruzes de quatro patas! — exclamou Harris, rindo. — Isso seria engraçadíssimo.

— Por isso nós julgamos que eram girafas e não avestruzes.

— Não, meu amigo! Viu mal com toda a certeza. A sua ilusão explica-se pela rapidez com que aqueles

animais fugiram. Mais de uma vez os caçadores se têm enganado, e na melhor boa-fé.

O que dizia o americano era plausível. Entre um avestruz de grande estatura e uma girafa de mediana grandeza, vistos a certa distância, o engano seria fácil. Ou seja um bico, ou um focinho, ambos estão no extremo de longuíssimos pescoços, deitados para trás; pode pois dizer-se que um avestruz é uma meia girafa. Só lhe faltam as pernas do quarto traseiro. Portanto, este bípede e aquele quadrúpede, passando inesperada e rapidamente, podem ser confundidos um com o outro.

Mas a melhor prova de que Mrs. Weldon e os outros se enganavam é que na América não há girafas.

Dick Sand fez então a seguinte reflexão: — Julgava que os avestruzes, como as girafas, não se encontravam no Novo Mundo.

— Pois não, meu amigo — respondeu Harris —, e a América do Sul possui uma espécie particular. A esta espécie pertence o nandu, que foi justamente o que viu!

Harris dizia a verdade. O nandu é um pernalta muito comum nas planícies da América do Sul; a carne deste animal, quando novo, é saborosa. Robusto, de grandeza que algumas vezes excede a dois metros, tem o bico direito, as asas compridas e formadas por penas espessas, tufadas e de cor azulada, os pés têm três dedos com unhas — o que principalmente os distingue dos avestruzes da África.

Estas exatíssimas particularidades deu-as Harris, que parecia ser muito conhecedor dos nandus. Mrs. Weldon e os seus companheiros convenceram-se, afinal, de que se tinham enganado.

— Mas — acrescentou Harris — é muito possível encontrarmos novos bandos de avestruzes. Se assim for, olhem melhor, para não confundirem outra vez com quadrúpedes! E sobretudo, meu amiguinho, lembre-se das minhas recomendações e não torne a fazer fogo, seja

qual for o animal! Não temos necessidade de caçar para nos alimentarmos, e, repito-lhe, importa muito que a detonação de uma arma não revele a nossa presença nesta floresta.

Dick Sand, porém, ficara pensativo. Uma dúvida se lhe levantou no espírito.

No dia seguinte, 17 de abril, continuou a marcha. O americano afirmou que dentro de vinte e quatro horas a pequena caravana estaria por certo a descansar na hacienda de San Felice.

— Lá, Mrs. Weldon — acrescentou ele —, será tratada com todos os cuidados devidos a uma senhora, e com poucos dias de repouso ficará completamente restabelecida das fadigas da jornada. É provável que não encontre na fazenda o luxo a que está habituada na sua casa em São Francisco, mas verá que nas nossas plantações não faltam boas comodidades. Não somos absolutamente selvagens.

— Sr. Harris — respondeu Mrs. Weldon —, só temos agradecimentos a dar-lhe em troca do seu generoso auxílio, mas são agradecimentos sinceros. É, porém, tempo de chegarmos!

— Muito cansada, Mrs. Weldon?

— Sim, mas pouco importa. O pior é que Jack vai enfraquecendo pouco a pouco. A febre começa a atacá-lo em horas certas!

— O clima nestas alturas é muito sadio; contudo, deve dizer-se que, em Março e em Abril, reinam aqui febres intermitentes.

— Assim é — confirmou então Dick Sand —, mas a natureza, sempre previdente, pôs o remédio junto ao mal.

— Como, meu amigo? — perguntou Harris, que parecia não ter compreendido.

— Pois não estamos na região onde se encontram as árvores da quina? — disse Dick Sand.

— Tem razão. Aqui há as árvores que produzem a preciosa casca contra essa febre.

— Admiro-me — prosseguiu Dick Sand — de não as termos visto ainda.

— Meu jovem amigo — replicou Harris —, essas árvores não são fáceis de distinguir. Conquanto, pela maior parte das vezes, sejam altas, tenham folhas grandes, flores cor-de-rosa e aromáticas, não se descobrem facilmente. Estão disseminadas pelas florestas, e os índios que apanham a quina só as conhecem por estarem sempre cobertas de folhas.

— Sr. Harris — pediu Mrs. Weldon —, se vir uma dessas árvores, mostre.

— Certamente, Mrs. Weldon, mas na hacienda há sulfato de quinino, que é melhor para cortar as febres do que a casca da árvore.(1)

**1. Antigamente reduzia-se esta casca a pó, o qual tinha o nome de “pó dos jesuítas”, porque os jesuítas de Roma receberam da sua missão da América considerável quantidade dele.*

Passou-se sem incidente o último dia da jornada. Veio a noite e pararam como era costume. Não tinha chovido até então, mas o tempo ia mudar, porque uma evaporação quente elevou-se do solo, transformando-se em espesso nevoeiro.

Começava então a estação das chuvas. Felizmente, no dia seguinte, confortável abrigo seria hospitaleiramente proporcionado à pequena caravana. Poucas horas restavam já a passar.

Apesar de, segundo dizia Harris, que fundamentava o seu cálculo na duração da viagem, não poderem estar a mais de seis milhas da hacienda, tomaram-se todas as precauções indispensáveis para a noite. Tom e os companheiros velariam, uns após outros. Dick Sand cuidou em que nada fosse esquecido. Não queria menos

do que dantes deixar a sua habitual prudência, porque uma suspeita terrível entrara no seu espírito; mas nada quis dizer.

Pararam junto de um pequeno bosque de árvores altas e frondosas. Mrs. Weldon e os seus, a quem a fadiga dominava, dormiam já, quando foram sobressaltados por um grito enorme.

— Que é isto? — perguntou vivamente Dick Sand, pondo-se de pé primeiro que os outros.

— Sou eu! Sou eu! — respondeu primo Bénédict.

— O que houve? — perguntou Mrs. Weldon.

— Fui mordido!

— Por uma serpente talvez? — disse, assustada, Mrs. Weldon.

— Não, não! Não foi serpente, mas um inseto — explicou primo Bénédict. — Ah! Mas peguei-o, peguei-o!

— Pois bem, pise-o — aconselhou Harris — e deixem-nos dormir descansados, Sr. Bénédict.

— Pisar um inseto! — exclamou primo Bénédict. — Isso não! É necessário ver primeiro que inseto é.

— Algum mosquito! — sugeriu Harris, encolhendo os ombros.

— Qual! É mosca — elucidou primo Bénédict —, e mosca que deve ser muito rara!...

Dick Sand, que tinha acendido uma pequena lanterna, aproximou-se de primo Bénédict.

— Ora graças à Providência! — exclamou este. — Tenho a compensação de todas as minhas decepções! Fiz enfim uma descoberta!

O pobre homem delirava de prazer. Olhava para a mosca com ar triunfante. Seria capaz de a beijar.

— Mas o que é? — perguntou Mrs. Weldon.

— Um díptero, prima, um famoso díptero!

E primo Bénédict mostrou uma mosca menor do que uma abelha, de cor escura, e listrada de amarelo na parte inferior do corpo.

— Não é venenosa? — perguntou Mrs. Weldon.

— Não, prima, não é, pelo menos para o homem; mas para os antílopes, para os búfalos, e até mesmo para os elefantes, é caso diferente! Ah! Que adorável inseto!...

— Mas não nos dirá como se chama essa mosca? — perguntou Dick Sand.

— Esta mosca — respondeu o entomologista —, esta mosca que eu tenho aqui, entre os meus dedos, esta mosca... chama-se tsé-tsé, famoso díptero que faz honra a um país e que até hoje ainda não foi visto na América!...

Dick Sand não se atreveu a perguntar a primo Bénédicte qual era a parte do mundo onde unicamente se encontrava aquele temível inseto.

Passado este incidente, todos continuaram o sono interrompido. Dick Sand, porém, apesar da fadiga que o prostrava, não pôde dormir.

CAPÍTULO XVIII

A PALAVRA TERRÍVEL

Era tempo de chegar. Grande abatimento impossibilitava Mrs. Weldon de continuar por mais tempo uma viagem feita em tão penosas condições. O seu filho, muito vermelho, durante os acessos da febre, pálido nos intervalos, fazia pena de ver. Mrs. Weldon, extremamente inquieta, não quis abandonar Jack, nem mesmo aos cuidados de Nan. Tinha-o meio deitado nos braços.

Era tempo de chegar! Mas, pelo que dizia o americano, na tarde do dia que então começava, 18 de Abril, a pequena caravana estaria abrigada na hacienda de San Felice.

Doze dias de jornada para uma senhora, doze noites passadas ao ar livre, era para abater Mrs. Weldon, por muito forte que fosse. Mas pior era ainda para uma criança, e a doença de Jack, a quem faltara o mais simples tratamento, bastou para o prostrar completamente.

Dick Sand, Nan, Tom e os seus camaradas sofreram as fadigas da viagem.

Os víveres, conquanto comesçassem a rarear, não tinham faltado ainda e estavam bem conservados.

Harris parecia afeito às longas caminhadas por entre as florestas; não se mostrava cansado. Dick Sand, porém, notou que à proporção que se aproximavam da hacienda Harris parecia mais preocupado, e que o seu parecer era menos franco, quando o contrário seria mais natural.

Era, pelo menos, a opinião do jovem prático, cada vez mais desconfiado do americano. E, contudo, que interesse teria Harris em os enganar? Dick Sand não o

sabia dizer, mas vigiava muito de perto o seu guia.

O americano provavelmente percebia que estava já mal visto por Dick Sand, e era sem dúvida esta desconfiança que o fazia ainda mais taciturno junto do seu “jovem amigo”.

Continuou a marcha.

Na floresta menos cerrada, as árvores destacavam-se em grupos e já não formavam bosques impenetráveis. Seria o verdadeiro pampa de que falara Harris?

Correram as primeiras horas do dia sem que nenhum incidente viesse agravar as inquietações de Dick Sand. Ele notou, no entanto, dois fatos, que talvez não tivessem grande importância, mas naquelas conjunturas nenhuma particularidade se devia perder.

Foi o procedimento de Dingo o que primeiramente atraiu muito especialmente a atenção do prático.

Efetivamente, Dingo, que durante todo o caminho parecia seguir um rasto, mudou quase repentinamente. Até então andara sempre com o focinho no chão, a maior parte das vezes farejando as ervas e os arbustos onde parava, ou se ladrava era tão tristemente que parecia querer exprimir penas ou saudades.

(Naquele dia, porém, os ladridos do extraordinário animal eram mais agudos, e às vezes mais furiosos, como quando via Negro no convés do “Pilgrim”.

Uma suspeita passou pelo espírito de Dick Sand, a qual Iha confirmou Tom, dizendo-lhe:

— É notável, Sr. Dick! Dingo não fareja a terra como fazia ainda ontem. Anda com o focinho levantado, está agitado e tem o pelo hirto! Parece que de longe Ihe dá o faro de...

— Negro, não é verdade? — atalhou Dick Sand, agarrando o braço do velho negro e fazendo-lhe sinal para falar em voz baixa.

— Negro, sim, Sr. Dick. Não será possível que ele tenha seguido as nossas pegadas?

— É possível, Tom, e até mesmo que não esteja agora muito longe.

— Mas... por quê? — perguntou Tom.

— Por quê? Ou Negoro não conhecia a região, e nesse caso tinha interesse em não nos perder de vista...

— Ou então?... — disse Tom, que olhava para o prático cheio de ansiedade.

— Ou então — prosseguiu Dick — conhecia-a e...

— Mas como poderia Negoro conhecer esta região? Ele nunca esteve aqui!

— Nunca esteve aqui? — murmurou Dick Sand. — Enfim, o fato incontestável é que Dingo ladra como se aquele homem, que ele detesta, se tivesse aproximado de nós!

E, interrompendo-se para chamar o cão, que, depois de hesitar, correu para ele, disse: — Negoro! Negoro!

Um uivo furioso foi a resposta de Dingo. Aquele nome fez sobre o cão o efeito do costume, e Dingo avançou como se Negoro estivesse escondido por trás das moitas.

Harris, que, tudo tinha visto, aproximou-se do prático.

— Que quer Dingo? — inquiriu.

— Oh!... Nada ou quase nada, Sr. Harris — respondeu Tom, ironicamente. — Pedíamos notícias do nosso companheiro de bordo, aquele que se perdeu!

— Ah! — disse o americano. — O cozinheiro do navio, de quem já me falaram?

— Exatamente — explicou Tom. — Quem vir Dingo dirá que Negoro anda perto.

— Como poderia ele chegar até aqui? — prosseguiu Harris. — Que eu saiba, nunca ele veio a estes sítios!

— Decerto, salvo o caso de o ter ocultado! — sugeriu Tom.

— Seria para admirar — continuou Harris —, mas,

se querem, podemos bater o mato. É possível que o homem tenha necessidade de socorro e que esteja em grande aflição...

— É inútil, Sr. Harris — retorquiu Dick Sand. — Se Negoro soube vir até aqui, sabe ir para diante. É homem desembaraçado!

— Como quiser...

— Vamos, Dingo, cala-te — ordenou Dick Sand, para dar por finda a conversação.

A segunda observação feita pelo prático dizia respeito ao cavalo do americano.

Não parecia dar-lhe o “cheiro da cavalaria”, como acontece aos animais da sua espécie.

Não sorvia o ar, não apressava o passo, não dilatava as ventas nem relinchava, sinais estes que indicam o fim de uma jornada. Observando-o bem, via-se que estava tão indiferente como se a hacienda, à qual tinha ido muitas vezes, e que devia conhecer, estivesse ainda a alguns centos de milhas.

“Não dá sinal de cavalo que chega a casa”, pensava o prático.

E, contudo, pensando no que Harris havia dito na véspera, restavam apenas seis milhas a caminhar, e destas, às cinco horas da tarde, quatro estariam andadas, com toda a certeza.

Mas se o cavalo não dava mostras de estar próximo da cavalaria, de que aliás devia gostar, não havia, tão-pouco, sinais de proximidade de uma grande plantação, tal como devia ser a hacienda de San Felice.

Mrs. Weldon, indiferente, como então estava, a tudo quanto não dizia respeito ao seu filho, ficou impressionada por ver ainda a região tão deserta. Nem um indígena, nem um moço da hacienda a tão curta distância! Ter-se-ia enganado Harris? Não! Repeliu esta ideia. Nova demora seria a morte do seu Jack!

Todavia, Harris caminhava sempre na frente, mas

observando o bosque, ora para a direita, ora para a esquerda, como quem não está certo de si... ou do caminho que trilha!

Mrs. Weldon fechou os olhos para não ver.

Depois de percorrerem uma planície de uma milha de extensão, a pequena caravana caminhou de novo por entre as árvores de outra floresta, a qual não era contudo tão espessa como a que ficava para oeste.

Às seis horas da tarde tinham chegado a um bosque cerrado, pelo qual parecia ter passado um bando de grandes animais.

Dick Sand olhou muito atentamente em volta dele.

Numa altura que não excedia muito o tamanho de um homem, os ramos estavam arrancados ou quebrados; ao mesmo tempo as ervas, violentamente afastadas, mostravam no terreno, um pouco alagadiço, pegadas que não eram de onças ou de pumas.

Seriam talvez das preguiças ou dalguns outros tardígrados, cujos pés tinham deixado sinais no solo? Mas como explicar, neste caso, os ramos quebrados a tal altura?

Os elefantes poderiam, sem dúvida, deixar semelhantes vestígios, marcar tão largas pegadas, e fazer tão grande abertura nas impenetráveis selvas. Mas não se encontram elefantes na América. Estes enormes paquidermes não são oriundos do Novo Mundo, nem tão-pouco se têm podido aclimatar nele.

A hipótese, pois, de que os elefantes tivessem por ali passado era inadmissível.

Fosse, porém, como fosse, Dick Sand não disse o que aquele fato inexplicável lhe fazia pensar. A tal respeito nem sequer interrogou o americano. Que se devia esperar de um homem que tentara fazer-lhe acreditar que as girafas eram avestruzes? Harris teria dado sobre o caso qualquer explicação mais ou menos bem imaginada e que em nada mudaria a situação.

Em todo o caso, a opinião de Dick a respeito de Harris estava formada. Convencia-se de que ele era um malvado!

Esperava apenas ocasião para pôr bem em relevo a sua deslealdade e para lhe pedir contas. Essa ocasião — tudo o indicava — estava próxima.

Qual era porém o fim secreto de Harris? Qual era o futuro que se antolhava aos naufragos do “Pilgrim”? Dick Sand pensava repetidas vezes que a sua responsabilidade não acabara com o naufrágio. Competia-lhe, e mais do que nunca, atender à salvação daqueles que o encalhe lançara à costa! Aquela mulher com o seu filho, os negros, todos os seus companheiros de infortúnio, enfim, era ele quem os devia salvar! Mas se alguma coisa podia tentar a bordo, se a bordo podia proceder como marinheiro, ali, no meio das terríveis provações que previa, que devia fazer?

Dick Sand não quis fechar os olhos perante a terrível realidade, que de momento para momento se tornava evidente. Capitão do “Pilgrim”, apesar de ter quinze anos, era ele quem tornaria a comandar nas presentes conjunturas. Mas nada quis dizer que pudesse atemorizar a pobre mãe, antes de chegar a ocasião de proceder conforme as circunstâncias aconselhassem.

Nada disse nem mesmo quando, precedendo a caravana a cerca de cem passos de distância, chegou à margem de uma larga ribeira e viu grandes animais correndo por entre as ervas altas da encosta.

— Hipopótamos! Hipopótamos! — ia ele a dizer.

Eram, com efeito, estes paquidermes de enorme cabeça, focinho largo e grosso, boca guarnecida de dentes formidáveis, pernas curtas, e cuja pele é de cor ruiva-escura! Mas hipopótamos na América!

Continuaram, mas com muito custo, caminhando durante o dia. O cansaço começava a retardar até mesmo os mais fortes. Era tempo de chegar, ou seria

forçoso parar novamente.

Mrs. Weldon, preocupada com o seu filho Jack, não sentia talvez a fadiga, mas tinha todas as suas forças esgotadas. Todos mais ou menos estavam fatigados.

Dick Sand resistia pelo excesso de energia moral que lhe vinha do sentimento do dever.

Pelas quatro horas da tarde, o velho Tom encontrou entre as ervas um objeto que lhe atraiu a atenção. Era uma arma, uma espécie de faca de forma particular, que tinha a lâmina recurvada e encabada num cabo quadrangular, toscamente lavrado.

Tom levou a faca a Dick Sand, que lhe pegou, examinou-a e mostrou por fim ao americano, dizendo:

— Os indígenas não devem estar longe!

— Não devem, não — respondeu Harris —, contudo...

— Contudo?... — repetiu Dick Sand, fixando os olhos em Harris.

— Devíamos estar perto da hacienda — tornou Harris, hesitando —, e não reconheço...

— Perdeu-se? — perguntou com vivacidade Dick Sand.

— Não, não estou perdido... A hacienda não deve ficar agora a mais de três milhas. Quis vir pelo caminho mais curto através da floresta, e fiz mal, talvez.

— Talvez — admitiu Dick Sand.

— Farei melhor, penso eu, em ir andando adiante — sugeriu Harris.

— Não, Sr. Harris, não nos separemos — replicou Dick Sand, com modo decidido.

— Como quiser! — tornou o americano —, mas durante a noite ser-me-á difícil guiá-los.

— Não importa! — disse Dick Sand. — Pararemos. Mrs. Weldon não se oporá a passar mais uma, a última noite, debaixo das árvores, e amanhã, depois do Sol nascer, continuaremos a caminhar. Duas ou três milhas

percorrem-se numa hora.

— Seja assim — respondeu Harris.

Neste momento Dingo ladrava furiosamente.

— Aqui! Dingo, aqui! — chamou Dick Sand. — Tu bem sabes que não há ninguém e que estamos num deserto. ..

Decidiu-se que se fizesse a última paragem.

Mrs. Weldon deixou que os seus companheiros resolvessem sem pronunciar uma única palavra. Jack, prostrado pela febre, descansava nos seus braços.

Procurou-se o melhor lugar para passar a noite.

Foi sobre um pequeno bosque que Dick Sand tratou de dispor tudo para poderem dormir. Tom, que se ocupava juntamente com Dick dos preparativos, parou de repente, gritando:

— Sr. Dick... Veja!... Veja!...

— Que é, Tom? — perguntou Dick Sand, com a placidez de quem está prevenido para tudo.

— Ali... Ali... — indicou Tom —, naquelas árvores... manchas de sangue!... No chão, membros mutilados!...

— Cala-te, Tom, cala-te!

Efetivamente, pelo chão estavam mãos cortadas, e, junto a estes restos humanos, cangas quebradas e uma corrente arrebitada.

Felizmente, Mrs. Weldon nada vira deste horrendo espetáculo.

Harris conservava-se desviado, e quem o tivesse visto naquele momento ficaria impressionado com a mudança que nele se operara. Havia na sua fisionomia traços de ferocidade.

Dingo, que se aproximara de Dick Sand, ladrava enraivecido diante dos restos ensanguentados.

O prático enxotou-o, mas não sem muito custo.

Entretanto o velho Tom, vendo as cangas e a cadeia quebrada, ficou imóvel, como se os pés estivessem pregados ao chão. Com os olhos demasiadamente

abertos e as mãos hirtas, olhava, e murmurava estas incoerentes palavras:

— Já vi... já vi... estes ferros... Era muito pequenino... Vi!...

É que, sem dúvida, as recordações da sua infância o assaltavam vagamente... Fazia diligência para se lembrar!... Ia falar!...

— Cala-te, Tom! — repetiu Dick Sand. — Por Mrs. Weldon, por todos nós, te peço que te cales!

E o prático levou consigo o velho negro.

Escolheu-se a alguma distância daquele lugar um outro em que pernoitassem.

Preparou-se a refeição, mas pouco se comeu dela. Havia mais cansaço do que fome. Estavam todos sob uma indizível impressão de desassossego, que era quase terror.

Caiu a noite. Em pouco tempo as trevas eram profundas. O céu estava coberto de nuvens de trovoadas. Para o lado do oeste, no horizonte, viam-se, por entre as árvores, brilhar relâmpagos de calor. O vento acalmara completamente; nem uma folha sequer se agitava nas árvores. Aos ruídos do dia sucedera absoluto silêncio. Era fácil de acreditar que a atmosfera, pesada e saturada de eletricidade, se tornara imprópria para a transmissão do som.

Dick Sand, Agostinho e Bat velavam juntos. Diligenciavam naquela noite profunda ver alguma claridade ou ouvir algum ruído que lhes fosse suspeito. Nada, porém, perturbava o silêncio e a obscuridade da floresta.

Tom, não amedrontado, mas absorvido pelas suas recordações, com a cabeça inclinada, continuava imóvel, como ferido por um golpe imprevisto.

Mrs. Weldon acalentava o filho nos braços, e só nele pensava.

Primo Bénédicte dormia talvez, porque era o único

que não sentia a impressão geral. As suas faculdades para pressentir não iam muito longe. De repente, pelas onze horas, ouviu-se um rugido prolongado e grave, acompanhado por uma espécie de urro mais agudo. Tom pôs-se de pé, estendendo a mão para uma mata espessa, que distava uma milha quando muito.

Dick Sand agarrou-o pelo braço, mas não pôde evitar que Tom gritasse: — Leão! Leão!

O velho negro reconhecera o rugido que tantas vezes ouvira quando era criança.

— É o leão! — repetiu ele.

Dick Sand, não podendo já dominar-se, correu de punhal na mão para o lugar onde ficara Harris...

O americano, porém, já tinha desaparecido, levando consigo o cavalo.

Houve como que uma revelação no espírito de Dick Sand... Não estava onde supunha!

Não foi a costa da América que o “Pilgrim” avistara! Não foi a ilha de Páscoa que o práctico marcou, mas outra ilha, demorando precisamente a oeste do continente em que estavam, como a ilha de Páscoa fica a oeste da América!

A bússola enganara-o durante uma parte da viagem. É conhecida a razão! Arrastado com a tempestade, seguindo rumo errado, devia ter montado o Cabo Horn, e do oceano Pacífico passado para o Atlântico! A velocidade do seu navio, que só imperfeitamente podia estimar, tinha duplicado, sem que se soubesse, pela força do temporal.

Eis a razão por que as árvores da borracha, as quinas, os produtos da América do Sul, faltavam a este continente, que não era nem o planalto de Atacama, nem o pampa da Bolívia!

Eram girafas, e não avestruzes, que fugiram na clareira! Eram elefantes que atravessavam a mata espessa! Eram hipopótamos, cujo repouso ao abrigo das

ervas altas Dick Sand perturbara! Era a tsé-tsé, o díptero que Bénédict apanhou, a temível tsé-tsé, cujas mordeduras matam os animais das caravanas!

Era, finalmente, o rugido do leão, que ressoava nos bosques! As cangas, as correntes, a faca de forma especial, eram os utensílios do mercador de escravos! Aquelas mãos mutiladas eram de cativos!

Negoro e Harris deviam estar conluiados!

E estas palavras terríveis, adivinhadas por Dick Sand, saíram, enfim, dos seus lábios:

— A África! A África Equatorial! A África dos negreiros e dos escravos!

Segunda Parte

NA ÁFRICA

Quando a decisão e a audácia habitam um corpo jovem geram abnegação e heroísmo. Agora, pela terra adentro, perdido o Pilgrim nas costas de Angola, na África, e não nas Américas, Dick Sand vai penetrando no continente. Florestas, rios e animais ferozes são perigos que surgem a cada passo. Mas a verdadeiro ameaça é outra... o homem. Dick Sand, embora muito jovem, tudo vai enfrentar pela salvação dos amigos — e a glória de seu nome.

CAPÍTULO I

A ESCRAVATURA

A escravatura! Ninguém ignora a significação desta palavra, que nunca devia ser proferida pelos homens. Este tráfico abominável, feito durante muito tempo em proveito das nações europeias que possuíam colônias de além-mar, mas proibido, há já alguns anos, faz-se contudo ainda em grande escala, principalmente na África Central.

Na segunda metade do século XIX, a assinatura de alguns Estados, que se dizem cristãos, ainda se não lê no tratado que aboliu a escravidão.

Seria para acreditar que o tráfico de escravos se não fizesse já, que a compra e venda de criaturas humanas tivesse acabado.

Tal assim não acontece, porém, e é isto justamente o que o leitor deve conhecer se quiser tomar verdadeiro interesse pela segunda parte desta história. Convém saber-se o que são essas caçadas aos homens, que ameaçam despovoar um continente inteiro com o fim de sustentar algumas colônias de escravos, onde e de que modo se fazem essas bárbaras correrias, o sangue que custam, os incêndios e os roubos que provocam e, finalmente, a quem aproveitam.

Foi no século XV que pela primeira vez se viu o tráfico de negros. As circunstâncias em que tal comércio se estabeleceu foram as seguintes:

Os Muçulmanos, depois de expulsos da Espanha, refugiaram-se para além do estreito na costa da África. Os Portugueses, que então ocupavam essa parte do litoral, perseguiram-nos encarniçadamente. Alguns fugitivos foram feitos prisioneiros e levados para Portugal. Reduzidos à servidão, constituíram o primeiro

núcleo de escravos africanos que se formou na Europa Ocidental depois do estabelecimento da era cristã.

Mas aqueles muçulmanos pertenciam na sua maioria a famílias opulentas, que os quiseram resgatar a troco de grandes riquezas. Recusaram-se os Portugueses: não tinham em que empregar o ouro estrangeiro. O que lhes faltava eram braços indispensáveis para os rudes trabalhos das colônias nascentes, e, para que tudo se diga, os braços do escravo.

As famílias muçulmanas, não conseguindo resgatar os parentes cativos, propuseram então a sua troca por número maior de negros da África, dos quais facilmente se apoderariam. Aceitaram os Portugueses a oferta, que lhes dava vantagem, e assim se fundou a escravatura na Europa.

Pelos fins do século XVI, este tráfico odioso estava geralmente admitido, sem que repugnasse aos costumes, ainda bárbaros, daqueles tempos. Todos os Estados o protegiam, a fim de mais rapidamente e por modo mais seguro colonizarem as ilhas do Novo Mundo. Os escravos de origem negra resistiriam melhor nos lugares onde os brancos mal aclimatados, e pouco afeitos ao calor inter-tropical, morreriam aos milhares. O transporte de negros para as colônias da América fazia-se então em navios especiais, e foi este ramo de comércio transatlântico a causa de se estabelecerem importantes mercados em diversos pontos da costa da África. A mercadoria custava pouco no país que a exportava, e os lucros eram consideráveis.

Mas, por muito necessária que fosse, sob todos os pontos de vista, a fundação das colônias de além-mar, essa necessidade contudo não justificava a existência dos mercados de carne humana.

Levantaram-se então clamores, protestando contra o comércio de negros e pedindo aos governos europeus a sua abolição em nome dos princípios humanitários.

Em 1751, os quacres puseram-se à frente do movimento tendente à abolição da escravatura no seio da América do Norte, onde cem anos depois rebentava a guerra separatista, a que não foi estranha a questão da escravatura. Diversos Estados do Norte, a Virgínia, o Connecticut, o Massachusetts e a Pensilvânia, decretaram a abolição da escravatura e a libertação dos escravos, trazidos por grandes preços para os territórios desses Estados.

Mas a campanha iniciada pelos quacres não se limitou às províncias setentrionais do Novo Mundo. Os partidários da escravatura foram energeticamente perseguidos além do Atlântico. A França, e mais notavelmente a Inglaterra, recrutaram partidários para esta justa causa. “Antes se percam as colônias que os princípios!” Tal foi o lema que ressoou por todo o Velho Mundo e, apesar dos grandes interesses políticos e comerciais que se prendiam a esta questão, atravessou ele eficazmente toda a Europa.

O impulso estava dado. Em 1807, a Inglaterra aboliu a escravatura nas suas colônias, seguindo a França este exemplo em 1814. As duas poderosas nações celebraram um tratado, que foi confirmado por Napoleão durante os Cem Dias, o qual tratado não era então mais do que uma declaração puramente teórica. Os negreiros não cessavam de navegar, indo descarregar nos portos coloniais as cabeças-de-alcatrão.

Para pôr termo a tal comércio adoptaram-se medidas mais práticas. Os Estados Unidos, em 1820, e a Inglaterra, em 1824, declararam o tráfico da escravatura ato de pirataria, e piratas aqueles que o fizessem. Como tais, eram sujeitos à pena de morte, e foram conseqüentemente perseguidos sem tréguas. A França deu logo depois a sua adesão ao novo tratado; mas os Estados do Sul da América, as colônias espanholas e portuguesas não entraram no ato da abolição, e a

exportação de negros continuou a fazer-se em proveito destas, apesar do direito de visita geralmente reconhecido, que se limitava unicamente à verificação da nacionalidade dos navios suspeitos.

A nova lei da abolição da escravatura não teve porém efeito retroativo. Não se faziam novos escravos, mas não se libertavam os antigos.

Nestas circunstâncias a Inglaterra deu o exemplo. Em 14 de maio de 1833, um decreto emancipou todos os negros das colônias da Grã-Bretanha, e em agosto de 1838 seiscentos e setenta mil escravos eram declarados livres.

Dez anos depois, em 1848, a república emancipava os escravos das colônias francesas, isto é, duzentos e sessenta mil negros.

Em 1859, a América do Norte seguia-lhes o exemplo.

As três grandes potências tinham, pois, completado essa grande obra de humanidade. Agora só se faz a escravatura em proveito das colônias espanholas ou portuguesas e para satisfazer as exigências das povoações do Oriente, turcas ou árabes. Se o Brasil ainda não deu a liberdade aos seus antigos escravos, pelo menos não recebe outros novos e os filhos dos negros nascem livres*(1).

**1. Não há um único fato que prove que a escravatura se faz ainda em proveito das nossas províncias ultramarinas. Se os portugueses merecem justas censuras por terem negociado escravos, não estavam livres delas os filhos de outras nações, e, em todo o caso, não é motivo para que ainda hoje escritores apaixonados nos assaquem acusações menos justas, e sejam a causa de pessoas, como o sábio romancista, autor desta obra, se desviarem da verdade, involuntariamente é certo, e na melhor boa-fé.*

Repetimos, não há escravatura nos domínios portugueses. Vibrou-lhe o último golpe o Sr, Andrade Corvo, quando foi ministro interino da Marinha e Ultramar.

É no interior da África, após guerras sangrentas, que entre si fazem os chefes africanos para caçarem homens, que tribos inteiras têm sido reduzidas à escravidão. Duas direções opostas seguem as caravanas: uma para oeste, a caminho da colônia portuguesa de Angola*; a outra, a leste, dirige-se a Moçambique.

**Seguiram, já não seguem. (N. do T.)*

Para esclarecimento dos leitores, devemos dizer também que não foi Portugal a última nação que se associou à supressão da escravatura.

Num folheto publicado em 1840 pelo falecido e honrado marquês de Sá da Bandeira, com o título “O Tráfico da Escravatura e a Lei de Lord Palmerston”, lê-se o seguinte, na pág. 3:

“A abolição total do tráfico da escravatura necessita, para ser eficaz, que para ela concorram todas as potências marítimas e todas aquelas em que existe a escravidão. Isto somente se poderá conseguir:

“1. Quando todas as potências, sem exceção, proibirem que os navios, que usam de suas bandeiras, transportem escravos, e permitirem ao mesmo tempo aos navios de guerra de outras nações que visitem os seus navios mercantes..o Quando todas as nações em que existe a escravidão a abolirem.

“Examinando-se o que a este respeito se tem passado, achar-se-á que Portugal foi a primeira potência da cristandade que, em colônias suas, aboliu o tráfico da escravatura e a própria escravidão dos negros, o que foi decretado por el-rei D. José em 1773, quanto às ilhas da Madeira e dos Açores, sendo muito para notar que isto acontecia no mesmo tempo que o Governo britânico

recusava sancionar os numerosos atos de legislatura da então sua colônia da Virgínia, tendentes a suprimir na mesma colônia o tráfico da escravatura, etc.”

Na pág. 9 do mesmo folheto lê-se:

“Portugal foi a primeira potência que se ligou à Grã-Bretanha para promover a supressão de escravos negros. As primeiras estipulações datam do ano de 1810. Em 1815 propuseram os plenipotenciários portugueses em Viena de Áustria, aos plenipotenciários britânicos, a abolição total do tráfico da escravatura para os súbditos portugueses ao fim de Oito anos, isto é, em 1823, no caso que a Grã-Bretanha conviesse em desistir do tratado de comércio de 1810, cujas estipulações se reputavam extremamente lesivas para Portugal. Esta proposta não foi aceita. Cedeu, por então, a abolição do tráfico aos interesses comerciais que se tiravam daquele tratado. Celebrou-se consecutivamente o tratado de 22 de Janeiro daquele ano de 1815, a convenção adicional de 28 de Julho de 1817, e finalmente o artigo separado de 11 de Setembro do mesmo ano, etc.”

Em 10 de Dezembro de 1836, sendo ministro o marquês de Sá da Bandeira, então visconde, foi sancionado o decreto que aboliu totalmente em todos os domínios da coroa portuguesa o tráfico da escravatura, impondo penas severas aos transgressores.

Finalmente, em 3 de junho de 1842, foi assinado em Lisboa um tratado- entre Portugal e a Grã-Bretanha, para a repressão da escravatura.

Mas para que se saiba quanto têm feito todos os governos de Portugal em favor da abolição da escravatura, extraímos do excelente livro As colônias Portuguesas, do distinto escritor Miguel E. Lobo de Bulhões, o que se segue:

O decreto de 14 de Dezembro de 1854, referendado pelo visconde de Atouguia, libertou todos os escravos pertencentes ao Estado e mandou proceder ao registo,

dentro de trinta dias, de todos os que pertenciam aos particulares, declarando livres os que, findo o prazo marcado no referido decreto, não estivessem registados. Continha mais este decreto outras providências tendentes a libertar o escravo ou a melhorar a sua condição, e as quais não referimos para não alongarmos demasiadamente esta nota.

A lei de 30 de Julho de 1856 estendeu os benefícios do decreto de 14 de Dezembro aos escravos pertencentes às câmaras municipais e estabelecimentos de beneficência. Seguiram-se a estas outras medidas, entre as quais a lei de 5 de Julho de 1850, abolindo a escravatura no distrito do Ambriz, desde o Lifune até Molembo, a lei de 24, declarando livres os filhos dos escravos nascidos depois da publicação desta lei. Uma outra lei, de 25 do mesmo mês, estendia aos escravos das igrejas os benefícios do decreto de 14 de Dezembro de 1854, e outra ainda, com data de 18 de Agosto, dava a liberdade a todos os escravos nacionais ou estrangeiros que desembarcassem em qualquer ponto da costa de Portugal, dos Açores, na Madeira, nos estados da Índia e em Macau e suas dependências.

Em 29 de Abril de 1858, el-rei o senhor D. Pedro V decretava que a escravatura ficaria abolida em todas as províncias ultramarinas portuguesas, vinte anos depois daquela data, isto é, em 29 de Abril de 1878, mas em 25 de Fevereiro de 1860, o Sr. Latino Coelho publicou um decreto abolindo a escravatura em todo o território português desde a data desse decreto, devendo, porém, os indivíduos feitos livres em virtude desta lei servir os seus antigos senhores até 29 de Abril de 1878.

Em 31 de Outubro de 1874, o Sr. João de Andrade Corvo referendou um decreto declarando livres os libertos da província de Cabo Verde. Na Câmara dos Pares, em sessão de 13 de Janeiro de 1874, o marquês de Sá da Bandeira propôs a abolição imediata da

escravatura em todos os domínios de Portugal, qualquer que fosse a denominação sob que ela se escondesse. Não pôde este projeto ser convertido em lei na mesma legislatura; mas, no ano seguinte, a lei de 26 de abril de 1875 ordenou que fossem declarados livres todos os indivíduos a que se referia o decreto de 25 de fevereiro de 1860, um ano depois da publicação daquela lei nas províncias ultramarinas, tendo, porém, efeito mais imediato para as ilhas de São Tomé e Príncipe.

(O Tradutor)

Dos infelizes negros, de que apenas uma pequena parte chega ao seu destino, são mandados uns para Cuba ou para Madagáscar, outros para as províncias árabes ou turcas da Ásia, Meca ou Mascate. Os cruzadores ingleses e franceses dificilmente conseguem impedir o tráfico, tanto custa a manter a vigilância e cruzeiro eficaz em tão vasta extensão de costas.

Mas é grande ainda o número dessas odiosas exportações?

É. Avalia-se em não menos de oitenta mil os escravos que chegam ao litoral, e este número, segundo parece, representa apenas uma décima parte dos indígenas sacrificados. Depois das horríveis mortandades, os campos devastados ficam desertos, as povoações incendiadas e sem habitantes, os rios levam nas suas correntes muitos cadáveres e as feras invadem as regiões desoladas. Livingstone, no dia seguinte ao daquelas caçadas, não reconhecia as terras que meses antes visitara. Todos os outros viajantes, Grant, Speke, Burton, Cameron e Stanley, falam do mesmo modo dessa região da África Central, coberta por densas matas, teatro principal das guerras entre os chefes indígenas. Na região dos grandes lagos, sobre toda a vastíssima extensão que alimenta o mercado de Zanzibar, em Bornu e em Fezan, .mais ao sul nas margens do Niassa e do Zambeze, e para oeste nas regiões do Alto Zaire, que o

audaz Stanley há pouco tempo atravessou, vê-se o mesmo espetáculo: ruínas, mortandades e terras despovoadas. A escravidão só acabará na África com a extinção da raça negra, que terá a mesma sorte que a raça australiana, na Nova Holanda.

Mas o mercado das colônias espanholas e portuguesas fechar-se-á um dia; a venda acabará, os povos civilizados já não podem tolerar a escravatura.

O ano de 1878 verá, sem dúvida, a libertação de todos os escravos possuídos por Estados cristãos. Contudo, durante muitos anos ainda, as nações muçulmanas sustentarão o tráfico, que tanto despoeva o continente africano. É para elas que se faz a emigração de negros em maior quantidade, pois que o número dos indígenas arrancados às suas terras e enviados para a costa oriental excede anualmente o número de quarenta mil. Muito tempo antes da expedição do Egipto, os negros de Sennaar eram vendidos aos milhares aos negros de Daufur, e reciprocamente. O general Bonaparte comprou grande número deles, dos quais fez soldados, com organização semelhante à dos mamelucos. Desde então, durante este século, do qual vão decorridas quase quatro quintas partes, o comércio de escravos não diminuiu na África. Pelo contrário.

O islamismo favorece a escravatura. É mister que o escravo negro substitua nas províncias muçulmanas o escravo branco de outrora. Assim, pois, negreiros de origens diversas fazem em grande quantidade tão nefando tráfico. De tal arte levam um suprimento de população às raças, que pouco a pouco se vão extinguindo, e que desaparecerão um dia, porque se não regeneram pelo trabalho. Estes escravos, como no tempo de Bonaparte, fazem-se muitas vezes soldados. Entre alguns povos do Alto Níger, entram por metade na composição dos exércitos dos chefes indígenas. Em tais condições, a sorte dos escravos não é sensivelmente

inferior à dos homens livres. Quando um escravo não é soldado, serve como moeda corrente; no Egito, como em Bornu, oficiais e empregados são pagos em tal moeda.

Disse-o, porque o viu, Guilherme Lejean.

Tal é o estado atual da escravatura.

Será necessário acrescentar que muitos agentes das grandes potências europeias não se envergonham de mostrar, por este comércio, lamentável negligência? E é contudo verdade; enquanto os cruzadores vigiam as costas do Atlântico e do oceano Índico, a escravatura faz-se no interior, as caravanas caminham sob as vistas de certos funcionários, as carnificinas em que morrem dez negros por cada escravo que se prende executam-se em épocas determinadas. Assim, pois, compreende-se quanto tinham de terrível as palavras que Dick Sand pronunciara: — A África! A África Equatorial! A África dos negreiros e dos escravos!

Não se enganava. Era a África com todos os perigos para os seus companheiros e para ele.

Mas a que ponto do continente africano fora ele levado, por uma inexplicável fatalidade? Evidentemente à costa ocidental, e, circunstância ainda mais agravante, o práctico devia supor que o “Pilgrim” tinha naufragado precisamente no lugar da costa de Angola, aonde chegam as caravanas que fornecem toda esta porção da África. Com efeito, assim era. Estava no continente que Cameron e Stanley atravessariam alguns anos depois, à custa de inauditos esforços, aquele pelo sul e este pelo norte! Deste vasto território, que se compõe de três províncias, Benguela, Congo e Angola, apenas se conhecia o litoral. Estende-se este desde o Cunene, ao sul, até ao Zaire, ao norte. Duas cidades principais dão o nome a dois portos, Benguela e São Paulo de Luanda, capital da colônia, que pertence a Portugal.

Para o interior era então território quase

desconhecido. Poucos viajantes se lhe tinham atrevido. Clima pernicioso, terrenos quentes e úmidos, causando febres, indígenas bárbaros, alguns ainda canibais, a guerra permanente entre as tribos, a desconfiança dos guerreiros de qualquer estranho que deseja penetrar os segredos do seu comércio infame, tais são as dificuldades a superar e os perigos que o viajante tem a vencer na província de Angola, uma das mais perigosas da África Equatorial.

Tuckey, em 1816, subiu o Zaire até além das cataratas de Zelala, percorrendo quando muito duzentas milhas. Não bastava esta viagem para dar inteiro conhecimento do território, e contudo causou ela a morte à maior parte dos sábios e oficiais que formavam a expedição.

Trinta e sete anos mais tarde, o Dr. Livingstone caminhou desde o Cabo da Boa Esperança até ao Alto Zambeze. Dali, em Novembro de 1853, com atrevimento nunca excedido, atravessou a África, na direcção do noroeste, passou o Coango, um dos afluentes do Zaire, e chegou a São Paulo de Luanda em 31 de Maio de 1854. Foi a primeira luz que penetrou na escuridão da grande colônia portuguesa.

Dezoito anos depois, dois intrépidos descobridores, vencendo dificuldades de toda a espécie, atravessaram a África na direcção de leste para oeste, um pelo sul, o outro pelo norte de Angola.

O primeiro, pela data, é o tenente da marinha inglesa Verney Howet Cameron. Em 1872 julgava-se, com razão, que a expedição do americano Stanley, que fora enviado em busca de Livingstone, à região dos grandes lagos, se havia perdido. Ofereceu-se Cameron para procurar Stanley. Foi aceita a oferta. Cameron, acompanhado pelo Dr. Dillon, o tenente Cecil Murphy e Robert Moffat, sobrinho de Livingstone, partiu de Zanzibar. Depois de ter atravessado o Ougogo, encontrou

o corpo de Livingstone, que os seus servidores fiéis levavam para a costa oriental. Continuando no seu caminho para oeste, com a inabalável vontade de passar de uma para a outra costa, atravessando o Onyanyenibe, Ogunda, Kohuele, onde achou os papéis do famoso viajante, transpondo o Tanganica, as montanhas de Bombarre, o Lualaba, que não pôde descer, depois de ter visitado todas essas províncias devastadas e despovoadas pelo tráfico da escravatura, Kilemba, Urua, as origens do Lomane, o Ouluda, o Lovale, depois de ter passado para além do Cuanza e das imensas florestas, nas quais Harris perdera Dick Sand e os seus, o enérgico Cameron avistou, enfim, o oceano Atlântico e chegou a São Filipe de Benguela. Esta viagem, que durou três anos e quatro meses, custou a vida a dois dos seus companheiros, o Dr. Dillon e Robert Moffat.

Ao inglês Cameron ia suceder quase imediatamente o americano Henry Moreland Stanley nesta via de descobertas. Como é sabido, o intrépido correspondente do New York Herald, enviado em busca de Livingstone, encontrara-o em 30 de Outubro de 1871 em Ujiji, nas margens do Tanganica. Mas o que Stanley fizera tão felizmente com um fim puramente humanitário, quis empreendê-lo também por amor à ciência geográfica. Foi então o seu objetivo o reconhecimento completo do Lualaba, que apenas vira imperfeitamente. Cameron andava ainda errante pelas províncias da África Central quando Stanley, em 1874, saía de Bagamoio, na costa oriental, deixava vinte e um meses depois, em 24 de Agosto de 1876, Ujiji, dizimado por uma epidemia de bexigas, percorria em setenta e quatro dias a distância que vai do lago até Nyamgué, grande mercado de escravos, que Livingstone e Cameron tinham já visitado, e assistia às mais horríveis cenas de extermínio, no país dos Marungus e dos Manyemas, pelos oficiais do sultão de Zanzibar.

Stanley dispôs-se então a reconhecer o curso do Lualaba e a descê-lo até à foz. Cento e quarenta carregadores, contratados em Nyamgué, e dezanove barcos compunham o material e o pessoal da expedição. Foi necessário combater desde o princípio os antropófagos do Ukusu, e desde o princípio também carregar com as embarcações, a fim de tornejar cataratas impossíveis de descer. No equador, no ponto em que o Lualaba se inclina para o nor-nordeste, cinquenta e quatro canoas, tripuladas por muitas centenas de indígenas, atacaram a pequena flotilha de Stanley, que conseguiu pô-los em fuga. Depois o valente americano, subindo até ao segundo grau de latitude boreal, certificou-se de que o Lualaba é o Alto Zaire ou Congo, e que seguindo-lhe o curso desceria diretamente para o mar. Foi o que fez, combatendo quase todos os dias com as tribos marginais. No dia 3 de Junho de 1877, passando as cataratas de Mássassa, perdeu um dos seus companheiros, Francisco Pocock, e ele mesmo, em 18 de julho, era arrastado na sua embarcação para as cachoeiras de Mabelo, escapando da morte por milagre.

Finalmente, a 6 de Agosto, Henrique Stanley chegava à aldeia de Ni Sanda, a quatro dias da costa. Dois dias depois, na Bansa de Mabuco, encontrava as provisões enviadas por dois negociantes de Boma, e descansava, enfim, nesta povoação, tendo envelhecido aos trinta e cinco anos, pelas fadigas e privações, depois de ter atravessado completamente o continente africano, no que despendera dois anos e nove meses da sua vida. Mas estava conhecido o curso do Lualaba até ao Atlântico, e ficara sabido que, se o Nilo é a grande artéria do norte, se o Zambeze é a grande artéria de leste, a África possui ainda para oeste o terceiro dos maiores rios do mundo, o qual, na extensão de duas mil e novecentas milhas (1), sob o nome de Lualaba, de Zaire ou Congo, liga a região dos lagos do oceano Atlântico.

Porém, entre os dois itinerários, o de Stanley e o de Cameron, estava a província de Angola, quase desconhecida, no ano de 1873, justamente na época em que o “Pilgrim” se perdia na costa da África. O que apenas se sabia é que ela era o teatro da escravatura no Ocidente, devido isto aos importantes mercados de Bié, Caçange e Kasonde.

Foi para aquela região que Dick Sand foi levado, distante da costa mais de duzentas milhas, com uma mulher extenuada pelo cansaço e pela dor, uma criancinha quase morta, e os negros, presa naturalmente indicada à cobiça dos mercadores de escravos.

Era a África, era, e não a América, onde nem os indígenas, nem as feras, nem o clima são realmente para recluir. Não era aquela região propícia situada entre as Cordilheiras e a costa, em que as povoações abundam, e as missões abrem hospitaleiramente as suas portas a todos os viajantes. Estavam longe as províncias do Peru e da Bolívia, aonde a tempestade teria com toda a certeza arrastado o “Pilgrim”, se não criminoso o não tivesse desviado do seu caminho, e onde os naufragos encontrariam meios fáceis de se repatriarem.

Era a Angola terrível, não a parte da costa diretamente vigiada pelas autoridades portuguesas, mas o interior da colônia, percorrido pelas caravanas de escravos dirigidos pelo chicote dos verdugos.

O que conhecia Dick Sand deste território em que a traição o lançara? Pouco; o que referiram os missionários dos séculos XVI e XVII, o que disseram os mercadores portugueses, que faziam a viagem de São Paulo de Luanda para o Zaire e São Salvador, o que contou o Dr. Livingstone por ocasião da sua viagem em 1853, e bastava isto para abater um espírito mais forte que o seu.

Realmente, a situação era terrível!

CAPÍTULO II

HARRIS E NEGORO

No dia seguinte àquele em que Dick Sand e os seus companheiros fizeram a última paragem na floresta, encontravam-se dois homens a três milhas do lugar onde Dick parara, conforme ao que fora de antemão combinado entre os dois.

Eram Harris e Negoro, e vai ver-se que acaso pôs em presença um do outro, na costa de Angola, Negoro, vindo da Nova Zelândia, e o americano, que o seu ofício de traficante de escravos obrigava a percorrer repetidas vezes aquela província da costa ocidental da África.

Harris e Negoro estavam sentados à sombra de uma enorme árvore, na margem de uma ribeira caudalosa, que corria entre uma dupla ala de papiros.

Começava a conversação, porque Negoro e Harris tinham-se encontrado naquele mesmo instante, e antes de tudo falaram nos acontecimentos das últimas horas.

— Assim, Harris — disse Negoro — , não pudeste levar contigo para mais longe a pequena caravana do capitão Sand, como eles chamam àquele práctico, que apenas conta quinze anos de idade?

— Não, camarada — respondeu Harris — , e é até para admirar como consegui trazê-los cem milhas pela terra dentro! Havia muitos dias que o meu jovem amigo Dick Sand olhava para mim desconfiado, as suas suspeitas iam-se transformando em realidade, e pela

minha parte...

— Mais cem milhas, Harris, e aquela gente estaria com mais segurança entre as nossas mãos. É preciso que não nos escape!

— Como podem eles escapar-nos? — volveu Harris, encolhendo os ombros. — Repito-te, Negoro, era tempo de os deixar. Li dez vezes nos olhos do meu jovem amigo que ele tinha vontade de me meter uma bala no corpo. Ora eu tenho mau estômago para digerir daquelas amêndoas.

— Bem — .murmurou Negoro. — Tenho uma continha a ajustar com o prático...

— E a ajustará à vontade e com bons juros. Pela minha parte consegui, nos primeiros dias de marcha, fazer-lhe acreditar que esta província era o deserto de Atacama, que noutro tempo visitei; mas o garotinho queria cauchus e beija-flores, a mãe árvore de quina, e o primo teimava em procurar cucuyos! Tinha esgotado toda a minha imaginação, e depois de ter feito engolir, com grande custo, avestruzes por girafas... um achado, Negoro!, já não sabia que inventasse! Bem percebia eu que o meu jovem amigo não aceitava bem as minhas explicações. Depois viemos dar com as pegadas de elefantes. Os hipopótamos também apareceram! Ora tu bem sabes, Negoro, que hipopótamos e elefantes na América são como homens de bem nas prisões de Benguela! Enfim, para acabar de me desmascarar, o velho negro imaginou que viu junto a uma árvore golilhas e correntes deixadas por escravos que conseguiram fugir! No mesmo momento, e para remate ruge o leão, e é difícil fazer tomar o rugido do rei das selvas pelo miar de qualquer gato inofensivo! Só tive, pois, tempo para montar a cavalo e correr para aqui.

— Compreendo — respondeu Negoro. — Contudo, parece-me que gostaria de os ver cem milhas mais para o interior da província.

— Fez-se o que se pôde, camarada — declarou Harris. — Quanto a ti, que nos seguias desde a costa, fizeste bem em te conservares a distância. Desconfiavam que andavas próximo.

Aquele Dingo parece que não simpatiza muito contigo. Que lhe fizeste?

— Nada — respondeu Negoro — , mas daqui a pouco apanhará com uma bala na cabeça.

— Exatamente como tu a apanharias de Dick Sand, se te mostrasses, pouco que fosse, a duzentos passos de distância da espingarda dele. Ah! Olha que é bom atirador o meu jovem amigo, e, aqui para nós, sou obrigado a confessar que é rapaz atrevido.

— Pois, por muito que o seja, há de pagar-me caro as suas insolências — respondeu Negoro, em cuja fisionomia transparecia implacável crueldade.

— Bem — murmurou Harris — , o meu camarada está como sempre o conheci. As viagens não o mudaram.

Depois de curto silêncio, Harris continuou: — É verdade, Negoro, quando tão inesperadamente te encontrei no teatro do naufrágio, só tiveste tempo de me recomendar aquela boa gente, pedindo-me para a conduzir, tão longe quanto fosse possível, através desta suposta Bolívia, mas não me contaste o que fizeste durante estes dois anos. Dois anos na nossa existência aventureira é muito, camarada! Um belo dia, depois de teres tomado a teu cuidado a condução de uma caravana de escravos por conta do velho Alves, de quem apenas somos muito respeitosos agentes, deixaste Caçange e nunca mais ouvi falar de ti. Pensei que tivesses passado alguns incômodos com o cruzeiro inglês e que tivesses sido enforcado.

— Por pouco escapei, Harris.

— Sim, mas alguma vez pagarás tudo.

— Obrigado.

— Que queres? — respondeu Harris, com filosófica

indiferença. — São percalços do ofício. Não se faz escravatura na costa da África sem correr o risco de morrer fora da cama. Mas, finalmente, foste prisioneiro?...

— Fui, sim.

— Dos ingleses?

— Qual! Dos portugueses.

— Antes ou depois de teres entregado o carregamento?

— Depois... — replicou Negoro, que hesitara um momento em responder. — Os portugueses agora perseguem os negreiros! Não querem escravatura, conquanto se tivessem por muito tempo aproveitado dela! Fui denunciado e vigiado. Prenderam-me...

— E condenaram-te?...

— A passar o resto da minha vida numa enxovia em São Paulo de Luanda.

— Oh, com mil demônios! — exclamou Harris. — Uma enxovia! Ora aí está um lugar pouco higiênico para quem, como nós, está habituado a viver ao ar livre. Eu antes queria ser enforcado.

— Não se escapa ao patíbulo — disse Negoro —, mas da prisão...

— Pudeste evadir-te?...

— Sim, Harris. Quinze dias apenas depois de me terem prendido, consegui esconder-me no porão de um vapor inglês, que estava de partida para Auckland, na Nova Zelândia. Um barril de água e uma caixa de conservas alimentícias, atrás de que me escondera, deram-me que comer e que beber durante a viagem. Sofri muito por não querer aparecer quando já estávamos no mar; -mas se eu tivesse cometido a imprudência de o fazer, era irremediavelmente mandado para o fundo do porão, e, voluntariamente ou não, a tortura era a mesma. Além disso, logo que chegássemos a Auckland, entregar-me-iam às autoridades inglesas, e

eu era afinal reconduzido para a prisão de Luanda, ou talvez enforcado, como tu dizes. Eis a razão por que preferi viajar incógnito.

— E sem pagar passagem! — exclamou Harris, rindo. — Ah, amigo, isso não é de cavalheiro! Comida e transporte de graça!...

— É verdade, mas olha que foram trinta dias de viagem no fundo de um porão!...

— Enfim, o caso é que foste, Negoro. Partiste para a Nova Zelândia, o país dos maoris! E como voltaste? Foi acaso nas mesmas condições?

— Não, Harris. Deves supor que lá só tinha uma ideia fixa: voltar para Angola e retomar o meu lugar de negociante de negros.

— É verdade — concordou Harris —, gosta-se do ofício... é hábito!

— Durante dezoito meses...

Negoro, mal tinha pronunciado estas palavras, calou-se. Apertou o braço do seu companheiro e escutou.

— Harris — disse ele, baixando a voz —, não ouviste uma espécie de ruído nessa moita de papiros?

— Pareceu-me ter ouvido qualquer coisa — respondeu Harris pegando na espingarda, pronta sempre a fazer fogo.

Negoro e Harris levantaram-se, olharam em volta deles e escutaram com mais atenção

— Não é nada — afirmou Harris. — É o ribeiro que a tempestade engrossou e corre mais ruidosamente. Há dois anos, camarada, que perdeste o hábito destes rumores das florestas, mas depressa te acostumarás. Continua a narrativa das tuas aventuras. Quando eu estiver bem ao fato do passado, falaremos do futuro.

Negoro e Harris tinham-se assentado novamente junto da árvore. Aquele continuou nestes termos: — Durante dezoito meses vegetei em Auckland. Logo que o vapor chegou, -consegui sair de bordo sem ser visto; mas

não tinha um dólar na algibeira! Para viver tive de me empregar em tudo...

— Até fizeste de homem de bem, Negoro?...

— Até isso, Harris.

— Coitado!

— Esperava uma ocasião, e já me ia tardando quando o baleeiro “Pilgrim” chegou ao porto de Auckland.

— Era aquele navio que naufragou na costa de Angola?

— Esse mesmo, Harris, e no qual Mrs. Weldon, o filho e o primo iam embarcar como passageiros. Ora eu, como antigo marinheiro, porque cheguei a ser piloto a bordo de um navio negreiro, não me embaraçava com qualquer serviço. Apresentei-me ao capitão do “Pilgrim”, mas à tripulação não faltava ninguém. Felizmente, porém, o cozinheiro do patacho desertara, e como não há marinheiro que não saiba de cozinheiro, ofereci-me para exercer aquele importante cargo. À falta de outro, aceitaram-me, e dias depois o “Pilgrim” tinha perdido de vista as terras de Auckland.

— Mas — perguntou Harris — , pelo que me contou o meu jovem amigo, o “Pilgrim” não se destinava à costa da África! Como veio, pois, parar aqui?

— Dick Sand ainda não pôde saber isso, e talvez que nunca o saiba — respondeu Negoro — , mas eu vou explicar-te tudo quanto se passou, e se quiseres podes contá-lo ao teu jovem amigo!

— Como foi então? Conta lá isso, camarada!

— O “Pilgrim” — continuou Negoro — , ia de viagem para Valparaíso. Quando embarquei não julgava passar do Chile. É bem metade do caminho entre a Nova Zelândia e Angola, e aproximava-me assim uma boa porção de milhas da costa da África. Mas sucedeu que, três semanas depois de termos saído de Auckland, o capitão Hull, que comandava o “Pilgrim”, desapareceu

com toda a tripulação, ao perseguir uma baleia. Nesse dia só ficaram a bordo dois marinheiros, o prático e o cozinheiro Negro.

— E tu tomaste o comando do navio? — perguntou Harris.

— Pensei nisso primeiro, mas percebi que desconfiavam de mim. Havia a bordo cinco vigorosíssimos pretos, gente livre. Não os podia dominar, e, pensando bem, deixei-me ficar no que era quando partimos: o cozinheiro do “Pilgrim”.

— Foi então o acaso que trouxe o navio à costa da África?

— Não, Harris, não há outro acaso em toda esta aventura senão o haver-te encontrado num dos teus giros de traficante, precisamente no ponto da costa onde naufragou o “Pilgrim”. Mas pelo que diz respeito ao fato de ter vindo até Angola, foi a minha vontade oculta que o causou. O teu jovem amigo, pouco prático ainda em navegação, não podia fazer o ponto senão pela estima. Pois bem, um dia, a barquinha foi para o fundo. Numa noite a bússola desviou o “Pilgrim”, que, levado por violenta tempestade, fez rumo errado. A lonjura da viagem, inexplicável para Dick Sand, tê-lo-ia sido do mesmo modo para o mais consumado marinheiro. Sem que o prático soubesse, sem que ao menos suspeitasse, montamos o Cabo Horn; mas eu, Harris, reconheci-o entre as brumas. Então a agulha da bitácula retomou, por obra e graça da minha pessoa, a sua verdadeira direção, e o navio, arrastado para noroeste por aquele terrível vendaval, veio perder-se na costa da África, na terra de Angola, em que eu queria desembarcar...

— E nessa ocasião, Negro — interrompeu Harris —, um feliz acaso conduziu-me lá para receber e guiar aquela gente pelo sertão. Julgavam-se e não podiam julgar-se senão na América e foi-me por isso fácil fazer-lhes acreditar que esta província era a baixa Bolívia, com

a qual tem alguma semelhança.

— Acreditaram, como o teu jovem amigo acreditou que mareava a ilha de Páscoa, quando passaram à vista da ilha de Tristão da Cunha!

— Outro qualquer se enganaria, Negoro.

— Bem sei, Harris, e eu contava aproveitar este erro. Enfim, o certo é que Mrs. Weldon e os seus companheiros estão a cem milhas da costa, no sertão da África, aonde eu os queria trazer.

— Mas — tornou Harris — sabem eles agora onde estão!

— Que importa isso? — disse Negoro.

— O que contas fazer? — perguntou Harris.

— O que conto fazer? — repetiu Negoro. — Antes de dizer, Harris, dá-me notícias de Alves, que eu não vejo há dois anos.

— Oh! O velhote está ótimo! — respondeu Harris. — Há de ficar contentíssimo de te ver.

— Está no mercado do Bié? — perguntou Negoro.

— Não. Há um ano que se estabeleceu em Kasonde.

— E como vão os negócios?

— Menos mal — disse Harris — , ainda que a escravatura esteja de dia para dia mais difícil. Por um lado as autoridades portuguesas, por outro os cruzadores ingleses, impedem a exportação. Só nas proximidades de Moçâmedes, ao sul de Angola, se pode fazer o embarque de negros com probabilidades de escapar (1). Agora estão os barracões cheios de escravos, esperando os navios que devem conduzi-los para as colônias espanholas. Mas passar escravos por Benguela ou por São Paulo de Luanda é impossível. Nem o governador, nem os chefes dos concelhos toleram tal comércio. É, pois, indispensável dirigir a atenção para as feitorias mais do interior e é exatamente o que tenta fazer o velho Alves. Irá para as bandas do Nyamgué e do Tanganica permutar as fazendas por marfim e escravos. Os

negócios são sempre lucrativos com o Alto Egito e com Moçambique, que abastece Madagáscar. Mas receio que venha tempo em que o comércio de escravos seja completamente impossível. Os Ingleses fazem grandes progressos no interior da África. Os missionários caminham e avançam contra nós. Esse maldito Livingstone, depois de ter explorado a região dos lagos, dirige-se, segundo se diz, para Angola. Fala-se também de um tenente Cameron, que se propõe a atravessar a África de leste para oeste. É para rezear que o americano Stanley queira fazer outro tanto. Todas estas visitas prejudicarão as nossas operações, Negoro, e, se nós temos o sentimento dos nossos interesses, nenhum destes visitantes irá contar à Europa o que teve a indiscrição de ver na África!

Não se diria, ouvindo conversar estes tratantes, que falavam como negociantes honrados, a quem uma crise comercial embaraçasse os negócios? Quem acreditaria que, em vez de sacas de café ou de barricas de açúcar, se tratava de mandar homens como se fossem mercadorias? É que os traficantes de negros não têm o sentimento do justo ou do injusto. Falta-lhes absolutamente o senso moral, e, se o tivessem, depressa o perderiam no meio das horríveis atrocidades da escravatura africana.

No que, porém, Harris tinha razão era em dizer que a civilização penetrava naquelas regiões selvagens, após os atrevidos viajantes, cujos nomes ficarão ligados para sempre às descobertas da África Equatorial.

Na frente, David Livingstone, logo depois Grant, Speke, Burton, Cameron e Stanley (1). Estes heróis deixarão renome imortal entre os beneméritos da humanidade.

1. Os portugueses já percorriam essas paragens bem antes destes exploradores. (N. do T.)

Chegada a conversação àquele ponto, sabia Harris a história dos dois últimos anos da vida de Negoro.

O antigo agente do negreiro Alves, o fugitivo da prisão de Luanda, reaparecia como sempre o conheceu, isto é, homem para tudo. Mas o que Negoro tencionava fazer aos náufragos do “Pilgrim” não o sabia ainda Harris, e por isso perguntou ao seu cúmplice:

— E agora o que projetas fazer daquela gente?

Entre as viagens dos Portugueses ao interior da África contam-se as que foram ordenadas pelo Governo, e são, segundo refere o Dr. José de Lacerda no seu livro Exame das viagens do Dr. Livingstone, publicado em 1867, as seguintes: “a de José Maria de Lacerda em 1787, a do Dr. Lacerda e Almeida em 1798 e 1799, a de Barbosa e Vasconcelos em 1799, a dos majores Monteiro e Gamito em 1831 e 1832, a do tenente Garcia em 1841, a de Joaquim R. Graça, começada em abril de 1843 e terminada em outubro de 1847, a de Silva Porto, começada em Setembro de 1853 e concluída em Abril de 1856, e outras etc.”. Não se deve esquecer também a viagem que através da África fizeram Pedro João Baptista e o seu companheiro, Amaro ou Anastácio José, os quais, partindo de Caçange em Novembro de 1802 por ordem do tenente-coronel Francisco Honorato Ferreira, com um ofício para o governador do distrito de Tete, aí chegaram a 2 de Fevereiro de 1811, em razão de diversas demoras a que foram obrigados pelos régulos, ficando retidos no Cazembe desde 1806 até 1810.

Ainda aos nomes de tantos intrépidos exploradores da África, portugueses ou estrangeiros, se devem juntar os de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens, Serpa Pinto e Anchieta. Este último, pelo seu entranhado amor à ciência, anda há mais de doze anos embrenhado pelos sertões de Angola, Benguela, Moçâmedes etc., explorando e estudando a fauna africana. Grandes são os

serviços que este sábio português tem prestado à ciência zoológica, dando ao mesmo tempo lustre ao seu nome e glória ao seu país.

— Divido-a em duas partes — explicou Negoro, como quem tem o seu plano de muito tempo feito —, uma vendo-a, a outra...

Não acabou, mas a sua fisionomia feroz dizia bastante.

— Quem vendes tu? — perguntou Harris.

— Os negros que acompanham Mrs. Weldon — respondeu Negoro. — O velho Tom pouco valor terá, talvez; mas os outros são quatro negros robustos, que hão de valer bom dinheiro no mercado de Kasonde.

— Acredito, Negoro. São negros fortes, habituados ao trabalho, e que pouco se parecem com esses negros boçais que nos mandam do sertão. Decerto que os venderás por bom preço. Escravos nascidos na América e expedidos para os mercados de Angola, é mercadoria rara. Mas — acrescentou o americano — não me disseste ainda se havia algum dinheiro a bordo do “Pilgrim”?

— Ah! Havia uns... centos de dólares, que eu salvei. Felizmente, conto receber...

— O quê, camarada? — perguntou Harris, cheio de curiosidade.

— Nada... não é nada — respondeu Negoro, arrependido de ter dito mais do que queria.

— Agora só resta deitar a mão a toda essa mercadoria de grande valor —olveu Harris.

— É muito difícil? — inquiriu Negoro.

— Não. A dez milhas daqui, no Cuanza, está acampada uma leva de escravos, conduzida pelo árabe Ibu Hamis, e que só espera pela minha volta para se pôr a caminho de Kasonde. Há lá guardas indígenas mais do que os suficientes para prender Dick Sand e os seus companheiros. Bastaria só que o meu jovem amigo tivesse a ideia de se dirigir para o Cuanza...

— Mas pensará ele nisso?

— Com toda a certeza, porque é inteligente e não suspeita o perigo que o espera. Dick Sand não cuida em voltar para a costa pelo caminho que trouxemos. Perder-se-ia nessas florestas imensas. Procurará, por consequência, um dos rios que correm para o mar, para o descer em jangada. Não tem outra coisa a fazer, e porque o conheço afirmo que fará isto.

— Sim... talvez — admitiu Negoro, refletindo.

— Não é “talvez”; é certo que se deve dizer — replicou Harris. — Olha, Negoro, tenho tanta certeza do que te disse como se tivesse combinado com o Dick Sand que nos encontraríamos nas margens do Cuanza!

— Pois bem — tornou Negoro — , a caminho. Conheço Dick Sand. Não perde uma hora, é necessário chegarmos antes dele.

— Vamos, camarada!

Harris e Negoro levantaram-se quando o ruído, que já havia chamado a atenção do cozinheiro do “Pilgrim”, se ouviu de novo. Era uma agitação de hastes entre os altos papiros.

Negoro parou e agarrou a mão de Harris.

De repente ouviu-se um surdo latido, e junto da encosta apareceu um cão, espumando de raiva e em ação de arremeter.

— Dingo! — exclamou Harris.

— Ah! Desta vez não me escapará — bradou Negoro. Dingo ia saltar-lhe quando Negoro, tirando a espingarda de Harris, apontou e fez fogo.

Um prolongado uivo de dor respondeu à detonação, e Dingo desapareceu entre a dupla fileira de arbustos que orlavam o ribeiro.

Negoro desceu imediatamente até à baixa da encosta. Gotas de sangue manchavam alguns troncos de papiros e um extenso rasto vermelho tingia as pedras da margem.

— Finalmente, tens a tua conta, maldito! — exclamou Negoro.

Harris assistira a toda esta cena sem pronunciar uma palavra.

— Olá! Negoro, o cão tinha por ti predileção especial?

— Assim parece, Harris, mas agora acabou-se aquela boa amizade.

— E porque te detestava ele tanto, camarada?

— Oh! Era uma conta antiga que tínhamos que ajustar.

— Conta antiga? — estranhou Harris.

Negoro calou-se, e Harris concluiu que o seu camarada lhe ocultava alguma aventura do seu passado. Não insistiu.

Instantes depois, seguindo o curso do ribeiro, encaminhavam-se ambos para o Cuanza, atravessando as florestas.

CAPÍTULO III

A CAMINHO!

África! Este nome, terrível nas circunstâncias atuais, este nome que era forçoso substituir ao de América, não podia tirar-se da ideia de Dick Sand. Quando o jovem práctico se recordava do que acontecera havia poucas semanas, perguntava a si mesmo de que modo o “Pilgrim” veio dar àquela praia cheia de escolhos, como montara o Cabo Horn e passara de um para o outro oceano? Agora sabia decerto explicar a razão por que, apesar do rápido andamento do seu navio, avistara terra tão tarde, porque o caminho que tinha a percorrer para chegar à costa americana parecia ter duplicado!

— A África! A África! — repetia ele.

Mas quando recordava os incidentes de tão inexplicável viagem, veio-lhe subitamente à ideia de que a bússola podia ter sido desviada. Lembrou-se também de que a agulha da câmara aparecera quebrada, que a linha da barca rebentara também, ficando assim impossibilitado de apreciar com mais exatidão a velocidade do “Pilgrim”.

— Efetivamente — pensava ele — , só ficou a bordo uma bússola, cujas indicações eu não podia verificar!... E uma noite fui acordado por um grito de Tom!... Negoro estava à ré!... Tinha caído sobre a bitácula! Não seria ele o causador da avaria?...

Esclarecia-se o espírito de Dick Sand. Tocava a verdade com as mãos. Compreendia, enfim, quanto havia

de suspeito no procedimento de Negoro. Via a mão do cozinheiro em toda a série de acidentes que levaram o “Pilgrim” à sua perda, e que tão extraordinariamente arriscaram aqueles que vinham a seu bordo.

Mas quem era aquele miserável? Teria sido marinheiro, conquanto o ocultasse sempre? Soube ele dominar a odiosa maquinação que lançou o “Pilgrim” sobre uns rochedos na costa da África?

Fosse como fosse, se havia ainda pontos obscuros no passado, o presente não os tinha já. O jovem práctico sabia que estava na África, e muito provavelmente na funesta província de Angola, a mais de cem milhas de distância da costa. Não ignorava também a traição de Harris, e a mais simples lógica ensinava-o a concluir que o americano e Negoro se conheciam de longa data, que um acaso fatal os juntara na costa, e que entre ambos combinaram um plano, cuja execução devia ser funesta para os naufragos do navio baleeiro.

Mas qual era o motivo de tão odioso procedimento? Que Negoro quisesse apoderar-se de Tom e dos seus companheiros, vendê-los como escravos naquelas terras de escravidão, compreendia-se. Que, movido por qualquer sentimento de ódio, tentasse vingar-se de Dick Sand, que o tratara como ele merecia, também se percebia. Mas de Mrs. Weldon, dessa pobre mãe e da pobre criancinha, o que pretendia fazer aquele perverso?

Se Dick Sand tivesse ouvido, ainda que muito pouco, a conversação entre Harris e Negoro, saberia o que lhe convinha fazer e que perigos o ameaçavam, assim como a Mrs. Weldon e aos negros.

A situação era terrível, mas o jovem práctico não desanimou. Comandante a bordo, era ele quem também comandava em terra. Cumpria-lhe salvar Mrs. Weldon, Jack e todos os que o céu confiara à sua guarda. Os seus trabalhos tinham apenas começado, mas havia de levá-

los ao fim.

Passadas duas ou três horas, durante as quais pesou no seu espírito as probabilidades favoráveis e as contrárias, estas últimas em número maior, Dick Sand levantou-se enérgico e resoluto.

A luz da madrugada iluminava as altas margens do arvoredo da floresta. Excetuando o prático e Tom, todos dormiam ainda.

Dick Sand aproximou-se do velho negro.

— Tom — disse-lhe ele em voz baixa — , ouviste os rugidos do leão, viste os utensílios do mercador de escravos. Sabes, pois, que estamos na África?

— Sei, Sr. Dick, sei.

— Pois bem, Tom, nem uma palavra a respeito disso, nem a Mrs. Weldon, nem aos teus companheiros. Basta que sejamos nós dois os únicos a saber e também os únicos a recear.

— Únicos... sim... É conveniente — concordou Tom.

— Tom — continuou o prático — , temos de vigiar com mais atenção do que nunca. Estamos em território inimigo. E que inimigo, e que território!

“Bastará dizer aos nossos companheiros que fomos atraindo por Harris para que fiquem prevenidos. Pensarão que podemos ser atacados pelos índios nómadas. É quanto basta.

— Pode contar com a bravura e dedicação dos meus camaradas, Sr. Dick.

— Bem sei, assim como conto com o teu bom senso e com a tua experiência. Auxiliar-me-ás bastante, Tom.

— Em tudo e para tudo estou às suas ordens.

A resolução de Dick estava fixada, e o velho negro aprovou-a. Porque a traição de Harris fora descoberta a tempo, o jovem prático e os seus companheiros não corriam risco iminente. A vista dos ferros abandonados por alguns escravos, o inesperado rugido do leão, foram a causa do desaparecimento repentino do americano.

Percebera que o tinham conhecido e fugiu provavelmente antes de a pequena caravana chegar ao ponto onde devia ser atacada. Negro, que Dingo pressentira nos últimos dias de “marcha, devia ter-se encontrado com Harris, a fim de tramar de acordo com ele. Em todo o caso, como ainda passariam algumas horas antes de Dick Sand e os seus serem assaltados, convinha aproveitá-las. O único plano era voltar o mais depressa possível para a costa, a qual o jovem práctico tinha razão para supor que devia ser a costa de Angola. Depois de lá chegar, Dick Sand procuraria para o norte ou para o sul os estabelecimentos portugueses, onde os seus companheiros poderiam aguardar com segurança os meios de se repatriarem.

Mas para voltar à costa seria mister retomar pelos mesmos caminhos? Não o julgava conveniente Dick Sand, e neste ponto pensava como Harris, que bem previra que as circunstâncias obrigariam o práctico a procurar caminho mais curto.

E com efeito era muito difícil, senão impossível, caminhar pelas más veredas através da floresta, as quais iam dar só ao ponto de partida. Seria também facilitar aos cúmplices de Negro um rasto seguro, que eles seguiriam decerto. A maneira de passar sem deixar vestígios só um rio a podia oferecer. Ao mesmo tempo, por este meio eram menos de recear os ataques das feras, que por feliz acaso se haviam conservado até então a grande distância. Uma agressão dos indígenas tinha também menos gravidade. Dick Sand e os seus companheiros, logo que estivessem embarcados numa boa jangada e bem armados, achar-se-iam em melhores condições. O que importava era encontrar um rio.

Deve acrescentar-se que este modo de transporte era o que mais convinha atendendo ao estado de Mrs. Weldon e do filhinho. Sobravam braços, é certo, para pegar na criancinha doente. Na falta do cavalo de Harris

podia fazer-se uma padiola com ramos de árvores, na qual Mrs. Weldon seria conduzida. Mas para carregar com a padiola seria necessário empregar dois dos cinco negros, e Dick Sand queria que todos estivessem em circunstâncias de se defenderem se inopinadamente fossem atacados.

Demais a mais, descendo um rio, o jovem prático achar-se-ia no seu elemento.

Reduzia-se pois a questão a saber se haveria algum nas proximidades cuja corrente pudesse ser utilizada. Dick Sand julgava que sim, pela seguinte razão:

O rio que se lançava no Atlântico, no sítio onde naufragou o “Pilgrim”, não podia dirigir-se nem muito para o norte, nem muito para leste da província, porque uma cadeia de montanhas muito próximas — as mesmas que foram tomadas pelas Cordilheiras americanas — fechavam o horizonte dos dois lados. Por consequência, ou a ribeira descia daquelas alturas, ou se inclinava para o sul, e em ambos os casos Dick Sand depressa daria com ela. Talvez que antes de descobrir o rio — que assim se deve chamar por ser direto tributário do oceano — se visse algum dos seus afluentes, pelo qual se transportariam. Em todo o caso, porém, não devia estar muito longe um curso de água qualquer.

Efetivamente, durante as últimas milhas que se percorreram, notou-se que a natureza dos terrenos era diferente. Os declives mostravam-se menos inclinados e mais úmidos. Aqui e ali serpeavam arroios, indicando que sob o terreno havia uma espécie de tecido aquoso. No último dia da jornada a pequena caravana costeou um desses ribeiros, cujas águas, avermelhadas pelo óxido de ferro, se tingiam nas margens já corroídas. Encontrá-lo novamente não devia ser nem muito demorado nem muito difícil. Não se podia descer evidentemente o seu curso torrencial, mas seria fácil chegar à embocadura seguindo algum afluente mais considerável e de mais

fácil navegação. Tal foi o plano simplicíssimo que Dick Sand adoptou depois de haver conferenciado com o velho Tom. Quando despontou o dia, todos os seus companheiros se foram pouco a pouco levantando. Mrs. Weldon passou Jack, ainda adormecido, para os braços de Nan.

O pequenino, extremamente pálido no período da intermitência, fazia pena.

Mrs. Weldon aproximou-se de Dick.

— Dick — perguntou ela, olhando-o fixamente — , onde está Harris? Não o vejo...

O jovem prático pensou que, conquanto fosse conveniente fazer acreditar aos seus companheiros que pisavam as terras da Bolívia, não lhes devia contudo ocultar a traição do americano. Por isso, sem hesitar, respondeu:

— Harris não está aqui!...

— Foi andando adiante? — tornou Mrs. Weldon.

— Fugiu — replicou Dick Sand. — Harris é um falso, e foi de combinação com Negoro que nos trouxe até aqui!

— Com que fim? — perguntou Mrs. Weldon com vivacidade.

— Ignoro — respondeu Dick — , mas o que sei é que devemos quanto antes voltar para a costa.

— Traidor! Traidor aquele homem! — repetiu Mrs. Weldon. — Não me enganavam os meus pressentimentos! E julgas, Dick, que ele está combinado com Negoro?

— Assim deve ser, Mrs. Weldon. Aquele maldito seguia-nos. O acaso fez com que os dois grandes marotos se encontrassem e...

— E eu espero que eles se não tenham ainda separado, quando eu os encontrar. Quero quebrar-lhes as cabeças uma na outra — interrompeu o gigante, fechando as formidáveis mãos.

— E o meu filho! — exclamou Mrs. Weldon. — E as comodidades e os cuidados que eu esperava encontrar na hacienda de San Felice!..

— Jack há de restabelecer-se — afirmou o velho Tom — logo que se aproximar dos lugares mais salubres do litoral.

— Dick — tornou Mrs. Weldon — , tens a certeza de que Harris nos atraçou?

— Sim, Mrs. Weldon, tenho a certeza — respondeu o jovem prático, que, querendo evitar mais explicações a este respeito, se apressou a acrescentar, olhando para o velho negro:

— Esta noite, Tom e eu descobrimos a traição, e, se Harris não tivesse fugido no seu cavalo, tê-lo-ia eu morto.

— Assim... aquela plantação?

— Não há plantação, nem vila, nem aldeia, por estes lugares mais próximos — respondeu Dick Sand. — Repito-lhe, Mrs. Weldon, é preciso voltar para a costa.

— E pelo mesmo caminho, Dick?

— Não. Mrs. Weldon, descendo um rio que nos leve ao mar sem fadigas e sem perigos. Temos de andar algumas, mas poucas, milhas a pé e acredito que...

— Oh! Sou forte, Dick! — atalhou Mrs. Weldon, lutando contra a própria fraqueza. — Caminharei e levarei o meu filho!...

— Estamos nós aqui para o transportar, Mrs. Weldon — declarou Bat.

— Sim, sim, Bat diz bem — acrescentou Agostinho. — Dois ramos de árvores e algumas folhas...

— Obrigada, meus amigos, obrigada — respondeu Mrs. Weldon —, prefiro porém ir a pé. Posso andar. Vamos, a caminho!

— A caminho! — repetiu o jovem prático.

— Deixe-me levar o menino Jack — pediu Hercule, tirando o pequenino dos braços de Nan. — Quando não carrego, canso-me...

E o robusto negro pegou tão cuidadosamente no pequeno Jack que nem sequer o acordou.

Revistaram-se minuciosamente as armas. Todas as provisões, que ainda restavam, se juntaram num fardo único para só carregar um homem. Acteon pôs o fardo aos ombros e os seus companheiros ficaram completamente desembaraçados.

Primo Bénédic, cujas pernas, compridas e rijas como se fossem de aço, não fatigavam nunca, estava pronto a partir. Notaria ele o desaparecimento de Harris? Não é fácil dizê-lo. Era-lhe, porém, indiferente, estando demais a mais sob a impressão de uma das maiores catástrofes que lhe podia acontecer.

O caso era com efeito grave: primo Bénédic perdera a lente e os óculos.

Felizmente, porém, mas sem que ele o suspeitasse, Bat achou os preciosos aparelhos entre as ervas, no lugar onde tinham pernoitado; mas, por conselho de Dick Sand, Bat guardou-os. Deste modo havia a certeza de que Bénédic caminhará com sossego, pois que, como vulgarmente se costuma dizer, não via um palmo diante do nariz.

Colocado entre Acteon e Agostinho, com ordem terminante de os não deixar, o pobre Bénédic não soltara uma queixa e caminhava como um cego.

Não teria ainda a pequena caravana andado cinquenta passos quando Tom a fez parar, perguntando:

— E Dingo?

— É verdade, Dingo não está aqui — notou Hercule. E com a sua potentíssima voz chamou o cão repetidas vezes.

Nenhum latido respondeu ao chamamento.

Dick Sand conservava-se calado. A falta do cão era muito deplorável, porque decerto lhes evitaria surpresas desagradáveis.

— Dingo terá ido com Harris? — perguntou Tom.

— Harris!... Não! — respondeu Dick Sand. — Mas talvez procurasse Negoro. O cão pressentiu que ele nos seguia.

— O maldito cozinheiro mete-lhe com certeza uma bala no corpo! — disse Hercule.

— Sim! Se acaso Dingo não lhe saltar primeiro às goelas — atalhou Bat.

— Talvez — disse o prático — , mas não podemos esperar por Dingo. Se o inteligente animal está vivo, ele saberá vir ter conosco. Vamos para diante!

Fazia intensíssimo calor. Desde o amanhecer que se viam nuvens grossas e pesadas carregando o horizonte. Eram prenúncios de trovoadas. Não acabaria o dia sem que ela estalasse. Felizmente, a floresta, apesar de menos densa, conservava frescura à superfície do solo. Aqui e ali grandes matas rodeavam campinas cobertas de plantas altas e abundantes. Em alguns lugares, troncos enormes, já solidificados, jaziam por terra, indícios de terrenos carboníferos, que frequentemente se encontram no continente africano. Nas clareiras dos bosques, os tapetes verdejantes matizavam-se de flores de cores variadas, viam-se as gengibres amarelas e azuis, as lobélias claras e as orquídeas vermelhas, incessantemente beijadas pelos insetos que as fecundam.

As árvores não formavam neste ponto bosques tão impenetráveis; mas eram de qualidades mais várias. Elais Guineensis, ou palmeira espinhosa, que produz o bem conhecido óleo de palma, tão procurado na África, algodoeiros formando moitas de oito a dez pés de altura e cujas hastes produzem um algodão de fios longos, quase igual ao de Pernambuco. Além as árvores de goma-copal, resumando, por pequenos buracos feitos por insetos, resina aromática, a qual corria até ao solo, onde se juntava e de onde era depois tirada pelos indígenas. Aqui estavam espalhados os limoeiros, as

romãzeiras silvestres e muitas outras plantas arbóreas, mostrando a prodigiosa fertilidade desta parte da África Central. Em muitos lugares também o olfato era agradavelmente impressionado pelo finíssimo aroma da baunilha, sem que fosse contudo possível saber que arbusto o exalava.

Todo aquele conjunto de árvores e plantas verdejava, apesar de ser o pino da estação seca e de só raríssimas trovoadas regarem tão feracíssimos terrenos. Era a época das febres; mas, como notara Livingstone, é fácil a cura, fugindo do lugar onde elas se apanharam. Conhecia Dick Sand esta observação do grande viajante e esperava que Jack a não desmentiria. Comunicou-a a Mrs. Weldon, mas só depois de se haver certificado de que não voltara o acesso periódico, como era de recear, e que o pequenino dormia sossegadamente nos braços de Hercule.

Assim iam caminhando prudente e rapidamente. Algumas vezes encontravam vestígios recentes de passagem de homens ou de animais. Os ramos das moitas de arvoredo ou das brenhas, afastados ou quebrados, facultavam melhor o caminho. Mas, repetidas vezes, múltiplos obstáculos, que era preciso vencer, retardavam a marcha, com o que não pouco se aborrecia Dick Sand. Eram cipós entrelaçados uns aos outros, que com propriedade se comparavam ao aparelho desordenado de um navio, folhas como alfanges, cujas lâminas eram guarnecidas de espinhos compridos, serpentes vegetais de cinquenta a sessenta pés de extensão e que têm a propriedade de se revirem para ferirem o caminheiro com os seus dardos agudos. Os negros tudo cortavam com os machados, mas os cipós reapareciam constantemente desde a terra até à copa das mais altas árvores que eles engrinaldavam.

O reino animal não era menos notável do que o vegetal nesta parte da província. As aves volitavam em

grande número sobre as ramagens, como fácil é de supor, e não tinham a recear os tiros de espingarda de quem queria passar tão rápida e secretamente. Viam-se bandos consideráveis de galinhas do mato, francolins de diversas espécies, e dos quais não é fácil a aproximação, e alguns desses pássaros a que os americanos do Norte têm, por onomatopeia, dado o nome vhip-poor-will, três sílabas que reproduzem com exatidão os gritos dessas aves.

Até então as feras, tão perigosas na África, não se tinham aproximado da pequena caravana. Encontraram-se ainda no primeiro dia de marcha algumas girafas, a que Harris teria sem dúvida dado o nome de avestruzes, mas desta vez sem que fosse acreditado. Aqueles velozes animais passavam rapidamente, assustados pela aparição de uma caravana naquelas pouco frequentadas florestas. Ao longe, na orla das campinas, via-se às vezes espessa nuvem de pó. Era uma manada de búfalos, que na sua carreira imitavam o ruído de grandes carros excessivamente carregados.

Dick Sand seguiu o curso do pequeno ribeiro, na extensão de duas milhas, e que devia ir desaguar em algum rio mais importante. Queria confiar o mais depressa possível os seus companheiros à corrente rápida de um rio que os conduzisse ao litoral. Confiava que os perigos e as fadigas seriam menores.

Ao meio-dia haviam já caminhado três milhas, sem que felizmente tivessem tido qualquer mau encontro. De Harris ou de Negoro não havia o mais leve indício. Dingo também não aparecera. Convinha parar para descansar e comer.

Assentou-se o acampamento dentro de um bambual, que abrigou completamente o pequeno rancho.

Pouco se conversou durante a refeição. Mrs. Weldon tornara a pegar no filhinho; não despegava a vista dele e não podia comer.

— É preciso que tome algum alimento, Mrs. Weldon — aconselhou repetidas vezes Dick Sand. — Que quer fazer se lhe faltarem as forças? Coma, coma! Daqui a pouco estaremos novamente a caminho, e depois uma corrente rápida nos levará sem cansaço até à costa.

Mrs. Weldon fitava Dick Sand enquanto ele falava. Os olhos brilhantes do jovem prático exprimiam bem a coragem de que se sentia animado. Vendo-o assim, vendo os bravos negros tão dedicados, ela, que era mulher e mãe, não desesperava. E que razões tinha ela para perder as esperanças? Não se julgava em terra hospitaleira? A traição de Harris não lhe parecia que tivesse graves consequências. Dick Sand, que adivinhava os pensamentos de Mrs. Weldon, esteve quase a desanimar.

CAPÍTULO IV

MAUS CAMINHOS

Nesta ocasião, Jack acordou e abraçou-se ao pescoço de sua mãe. Tinha os olhos menos amortecidos. A febre não voltara.

— Estás melhor, meu filhinho? — perguntou Mrs. Weldon, aconchegando o pequenino doente ao seu coração.

— Sim, minha mãe — respondeu Jack — , mas tenho sede.

Não havia para dar ao pequenino senão água, que ele bebeu com sofreguidão.

— E o meu amigo Dick?

— Aqui estou — respondeu Dick Sand, correndo a apertar a mão do pequenino.

— E Hercule?

— Presente, Sr. Jack — respondeu o gigante, aproximando-se.

— E o cavalo? — perguntou Jack.

— O cavalo? Foi-se, menino Jack — informou Hercule — , agora sou eu o cavalo! Sou eu quem carrega com o menino. Acha que tenho mau trote?

— Não, não! — disse Jack — , mas então agora já não tenho rédeas?

— Oh! Ponha-me um freio, se quiser — voltou Hercule, abrindo a enorme boca — , e pode puxar depois à sua vontade.

— Tu bem sabes que não puxarei com força.

— Pois fará mal! Sou rijo de boca.

— E a plantação do Sr. Harris? — perguntou ainda o pequenino.

— Já pouco nos falta para chegarmos, Jack — declarou Mrs. Weldon.

— Quer que continuemos a andar? — interrogou Dick Sand para cortar a conversação.

— Sim, Dick. Vamos! — acedeu Mrs. Weldon.

Levantou-se o acampamento e continuou a marcha na mesma ordem. Foi necessário passar através de matas cerradas, para não se desviarem do curso do riacho. Outrora havia por ali algumas veredas, mas estavam “mortas”, segundo a expressão indígena, isto é, arbustos, espinhos e sarças tinham crescido sobre elas. Tiveram de caminhar assim uma milha, no que gastaram três horas. Os negros trabalhavam sem descanso. Hercule, depois de haver entregado Jack a Nan, foi trabalhar também, e que trabalho era o dele! Aos golpes da sua machada rompia-se a floresta como se lavrasse um incêndio devorador.

Felizmente, este penoso trabalho não devia durar muito. Passada a primeira milha, viu-se um largo corte praticado na mata, o qual conduzia obliquamente ao riacho e seguia pela riba. Era uma passagem feita por elefantes. Centenas destes animais costumavam sem dúvida descer por ali. Grandes buracos, feitos pelas patas dos enormes paquidermes, crivavam o terreno molhado na época das chuvas, o qual, pela sua natureza esponjosa, se prestava aos sinais indeléveis que ali se notavam.

Viu-se depois que a passagem referida não servia só para os gigantes animais. Seres humanos haviam mais de uma vez seguido o -mesmo caminho, mas como rebanhos brutalmente conduzidos para o matadouro. Aqui e ali via-se o chão juncado de ossos, restos de esqueletos já meio roídos pelas feras, e alguns dos quais

tinham ainda as algemas dos escravos!

Há na África Central extensos caminhos marcados pelos restos humanos. Centenas de milhas são percorridas pelas caravanas, e muitos infelizes caem na jornada, sob o chicote dos agentes, mortos pelo cansaço ou pelas privações e dizimados pelas doenças. Quantos ainda são assassinados pelos próprios traficantes quando faltam víveres! Não os podendo sustentar, matam-nos a tiro de espingarda, a golpes de sabre ou de machado, e não são raros tais morticínios!

Era pois evidente que caravanas de escravos tinham passado por aquele caminho. Durante mais de uma milha, Dick Sand e os seus companheiros toparam a cada passo com ossadas dispersas, obrigando a fugir grandes aves de rapina, que com o seu voo pesado se levantavam à aproximação de Dick e dos seus, volteando no ar.

Mrs. Weldon olhava, mas não via; Dick Sand receava que ela o interrogasse, porque conservava a esperança de a reconduzir à costa sem lhe dizer que a traição de Harris os perdera no meio de um sertão africano. Felizmente, Mrs. Weldon não percebia quanto via. Quis pegar novamente no filho, que estava a dormir. Jack absorvia-lhe todos os seus pensamentos. Nan caminhava ao pé dela, e nem uma nem outra fizeram ao prático as perguntas de que ele tanto receava. O velho Tom caminhava com os olhos baixos. Demais sabia ele a razão por que aquele corte da mata estava cheio de ossadas humanas.

Os seus companheiros olhavam surpreendidos para a direita e para a esquerda, como se fossem atravessando um cemitério sem fim, cujas sepulturas tivessem sido revolvidas por um cataclismo. Passavam, porém, sem dizer nada.

Entretanto o leito do riacho, ao mesmo tempo que se tornava mais profundo, alargava-se também. A

corrente era menos Impetuosa. Esperava Dick Sand que dentro de pouco tempo seria navegável ou se lançaria em algum rio mais importante, tributário do Atlântico.

Seguir, custasse o que custasse, essa corrente de água era a firme resolução do jovem prático.

Por isso não hesitava em deixar a aberta da floresta por onde ia caminhando, quando, seguindo uma linha oblíqua, ela se afastou do riacho.

A pequena caravana aventurou-se, mais uma vez, através dos matagais. Seguia, abrindo caminho a machado, por entre plantas e sarças inextricavelmente embaraçadas. Mas, se estes vegetais obstruíam o solo, não igualavam contudo a densa floresta que confinava com o litoral. As árvores eram raras. Grandes feixes de bambus se levantavam apenas acima das ervas, tão altas que Hercule não as excedia. A passagem da pequena caravana não podia pois ser revelada senão pela agitação das plantas.

Naquele dia, pelas três horas da tarde, foi notado que a natureza do terreno se mostrava completamente diferente. Eram extensas planícies, que deviam ficar inteiramente inundadas durante a estação das águas. O solo, mais úmido, atapetava-se de musgos densos e de belíssimos fetos. Se acaso se elevava por ladeira escarpada, via-se a hematite cinzenta, últimos veios sem dúvida de algum jazigo de mineral.

Dick Sand lembrou-se então, a propósito, do que lera nas viagens de Livingstone. Mais de uma vez o intrépido doutor esteve a ponto de ficar enterrado naqueles traiçoeiros pântanos.

— Tenham cuidado — recomendou Dick, passando para a frente de todos. — Experimentem o solo antes de caminhar.

— Na verdade — acrescentou Tom — , parece que estes terrenos foram alagados pelas chuvas, e contudo não tem chovido nestes últimos dias.

— Não — disse Bat — , mas a tempestade não tardará muito.

— Razão de mais — tornou Dick Sand — para nos apressarmos em atravessar este paul, antes que ela rebente! Hercule, pegue em Jack. Bat e Agostinho conservem-se junto de Mrs. Weldon, a fim de a amparar sendo preciso. O Sr. Bénédict!... É verdade! Que faz, Sr. Bénédict?...

— Eu... creio — respondeu simplesmente primo Bénédict, que desaparecia, como se se tivesse aberto um alçapão sob os seus pés.

Com efeito, o pobre homem atrevera-se a passar por uma espécie de pego e sumia-se até metade do corpo em lama viscosa. Deram-lhe a mão e ele levantou-se coberto de lodo, mas satisfeitíssimo por não ter avariado a sua preciosa caixa de entomologista. Acteon foi para o pé dele, com o fim de evitar a repetição das quedas do desastrado míope.

Demais a mais, primo Bénédict escolhera mal o charco em que se foi meter. Quando o tiraram do paul, grande quantidade de bolhas vieram à superfície, as quais, rebentando, exalaram pelo ar gases de cheiro sufocante. Livingstone, que algumas vezes esteve metido até ao peito em lodo igual, comparava aqueles terrenos a uma reunião de enormes esponjas, feitas de terra negra e porosa, de onde com o pó se faziam repuxar inúmeros fios de água. Estes terrenos eram sempre perigosíssimos.

Por espaço de meia milha Dick Sand e os seus companheiros tiveram de caminhar sobre aquele solo esponjoso. Tornou-se mesmo tão mau que Mrs. Weldon foi obrigada a parar, porque se enterrava muito. Hercule, Bat e Agostinho, querendo evitar-lhe mais os incômodos do que a fadiga de andar sobre terreno tão pantanoso, fizeram uma padiola de bambus, na qual ela se assentou. Deram-lhe Jack, e assim se diligenciou atravessar o mais

depressa possível o pestífero pântano.

Grandes foram as dificuldades. Acteon segurava vigorosamente primo Bénédict. Tom ajudava Nan, que sem ele teria decerto desaparecido em algum atoleiro. Os três negros que restavam conduziam a liteira. Na frente. Dick Sand apalpava o terreno. A escolha do lugar onde se assentasse o pé não era fácil. Era preferível andar pelos lados, que uma erva espessa e coriácea cobria, mas muitas vezes faltava o ponto de apoio, e todos se metiam no lodo até os joelhos.

Finalmente, pelas cinco horas da tarde, estando já passado o pântano, o solo retomou a consistência suficiente, devido à sua natureza argilosa, mas por baixo sentia-se úmido. Evidentemente, aqueles terrenos estavam mais baixos que os rios próximos, e a água filtrava-se pelas terras.

O calor, entretanto, tornava-se excessivamente incômodo. Seria até insuportável se as nuvens densas da trovoada se não interpusessem entre os raios ardentes do sol. Ao longe os relâmpagos rasgavam as nuvens, e surdos rumores do trovão retumbavam nas alturas do céu. Uma tempestade formidável ia rebentar.

Estes cataclismos são terríveis na África. Chuvas torrenciais e rajadas de vento, a que não resistem as mais valentes árvores, raios uns após outros, tal é a luta dos elementos nestas latitudes. Sabia-o Dick Sand, e por isso estava extremamente inquieto. Não se podia passar a noite sem abrigo. A planície ameaçava ficar inundada, e não mostrava um único ressalto no qual fosse possível achar refúgio! }

Mas onde ir buscar abrigo naquela extensão baixa e deserta, sem árvores, sem uma sarça sequer? As mesmas profundezas do solo não o dariam. A dois pés abaixo da sua superfície ter-se-ia encontrado água.

Contudo, para o lado do norte, uma série de colinas pouco elevadas pareciam limitar a alagadiça planura. Era

como a bordo daquela depressão do terreno. Algumas árvores se desenhavam mais além, na linha do horizonte, numa zona mais clara, onde as nuvens não chegavam.

Lá, se o abrigo faltasse ainda, o pequeno rancho não correria o risco de morrer na inundação. Ali estava talvez a salvação de todos.

— Vamos, meus amigos, vamos para diante — repetiu Dick Sand. — Três milhas ainda, e estaremos mais seguros que nestes terrenos tão baixos.

— Ânimo! Ânimo! — exclamava Hercule.

O valente negro teria de boa vontade pegado em toda a gente e carregado com ela.

Aquelas palavras animaram os corajosos negros, que, apesar das fadigas de um dia de marcha, avançavam mais do que no princípio da jornada.

Quando a trovoada estalou, o ponto aonde queriam chegar estava ainda a duas milhas. Contudo, o que era mais para temer — a chuva — não acompanhou as primeiras descargas, que se fizeram entre o solo e as nuvens carregadas de electricidade. A obscuridade era quase completa, conquanto o Sol ainda “não tivesse descido para baixo do horizonte. Mas a abóbada de vapores baixava pouco a pouco, como se ameaçasse cair; devia porém resolver-se em chuva torrencial. Relâmpagos, vermelhos ou azulados, a rasgavam em muitas partes e envolviam a planície numa rede de fogo.

Muitas vezes Dick e os seus companheiros estiveram quase fulminados pelos raios. Naquele lugar, despido de árvores, eram eles os únicos pontos salientes que podiam atrair as descargas eléctricas. Jack, acordado pelo estampido dos trovões, escondia-se nos braços de Hercule. Tinha muito medo a pobre criança, mas não o queria manifestar a sua mãe, receoso de mais a afligir. Hercule, andando sempre tão depressa quanto podia, ia consolando o menino.

— Não tenha medo, menino Jack — repetia ele.- —

Se o trovão se chegar para cá, eu só com uma das mãos racho-o ao meio! Sou mais forte do que ele...

E realmente a força do gigante tranquilizava um pouco o pequenino Jack.

A chuva, porém, não podia tardar, e quando caísse seriam torrentes que lançariam as nuvens, condensando-se. Que aconteceria a Mrs. Weldon e aos seus companheiros se não achassem abrigo?

Dick Sand parou um instante junto do velho Tom.

— Que faremos? — disse ele.

— Continuar a andar, Sr. Dick — respondeu Tom.

— Não podemos ficar nesta planície que a chuva virá transformar numa lagoa!

— Não, Tom, não podemos, mas o abrigo? Onde está ele? Qual pode ser? Se houvesse ao menos uma cabana!...

Dick Sand interrompera a frase repentinamente. Um relâmpago mais claro alumiará toda a planície.

— Que vi eu a um quarto de milha daqui? — exclamou Dick Sand.

— E eu também vi alguma coisa — declarou o velho Tom, abanando a cabeça.

— Um acampamento não é verdade?

— Sim, Sr. Dick, deve ser um acampamento... mas de índigenas!

Um outro relâmpago deixou ver mais distintamente o acampamento, que ocupava parte da imensa planície.

Com efeito, não (muito longe, levantavam-se cerca de cem barracas de forma cônica, simetricamente dispostas e medindo dez a quinze pés de altura. Não se via porém um guarda. Estariam eles abrigados dentro das suas tendas, deixando que a tempestade passasse, ou estaria abandonado o campo?

No primeiro caso, Dick Sand, quaisquer que fossem as iras do céu, devia fugir o mais depressa possível. No segundo, estava ali talvez o abrigo que procurava.

— Eu saberei — disse ele. Depois, dirigindo-se ao velho Tom:

— Fica aqui. Não consinto que ninguém me siga! Eu irei reconhecer o campo.

— Deixe que um de nós o acompanhe, Sr. Dick.

— Não, Tom. Irei só. Posso aproximar-me sem ser visto. Fica.

A pequena caravana que Tom e Dick precediam parou. O prático marchou para a frente e desapareceu na obscuridade, que era profundíssima, exceto quando os relâmpagos rasgavam as nuvens.

Começavam a cair algumas gotas grossas.

— Que é? — perguntou Mrs. Weldon, que se aproximou do velho negro.

— Enxergamos um acampamento, Mrs. Weldon — respondeu Tom — , um acampamento... ou talvez uma povoação que o nosso capitão quis reconhecer antes de nos conduzir para lá.

Mrs. Weldon ficou satisfeita com a resposta. Três minutos depois voltava Dick Sand.

— Venham, venham — dizia ele, com voz que bem exprimia o seu contentamento.

— Está abandonado o campo? — perguntou Tom.

— Qual! — respondeu o jovem prático. — Não é acampamento nem povoação... São formigueiros!

— Formigueiros! — exclamou primo Bénédict, a quem esta palavra encheu de curiosidade.

— Sim, Sr. Bénédict, mas olhe que são formigueiros de doze pés de altura pelo menos, e dentro dos quais vamos ver se nos metemos.

— Mas então — continuou primo Bénédict — , serão os formigueiros da térmite fatal ou da térmite mordaz. Só estes industriosos insetos podem levantar tais monumentos, que fariam honra aos mais hábeis arquitetos.

— Quer sejam térmites quer não, Sr. Bénédict, é

preciso desalojá-las, e tomar-lhes o lugar.

— Devorar-nos-ão! E estarão no seu direito!

— Vamos, vamos...

— Mas, esperem! — observou primo Bénédict. — Julgava eu que esses formigueiros só na África se encontravam.

— Vamos! — repetiu Dick Sand com intimativa, tanto receava que Mrs. Weldon ouvisse as últimas palavras pronunciadas pelo entomologista.

Seguiram Dick Sand a toda a pressa. Levantou-se vento furioso; grossas gotas de água batiam no chão com estrépito. Dentro de poucos instantes as rajadas seriam impetuosíssimas.

Entretanto chegaram a um dos cones, e, por muito terríveis que fossem as térmites, convinha não hesitar em participar com elas da sua habitação, dado o caso de não se conseguir pô-las fora.

Na base, que era feita de uma espécie de argila avermelhada, abriu-se um estreitíssimo buraco, que Hercule alargou com a faca, de modo que desse passagem a um homem da sua estatura.

Com grande surpresa do primo Bénédict, não apareceu uma única dos milhares de térmites que deviam habitar o formigueiro. Estaria por elas abandonado?

Logo que o buraco se alargou, Dick e os seus companheiros penetraram por ele. Hercule foi o último que entrou, e exatamente no momento em que a chuva caía com tal intensidade que parecia apagar os relâmpagos.

Mas nada havia a temer já dos aguaceiros. Um acaso feliz fornecera ao pequeno rancho seguro abrigo, melhor que uma barraca, melhor que uma cabana de indígenas.

Era um desses cones das térmites, que, segundo a comparação do tenente Cameron, são, por serem

construídos por pequenos insetos, mais dignos de admiração que as pirâmides do Egito, que a mão do homem levantou.

— É — diz ele — como se um povo tivesse feito o monte Everest, uma das mais altas montanhas da cordilheira do Himalaia.

CAPÍTULO V

LIÇÃO SOBRE AS FORMIGAS DADA NUM FORMIGUEIRO

Naquele momento a tempestade rebentava com violência desconhecida nas latitudes temperadas.

Foi providencial que Dick Sand e os seus companheiros tivessem achado aquele refúgio.

A chuva não caía em gotas distintas, mas em fios de água de grossura variável. Era algumas vezes como que uma massa compacta, um lençol de água, uma catarata, um Niágara. Imagine-se um grande tanque aéreo, que contivesse um mar e se virasse por súbito movimento. Pela ação de tais derramamentos formam-se as barrocas, as planícies transformam-se em lagos, os ribeiros em torrentes, e os rios inundam vastíssimos territórios. É o contrário do que acontece nas zonas temperadas, onde a violência das trovoadas está na razão inversa da sua duração. Na África, por muito fortes que sejam, duram muitos dias. Como se pode acumular tanta eletricidade nas nuvens? Como se podem juntar tantas massas de vapor? É difícil compreender. Mas é assim, e a vista de tais fenômenos transporta-nos às épocas extraordinárias do período diluviano.

Felizmente, porém, o formigueiro, porque tinha paredes muito grossas, era perfeitamente impermeável. Uma toca de castores feita de terra bem amassada não estaria mais seca. Podiam passar sobre ela torrentes de água, sem que uma gota só se filtrasse através dos seus

poros. Logo que Dick Sand e os seus companheiros tomaram posse do cone, trataram de reconhecer a sua disposição interior. Acendeu-se a lanterna, que deu ao formigueiro luz suficiente. O cone, que media doze pés de altura na parte interior, tinha a largura de onze pés, com exceção, porém, da parte superior, que se arredondava em forma de pão de açúcar. As paredes tinham grossura uniforme, de proximamente um pé, e entre os diversos andares de células que as revestiam havia espaços vazios.

Embora cause espanto a construção de tais monumentos por industriosas falanges de insetos, é contudo certo que eles se encontram frequentemente no interior da África. Um viajante holandês do século passado, Smeathman, ocupou, com mais quatro dos seus companheiros, o vértice de um desses cones. No Lunde, viu Livingstone muitos formigueiros construídos de argila vermelha, cuja altura atingia quinze a vinte pés. O tenente Cameron confundiu muitas vezes com acampamentos aquelas aglomerações de cones, que eriçavam as planícies em Nyamgué. Chegou a parar junto de verdadeiros edifícios, não de vinte pés de altura, mas de quarenta e de cinquenta, cones circulares, enormes, rodeados de pequenos campanários, à semelhança do zimbório de uma catedral! Assim são os que se veem na África Meridional.

A que espécie de formiga se devia a prodigiosa edificação de tais formigueiros?

“À térmite fatal”, respondeu sem hesitar primo Bénédict, logo que reconheceu a natureza dos materiais empregados na construção deles.

E, com efeito, as paredes, como ficou dito, eram feitas de argila vermelha. Se fossem fabricadas de terras de aluvião, pardas ou negras, deviam atribuir-se às “térmites mordazes” ou às “térmites atrozes”.

Como se vê, estes animais têm nomes pouco

animadores, que não podem agradar senão a um entomologista insigne, como era primo Bénédict.

A parte central do cone, a qual a pequena caravana primeiro ocupou, e que formava o espaço interior, não bastava para acomodar tanta gente; mas grandes cavidades sobrepostas eram como outras tantas cabanas, nas quais qualquer pessoa de meã estatura caberia regularmente. Imagine-se uma série de gavetas abertas, no fundo delas milhões de alvéolos, que as térmites tinham ocupado, e formar-se-á ideia da disposição interior do formigueiro. Em suma, estas gavetas assentavam umas sobre as outras, como os beliches de um camarote de navio, e foi nos beliches superiores que Mrs. Weldon, Jack, Nan e primo Bénédict se abrigaram.

Na carreira inferior ficaram Agostinho, Bat e Acteon. Dick Sand, Tom e Hercule ficaram na parte mais baixa do cone.

— Meus amigos — disse então o jovem prático aos dois negros — , o terreno começa a impregnar-se de água. É mister, pois, secá-lo, esboroando a argila da base; mas tenhamos cuidado em não tapar o buraco por onde entra o ar. Não nos arrisquemos a morrer abafados dentro deste formigueiro.

— Uma noite depressa passa — respondeu o velho Tom.

— Pois bem, tratemos de descansar de tantas fadigas. Em dez dias é esta a primeira vez que deixamos de dormir ao ar livre.

— Dez dias! — repetiu Tom.

— Ora — continuou Dick Sand — , como esta pirâmide é abrigo seguro, talvez nos convenha ficar mais vinte e quatro horas. Durante esse tempo de demora irei reconhecer o -rio que procuramos e que não pode estar longe. Penso mesmo que, enquanto não construirmos uma jangada, o melhor de tudo será não sairmos de

dentro deste abrigo. A tempestade não nos chegará. Tornemos, pois, o chão mais resistente e mais seco.

As ordens de Dick Sand foram imediatamente executadas. Hercule com a machada esboroou a primeira ordem de alvéolos, os quais eram feitos de argila friável.

Levantou de mais de um pé a parte interior do terreno lamacento sobre o qual assentava o formigueiro. Depois Dick Sand viu que o ar podia penetrar livremente para o interior do cone através do buraco que este tinha na base.

Foi decerto uma feliz circunstância a de ter sido o formigueiro abandonado pelas térmitas. Com alguns milhares destas formigas seria inabitável. Mas tinha ele sido evacuado havia muito tempo, ou estes vorazes neurópteros tinham saído poucos momentos antes? Não era supérflua esta questão.

Antes de todos pensara nisto primo Bénédicte, tal era a surpresa que semelhante abandono lhe causava, mas depressa se convenceu de que a emigração fora muito recente.

Não se demorou em descer à parte inferior do cone, e lá, alumado pela lanterna, investigou por todos os lugares mais recônditos do formigueiro. Conseguiu descobrir o que ele chamou o “celeiro das térmitas”, isto é, o sítio onde estes industriais insetos guardavam as provisões da colônia.

Era uma cavidade aberta na parede, não longe da célula real, que o trabalho de Hercule deitara por terra, juntamente com as células destinadas às larvas ainda novas.

Do celeiro tirou primo Bénédicte uma pequena quantidade de parcelas de goma e de sucos de plantas apenas solidificadas, o que provava que as térmitas as tinham trazido de fora pouco tempo antes.

— Não! Não! — exclamou ele como se respondesse a alguma objecção que lhe fizessem. — Não! Este

formigueiro não foi abandonado há muito tempo!

— Quem lhe diz o contrário, Sr. Bénédict? — acudiu Dick Sand. — Recentemente ou não, o que nos importa é que as térmitas o tenham deixado, por isso que nos convém ocupá-lo.

— O que importa — respondeu primo Bénédict — é saber os motivos por que elas saíram! Ontem, esta manhã ainda, esses sagazes neurópteros o habitaram, porque estão aqui substâncias líquidas, e esta noite...

— Mas quer concluir, Sr. Bénédict? — interrompeu Dick Sand.

— Quero concluir que um secreto pressentimento as incitou a abandonar o formigueiro. Não só nenhuma delas se conservou nas células, mas tão longe levaram o seu cuidado que carregaram com as pequenas larvas, das quais nem uma só encontro. Repito que nada disto se fez sem motivo e que os perspicazes insetos previram perigo iminente...

— Previram que nós lhes íamos invadir a casa! — disse Hercule, rindo.

— Sim! — replicou primo Bénédict, a quem esta resposta do negro chocou visivelmente. — Com que então julga-se tão forte que seja um perigo para tão corajosos insetos? Bastavam alguns milhares destes neurópteros para o reduzirem a esqueleto, se acaso o encontrassem morto no caminho!

— Morto, sim! — respondeu Hercule, que não queria ceder —, mas vivo esmagalharia muitos milhões deles!

— Sim, esmagaria cem mil, quinhentos mil, um milhão mesmo! — replicou primo Bénédict, animando-se —, mas não mil milhões, e mil milhões de térmitas devorá-lo-iam, vivo ou morto, até ao mais pequeno pedacinho!

Durante esta conversação, que era menos frívola do que à primeira vista poderia parecer, Dick Sand

refletia sobre a observação que fizera primo Bénédict. Sem dúvida, o sábio conhecia bem os costumes das térmitas, para que se pudesse enganar. Se ele afirmava que um secreto instinto as advertira para abandonar recentemente o formigueiro, era porque na realidade poderia haver perigo em estar ali.

Contudo, como não se podia pensar em deixar aquele abrigo, na ocasião em que a tempestade se desencadeava com intensidade pouco vulgar, Dick Sand não procurou saber a explicação do que parecia tão inexplicável, e satisfez-se em responder: — Sr. Bénédict, se as térmitas deixaram as suas provisões neste formigueiro, não nos esqueçamos de que trouxemos as nossas, e ceemos. Amanhã, quando a tempestade tiver passado, veremos o que nos convém fazer.

Trataram então de preparar a ceia, porque, por muito grande que fosse a fadiga, não pôde ela alterar o apetite de tão bons caminhantes. Pelo contrário. Os víveres, que haviam de durar ainda dois dias, tiveram bom acolhimento. A bolacha conservava-se seca, e, por isso, durante alguns minutos ouviu-se estalar sob os magníficos dentes de Dick Sand e dos seus companheiros. Entre a dentadura de Hercule estava como o grão sob a mó do moinho. Hercule não a trincava, moía-a.

Só Mrs. Weldon comia pouco, e isso mesmo porque Dick Sand instou muito com ela. Parecia ao jovem prático que esta animosa senhora estava mais preocupada e mais triste do que nunca. No entanto Jack estava melhor; o acesso de febre não voltara, e naquele momento descansava ele, sob as vistas de sua mãe, num alvéolo bem estofado com roupa. Dick Sand não sabia o que julgasse.

Inútil é dizer que primo Bénédict fez honra ao banquete, não porque apreciasse a qualidade ou a quantidade dos comestíveis, que ainda assim devorava,

mas porque teve ocasião de fazer uma lição de entomologia sobre as térmitas. Ah! Se ele tivesse achado uma térmita, uma só que fosse, no formigueiro abandonado! Mas nada!

— Estes admiráveis insetos — disse ele, sem tratar de saber se o ouviam ou não —, estes admiráveis insetos pertencem à maravilhosa ordem dos neurópteros, cujas antenas são mais compridas que a cabeça, as mandíbulas muito distintas, as asas inferiores quase sempre iguais às superiores. Cinco tribos constituem esta ordem: panorpas, mirmileões, hemeróbios, térmitas e perlídeos. É inútil acrescentar que os insetos, cuja casa ocupamos, talvez indevidamente, são as térmitas.

Neste momento Dick Sand ouvia com muita atenção primo Bénédicte. O encontro das térmitas teria despertado a Bénédicte a ideia de que talvez estivesse no continente africano, sem saber por que fatalidade ali fora parar? O prático estava ansioso por saber isto.

O sábio continuava:

— Ora as térmitas são caracterizadas por quatro articulações nos tarsos, pelas mandíbulas córneas e de extraordinário vigor. Há o gênero mantispo, o gênero rafídia, o gênero térmita, muitas vezes conhecido pelo nome de formiga-branca, no qual se conta a térmita fatal, a térmita de toracete amarelo, a térmita lucifuga, a mordaz, a daninha...

— E quais foram as que construíram este formigueiro? — perguntou Dick Sand.

— Foram as térmitas fatais ou belicosas — respondeu primo Bénédicte, que pronunciou este nome como se falasse dos Macedónios ou de outro povo guerreiro da Antiguidade. — Sim, foram as térmitas belicosas de todas as grandezas! Entre Hercule e um anão, a diferença é menor que entre o maior e o mais pequeno destes insetos. Se entre eles se encontram trabalhadores e operários de cinco milímetros, e soldados

de dez milímetros de grandeza, machos e fêmeas de vinte, encontra-se também outra espécie, não menos curiosa, a das “sirafus”, que têm meia polegada de comprimento, tenazes em vez de mandíbulas, e a cabeça mais grossa do que o corpo, como os tubarões. São os tubarões dos insetos, e num combate entre um tubarão e as “sirafus” eu apostaria por estas.

— E onde se encontram esses insetos? — perguntou Dick Sand.

— Na África — respondeu primo Bénédict —, nas províncias centrais e meridionais. A África é por excelência o país das formigas. É muito para se ler o que diz Livingstone nos últimos apontamentos trazidos por Stanley. Mais feliz do que eu, o doutor assistiu a uma batalha homérica entre um exército de formigas pretas e outro de formigas vermelhas. Estas, que se chamam “drivers” e a que os indígenas dão o nome de “sifarus”, ficaram vencedoras. As outras, as “chungus”, fugiram, levando ovos e larvas, depois de se terem valentemente defendido. Nunca, segundo refere Livingstone, nunca o furor da peleja foi levado tão longe, nem entre os homens nem entre as feras! Com a sua mandíbula aferradora, as “sifarus” fazem recuar os homens, ainda os mais valentes. Os maiores animais, os leões e os elefantes, fogem delas. Nada as faz parar, nem as árvores, que elas escalam até ao cimo, nem os rios, que atravessam fazendo pontes suspensas com os seus próprios corpos ligados uns aos outros! São numerosas. Um outro viajante africano, Du Chaillu, viu desfilar durante duas horas uma coluna destas formigas, sem parar no caminho! Mas porque nos espantaremos à vista de tantas miríades? A fecundidade dos insetos é assombrosa, e, voltando a falar das térmites fatais, está provado que uma fêmea chega a pôr sessenta mil ovos por dia! Assim, estes neurópteros fornecem aos indígenas succulenta alimentação. Formigas grelhadas,

meus amigos, há alguma coisa de melhor neste mundo?

— Já comeu, Sr. Bénédicte? — perguntou Hercule.

— Nunca — respondeu o sábio professor —, mas ainda hei de comer.

— Onde?

— Aqui.

— Aqui? Mas nós não estamos na África — acudiu Tom.

— Não... não... — respondeu Bénédicte — e contudo até aqui as térmitas fatais e as suas aldeias de formigueiros ainda não foram observadas senão no continente africano. Ora vejam lá como são os viajantes! Não sabem ver. Tanto melhor! Já descobri uma tsé-tsé na América! A esta glória juntarei a de ter visto as térmitas fatais no mesmo continente! Que assunto para uma memória, que fará decerto sensação na sábia Europa, e talvez mesmo para algum in-fólio com estampas e gravuras em separado!...

Era evidente que a verdade não penetrara no cérebro de primo Bénédicte. O pobre homem e todos os seus companheiros, com exceção de Dick Sand e de Tom, julgavam-se, e tinham razão para isso, em lugar onde realmente não estavam! Outras eventualidades, fatos mais graves do que certas curiosidades científicas, deviam acontecer para que se desenganassem.

Eram então nove horas da noite. Primo Bénédicte falara muito tempo. Percebeu ele que os seus ouvintes, deitados nos alvéolos, tinham pouco a pouco adormecido durante a lição de entomologia? Não. Dissertava por gosto. Dick Sand, conquanto não estivesse dormindo, não o interrogava e conservava-se imóvel. Hercule resistira mais do que os outros; mas o cansaço obrigou-o por fim a fechar os olhos, e com os olhos os ouvidos.

Primo Bénédicte durante algum tempo ainda continuou a dissertar, até que, vencido pelo sono, trepou para a cavidade superior do cone, onde já tinha escolhido

lugar.

Profundo silêncio reinava então no interior do formigueiro, enquanto a trovoada enchia o espaço de ruído e de fogo. Não havia sinais que indicassem o fim do cataclismo.

Apagara-se a lanterna. No interior do cone a escuridão era profunda.

Todos dormiam. Só Dick Sand não procurava no sono o repouso, que contudo lhe era tão necessário. Os cuidados absorviam-no. Pensava nos seus companheiros, que queria salvar custasse o que custasse. O naufrágio do “Pilgrim” não marcara o termo das suas cruéis provações, e outras, não menos terríveis, o ameaçavam, se caísse em poder dos indígenas.

E como evitar este perigo, o pior de todos, quando voltassem para a costa? Evidentemente, Harris e Negoro não os tinham levado cem milhas pelo sertão de Angola sem o secreto desígnio de se apoderarem deles. Mas que meditava, então, o maldito cozinheiro? A quem tinha ele ódio? O jovem prático dizia a si mesmo que só ele o tinha merecido, e recordava todos os incidentes mais notáveis da viagem do “Pilgrim”, o encontro do casco abandonado e dos negros, a perseguição da baleia, e a desapareição do capitão Hull e da tripulação...

Dick Sand achara-se então, aos quinze anos, encarregado do comando de um navio, em que a bússola, pela mão criminosa de Negoro, mostrara caminho errado. Lembrava-se de se ver usando da sua autoridade, na presença do insolente cozinheiro, ameaçando-o de o prender a ferros, ou de lhe fazer saltar os miolos com um tiro de revólver! Ah! Porque teria hesitado a sua mão? O cadáver de Negoro teria sido lançado ao mar, e não teriam sucedido tantas catástrofes.

Tal era o curso das ideias do jovem prático. Depois pensava um instante sobre o naufrágio com que acabara

a viagem do “Pilgrim”. O traidor Harris aparecia então, e a província da América Meridional transformava-se pouco a pouco. A Bolívia mudava-se em Angola, com o seu mau clima, as feras e os indígenas, ainda mais cruéis! Poderia a pequena caravana escapar a tudo isto, até chegar à costa? Esse rio, que Dick Sand procurava e que esperava encontrar, levá-los-ia ao litoral com mais segurança e menos fadiga? Não queria duvidar, porque sabia que uma marcha de cem milhas, naquela inóspita região e no meio de perigos incessantes, era impossível.

— Felizmente — pensava ele —, Mrs. Weldon e todos ignoram a gravidade da situação! Só eu e o velho Tom somos os únicos que sabemos que Negoro nos lançou para a costa da África, e que Harris nos trouxe para os sertões de Angola.

Dick Sand chegara a este ponto dos seus aflitivos pensamentos, quando sentiu como um sopro passar pela sua frente. Uma mão se apoiou sobre o seu ombro e uma voz comovida murmurou ao seu ouvido estas palavras: — Sei tudo, meu pobre Dick, mas Deus pode salvar-nos ainda! Faça-se a sua vontade!

CAPÍTULO VI

O SINO DE MERGULHADOR

A essa inesperada revelação Dick Sand não podia responder! Além de que Mrs. Weldon voltou imediatamente para o seu lugar ao pé de Jack. Não queria, evidentemente, dizer mais do que dissera, e o jovem prático não teve a coragem de a reter.

Mrs. Weldon sabia tudo. Os diversos incidentes do caminho tinham-na esclarecido e talvez também a palavra “África”, tão desastrosamente pronunciada na véspera por primo Bénédicte!

“Mrs. Weldon sabe tudo”, dizia para consigo Dick Sand. “Talvez seja melhor. A corajosa senhora não desespera! Não desesperarei eu também!”

Tardava o dia a Dick Sand para poder ir explorar os arredores daquela povoação de térmites. Um rio, tributário do Atlântico, dotado de rápida corrente, era o que Dick queria descobrir para transportar todo o seu rancho, e ele tinha uma espécie de pressentimento a segredar-lhe que uma corrente de água não estava longe. O que sobretudo convinha era evitar o encontro dos indígenas, talvez já em sua perseguição, dirigidos por Harris e Negro.

Mas o dia não vinha. Nenhuma claridade se infiltrava pelo orifício inferior para dentro do cone. Rugidos, que a grossura das paredes abafava, indicavam que a trovoada não se aplacava. E, escutando bem, ouvia-se a chuva cair com grande violência na base do

formigueiro, e, como as grossas gotas não batiam sobre terreno duro, era forçoso concluir que toda a planície estava inundada.

Deviam ser onze horas proximamente. Dick Sand sentiu então uma espécie de prostração, se não era verdadeiro sono que se apoderava dele. Em todo o caso seria repouso. Mas no momento em que ia adormecer veio-lhe à ideia de que, pelo amontoamento da argila embebida, o orifício inferior podia obstruir-se. Fechar-se-ia a entrada ao ar exterior, e, dentro, a respiração de dez pessoas prontamente o viciaria, carregando-o de ácido carbônico.

Dick Sand deixou-se, pois, escorregar até ao chão, que se alteara com a argila da primeira ordem de alvéolos.

O pequeno aterro circular estava ainda enxuto e o orifício perfeitamente aberto. O ar penetrava livremente para o interior do cone e com ele a claridade dos relâmpagos e o estampido da trovoada que uma chuva diluviana não podia enfraquecer.

Dick Sand certificou-se de que tudo estava bem. Nenhum perigo parecia, por enquanto, ameaçar aquelas térmitas humanas, que substituíram a colônia dos neurópteros. Pensou, pois, o jovem prático em se refazer da fadiga, dormindo algumas horas, pois que já se sentia dominar pelo sono.

Porém, por extrema precaução, Dick Sand deitou-se sobre o aterro de argila, na base do cone, e perto do estreito orifício. Deste modo nenhum acidente sobreviria sem que ele fosse o primeiro a pressenti-lo. A primeira luz da madrugada acordá-lo-ia decerto, e poderia, por consequência, começar muito cedo a explorar a planície.

Dick Sand deitou-se, com a cabeça apoiada à parede e a carabina na mão. Pouco depois adormeceu.

Não podia dizer quanto tempo durou aquele letargo. Sentiu-se acordado por grande sensação de frio.

Levantou-se e reconheceu, não sem ansiedade, que a água invadia o formigueiro e tão rapidamente que em poucos segundos atingiria a ordem de alvéolos que Tom e Hercule ocupavam.

Estes, acordados por Dick Sand, souberam imediatamente da nova contrariedade.

Acendeu-se a lanterna, que iluminou o interior do cone.

A água chegara até à altura de cinco pés proximamente e ficara estacionária.

— Que aconteceu, Dick? — interrogou Mrs. Weldon.

— Não é nada — respondeu o jovem prático. — A parte inferior do cone está alagada. É provável que com a trovoada alguma ribeira próxima tivesse saído do seu leito e inundado a planície.

— Bom — disse Hercule —, isso prova que o rio está perto.

— É verdade — respondeu Dick Sand —, e será ele que nos conduzirá à costa. Descanse, pois, Mrs. Weldon, a água não lhe chegará, nem a Jack, nem a Nan, nem ao Sr. Bénédict!

Mrs. Weldon não respondeu. Primo Bénédict dormia como uma verdadeira térmita.

Entretanto os negros, inclinados sobre a água, que refletia a luz da lanterna, esperavam que Dick Sand lhes dissesse o que deviam fazer.

Mas Dick Sand nada dizia, e mandava pôr as provisões e as armas onde não chegasse a inundaçãõ.

— A água penetrou pelo orifício? — perguntou Tom.

— Sim — elucidou Dick Sand — e agora impede que o ar se renove.

— Não poderíamos fazer um buraco na parede, acima do nível da água? — perguntou o velho negro.

— Podíamos... Tom; mas se temos cinco pés de água cá dentro, é porque há talvez seis ou sete... ou mesmo mais... lá fora!

— Sabe isso com certeza, Sr. Dick?

— Sei, Tom, que a água, subindo no interior do formigueiro, devia ter comprimido o ar na parte superior, e que este ar é agora o obstáculo que se opõe a que ela se eleve mais. E se nós fizéssemos um buraco na parede, pelo qual o ar passasse, ou a água subiria ainda até que igualasse o nível exterior, ou, se excedesse o furo, subiria até ao ponto em que o ar comprimido a contivesse. Devemos estar aqui como os operários nos sinos de mergulhadores.

— Que se deve fazer então? — perguntou Tom.

— Pensar bem antes de proceder — retorquiu Dick Sand. — Uma imprudência poderia custar-nos a vida.

A observação do jovem prático era justíssima. Tinha muita razão em comparar o cone com um sino imenso. A diferença porém está que neste aparelho o ar é incessantemente renovado por meio de bombas, os mergulhadores respiram regularmente, e não têm outros inconvenientes senão os que resultam de uma longa permanência sob a ação de uma atmosfera comprimida e que não está à pressão normal. Mas aqui, além destes inconvenientes, o espaço estava já reduzido à terça parte, pela invasão da água, e o ar não podia ser renovado senão abrindo-se um furo que pusesse o formigueiro em comunicação com a atmosfera exterior.

Poder-se-ia, pois, sem correr os riscos que mencionara Dick Sand, furar a parede, e neste caso não se agravaria a situação?

O que é certo é que a água se mantinha então a um nível tal que duas razões unicamente o fariam subir: ou fazendo-se o furo e sendo mais alto o nível exterior, ou se a altura da cheia aumentasse ainda. Em ambos os casos não ficaria no interior do cone senão um apertado espaço em que o ar, não renovado, se comprimiria ainda mais.

Mas o formigueiro não podia ser arrancado do solo

pela inundação, com grande perigo dos que lá estavam dentro? Não; tanto como uma toca de castores, por tal modo estava ele seguro pela base.

O que constituía, pois, a eventualidade mais para temer era a persistência da tempestade e por consequência o crescimento das águas. Trinta pés de água na planície cobririam o cone com dezoito pés de água, e comprimiriam o ar no interior sob a pressão de uma atmosfera.

Refletindo bem, Dick Sand convenceu-se de que a inundação não era extraordinária, nem devia atribuir-se unicamente ao dilúvio que as nuvens lançavam. Parecia mais provável que um rio próximo, engrossado pelas águas, tivesse saído do seu leito e se espalhasse na planície, que lhe ficava inferior. Mas o que provava que o formigueiro não estava então inteiramente mergulhado, e que não era já possível sair dele, mesmo pela sua calota superior, a qual não seria difícil, nem levaria muito tempo a demolir?

Dick Sand, extremamente inquieto, perguntava a si mesmo o que devia fazer. Conviria esperar ou precipitar o desfecho da situação depois de ter reconhecido o estado das coisas?

Eram três horas da manhã. Todos escutavam, imóveis e silenciosos. Os ruídos exteriores chegavam, mas já muito enfraquecidos, através do orifício obstruído. Contudo um rumor surdo, extenso e contínuo, indicava bem que a luta dos elementos não cessara ainda.

Nesse momento o velho Tom notou que o nível da água se elevava pouco a pouco.

— Sim — respondeu Dick Sand —, e se sobe, apesar de o ar não poder sair, é porque a cheia cresce e o comprime cada vez mais.

— Por ora é pouco — disse Tom.

— É — confirmou Dick Sand —, mas onde parará?

— Sr. Dick — perguntou Bat —, quer que eu saia do

formigueiro? Mergulho e faço diligência para sair pelo buraco...

— É melhor que eu tente fazer isso — disse Dick Sand.

— Não, Sr. Dick, não — interveio o velho Tom. — Deixe ir meu filho e confie nele. Se ele não puder voltar, paciência, mas a sua presença, Sr. Dick, é necessária aqui!

Depois, falando mais baixo, continuou: — Não se deve esquecer de Mrs. Weldon e do pequenino Jack.

— Pois sim — concordou Dick Sand. — Vai, Bat. Se o formigueiro estiver submergido, não tentes entrar. Nós diligenciaremos sair como tu. Mas se o cone emerge ainda, bate na calota grandes pancadas com a machada que contigo levarás. Nós te ouviremos e para nós será esse o sinal de pela nossa parte a demolirmos também. Entendes bem?

— Muito bem, Sr. Dick — respondeu Bat.

— Vai, meu rapaz! — acrescentou o velho Tom, apertando a mão do filho.

Bat, depois de ter feito boa provisão de ar por uma longa aspiração, mergulhou na massa líquida, cuja profundidade passava já de cinco pés. Era trabalho muito difícil, pois que tinha de procurar primeiramente o orifício inferior, passar através dele e subir à superfície exterior das águas. Tudo isto requeria pronta execução.

Passou mais de meio minuto. Dick Sand pensava que Bat conseguira passar para o lado de fora, quando o negro apareceu.

— Então? — exclamou Dick Sand.

— O buraco está entulhado! — informou Bat logo que cobrou alento.

— Entulhado! — repetiu Tom.

— Sim. A água provavelmente fez deslizar a argila... Apalpei com a mão à roda das paredes... Não encontrei passagem!...

Dick Sand abanou a cabeça. Os companheiros e ele estavam presos naquele cone, que a água submergia talvez já.

— Se não há passagem — observou então Hercule —, é necessário abrir uma.

— Espera — atalhou o jovem prático, fazendo parar Hercule, que, com o machado na mão, se dispunha a mergulhar.

Dick Sand refletiu durante alguns instantes e depois declarou: — Vamos proceder de outra maneira. A questão está em saber se a água cobre ou não o formigueiro.

— Se fizéssemos uma pequena abertura no vértice do cone, sabê-lo-íamos logo. Mas se o formigueiro estiver todo submergido, a água invadi-lo-á completamente e ficaremos perdidos. Procedamos pois por tentativas.

— Mas depressa — recomendou Tom. Efetivamente, o nível subia sempre e a pouco e pouco. Havia já seis pés de água no interior. À exceção de Mrs. Weldon, do seu filho, de primo Bénédicte e de Nan, que se haviam refugiado nas cavidades superiores, todos tinham mais de meio corpo metido na água.

Era, pois, urgente apressar a resolução que Dick Sand propusera.

Foi um pé acima do nível interior, a sete pés do solo, por consequência, que Dick Sand resolveu abrir um furo na parede de argila.

Se por aquele furo se estabelecesse a comunicação com o ar exterior, era porque o cone emergia. Se, pelo contrário, o furo ficasse abaixo do nível exterior, o ar seria repellido internamente, e em tal caso urgiria tapar o furo com rapidez, ou a água se elevaria até ao orifício. Depois recomeçar-se-ia a experiência um pé mais acima, e assim seguidamente. Mas se, enfim, na parte superior da calota não se encontrasse ainda o ar da atmosfera, era porque havia mais de quinze pés de água na planície, e que toda a aldeia das térmites desaparecera com a

inundação! Em tal caso, que esperança restava aos presos do formigueiro de escapar à mais terrível de todas as mortes, a morte por asfixia lenta?!

Tudo isto sabia Dick Sand, mas a sua presença de ânimo não o abandonou nunca. As consequências da experiência que ele queria tentar, calculara-as bem, mas esperar mais tempo era impossível. A asfixia ameaçava-os naquele acanhado espaço, que de instante para instante se reduzia mais, numa atmosfera já saturada de ácido carbônico.

O melhor instrumento que Dick Sand achou para abrir o furo na parede foi uma vareta de espingarda, o qual tinha na extremidade uma rosca, que servia para limpar o cano. Girando rapidamente com a vareta a rosca entraria na argila como uma broca, e far-se-ia o furo pouco a pouco. Não teria maior diâmetro que o da vareta, mas era quanto bastava. O ar penetraria facilmente.

Hercule, com a lanterna levantada, alumiaava Dick Sand. Havia velas de reserva; por isso não faltaria a luz.

Um minuto depois de ter principiado a operação a vareta penetrou livremente na parede. Ouviu-se imediatamente um ruído surdo, semelhante ao que fazem as bolhas de ar subindo através de uma coluna de água. O ar saía para fora, e no mesmo momento o nível da água subiu no cone e parou à altura do furo, o que provava que ele se fizera muito baixo, isto é, inferiormente à superfície da massa líquida exterior.

— Recomeçemos — disse com placidez o prático, depois de ter rapidamente tapado o furo com argila.

A água estacionara novamente dentro do cone, mas o espaço de ar diminuía mais de oito polegadas. A respiração tornava-se difícil, porque o oxigénio começava a faltar. Via-se também que a luz da lanterna se avermelhava e perdia parte do brilho.

Um pé acima do primeiro furo, Dick Sand começou

a fazer segundo, pelo mesmo processo. Se a experiência não desse bom resultado, a água continuaria a subir no interior do cone... mas era mister correr o risco.

Enquanto Dick Sand girava com a sua broca, ouviu-se repentinamente primo Bénédict gritar: — Ah! Aí está a razão! Aí está a razão!

Hercule levantou a lanterna e dirigiu a luz sobre primo Bénédict, na cara do qual se revelava a maior satisfação.

— Sim — repetiu ele —, aí está porque as inteligentes térmites abandonaram o formigueiro! Pressentiram a inundação. Ah! O instinto, meus amigos, o instinto! São mais espertas do que nós, muito mais espertas!

Tal foi a moralidade que primo Bénédict tirou da situação.

Naquele momento Dick Sand retirava a vareta, que atravessara na parede. Ouviu-se um silvo. A água subiu mais um pé no interior do cone. O furo não encontrara o ar livre na parte exterior!

A situação era pavorosa. Mrs. Weldon, a quem a água quase chegava, levantava Jack nos braços. Todos abafavam naquele acanhadíssimo espaço. Sentiam já zunido nos ouvidos. A lanterna dava frouxa luz.

— O cone estará completamente mergulhado? — murmurou Dick Sand.

Era indispensável sabê-lo, abrindo-se para isso um terceiro furo na calota.

Mas era a asfixia, era a morte imediata, se o resultado desta última tentativa fosse infrutífero. O ar que restava no interior passaria através da camada superior, e a água encheria o cone completamente.

— Mrs. Weldon — disse então Dick Sand —, conhece bem a situação. Se nos demormos, o ar respirável falta-nos. Se falha a terceira tentativa, a água encherá todo este espaço. A única probabilidade de

salvação que nos resta é que o vértice do cone esteja acima do nível da cheia. É conveniente tentar esta última experiência. Quer tentá-la?

— Quero, Dick! — respondeu Mrs. Weldon.

No mesmo momento apagou-se a lanterna naquele meio, já impróprio para a combustão. Mrs. Weldon e os seus companheiros ficaram mergulhados na mais completa escuridão.

Dick Sand tinha trepado nos ombros de Hercule, o qual se agarrava a uma das cavidades laterais, tendo apenas a cabeça fora de água. Mrs. Weldon, Jack e primo Bénédict estavam na última ordem de alvéolos.

Dick Sand começou a furar a parede; a vareta penetrava facilmente na argila. Naquele lugar a parede, mais grossa e mais resistente, foi também menos fácil de furar. Dick Sand apressava-se, não sem terrível ansiedade, porque daquela abertura ou entraria a vida com o ar, ou com a água a morte.

De repente ouviu-se um silvo agudo. O ar comprimido saiu... mas um raio de luz passou através da parede. A água subiu mais oito polegadas somente, e parou, sem que Dick Sand tivesse necessidade de tapar o furo. O equilíbrio entre o nível interior e exterior estava restabelecido. O vértice do cone emergia. Mrs. Weldon e os seus companheiros estavam salvos.

Logo depois de um frenético hurra, no qual dominou a voz de Hercule, as machadas começaram a trabalhar. A calota desfazia-se pouco a pouco. O furo alargava-se, o ar puro entrava às ondas, e com ele os primeiros raios do sol nascente. Assim que o cone estivesse sem a calota, fácil seria trepar pela parede, e então se pensaria no modo de chegar a qualquer altura próxima e ao abrigo das inundações.

Dick Sand foi o primeiro que trepou.

Soltou um grito.

Um estrépito, particularmente conhecido dos

viajantes africanos, que fazem as flechas quando sibilam, passou pelo ar.

Dick Sand tivera tempo de ver, a cem passos do cone, na planície inundada, canoas compridas carregadas de indígenas.

Foi de uma dessas canoas que partiu a nuvem de flechas, no próprio momento em que a cabeça do jovem prático apareceu.

Dick Sand com uma palavra fez compreender tudo aos seus companheiros. Pegando na sua carabina, seguido por Hercule, Acteon e Bat, reapareceu sobre o cone, e todos fizeram fogo sobre uma das canoas.

Caíram muitos indígenas, e gritos selvagens, acompanhados por tiros de espingarda, responderam à detonação das armas de fogo.

Mas o que podiam Dick Sand e os seus contra um cento de africanos que os cercavam por todos os lados?

O formigueiro foi assaltado. Mrs. Weldon, Jack, primo Bénédict, todos enfim, foram brutalmente arrebatados, e sem terem tempo de dizer uma palavra, nem de apertarem a mão a última vez, viram-se separados uns dos outros, decerto em virtude de ordens previamente dadas.

A primeira canoa levou Mrs. Weldon, o pequenino Jack e primo Bénédict. Dick Sand viu-os desaparecer entre o acampamento.

Dick, acompanhado de Nan, do velho Tom, de Hercule, Bat, Acteon e Agostinho, foi atirado para outra canoa, que se dirigiu para outro ponto da colina.

Vinte indígenas tripulavam esta embarcação, que era seguida de mais cinco. Resistir-lhes era impossível, e contudo Dick Sand e os seus companheiros tentaram fazê-lo. Alguns guardas da caravana foram por eles feridos, e decerto Dick e os seus teriam pago a resistência com as vidas se não houvesse ordem terminante de lhas poupar.

Fez-se o caminho em poucos minutos. No momento porém em que a canoa atracava, Hercule deu um salto e lançou-se para a terra. Dois indígenas correram atrás dele, mas o gigante, fazendo da espingarda uma clava, deitou por terra os indígenas, com as cabeças quebradas. Instantes depois, Hercule desaparecia entre as brenhas, no meio de um chuveiro de balas, na mesma ocasião em que Dick Sand e os seus companheiros, depois de terem desembarcado, eram acorrentados como escravos.

CAPÍTULO VII

UM ARRAIAL NAS MARGENS DO CUANZA

O aspecto da região depois que a inundação fizera um lago da planície onde se erguia a aldeia das térmitas, tinha mudado completamente. Cerca de vinte formigueiros emergiam apenas os seus vértices e eram os únicos pontos salientes naquela enorme lagoa.

Fora o Cuanza que trasbordara durante a noite, carregado pelas águas dos seus afluentes, engrossados pela tempestade.

O Cuanza, um dos rios de Angola, lança-se no Atlântico a cem milhas distante do lugar onde o “Pilgrim” encalhara. É o mesmo rio que o tenente Cameron devia atravessar anos depois, antes de chegar a Benguela. Deve o Cuanza vir a ser o veículo do comércio do interior de boa porção de Angola. Os vapores percorrem já a parte inferior do rio, e não passarão dez anos sem que naveguem no seu leito superior. Dick Sand procedera, pois, acertadamente procurando para o norte algum rio navegável. O riacho que ele seguira vinha lançar-se no Cuanza. Se não fosse o inesperado ataque, contra o qual não se pudera prevenir, teria Dick encontrado o rio uma milha mais longe; os seus companheiros e ele embarcariam numa jangada fácil de construir, e teriam por consequência todas as probabilidades de descer o Cuanza até às povoações portuguesas onde os vapores fazem escala. Lá, a sua salvação era certa.

Mas não devia acontecer assim.

O arraial que Dick Sand vira estava assente sobre uma altura próxima do formigueiro no qual a fatalidade o lançara como se fosse uma emboscada. No cimo daquela altura elevava-se um enorme sicômoro, que facilmente abrigaria quinhentos homens sob a sua imensa ramagem. Quem nunca viu estas árvores gigantes da África Central não pode delas formar ideia. Os seus ramos formam uma floresta. Mais longe, grandes banianas, das que não dão frutos, completavam o quadro da vastíssima paisagem.

Fora ao abrigo do sicômoro que, escondida como em lugar misterioso, uma caravana, a mesma cuja chegada Harris anunciara a Negro, tinha parado. Aquela numerosa cáfila de indígenas, arrancados das suas aldeias pelos agentes do traficante Alves, dirigia-se ao mercado de Kasonde. De lá, os escravos, segundo os pedidos, seriam mandados para os barracões da costa ocidental ou para Nyamgué, na região dos grandes lagos, a fim de serem divididos pelo alto Egipto ou pelas feitorias de Zanzibar.

Logo que chegaram ao arraial, Dick Sand e os seus companheiros foram tratados como escravos. Ao velho Tom, ao seu filho Bat, a Agostinho, a Acteon e à pobre Nan, negros de origem, conquanto não pertencessem à raça africana, deram-lhes o tratamento dos cativos indígenas. Depois de terem sido desarmados, ao que opuseram tenaz resistência, foram presos pelo pescoço, dois a dois, por meio de uma vara de seis a sete pés de comprimento, bifurcada nos extremos e fechada por hastes de ferro. De tal arte eram obrigados a caminhar em linha, um atrás do outro, sem se poderem desviar nem para a direita nem para a esquerda. Para maior precaução, uma cadeia pesada os ligava pela cintura. Tinham apenas os braços livres para carregar os fardos, e os pés para andar, mas não para fugir. Era assim que iam percorrer centenas de milhas, sob o azorrague de um

condutor!

Estendidos em lugar desviado, prostrados pela reação que se seguiu aos primeiros momentos da luta contra os negros, não faziam um único movimento. Não terem eles podido seguir Hercule, quando fugiu! E, contudo, que se devia esperar para o fugitivo? Embora vigoroso como era, o que lhe aconteceria naquela terra inóspita, onde a fome, o isolamento, as feras, os indígenas, tudo enfim era contra ele? Não viria ainda a lastimar-se por não ter a sorte dos seus companheiros? E estes, contudo, nenhuma compaixão podiam esperar dos chefes da caravana, árabes ou portugueses, falando uma linguagem que eles não compreendiam, dirigindo-lhes apenas olhares ou gestos ameaçadores.

Dick Sand não estava ligado a nenhum escravo. Era branco e não se atreveram a infligir-lhe o tratamento comum. Desarmado, tinha os pés e as mãos livres, mas um condutor estava encarregado de o vigiar. Observava o arraial, esperando a cada momento ver Negro ou Harris... Enganou-se. Todavia, não duvidava de que estes dois tratantes haviam dirigido o ataque contra o formigueiro.

Veio-lhe também ao pensamento que Mrs. Weldon, o pequenino Jack e primo Bénédicte tivessem sido levados para outro lugar, por ordem do americano e de Negro. Não via um nem outro, e por isso consigo mesmo dizia que os dois cúmplices acompanhavam talvez ambos as suas vítimas. Que intentariam fazer? Era o seu maior cuidado. Dick Sand esquecia-se de si para apenas pensar em Mrs. Weldon e nos seus.

A caravana, acampada sob o gigantesco sicômoro, não tinha menos de oitocentas pessoas, isto é, quinhentos escravos de ambos os sexos, duzentos guardas, gente para carregar ou para a pilhagem, condutores, agentes ou chefes.

Estes últimos eram de origem árabe ou portuguesa.

Custa a imaginar as crueldades que estes desumanos infligem aos cativos. Batem-lhes sem cessar, e aos que caem extenuados, e já nas circunstâncias de não poderem ser vendidos, acabam de os matar ou a tiro ou a machado.

Assim os levam pelo terror; mas o resultado deste sistema é que, à chegada da caravana, cinquenta por cento dos escravos faltam na conta ao traficante, ou porque alguns conseguiram fugir, ou porque as ossadas dos que morreram pelos tormentos ficam marcando os longínquos caminhos do interior até à costa.

Como é de prever, os agentes de origem europeia, em grande parte portugueses, são os facínoras que os seus respectivos países têm expulsado do seu seio, condenados, fugidos das prisões, e negreiros que escaparam de ser presos; numa palavra, a escória da humanidade. Tal era Negoro, tal era Harris, presentemente ao serviço de um dos maiores traficantes de negros da África Central, José António Alves, conhecido de todos os negreiros da província e a respeito do qual o tenente Cameron deu curiosas notícias.

Os guardas que escoltam os cativos são geralmente indígenas pagos pelos traficantes. Mas não têm estes o monopólio dessas correrias que lhes dão escravos em grande número.

Os reis negros também fazem guerras atrozes, com o mesmo fim, e então os vencidos adultos, as mulheres e as crianças, reduzidos à escravidão, são vendidos pelos vencedores aos traficantes, a troco de alguns metros de chita, pólvora, armas de fogo, pérolas cor-de-rosa ou encarnadas, e muitas vezes até, diz Livingstone, por alguns grãos de milho.

Os guardas que escoltavam a caravana do velho Alves podiam dar exata ideia do que são os exércitos africanos. Era uma horda de bandidos negros, quase nus, armados de grandes espingardas de pederneira, com o

cano guarnecido de anéis de cobre. Com tal escolta, a que se juntava a gente de pilhagem, que não vale mais, os agentes têm pela maior parte das vezes muito que fazer. Discutem as ordens, impõem os dias e as horas de descanso, ameaçam deixá-los, e não é raro que os agentes sejam obrigados a ceder às exigências de tal gente.

Conquanto os escravos, homens ou mulheres, sejam em geral obrigados a carregar com os fardos, quando a caravana vai a caminho, há também um certo número de carregadores. Têm estes o nome especial de “pagasis”, e são eles os que carregam os pequenos pacotes de objetos valiosos, principalmente marfim. É tal às vezes a grandeza dos dentes do elefante que chegam a pesar cento e setenta libras, sendo precisos dois “pagasis” para os levar às feitorias, de onde esta preciosa mercadoria é expedida para os mercados de Cartum, de Zanzibar e da costa do Natal. À chegada, os “pagasis” recebem o preço ajustado, que consiste habitualmente em vinte metros de tecido de algodão ou de uma fazenda que tem o nome de “mericani”, uma pequena porção de pólvora, um punhado de cauris(1)*, algumas pérolas, ou mesmo escravos que tenham difícil saída, se acaso o negreiro não tem outra moeda.

** 1. Búzios muito comuns no continente, e que servem de dinheiro.*

Entre os quinhentos escravos que contava a caravana viam-se poucos homens feitos. Provinha isto da seguinte causa: acabada a correria e incendiada a povoação, todos os indígenas de mais de quarenta anos são mortos sem piedade e enforcados nas árvores dos arredores. Unicamente os jovens adultos, de ambos os sexos, e as crianças vão abastecer os mercados. Apenas sobrevive a estas caçadas uma décima parte dos vencidos. Assim se explica o extraordinário

despovoamento que transforma em desertos os vastíssimos territórios da África Ocidental.

Aqui, as crianças e os adultos tinham por único vestuário um pedaço de “mouzu”, tecido feito da casca que certas árvores produzem. Assim, pois, o estado daquele rebanho de seres humanos, formado de mulheres cobertas de chagas feitas pelos chicotes dos condutores, de crianças magras e esfomeadas, com os pés escorrendo sangue, e as quais as mães tentavam levar ao colo, apesar de já carregadas com os fardos, de raparigas e rapazes, presos às forquilhas, mais custosas de sofrer

do que as grilhetas das galés, é quanto se pode imaginar de mais lamentável. Na verdade, o aspecto de tais desgraçados, vivos apenas, e cuja voz nem já tinha timbre, “esqueletos de ébano”, empregando a expressão de Livingstone, teria tocado o coração das feras; mas não impressionava aqueles árabes insensíveis, nem aqueles portugueses, que, segundo diz Cameron, são ainda mais cruéis (1).

Inútil será dizer que durante as marchas, como nas paragens, os prisioneiros eram tratados com todo o rigor. Assim, Dick Sand compreendeu logo que não podia mesmo tentar a fuga. Mas, então, como encontrar Mrs. Weldon? Que ela e o filho tinham sido levados por Negoro, nada havia de mais certo. O cozinheiro pensara em a separar dos seus companheiros, por motivos que o jovem prático não descobrira ainda, mas não duvidava da intervenção de Negoro, e o coração despedaçava-se-lhe pensando nos perigos de toda a espécie que ameaçavam Mrs. Weldon.

“Ah!”, dizia ele consigo. “Quando penso que tive a vida destes dois homens na boca da minha carabina e que os não matei!...”

**1. Eis o que diz Cameron: “Para obter cinquenta*

mulheres, das quais Alves se dizia proprietário, dez aldeias foram destruídas, dez aldeias tendo cada uma de cem a duzentas almas: a totalidade de mil e quinhentos habitantes; alguns conseguiram fugir, mas a maior parte — quase todos — tinham ou morrido nas chamas, defendendo as suas famílias, ou sucumbido à fome no meio dos matos, se os animais ferozes lhes não deram pronto fim aos sofrimentos...

Estes crimes, perpetrados no centro da África por gente que se vangloria com o nome de cristã e se qualifica de portuguesa, parecerão incríveis aos habitantes dos países civilizados. É impossível que o Governo de Lisboa não saiba das atrocidades cometidas por homens que hasteiam a bandeira portuguesa e que se orgulham de serem seus súbditos.” (Tour du Monde, trad. H. Loreau.) N. B. — Houve em Portugal protestos enérgicos contra as afirmações de Cameron.

(O Tradutor)

Era este um dos pensamentos que mais obstinadamente acudiam ao espírito de Dick Sand. Quantas desgraças a morte, a justíssima morte de Harris e de Negoro, teria evitado! Quantos sofrimentos de menos para aqueles que os dois corretores de carne humana tratavam agora como escravos!

Todos os horrores da situação de Mrs. Weldon e de Jack se representavam a Dick Sand. Nem a mãe nem o filho podiam contar com primo Bénédict. O pobre homem devia bastar para si! Todos três eram sem dúvida conduzidos para algum distrito remoto da província de Angola. Mas quem levaria o pequenino ainda doente?

“Sua mãe; não podia ser outra pessoa senão sua mãe!”, repensava Dick Sand. “Terá achado forças, terá feito o que fazem as desgraçadas escravas, e cairá extenuada também! Ah! Permita Deus que eu ainda me encontre frente a frente com esses malvados, e eu...”

Mas se estava prisioneiro! Se ele se contava por uma cabeça daquele rebanho que os condutores levavam diante de si para o interior da África! Não sabia se Negoro e Harris dirigiam a cáfila, da qual faziam parte as suas vítimas! Dingo não estava ali para descobrir Negoro e dar sinal da sua aproximação. Só Hercule podia socorrer a desgraçada Mrs. Weldon. Mas seria lícito esperar tal milagre?

Dick Sand contudo abraçava esta ideia. A si mesmo dizia que o vigoroso negro estava livre. Da sua dedicação tudo havia a esperar! Tudo quanto humanamente fosse possível fazer, fá-lo-ia Hercule no interesse de Mrs. Weldon; e Hercule tentaria descobrir-lhe os passos e pôr-se em comunicação com eles, ou, não a encontrando, trataria de se combinar com Dick Sand, e talvez arrebatá-lo, por um rasgo de atrevimento! Durante a noite, quando estivessem a descansar, ele, confundindo-se com os prisioneiros, negro como eles, não poderia iludir a vigilância dos guardas, chegar até ao pé de Dick, quebrar-lhe as correntes, levá-lo para a floresta, e, ambos livres, quanto não fariam para salvar Mrs. Weldon? Um rio os levaria ao litoral, e Dick Sand continuaria a pôr em prática, com probabilidades de sucesso, e maior conhecimento das dificuldades, o seu plano tão desgraçadamente malogrado pelo ataque dos indígenas...

O jovem práctico entregava-se assim a alternativas de receios e de esperanças. Resistia, porém, ao abatimento, graças à sua enérgica natureza, e sentia-se pronto para se aproveitar de qualquer acaso que se lhe oferecesse. O que antes de tudo convinha saber era para que mercado os agentes conduziam a leva de escravos. Seria para alguma das feitorias de Angola, e em tal caso era obra de poucos dias de marcha, ou caminharia ainda muitas centenas de milhas através da África Central? O principal mercado dos negreiros é o de Nyamgué, no

Manyema, sob o meridiano que divide o continente africano em duas partes iguais e por onde se estende a região dos grandes lagos, que Livingstone então percorria. Mas era muito longe do arraial do Cuanza aquela povoação, e seriam precisos alguns meses de viagem para lá chegar. Era esta uma das mais sérias preocupações de Dick Sand, porque de Nyamgué, ainda mesmo que Mrs. Weldon, Hercule, os outros pretos e ele próprio conseguissem fugir, como seria difícil, para não dizer impossível, voltar ao litoral, por entre os perigos de tão longa jornada!

Mas Dick Sand teve em pouco tempo razão para acreditar que a leva não estava longe de chegar ao seu destino. Conquanto não entendesse a linguagem dos chefes da caravana, isto é, ou o árabe ou o idioma africano, notou contudo que o nome de um importante mercado daquela região foi frequentes vezes pronunciado. Este nome era Kasonde, e não ignorava Dick que lá se fazia grande comércio de escravos. Foi, pois, levado a concluir que em Kasonde se decidiria da sorte dos prisioneiros, ou fosse em favor do rei do distrito, ou por conta de algum rico traficante da província. Não se enganava.

Dick Sand, conhecendo a geografia moderna, sabia o que se podia saber de Kasonde. A distância de São Paulo de Luanda a esta povoação do interior não excede quatrocentas milhas, e, por consequência, duzentas e cinquenta, quando muito, a separavam do arraial assente nas margens do Cuanza. Dick assentava aproximadamente o seu cálculo, tomando por base o caminho feito pelo pequeno rancho sob a direção de Harris. Ora, nas circunstâncias correntes, este caminho não exigia senão dez a doze dias. Duplicando o tempo, atendendo à necessidade de repouso de uma caravana já cansada por longo caminhar, avaliava Dick Sand em três semanas a duração da viagem do Cuanza a Kasonde.

Dick Sand desejava comunicar o que julgava saber a Tom e aos seus companheiros. Terem estes a certeza de que os não levariam para o centro da África, para essas funestas terras de onde não pode haver esperança de sair, seria para eles de algum modo consolador. Bastariam algumas palavras lançadas quando passasse junto deles para lhes dizer o que decerto ignoravam. Conseguiria fazer o que desejava?

Tom e Bat — o acaso tinha reunido o pai e o filho —, Acteon e Agostinho, presos dois a dois, estavam na extremidade direita do arraial. Um condutor e mais doze guardas os vigiavam. Dick Sand, que tinha os movimentos livres, decidiu diminuir pouco a pouco a distância que o separava do grupo que formavam os seus companheiros a cinquenta passos afastados dele. Começou, pois, a proceder de modo que conseguisse o fim que tinha em vista.

Provavelmente, o velho Tom adivinhou o pensamento de Dick Sand. Uma palavra em voz baixa preveniu os seus companheiros para estarem com atenção. Não se moveram, e achavam-se prontos para ver ou para ouvir.

Já Dick Sand tinha avançado com ar indiferente cerca de cinquenta passos. De onde estava teria podido pronunciar, de modo que fosse ouvido de Tom, o nome Kasonde, e dizer qual seria a duração provável da viagem, mas se pudesse dar informações completas e combinar com eles a linha de conduta que deviam seguir, seria decerto melhor. Continuou, pois, a aproximar-se. Já lhe pulsava o coração cheio de esperança, estava apenas a poucos passos do lugar onde queria chegar, quando o condutor, como se tivesse percebido a intenção de Dick, se precipitou sobre ele. Aos gritos do enfurecido condutor acudiram dez guardas, e Dick Sand foi brutalmente repellido para trás, enquanto Tom e os seus companheiros eram conduzidos para a

outra extremidade do acampamento.

Dick Sand, desesperado, lançou-se sobre o condutor. Conseguiu quebrar-lhe a espingarda, que quase lhe arrancou das mãos, mas sete ou oito negros o seguraram ao mesmo tempo, e foi por isso obrigado a deixar o seu adversário.

Furiosos como estavam, tê-lo-iam morto, por certo, se um dos chefes da caravana, um árabe de grande estatura e fisionomia feroz, não intervisse. Este árabe era o chefe Ibn Hamis, de quem Harris falara.

Disse algumas palavras, que Dick Sand não entendeu, e os guardas, contrariados, deixaram-no e afastaram-se.

Era pois evidente que, se por um lado havia formal proibição para o jovem prático de comunicar com os seus companheiros, era por outro lado certo que se tinha recomendado que lhe não tirassem a vida. Quem teria dado tais ordens senão Harris ou Negoro?

Naquele momento — nove horas da manhã do dia 19 de Abril — os sons rouquinhos de um chavelho de “codu”(1) estrondearam no ar, e o tambor “mefu” também se fez ouvir. Ia findar o descanso.

**1. Ruminante da fauna africana.*

Todos, chefes, soldados, condutores, escravos, puseram-se de pé. Os fardos carregados, vários grupos de cativos se formaram sob a direção de um condutor, que desfraldou uma bandeira de cores vivas.

Deu-se o sinal de partida.

Ouviram-se então cantos diversos: eram dos vencidos e não dos vencedores.

Eis o que nesses cantos, ameaça em que se revelava sincera fé, diziam os escravos contra os seus opressores, contra os seus algozes:

“Entregais-me à escravidão; mas eu, quando morrer, serei livre, e voltarei para me vingar, matando-

vos!"

CAPÍTULO VIII

ALGUNS BREVES APONTAMENTOS DE DICK SAND

Conquanto a tempestade da véspera tivesse cessado, o tempo conservava-se ainda turvo. Era então a época chamada da “masica”, segundo período da estação das chuvas naquela zona do céu africano. As noites principalmente iam ser chuvosas, por espaço de uma, duas ou três semanas, o que ainda mais aumentava as misérias e sofrimentos da caravana.

Partiu esta no dia referido, estando o céu nublado, e logo que deixou as margens do Cuanza dirigiu-se quase diretamente para leste.

Na frente caminhavam cerca de cinquenta guardas, mais de cem de cada um dos lados da caravana, e o resto na retaguarda. Seria impossível aos prisioneiros fugir, ainda mesmo que não fossem ligados por cadeias. Mulheres, crianças e homens caminhavam misturados; os condutores apressavam-nos, dando-lhes chicotadas. Havia entre as negras algumas que eram mães, e tão infelizes que, amamentando um filho, conduziam um segundo com a mão que tinham livre. Outras puxavam os pequeninos, sem vestidos e descalços, sobre as ervas espinhosas do solo.

O chefe da caravana, o feroz Ibn Hamis, que interviera na luta entre Dick Sand e o seu condutor, dirigia toda aquela manada, percorrendo a longa coluna, desde a frente até à retaguarda. Ele e os seus agentes preocupavam-se pouco com os sofrimentos dos cativos,

mas tinham de atender mais seriamente ou aos guardas que reclamavam maior ração, ou aos “pagasis” que queriam parar. Dava isto lugar a discussões, e algumas vezes a troca de grosserias. Os escravos tinham então a suportar mais ainda a irritação constante dos condutores. Não se ouviam senão ameaças e gritos de dor, e os que iam nas últimas fileiras pisavam o solo que os primeiros haviam manchado com sangue.

Os companheiros de Dick Sand, postos muito adiante, na vanguarda da caravana, não podiam, pois, comunicar com ele. Caminhavam em filas, com o pescoço metido na pesada forquilha, que lhes não permitia um único movimento de cabeça. Os azorragues não os poupavam a eles mais do que aos seus companheiros de infortúnio!

Bat, ligado a seu pai, marchava adiante dele, cuidando em não abalar a forquilha, procurando os melhores lugares para pôr os pés, porque o velho Tom caminhava logo depois. De espaço a espaço, quando o condutor ficava um pouco para trás, Bat dizia uma ou outra palavra de conforto, algumas das quais chegavam aos ouvidos de Tom. Tentava mesmo diminuir o andamento, quando percebia que seu pai se fatigava. Era um suplício para o bom filho não poder vê-lo, ele que tanto o estimava. Tom gozava a satisfação de ver o filho, mas satisfação que pagava muito cara. Quantas vezes grossas lágrimas lhe saltaram dos olhos, ao ver o chicote do condutor zurzir o corpo de Bat! Maior o tormento; antes fosse ele o açoitado.

Agostinho e Acteon caminhavam alguns passos mais atrás, ligados um ao outro, e continuamente azorragados. Ah! Muito era o que eles invejavam a sorte de Hercule! Quaisquer que fossem os perigos de que este seu antigo companheiro estivesse ameaçado naquela terra selvagem, podia ao menos usar da força e defender a vida.

Durante os primeiros momentos do seu cativeiro, o velho Tom fizera, enfim, conhecer aos seus companheiros toda a verdade. Dele souberam, com grandíssimo espanto, que estavam na África, que a dupla traição de Negoro e de Harris os lançara primeiro ali, os internara depois, e que nenhuma compaixão deviam esperar dos seus senhores.

Nan não era mais bem tratada. Fazia parte de um grupo de mulheres que ocupava o meio da caravana. Ia presa a uma preta, nova ainda, mãe de dois filhinhos, um de peito, outro de três anos, e que mal podia andar. Condoeu-se Nan da criancinha, e encarregou-se dela. A pobre mãe agradeceu-lhe com lágrimas de reconhecimento. Nan levava, pois, o pequenino, poupando-lhe ao mesmo tempo a fadiga, à qual teria sucumbido, e às chicotadas do condutor. Mas era fardo muito pesado para a velha Nan. Assim receava ela que cedo lhe faltassem as forças, e pensava então em Jack... Via-o nos braços de sua mãe. A doença emagrecera-o, mas devia ser ainda pesado para Mrs. Weldon. Onde estaria ele? Tornaria a vê-lo, a sua velha criada?

Dick Sand tinha sido colocado quase na retaguarda. Não podia ver Tom, nem os seus companheiros, nem a velha Nan. A frente da pequena caravana só para ele era visível quando atravessava alguma planície. Caminhava entregue aos mais tristes pensamentos, de que só e a muito custo o perturbavam os gritos dos agentes. Não pensava em si, nem lhe davam cuidado as fadigas que ainda havia de suportar, nem mesmo as torturas que Negoro lhe tinha talvez reservadas. Só pensava em Mrs. Weldon. Procurava, mas em vão, no terreno, entre os espinhos das veredas, nos ramos rasteiros das árvores, vestígios da sua passagem. Não devia ela ter ido por outro caminho, se, como tudo fazia crer, a levavam para Kasonde. O que não daria ele para encontrar algum indício da sua marcha para o mesmo ponto aonde eles

eram conduzidos também!

Tal era a situação física e imoral do jovem prático e dos seus companheiros. Mas quaisquer que fossem os receios que tivessem, por muito grandes que fossem os seus sofrimentos, o dó era neles ainda maior vendo a lastimosa miséria daquele triste rebanho de cativos e a revoltante brutalidade dos seus senhores. Ah! Nada podiam fazer para dar socorro a uns nem para resistir aos outros!

A região que ficava a leste do Cuanza era uma floresta de vinte milhas de extensão. As árvores, porém, ou porque morressem pela mordedura dos insetos daquelas zonas, ou porque manadas de elefantes as deitassem por terra quando ainda novas, estavam menos aglomeradas do que na região vizinha do litoral. A marcha através dos bosques não devia, por consequência, oferecer obstáculos, e mais embaraçariam os arbustos do que elas. Havia, com efeito, abundância de algodoeiros, de sete a oito pés de altura, cujo algodão serve para fabricar os tecidos listrados de preto e branco, muito em uso no interior da província.

Em alguns sítios o solo cobria-se de espessos canaviais, que encobriam completamente a caravana. De todos os animais da província, unicamente os elefantes e as girafas podiam dominar os juncais, semelhantes a bambus, cuja haste mede uma polegada de diâmetro. Era necessário que os agentes conhecessem muito bem a região para não se perderem.

Todos os dias a caravana partia ao raiar da manhã, e não parava para descansar senão do meio-dia à uma hora. Abriam-se alguns fardos que continham mandioca, que era então parcimoniosamente distribuída aos escravos. Juntavam-lhe batatas, ou carne de cabra e de vitela, se acaso os soldados, na passagem, roubavam algumas aldeias. Mas tão grande era a fadiga, tão insuficiente o repouso, e mesmo impossível durante as

noites chuvosas, que, chegada a hora da distribuição da comida, mal podiam comer. Assim, todos os dias desde que se levantou o arraial nas margens do Cuanza, cerca de vinte escravos ficavam extenuados no caminho, à mercê das feras, que seguiam a caravana. Leões, panteras e leopardos aguardavam as vítimas, que não lhes faltavam; e todas as noites, depois do ocaso do Sol, os rugidos destes animais estrugiam os ares, a tão curta distância, que se podia temer um ataque.

Ouvindo aqueles rugidos, que o silêncio da noite tornava maiores, Dick Sand pensava, não sem terror, nos obstáculos que tais encontros podiam levantar aos projetos de Hercule e nos perigos de que a cada passo este seria ameaçado. Contudo, se a Dick se tivesse deparado ocasião de fugir, não teria hesitado.

Eis alguns apontamentos escritos por Dick Sand durante o itinerário do Cuanza a Kasonde. Caminharam-se duzentas e cinquenta milhas em vinte e cinco jornadas. Cada jornada, na linguagem dos traficantes de negros, equivale a dez milhas, com o descanso de dia e de noite.

De 25 a 27 de Abril. — Viu-se uma aldeia cercada por um canavial de oito a nove pés de altura. Campos cultivados de milho, fava, massango e diversas aráquidas. Dois negros feitos prisioneiros. Quinze mortos. População posta em fuga.

No dia seguinte atravessou-se uma ribeira ruidosa, de cento e cinquenta jardas de largura. Ponte flutuante, feita de troncos de árvores ligados; as estacas quase destruídas. Duas mulheres que iam ligadas com a mesma vara caíram na água. Uma levava o filhinho. Agitam-se as águas e tingem-se de sangue. Os crocodilos aparecem entre os madeiros da ponte. Corre-se o perigo de meter os pés nas enormes fauces de tão horríveis répteis. de A bril. — Atravessou-se uma floresta de bauínias. Árvores muito altas, que dão o pau-ferro aos

portugueses. Marcha extremamente penosa.

No centro da leva vai a pobre Nan, levando ao colo um pretinho. Caminha com dificuldade. A escrava ligada a ela pela mesma corrente coxeia, e o sangue escorre-lhe dos ombros lacerados pelo azorrague.

Acampados durante a noite sob a copa de uma enorme adansônia de flores brancas e de folhas verdes-claras.

Durante a noite ouvem-se os rugidos dos leões e dos leopardos. Ouviu-se um tiro dado por um indígena sobre uma pantera. Que terá acontecido a Hercule?... e 30 de Abril. — Primeiros frios do que se chama orvalho africano. Orvalho abundantíssimo. Finda a estação chuvosa com o fim de Abril, a qual começa em Novembro. Planícies ainda inundadas. Predominam os ventos de leste, que suspendem a transpiração e desenvolvem mais as febres paludosas.

Nenhuma notícia ou vestígios de Mrs. Weldon, nem do Sr. Bénédict. Aonde os levarão, a não ser para Kasonde? Devem ter seguido o mesmo caminho da caravana e preceder-nos. Estou inquieto. Teria a febre acometido novamente o pequeno Jack nesta insalubre região? Viverá ele ainda?...

De 1 a 6 de Maio. — Atravessaram-se, durante muitas jornadas, extensas planícies que a evaporação ainda não pôde secar. Algumas vezes a água chegava à cintura. Aderem à pele miríades de sanguessugas. É preciso, porém, andar. Em algumas alturas, que estão fora de água, veem-se lódãos e papiros. No fundo, sob as águas, outras plantas de grandes folhas, sobre as quais se tropeça, o que ocasiona numerosas quedas.

Nestas águas, grande quantidade de pequenos peixes da espécie dos siluros, que os indígenas prendem dentro de caniçados e vendem às caravanas.

Não é possível encontrar bom sítio para acampar durante a noite. Não se avistam os limites da planície

inundada. É forçoso caminhar nas trevas. Amanhã faltarão muitos escravos. Que sofrimentos! Quando se cai, melhor é ficar. Bastavam alguns instantes debaixo destas águas para pôr termo a tudo. Não se sofrerá mais, nem de noite nem de dia, o azorrague do condutor! Assim é... Mas Mrs. Weldon e o seu filho? Não posso abandoná-los. Resistirei enquanto tiver forças! É o meu dever!

Ouvem-se durante a noite gritos terríveis!

Cerca de vinte soldados arrancaram alguns ramos de árvores resinosas cuja copa emergia. Pálidos clarões durante as trevas.

A causa dos gritos que ouvi foi um ataque de crocodilos. Doze ou quinze destes monstros lançaram-se durante a noite sobre um dos flancos da caravana. Mulheres e crianças foram apanhadas e levadas por eles para as suas “pastagens”. Assim chama Livingstone aos antros profundos onde aquele anfíbio vai depor a sua presa, depois de a ter asfixiado, porque só a come depois de ela ter atingido um certo grau de decomposição.

As escamas de um crocodilo roçaram-me asperamente. Um escravo adulto foi colhido perto de mim e arrancado da forquilha que o prendia pelo pescoço. Quebrou-se a forquilha, e que grito de desespero, que gemido de dor! Ouço-o ainda! e 8 de Maio. — No dia seguinte contaram-se as vítimas. Tinham desaparecido vinte escravos.

Logo ao amanhecer procurei Tom e os seus companheiros! Graças a Deus, vivem! Mas deve agradecer-se a Deus? Não será menor infelicidade o termo de tantas desventuras?

Tom vai na frente da caravana. Na ocasião em que Bat fez uma pequena volta, Tom pôde ver-me.

Procuro em vão a velha Nan. Estará confundida no grupo do centro ou teria morrido durante a noite terrível?

No dia seguinte passou-se o limite da planície

inundada, depois de vinte e quatro horas de caminho dentro de água. Pára-se sobre uma colina. O sol seca-nos um pouco. Come-se, mas que alimentos! Uma pequena porção de mandioca e alguns punhados de milho.

Nada há para deitar na água! Dos prisioneiros estendidos no solo, quantos jamais se levantarão!

Não, não é possível que Mrs. Weldon e o seu filho tenham sofrido tanto! Deus quis decerto que fossem conduzidos a Kasonde por outro caminho. A desgraçada mãe não teria resistido!

Novos casos de bexigas na caravana, o “nedué”, como eles dizem. Os doentes não poderão ir muito longe. Abandoná-los-ão. de Maio. — Continua a marcha ao alvorecer. Desta vez não ficou gente para trás. O azorrague do condutor excitou aqueles que as fadigas ou as doenças prostravam. Estes escravos têm valor! São como dinheiro! Os agentes não os deixarão no caminho enquanto eles puderem andar. Estou rodeado de esqueletos vivos. Nem sequer já têm voz para se queixarem.

Vi, finalmente, a velha Nan! Faz pena! Já não traz ao colo a criança. Caminha só! Será para ela menos penoso, mas a corrente ainda lhe pende da cintura e ela pôs o outro extremo sobre os seus ombros.

Apressando-me, consegui aproximar-me dela. Dir-se-ia que não me reconheceu! Estarei, pois, tão mudado?

— Nan! — disse eu.

A velha criada olhou-me muito tempo, e por fim disse: — Ah! O Sr. Dick!... Eu não posso resistir!

— Tenha ânimo — respondi, ao mesmo tempo que abaixava os olhos para não ver o que não era mais do que o esqueleto exangue da infeliz preta!

— Morro — continuou ela —, não tornarei a ver a minha querida senhora, nem o meu menino Jack! Meu Deus, meu Deus, tende piedade de mim!

Quis ajudar a velha Nan, cujo corpo tremia sob os

seus esfarrapados vestidos.

Seria um favor ligarem-me a ela para a aliviar de uma parte do peso da corrente, que ela carregava sozinha desde que morrera a sua companheira.

Um braço vigoroso me afasta, e a desgraçada Nan, envolvida no chicote, é atirada para o meio dos escravos. Quis lançar-me sobre aquele brutal condutor. O chefe árabe apareceu, agarrou-me pelo braço e teve-me seguro até que passou a última fileira da caravana.

Por sua vez pronunciou este nome:

“Negoro!”

Negoro! Será por ordem dele que procede assim comigo e me trata de maneira diferente dos meus companheiros de infortúnio?

Que sorte me espera? de Maio. — Passamos hoje perto de duas aldeias incendiadas. As chamas rebentam por todos os lados. Os cadáveres estão suspensos nas árvores que o incêndio respeitou. A população vai de fuga. Campos devastados. É a “guerra”. Duzentas mortes, talvez, para conseguir uma dúzia de escravos.

Chegou a noite. Fez-se a paragem. Assentou-se o acampamento sob grandes árvores. Ervas muito altas crescem por toda a orla da floresta.

Alguns dos cativos conseguiram fugir na véspera, tendo previamente quebrado as forquilhas. Foram apanhados e tratados com crueldade extraordinária. Aumenta a vigilância dos guardas e dos condutores.

Veio a noite. Rugidos de leões e de hienas. Roncos longínquos dos hipopótamos. Há, sem dúvida, algum lago ou rio nas proximidades.

Apesar do cansaço, não posso dormir. Assaltam-me o espírito tantas coisas!

Parece-me também que ouço andar por entre as ervas. Alguma fera talvez. Ter-se-ia atrevido a forçar a entrada do acampamento?

Escuto. Nada. Um animal, sem dúvida, passa por

entre as moitas. Estou desarmado! Contudo, eu me defenderei. Darei sinal de alarme. A minha vida pode ainda ser útil a Mrs. Weldon e aos meus infelizes companheiros!

Olho através das trevas profundas. Não há Lua. A noite está extremamente escura.

Dois olhos brilham na escuridão, entre os papiros. São olhos de hiena ou de leopardo? Desaparecem... tornam a aparecer.

Enfim, sentiu-se um sussurro confuso nas ervas. Um animal salta sobre mim...

Vou gritar.

Felizmente, pude calar-me a tempo!...

Não posso acreditar no que os meus olhos veem!... É Dingo... Dingo, que está junto de mim! Valente Dingo! Como veio ele até aqui?... Como conseguiu ele dar comigo? Ah! O instinto!... O instinto bastará para explicar tantos prodígios de fidelidade? Lambe-me as mãos. Ah! Meu bom amigo! Meu único amigo! Não conseguiram matar-te!...

Faço-lhe festas. Compreende-me. Quer ladrar...

Sossego-o. Convém que o não ouçam! Que siga a caravana sem ser notado e talvez... Mas esfrega obstinadamente o pescoço de encontro às minhas mãos. Parece querer dizer-me: "Procura". Procuro e encontro uma coisa presa ao pescoço... um pedaço de cana está amarrado na coleira, onde tem gravadas as duas letras S. V., cujo mistério é ainda inexplicável para nós.

Desprendo a cana. Quebro-a! Tem dentro um bilhete.

Mas... não o posso ler. É mister esperar pelo dia!... O dia... Queria segurar Dingo, mas o bom animal, lambendo-me as mãos, parece que tem pressa de me deixar... Compreendeu que tinha já desempenhado a sua missão. Dando um pulo de lado, desaparece sem ruído entre as ervas. Deus o livre dos leões e das hienas!

Dingo voltou decerto a encontrar-se com quem o mandou aqui!

Este bilhete, que não posso ainda ler, queima-me as mãos! Quem o escreveu? Virá de Mrs. Weldon? Será de Hercule? Como foi que o fiel animal, que julgávamos morto, encontrou um ou outro? Que me dirá este bilhete? Será um plano de evasão que me traz, ou dar-me-á unicamente notícias dos que me são caros? Seja como for, este incidente comoveu-me muito e foi um lenitivo aos meus pesares.

Ah! Como o dia custa a chegar!

Espero com ansiedade a primeira luz no horizonte. Não posso dormir. Ouço ainda os rugidos das feras! Meu pobre Dingo, possas tu escapar-lhes!

Finalmente, vem o dia, quase sem aurora, nestas latitudes tropicais. Disponho-me a ler o bilhete sem que me vejam...

Tento lê-lo... Não posso ainda.

Finalmente, li. É de Hercule.

Está escrito a lápis num pedaço de papel.

Eis o que diz:

“Mrs. Weldon levada com o menino Jack em uma “kitanda”. Harris e Negoro vão com ela. Precedem a caravana três ou quatro “jornadas” com primo Bénédict. Não pude comunicar com ela. Encontrei Dingo, que foi ferido com um tiro... mas curado. Boas esperanças, Sr. Dick. Penso em todos e fugi para lhes ser útil.

Hercule.”

Ah! Mrs. Weldon e o seu filho estão vivos. Graças a Deus! Não têm sofrido, como nós, as fadigas destas longas marchas! Uma “kitanda” é uma espécie de liteira feita de ervas secas, suspensa num comprido bambu, e que dois homens carregam aos ombros. Cobre-a uma

manta de fazenda. Mrs. Weldon e o meu pequenino Jack vão, pois, em “kitanda”. Que farão deles Harris e Negoro? Estes marotos levam evidentemente a mãe e o filho para Kasonde, sim!... Sim! Hei de tornar a ver Mrs. Weldon, hei de ver Jack. No meio de tantas misérias, foi uma boa notícia, foi a alegria que Dingo me trouxe.

De 11 a 15 de maio. — A caravana continua o seu caminho. Os escravos arrastam-se, já não andam.

A maior parte deixam em cada passada uma mancha de sangue. Calculo que são ainda precisos mais dez dias para chegar a Kasonde. Quantos deixarão de sofrer daqui até lá? Pela minha parte, como é preciso que eu chegue, chegarei!

É atroz! Há na caravana desgraçadas cujo corpo é uma chaga! As cordas que as prendem entram na carne!... Desde ontem, uma escrava leva nos braços o filho morto de fome!... Mas não quer separar-se dele.

O caminho fica juncado de cadáveres. As bexigas atacam com extrema violência.

Passamos junto a uma árvore... Estavam presos pelo pescoço alguns escravos. Ali os tinham deixado morrer à fome.

De 16 a 24 de Maio. — Estou quase sem forças, mas não me é lícito fraquejar. As chuvas acabaram completa-mente. Temos dias de “marcha forçada”. É ao que os negreiros dão o nome de “tirikesa” ou marcha da tarde. É necessário andar mais depressa, e o terreno eleva-se em declives muito ásperos.

Passa-se por entre ervas muito resistentes. É o “nyassi”, cujas hastes me ferem a cara e as sementes espinhosas se metem entre a minha pele e o fato todo cortado. O meu calçado, fortíssimo, tem felizmente resistido.

Os agentes começaram a abandonar os escravos muito doentes para poderem continuar. Demais a mais, os víveres principiam a rarear; guardas e “pagasis”

revoltam-se se lhes diminuem a razão. Não se atrevem a tirar-lhes nada, e neste caso pior para os cativos.

— Que se comam uns aos outros — disse o chefe.

Seguiu-se disto que pequenos escravos, ainda vigorosos, morreram sem aparentarem moléstia. Lembrome do que a tal respeito disse o Dr. Livingstone: “Esses infelizes queixam-se do coração, põem as mãos e caem. É positivamente o coração que se lhes despedaça. É isto peculiar aos homens livres, reduzidos à condição de escravos, sem que para tal estivessem preparados!”

Hoje vinte cativos, que não podiam já arrastar-se, foram mortos pelos condutores! O chefe árabe não se opôs a esta mortandade.

A cena foi terrível.

A pobre velha Nan caiu também sob o cutelo, naquela horrível matança. Caminhando, tropeço no seu cadáver. Não posso sequer dar-lhe sepultura cristã!...

É o primeiro dos naufragos do “Pilgrim” que Deus chamou à sua presença. Pobre mulher! Pobre Nan!

Todas as noites espero por Dingo. Não volta. Ter-lhe-ia acontecido alguma desgraça ou a Hercule? Não... não! Não quero acreditar em tal. Este silêncio, que tão longo me parece, prova que Hercule não tem notícias a dar-me. Convém que seja prudente e acutelado.

CAPÍTULO IX

KASONDE

Em 21 de maio a caravana de escravos chegava a Kasonde. Cinquenta por cento dos prisioneiros feitos nesta última correria tinham ficado no caminho. Contudo, o negócio era ainda bom para os traficantes. Afluíam os pedidos, e os preços dos escravos iam subir nos mercados da África.

Angola fazia nesta época grande comércio de negros. As autoridades portuguesas de São Paulo de Luanda e de Benguela não poderiam senão muito dificilmente pôr-lhe obstáculos, porque as levas dirigiam-se para o interior do continente africano. Os barracões do litoral estavam cheios de prisioneiros; os poucos navios negreiros que conseguiam passar entre os cruzadores não eram bastantes para embarcar tantos negros para as colônias espanholas da América (1).

**1. Como dissemos numa nota na primeira parte desta obra, há muito acabara o comércio de escravos nas províncias ultramarinas, e os barracões de escravos acabaram ao mesmo tempo que a escravatura.*

(O Tradutor)

Kasonde, situado a trezentas milhas da foz do Cuanza, é um dos principais “lakonis”, um dos mercados mais importantes desta província. É na grande praça, a “tchitoka”, que se fazem os negócios. Lá, são os escravos

expostos e vendidos, e é deste ponto que as caravanas irradiam para a região dos grandes lagos.

Kasonde, como todas as grandes povoações da África Central, divide-se em duas partes distintas: uma é o bairro dos negociantes árabes, portugueses ou indígenas, e nela estão os barracões; a outra é a residência do rei negro, um feroz bebereão coroado, que reina pelo terror e vive das subvenções em gêneros que os traficantes lhe dão generosamente.

Em Kasonde, o bairro comercial pertencia então a José António Alves, acerca de quem falaram Harris e Negoro, seus agentes. Era lá o principal estabelecimento daquele mercador de escravos, que possuía um segundo no Bié e um terceiro em Caçange, onde o tenente Cameron foi encontrá-lo alguns anos depois.

Uma grande rua central, de um e do outro lado grupos de casas “tembés”, tendo os tectos sem inclinação, as paredes rebocadas de terra, e pátios quadrados servindo de currais de gado; na extremidade da rua a vasta “tchitoka” rodeada de barracões, dominando tudo por árvores altas, de ramadas enormes; aqui e ali palmeiras plantadas como se fossem vassouras que estivessem com as palhas viradas para o ar, recebendo o pó das ruas, e algumas aves de rapina, encarregadas da salubridade pública. Tal é o bairro comercial de Kasonde.

Perto corre o Luhi, rio cujo curso está ainda desconhecido, mas que é um afluente do Zaire, ou pelo menos do Cuango, rio tributário do Zaire.

A residência do rei de Kasonde, que confina com o bairro comercial, é um montão de cubatas pouco asseadas, ocupando o espaço de uma milha quadrada. Algumas delas têm entrada fácil, outras estão cercadas de paliçadas de canas ou rodeadas de figueiras-do-inferno. Um cerrado particular, que uma orla de papiros rodeia, cerca de trinta palhotas, servindo de habitações

dos escravos e dos chefes, um grupo de cubatas para as mulheres, um “tembé” maior, mais elevado e mais escondido nas plantações de mandioca, forma a residência do rei de Kasonde, Moini Lunga, homem de cinquenta anos de idade e já muito inferior em prestígio aos seus antepassados. Não tem quatro mil soldados, ali onde os traficantes portugueses já viram vinte mil, e não pode, como noutra tempo, ordenar a imolação de vinte e cinco a trinta escravos por dia.

Era o rei um velho precoce, gasto pelos vícios, queimado pelas bebidas espirituosas, maníaco, fazendo por mero capricho mutilar os seus súbditos, os seus oficiais ou os seus ministros, cortando de uns o nariz ou as orelhas, os pés ou as mãos de outros. A sua morte, proximamente esperada, devia ser acolhida com grande indiferença.

Um único homem em todo o reino de Kasonde perderia talvez com a morte de Moini Lunga. Era o mercador de negros José António Alves, que se entendia perfeitamente com o beerrão, a quem toda a província prestava vassalagem. Tinha Alves a recear que a exaltação ao trono da primeira das mulheres do rei, a rainha Moina, tivesse contestação, que os estados de Moini Lunga fossem invadidos por um competidor vizinho, um dos reis de Ukusu. Este, mais novo e mais ativo, tinha-se já apoderado de algumas aldeias dependentes do reino de Kasonde, e era ajudado por um outro mercador de negros, rival de Alves, Tipo-Topo, preto árabe de puríssima raça, que mais tarde visitou Carneran, em Nyamgué. Eis quem era Alves, o verdadeiro soberano, no reino do embrutecido negro, cujo vício ele desenvolvera e explorava: José António Alves, homem de avançada idade, não era, como se poderá julgar, um “musungo”, isto é, homem de raça branca. De português tinha apenas o nome, usado sem dúvida para o seu comércio. Era um preto muito

conhecido por todos os mercadores de escravos e cujo verdadeiro nome era Kendelé. Nascido no Dondo, nas margens do Cuanza, começou por simples agente dos corretores de escravatura e acabara em traficante de grande nomeada, isto é, como grande infame, dizendo-se, não obstante, o homem mais honesto deste mundo.

Foi este mesmo Alves que Cameron, pelos fins do ano de 1874, encontrou em Kilembe, capital de Kasongo, chefe de Oriza, e que o conduziu, percorrendo setecentas milhas, bem como toda a caravana de Cameron, até ao seu estabelecimento no Bié.

O comboio de escravos, logo que chegou a Kasonde, foi conduzido para a praça principal.

Os cálculos de Dick Sand estavam justificados. A viagem durara trinta e oito dias, a contar desde a partida do acampamento assente nas margens do Cuanza. Foram cinco semanas das mais terríveis misérias que entes humanos podem sofrer! Era meio-dia quando entraram em Kasonde. Os tambores refuvam, os sons dos chavelhos de “codu” atroavam os ares e sobressaíam as detonações das armas de fogo. Os guardas da caravana descarregam as suas espingardas e os criados de José António Alves correspondiam com entusiasmo. Todos estes bandidos se sentiam felizes por se tornarem a ver, depois de quatro meses de ausência. Iam, finalmente, descansar e recuperar na orgia e na embriaguez o tempo perdido.

Os prisioneiros, na sua maioria já sem forças, eram ainda duzentos e cinquenta. Depois de terem sido enxotados para diante como um rebanho, iam ser fechados dentro dos barracões, que os rendeiros da América não aproveitariam para currais de gado. Aguardavam-nos ali outros cem ou duzentos escravos, que deviam ser expostos à venda no dia seguinte no mercado de Kasonde.

Encheram-se os barracões com os escravos recém-

chegados. Tiraram-lhes as pesadas forquilhas, mas conservavam-nos acorrentados.

Os “pagasis” tinham ficado na praça, onde depuseram as cargas de marfim, que entregaram aos negociantes de Kasonde. Depois, pagos com alguns metros de chita ou de qualquer outra fazenda de maior valor, voltaram ao encontro da caravana.

O velho Tom e os seus companheiros estavam enfim livres das golilhas que traziam havia cinco semanas.

Bat e seu pai abraçavam-se finalmente. Todos apertavam as mãos, mas era com dificuldade que conseguiam falar. Que poderiam eles dizer que não fossem palavras de desespero. Bat, Acteon e Agostinho, acostumados ao trabalho rude, tinham resistido às fadigas, mas o velho Tom, enfraquecido pelas privações, estava extenuado. Alguns dias mais, e o seu cadáver seria abandonado, como foi o da velha Nan, à ferocidade das feras daquela região!

Todos os quatro, logo que chegaram, foram metidos em um acanhado barracão, cuja porta se fechou imediatamente sobre eles. Ali recebiam alguns alimentos e ali esperavam a visita do mercador de escravos, junto do qual pretendiam, mas inutilmente, fazer valer a sua qualidade de americanos.

Dick Sand ficara na praça sob a vigilância especial de um condutor.

Estava finalmente em Kasonde, aonde não duvidava que Mrs. Weldon, o pequenino Jack e primo Bénédicct tinham já chegado. Procurara-os com a vista quando atravessou os diversos lugares da povoação, penetrando até ao fundo dos “tembés” que orlavam as ruas, e na “tchitoka” que então estava quase deserta.

Mrs. Weldon não estava lá!

“Não a teriam conduzido para aqui?”, perguntava a si mesmo Dick Sand. “Mas onde estaria ela? Não! Hercule

não se enganou decerto. Demais, isto devia fazer parte dos secretos desígnios de Harris e de Negoro!... E, contudo, também não os vejo...”

Pungente ansiedade dominava Dick Sand. Que Mrs. Weldon, feita prisioneira, lhe fosse ainda escondida, explicava-se; mas Harris e Negoro — este principalmente — deviam ter pressa de ver o jovem práctico, que agora estava em poder deles, ainda que fosse só para gozarem do seu triunfo, para o insultarem, para o torturarem, para, finalmente, se vingarem dele.

Porque não estavam ali, devia concluir-se que tinham tomado outra direção, e que Mrs. Weldon fora levada para qualquer outro ponto da África Central? Ainda que a presença do americano e de Negoro fosse o sinal do suplício de Dick, este desejava-a com impaciência. Harris e Negoro em Kasonde seria para ele a certeza de que Mrs. Weldon e o seu filho ali se encontravam também!

Dick Sand pensava então que, depois daquela noite em que Dingo lhe trouxera o bilhete de Hercule, nunca mais o cão voltara. Uma resposta que o jovem práctico preparara ao acaso, na qual recomendava a Hercule que só pensasse em Mrs. Weldon, que não a perdesse de vista, e que a tivesse quanto fosse possível ao fato de tudo quanto se passava, esta resposta não conseguira Dick fazê-la chegar ao seu destino. O que Dingo pudera fazer uma vez, isto é, penetrar até junto da caravana, porque não tentara Hercule fazê-lo segunda vez? Teria o fiel animal morrido em alguma tentativa sem resultado, ou Hercule continuava a seguir as pisadas de Mrs. Weldon como teria feito Dick Sand? Ter-se-ia Hercule, seguido de Dingo, internado nas profundezas daquele planalto da África, coberto de matas, com a mira de chegar a alguma feitoria do interior?

Que podia imaginar Dick Sand se efetivamente nem Mrs. Weldon, nem os seus raptos, estivessem ali?

Acreditara tanto — talvez com razão — que os encontraria em Kasonde, que foi para ele um terrível golpe não os ver logo que chegou. Teve um momento de desespero que não pôde dominar. Se a sua vida não era já útil às pessoas que ele estimava, para nada serviria e só lhe restava a morte! Mas, pensando deste modo, Dick Sand desconhecia o seu carácter. Sob a ação de tais provas, a criança fizera-se homem, e o desânimo nele não era mais do que um tributo accidental pago à natureza humana.

Formidável concerto de cornetas e de gritos se ouviu naquele momento. De repente, Dick Sand, que acabamos de ver prostrado na “tchitoka”, levantou-se. Qualquer incidente podia dar-lhe indicações daqueles que procurava. O desesperado de um momento antes estava agora cheio de confiança! “Alves! Alves!” — este nome era repetido pela multidão de indígenas e de soldados que invadiam a grande praça. O homem de quem dependia a sorte de tantos infelizes ia, enfim, aparecer!

Era provável que os agentes Harris e Negoro estivessem com ele. Dick Sand estava de pé, tinha os olhos extraordinariamente abertos e as ventas dilatadas. Os dois traidores iam encontrar o jovem práctico, de quinze anos de idade apenas, resolute e firme, e encarando-os sem receio. Não seria o capitão do “Pilgrim” que tremaria na presença do antigo cozinheiro de bordo!

Uma maca, coberta com uma manta velha, remendada, desbotada e franjada pelos rasgões, apareceu na extremidade da rua principal. Dela desceu um negro, já idoso. Era o traficante de escravos José António Alves.

Acompanhavam-no alguns criados, que faziam grande algazarra.

Ao mesmo tempo que Alves, aparecia também o

seu amigo Coimbra, filho do major Coimbra, do Bié, e, segundo refere Cameron, o maior bandido de toda aquela província, ente imundo, quase nu, de olhar inflamado, guedelha áspera e encarapinhada, tez amarela, vestindo uma camisa esfarrapada e um saiote feito de ervas. Dir-se-ia que era uma velha horrivelmente feia com um chapéu de palha roto na cabeça. Era Coimbra, o confidente, a alma danada de Alves, o planeador das correrias, e muito digno de dirigir os bandidos do traficante de escravos.

Este, vestindo traje de turco no dia seguinte ao de Carnaval, tinha talvez aspecto menos sórdido que o seu acólito. Contudo não dava boa ideia dos proprietários das feitorias, que faziam o comércio de negros em grande escala.

Com grande espanto do prático, nem Harris nem Negoro acompanhavam Alves. Tinha, pois, Dick Sand de perder a esperança de os ver em Kasonde?

Entretanto, o chefe da caravana, o árabe Ibn Hamis, apertava a mão a Alves e a Coimbra. Recebeu ele muitas felicitações.

A falta de cinquenta por cento no número total dos escravos obrigou Alves a fazer uma careta; mas o negócio, apesar de tudo, era ainda bom. Estes escravos, juntos ao que o traficante possuía de mercadorias humanas nos seus barracões, bastavam-lhe para poder satisfazer aos pedidos que tinha do interior, trocá-los por dentes de marfim e “hahnas” de cobre, semelhantes a cruces de Santo André, sob a forma das quais aquele metal se exporta no centro da África.

Não se pouparam cumprimentos aos condutores; quanto aos carregadores, o traficante ordenou que lhes pagassem imediatamente.

José António Alves e Coimbra falavam uma espécie de português, misturado com um idioma indígena, que um lisboeta não compreenderia com facilidade. Dick

Sand não percebia uma única palavra do que aqueles negociantes diziam um ao outro. Tratar-se-ia dele e dos seus companheiros, traiçoeiramente metidos na caravana? Não duvidou o jovem prático, logo que, a um aceno do árabe Ibn Hamis, um condutor se dirigiu para o barracão onde Tom, Agostinho, Bat e Acteon tinham sido fechados. Quase ao mesmo tempo, os quatro americanos foram conduzidos à presença de Alves.

Dick Sand aproximou-se lentamente. Não queria perder nada daquela cena.

A cara de José António Alves brilhou de alegria quando viu aqueles negros tão robustos, aos quais o descanso e sustento abundante fariam recuperar o natural vigor. Olhou desdenhosamente para o velho Tom. A idade deste tirava-lhe o valor; mas os três restantes seriam vendidos por bom preço, no próximo “lakoni” de Kasonde.

Foi então que Alves procurou lembrar-se de algumas palavras inglesas, que alguns agentes, tais como o americano Harris, lhe haviam ensinado, e o velho entendeu dever cumprimentar ironicamente os seus novos escravos.

Tom, que compreendera o traficante, avançou, e, apontando para os seus companheiros e para si, declarou:

— Somos homens livres! Somos cidadãos dos Estados Unidos!

Alves entendeu-o sem dúvida, porque respondeu, fazendo uma carantonha de bom humor e abanando a cabeça ao mesmo tempo:

— Sim... Sim... americanos! Pois estimo vê-los... estimo vê-los...

— É verdade... Estimamos vê-los — acrescentou Coimbra.

O filho do major do Bié avançou então para Agostinho, e como um mercador que examina uma

amostra, depois de lhe ter apalpado o peito e os ombros, quis obrigá-lo a abrir a boca a fim de lhe ver os dentes.

Mas nesta ocasião o senhor Coimbra recebeu na cara o mais valente murro que jamais apanhou um filho de major!

O confidente de Alves foi cair a dez passos de distância. Alguns guardas correram sobre Agostinho, que ia talvez pagar muito caro aquele ímpeto de cólera.

Alves, com um gesto, fê-los parar. Ria da desgraça que acontecera ao seu amigo Coimbra, que perdera dois dentes, dos cinco ou seis que lhe restavam.

José Agostinho Alves não queria que lhe estragassem a sua mercadoria.

Demais a mais tinha caráter alegre, e havia muito tempo que não ria com tanta vontade.

Animou, porém, o contundido Coimbra, e este, já de pé, voltou para o seu lugar junto ao traficante, fazendo para Agostinho gestos ameaçadores.

No mesmo momento, Dick Sand, empurrado por um condutor, foi levado à presença de Alves.

Este sabia evidentemente quem era o jovem prático, de onde vinha e como fora preso no arraial do Cuanza.

Assim, depois de lhe ter lançado um olhar rancoroso” disse em mau inglês:

— O pequeno ianque.

— Sim, ianque — respondeu Dick Sand. — Que pretendem fazer dos meus companheiros e de mim?

— Ianque! Ianque! O pequeno ianque! — repetia Alves.

Não teria compreendido ou não queria compreender a pergunta que lhe fizeram? Dick Sand, pela segunda vez, perguntou o que pretendiam fazer dos seus companheiros e dele. Dirigiu-se também a Coimbra, que pelas feições, conquanto alteradas pelo excesso das bebidas alcoólicas, reconheceu que não era de origem

indígena.

Coimbra tornou a fazer o mesmo gesto ameaçador que fizera a Agostinho, e não respondeu.

Enquanto isto se passava, Alves conversava animadamente com o árabe Ibn Hamis a respeito de coisas que evidentemente diziam respeito a Dick Sand e aos seus amigos. Jam sem dúvida separá-los novamente, e quem sabe se teriam outra ocasião de trocar entre si algumas palavras.

— Meus amigos — disse Dick Sand a meia voz, e como se falasse consigo mesmo —, recebi por Dingo um bilhete que me escreveu Hercule. Seguiu a caravana. Harris e Negoro levaram Mrs. Weldon, Jack e o Sr. Bénédict. Para onde? Não sei, se acaso não estão aqui, em Kasonde. Tenham paciência e coragem e estejam prontos para tudo. Deus tenha compaixão de nós!

— E Nan? — perguntou o velho Tom.

— Morreu!

— Foi a primeira!

— E a última! — respondeu Dick Sand. — Porque...

Neste momento, alguém lhe pôs a mão sobre o ombro, dizendo ao mesmo tempo as seguintes palavras pronunciadas com um certo tom de amabilidade que ele conhecia bem: — Olá, meu jovem amigo, creio que me não engano! Muito folgo de o tornar a ver!

Dick Sand voltou-se.

Harris estava diante dele.

— Onde está Mrs. Weldon? — perguntou Dick Sand, crescendo para o americano.

— Ah! — respondeu Harris, afectando dó. — Pobre senhora! Como poderia ela sobreviver!...

— Morreu! — exclamou Dick Sand. — E o filho?...

— A inocente criancinha — volveu Harris, no mesmo tom — era impossível que resistisse a tantas fadigas!...

Assim, pois, tudo quanto Dick Sand mais estimava

não existia já. Que se passou no seu íntimo? Um irresistível movimento de cólera, a necessidade de vingança, que devia satisfazer, custasse o que custasse, se apoderou dele.

Dick Sand saltou sobre Harris, tirou um punhal do cinto do americano e cravou-o no coração.

— Maldição! — exclamou Harris caindo. Estava morto.

CAPÍTULO X

UM DIA DE FEIRA

Foi tão rápido o ímpeto de Dick Sand que não puderam evitá-lo. Alguns indígenas correram sobre ele para o matarem, quando Negoro apareceu.

A um sinal deste afastaram-se os indígenas, que levantaram e levaram o cadáver de Harris. Alves e Coimbra exigiram a morte imediata de Dick Sand, mas Negoro disse-lhes em voz baixa que não perderiam com a demora. Deu-se então ordem para levar o jovem prático, com a recomendação de não o perderem de vista.

Dick vira enfim Negoro, pela primeira vez, depois de haverem partido da costa. Sabia que este malvado era o único culpado do naufrágio do “Pilgrim”... Devia odiá-lo ainda mais do que odiava o seu cúmplice; contudo, depois de ter morto o americano, não pensou sequer em dirigir uma única palavra a Negoro.

Dissera Harris que Mrs. Weldon e o seu filho tinham sucumbido! Nada mais o interessava, não se preocupava até com o destino que lhe dariam. Levavam-no; para onde? Era-lhe indiferente.

Dick Sand, depois de bem amarrado, foi metido numa barraca sem janelas, uma espécie de cárcere, onde o traficante Alves prendia os escravos condenados à morte por motivo de rebelião ou por outros crimes. Ali não podia Dick comunicar com o exterior. Era-lhe indiferente... Vingara aqueles que tanto estimava e que

já não eram deste mundo. Fosse qual fosse a sorte que lhe estivesse reservada, não a temia.

Fácil é de supor que, se Negoro fez parar os indígenas que queriam castigar o assassino de Harris, é porque resolvera que Dick Sand padecesse um desses terríveis suplícios que só os indígenas conhecem. O cozinheiro de bordo tinha em seu poder o capitão de quinze anos. Só faltava Hercule para completar a sua vingança.

Dois dias depois, a 28 de Maio, abriu-se o mercado, o grande “lakoni”, no qual se deviam encontrar os traficantes vindos das principais feitorias do interior e os indígenas das províncias vizinhas de Angola. Não era a feira especialmente destinada para a venda de escravos, mas sim, também, para a de todos os produtos daquela região da África, que ali afluíam com os seus produtores.

Desde a manhã que havia grande animação na vasta “tchitoka” de Kasonde, da qual não é fácil dar ideia exata. Era uma aglomeração de quatro a cinco mil pessoas, entrando neste número os escravos de José António Alves, entre os quais estavam Tom e os seus companheiros. Estes desgraçados, porque eram estrangeiros, não deviam ser menos procurados pelos corretores de carne humana.

Alves, o primeiro entre todos, acompanhado por Coimbra, fazia os lotes de escravos, com que os mercadores que tinham vindo do interior formariam as caravanas. Entre os mercadores notavam-se alguns mestiços de Ujiji, principal mercado do lago Tanganica, e árabes, que neste gênero de negócio se avantajam aos mestiços.

Encontravam-se também ali grande número de indígenas: crianças, homens e mulheres. Mostravam estas grande paixão pelo comércio de escravos, e, pela propensão para o negócio, poderiam servir de exemplo às suas semelhantes de cor branca. Nas feiras das

grandes cidades, até mesmo nos dias de maior animação, não há mais bulha nem se fazem tantos negócios. Entre os povos civilizados, a necessidade de vender excede talvez o desejo de comprar. Entre os selvagens da África, as ofertas igualam os pedidos.

Para os indígenas de ambos os sexos, o “lakoni” era um dia de festa, e, se não envergavam por isso os seus melhores trajos, traziam contudo os seus mais ricos ornamentos. As guedelhas eram apartadas em quatro partes, cobertas de enfeites e formando trancinhas ligadas umas às outras como um chignon, ou dispostas como cabos de caçarolas sobre a parte anterior da cabeça e enfeitadas com penas vermelhas; outras tinham pontas recurvadas e empastadas com terra encarnada e óleo, como o mínio, que serve para untar as juntas das máquinas a vapor; e naquelas massas de cabelos fingidos ou verdadeiros, pregos, alfinetes de ferro ou de marfim, e não raro, entre os elegantes, uma faca lavrada, espetada na carapinha, cujos cabelos, enfiados a um por um em pérolas de vidro, davam ao todo o aspecto de bordados de missangas de várias cores. Tais eram as trunfas que geralmente se viam na cabeça dos homens. As mulheres preferiam dividir os cabelos, formando pequenas poupas do tamanho de uma cereja, com formas variadas, ou então em pequenos caracóis, dispostos aos lados das faces. Algumas, as mais simples e quiçá as mais belas, deixavam cair os cabelos sobre as costas, afectando a moda inglesa; outras, à moda francesa, traziam-nos em franjas, recortados sobre a testa. E quase sempre naquelas grenhas uma -massa de gordura, de argila ou brilhante “nkola” — substância vermelha extraída do sândalo —, fazendo parecer que tais elegantes estavam toucadas com telhas.

Não se julgue contudo que este luxo de enfeites se applicava só aos cabelos. Para que serviriam as orelhas aos indígenas, se não as atravessassem por pequenas

cavilhas de madeira rica, por anéis de cobre e tranças de palha de milho, ou não lhes pendurassem pequenas cabaças, em que guardam o tabaco — de tal modo que os lóbulos distendidos destes apêndices caem às vezes sobre os ombros dos seus proprietários? Os selvagens da África não têm algibeiras, e como as poderiam ter? Disto resulta a necessidade de colocarem onde é possível as facas, os cachimbos e outros objetos de seu uso. O pescoço, os braços, os pulsos, as pernas e os artelhos são para eles destinados para trazer braceletes de cobre ou de latão, chavelhos recurvados e cravejados de botões brilhantes, fios de pérolas vermelhas, chamadas “sainessanies” ou “talakes”, e que então estavam em moda. Assim, pois, com tantas alfaias profusamente ostentadas, os ricos do lugar eram como que joalheiros ambulantes.

Demais, se a natureza deu dentes aos indígenas não foi certamente para que arrancassem os incisivos superiores e inferiores, para que os limassem em pontas aguçadas, os recurvassem em forma de ganchos como os dentes das cobras de cascavel? Se lhes plantou unhas nas pontas dos dedos, que outro fim teve senão o de tornar quase impossível o uso da mão pelo exagerado comprimento delas? Se a pele negra ou parda cobre a estrutura humana, não foi para que azebrassem de “tembos” ou labores, representando árvores, pássaros, luas cheias ou crescentes, ou de linhas onduladas, nas quais Livingstone julgou ver os desenhos do antigo Egipto? Os labores que usam os pais, feitos com uma matéria azul introduzida nas incisões, é copiada ponto por ponto nos corpos dos filhos, reconhecendo-se assim facilmente a que tribo e família pertencem. Quando não se pode pintar o brasão na portinhola da carruagem, grava-se no peito.

Tais eram os enfeites em moda entre os indígenas. Pelo que respeitava ao vestuário, resumia-se: para os

senhores, a um avental feito de pele de antílope, caindo até aos joelhos, ou a um saiote de tecido vegetal, de cores muito vivas; as mulheres traziam uma cinta de pérolas, prendendo sobre os rins uma saia verde bordada de seda e ornada de missangas ou de cauris; algumas vezes traziam tangas de ulamba”, fazenda de tecido vegetal, azul, preta e amarela, muito procurada pelos zanzibaritas.

Refere-se o que fica dito aos negros da alta sociedade, porque os outros, mercadores ou escravos, andavam quase nus. As mulheres, pela maior parte das vezes, eram quem carregava, e vinham ao mercado trazendo às costas cestos enormes, que seguravam por meio de uma correia passada sobre a testa. Tomavam lugar, desenfardavam as mercadorias e sentavam-se nos cestos vazios.

A espantosa fertilidade do território fazia afluir ao “lakoni” produtos alimentícios de primeira qualidade. Havia abundância de arroz, que dá cento por um, de milho, que, em três colheitas no espaço de oito meses, produz duzentos por um, gergelim, pimenta de Urua, mais forte que a de Caiena, mandioca, massango, noz-moscada, sal e óleo de palma. Encontravam-se também ali centenas de cabras, porcos, carneiros sem lã, peixe, até. Louça de barro bem feita, chamando a atenção pelas cores fortes. As variadas bebidas que os pequenos indígenas apregoavam com voz aguçada e tentavam os amadores eram o vinho de banana, o “pombe”, licor fortíssimo muito apreciado, o malufo, bebida doce, feito de bananas, e o hidromel, límpida mistura de mel e água, fermentada com cevada.

Entre os tecidos contavam-se por milhares os “chukas”, o “mericani”, algodão cru vindo de Salem, no Massachusetts, o “kaniki”, chita azul de trinta e quatro polegadas de largura, o “sohari”, tecido de quadrados azuis e brancos com orla encarnada com alguns fios

azuis, fazenda menos cara que os “diules” de seda de Surrate, de fundos verdes, vermelhos ou amarelos, cujo valor regula por sete dólares, para os cortes de três jardas, e oitenta dólares quando no tecido se encontram fios de ouro.

O marfim vinha em grande cópia de todos os pontos da África Central, com destino a Cartum, a Zanzibar ou à costa de Natal, e grande número de negociantes se empregam exclusivamente na exportação deste importantíssimo ramo do comércio africano.

Imagine-se quantos elefantes são necessários para fornecer os quinhentos mil quilogramas de marfim(1) que a exportação lança todos os anos nos mercados da Europa e principalmente nos de Inglaterra! Só o Reino Unido consome quarenta mil. A costa ocidental da África dá ao comércio cento e quarenta toneladas desta preciosa mercadoria. A média do peso de cada par de dentes de elefante é de vinte e oito libras, que em 1874 valeram mil e quinhentos francos; mas alguns há que atingem o peso de cento e setenta e cinco libras, e, na feira de Kasonde, os amadores poderiam admirar alguns magníficos espécimes de bom marfim translúcido, fácil de trabalhar, de casca parda, não perdendo a alvura e não amarelecendo com o tempo, como acontece ao marfim de outras procedências.

**1. A cutelaria de Sheffield consome 170 000 quilogramas de marfim.*

Disto isto, resta saber como se regulavam entre compradores e vendedores as diversas operações comerciais. Qual era a moeda corrente? Entre os traficantes da África não podia deixar de ser o escravo.

O indígena paga com pérolas de vidro de fabricação veneziana, chamadas “cachocolos”, se têm a brancura da cal, “bubulos” quando são negras, e “sikundereches” quando são cor-de-rosa. Estas pérolas ou missangas,

reunidas em seis fiadas ou “khetes”, fazendo duas voltas à roda do pescoço, formam o “fundo”, cujo valor é grande. A medida mais usual destas pérolas é o “frasilah”, que pesa sessenta libras.

Livingstone, Cameron e Stanley tiveram sempre o bom cuidado de estarem bem providos de tal moeda. Faltando as pérolas de vidro, o “picé”, moeda de Zanzibar de valor correspondente a quatro centésimos do franco, e os “viunguas”, conchas peculiares à costa oriental, têm curso nos mercados do continente africano. As tribos antropófagas ligam algum valor aos dentes e maxilas humanas, e no “lakoni” viam-se enfiadas de dentes nos pescoços dos indígenas, que sem dúvida tinham devorado os seus possuidores; os dentes, porém, começam a ser agora depreciados.

Tal era o aspecto do grande mercado. Ao meio-dia a animação atingira o mais alto grau, a bulha era extraordinária. O furor dos vendedores desprezados, a cólera dos compradores a quem pediam preços exorbitantes, não se podem exprimir. Disto nasciam frequentes lutas, e, como é de prever, poucos guardas havia para apaziguar tão ruidosa multidão.

Foi pelo meio-dia que Alves ordenou que conduzissem para a praça os escravos que ele pretendia vender. Aumentou-se a multidão com mais de dois mil desgraçados, de todas as idades, que o traficante tinha fechados nos seus barracões havia já dois meses. Este depósito estava magnífico. O descanso prolongado e a alimentação farta tinham posto os escravos em condições de figurar vantajosamente no “Lakoni”. Os últimos que vieram, porém, não se podiam comparar com os primeiros, e, se tivessem ficado mais um mês nos barracões, Alves tê-los-ia vendido melhor; mas eram tantos os pedidos da costa oriental que se decidiu a apresentá-los tais como estavam.

Foi uma desgraça para Tom e para os seus

companheiros. Os condutores levaram-nos para o rebanho, que encheu a “tchitoka”. Estavam agrilhoados; os seus olhares exprimiam ao mesmo tempo o furor e a vergonha que os oprimia.

— O Sr. Dick Sand não está aqui — observou Bat, logo que percorreu com a vista a vasta praça de Kasonde.

— Não está — respondeu Acteon — , porque decerto o não vendem!

— Matá-lo-ão, se acaso não está já morto! — acrescentou o velho negro. — Pelo que nos diz respeito, só uma esperança nos resta: é a de sermos comprados pelo mesmo mercador. Teríamos ao menos a consolação de nos não separarmos.

— Ah!... Quando penso que meu pai pode ir para longe de mim trabalhar como escravo!... Ah! Meu pobre e velho pai! — exclamou Bat, soluçando.

— Não — disse Tom. — Não nos separarão, e talvez possamos...

— Se Hercule aqui estivesse... — murmurou Agostinho.

Mas o gigante não tornara a aparecer. Desde as notícias que teve Dick Sand, nunca mais se ouviu falar nem dele nem de Dingo. Seria a sua sorte digna de inveja? Era, decerto, porque, se Hercule havia sucumbido, ao menos não tinha arrastado, como eles, os grilhões da escravidão.

Começara a venda. Os agentes de Alves conduziam por entre a multidão lotes de homens, mulheres e crianças, sem cuidarem de saber se separavam as mães de suas crias. Não se poderão designar assim aqueles desgraçados, que eram tratados como animais? Tom e os seus companheiros foram assim conduzidos de compradores em compradores. Um agente caminhava adiante deles, apregoando o preço porque seria adjudicado o lote. Os corretores árabes ou mestiços das

províncias centrais vinham examiná-los. Não lhes encontravam os sinais peculiares à raça africana, sinais já modificados nestes americanos desde a segunda geração. Mas estes negros vigorosos e inteligentes, diferindo muito dos negros trazidos das margens do Zambeze ou do Lualaba, tinham para os compradores não pequeno valor. Apalpavam-nos, viravam-nos, examinavam-lhes os dentes, como se fossem cavalos. Depois atirava-se um pau para longe e obrigavam-nos a correr, para o apanharem, e julgavam assim da sua agilidade.

Era o método empregado por todos, e todos se submetiam a estas humilhantes provas. Não se julgue que aqueles desgraçados olhavam com indiferença para o modo como os tratavam. Não. Excetuando as crianças, que não podiam compreender o estado da degradação a que as reduziam, todos os mais, homens ou mulheres, se sentiam vexados. Não lhes poupavam injúrias nem chicotadas. Coimbra, meio embriagado, juntamente com os agentes de Alves, tratava-os com grande brutalidade, e nas mãos dos novos senhores, que os tinham comprado a troco de marfim, de fazendas ou de pérolas, não encontravam melhor acolhimento. Arrancados violentamente os filhos às mães, os maridos às mulheres, ou separados os irmãos, não lhes era permitido um derradeiro abraço ou um beijo sequer. No “lakoni” viam-se pela última vez.

As necessidades do comércio exigem que os escravos tenham destino diferente segundo o sexo a que pertencem. Os mercadores que compram os homens não compram mulheres.

Estas, em virtude da poligamia, que é lei entre os muçulmanos, são mandadas principalmente para as terras árabes, onde as trocam por marfim. Os homens, destinados para mais rudes trabalhos, vão para as feitorias da costa ocidental e oriental, e são dali

exportados para as colônias espanholas, ou para os mercados de Mescate e de Madagáscar. Esta escolha é a causa de cenas que despedaçam o coração, entre aqueles que os agentes separam e que decerto morrerão sem nunca mais se verem.

Tom e os seus companheiros deviam participar da sorte comum. Não a receavam, porém. Melhor era para eles, com efeito, que os exportassem para alguma colônia de escravos. Aí teriam ao menos alguma probabilidade de serem reclamados, ao passo que, pelo contrário, retidos numa província da África Central, perderiam a esperança de tornar a ser livres.

Aconteceu como desejavam. Tiveram até a quase inesperada consolação de não serem separados.

O seu lote foi muito disputado pelos mercadores de Ujiji. José António Alves batia as mãos de contentamento. Todos corriam a ver esses escravos de valor até então desconhecido no mercado de Kasonde, mas cuja procedência Alves teve o cuidado de ocultar. Tom e os seus companheiros, porque não sabiam a língua da terra em que estavam, não podiam protestar.

Foram comprados por rico traficante árabe, que dentro de poucos dias ia mandá-los para o lago Tanganica, onde se faz a maior passagem de escravos, e dali para as feitorias de Zanzibar.

Chegariam eles tão longe, caminhando através das mais insalubres e perigosas terras da África Central? Mil e quinhentas milhas a percorrer em tais condições, no meio de guerras frequentes, levantadas entre uns e outros potentados, e sob a ação de um clima mortífero! Teria o velho Tom bastante força para suportar tantos trabalhos? Não ficaria no caminho, como aconteceu a Nan?

Mas estes infelizes ao menos não estavam separados. Pareciam-lhes por isso menos pesadas as correntes que os prendiam. O traficante árabe fê-los

conduzir para um barracão especial. Evidentemente tinha cuidado na mercadoria, que lhe prometia bons lucros em Zanzibar.

Tom, Bat, Acteon e Agostinho saíram da praça e não viram, por isso, nem souberam da cena com que ia acabar o grande “lakoni” de Kasonde.

CAPÍTULO XI

UM PONCHE OFERECIDO Ao REI DE KASONDE

Eram quatro horas da tarde quando se ouviu um estrépito de tambores, timbales e outros instrumentos africanos, no extremo da rua principal. A animação aumentou então em todos os lugares do mercado. A gritaria e as lutas de tantas horas não tinham feito enrouquecer nem quebrado os braços e as pernas aos desesperados negociantes. Havia ainda para vender grande número de escravos; os traficantes disputavam os lotes com frenesi nunca visto na Bolsa de Londres nos dias de subida de fundos.

Mas, quando se ouviu a desafinada música, suspenderam-se as transações e os pregoeiros puderam, enfim, descansar das suas fadigas.

O rei de Kasonde, Moini Lunga, vinha honrar com a sua visita o grande “lakoni”. Séquito numeroso, formado pelas suas mulheres, altos dignitários, soldados e escravos, acompanhava o rei. Alves e outros traficantes vieram ao encontro do monarca, exagerando muito as zumbaias que lhe faziam e que mais particularmente agradavam àquele selvagem coroadado.

Moini Lunga vinha num palanquim, de que desceu no meio da grande praça, ajudado por algumas pessoas.

Tinha cinquenta anos, mas parecia ter oitenta; era como que um macaco decrépito e de idade avançada.

Na cabeça trazia uma espécie de tiara ornada com

garras de leopardo pintadas de encarnado e enfeitada com tufo de pêlo branco: era a coroa dos soberanos de Kasonde. Na cintura, dois saíotes de couro, bordados de pérolas, e mais encoscorados que um avental de ferreiro. No peito, grande número de desenhos, sinal da antiga nobreza do rei, e os quais, dando-se-lhes fé, mostravam que a genealogia de Moini Lunga se perdia na noite dos tempos. Nos artelhos, nos pulsos e nos braços de Sua Majestade, braceletes de cobre, engastados de “sofis”, e os pés metidos numas botas de lacaio com canhão amarelo, presente que lhe fizera Alves havia já vinte anos. Na mão direita uma grande bengala com castão de prata, na esquerda uma ventarola com o cabo enfeitado de missangas, no nariz a lente e os óculos de primo Bénédicte, que tinham sido encontrados na algibeira de Bat, e finalmente coberto por um velho chapéu de sol, tão cheio de remendos que parecia feito dos calções dos arlequins. Tal é o retrato fiel da majestade negra, que fazia tremer a província num perímetro de cem milhas.

Moini Lunga, porque ocupava um trono, pretendia ser de origem celeste; aqueles entre os seus súbditos que duvidassem seriam por ele mandados para o outro mundo, a fim de se certificarem. Dizia que não tinha necessidades mundanas. Se comia é porque queria, se bebia é porque isso lhe dava prazer. Contudo não havia quem bebesse mais. Os seus ministros e empregados, ébrios requintados, podiam dizer-se sóbrios quando comparados com ele. Era uma majestade alcoolizada no último grau e sempre embebida em licores fortes, em “pombe”, e principalmente numa qualidade de aguardente que Alves lhe fornecia com abundância.

Moini Lunga tinha no seu harém mulheres de todas as idades e condições. A maior parte delas acompanhavam-no nesta visita ao “lakoni”. Moina, a mais antiga, e à qual chamavam rainha, era uma megera de quarenta anos e de sangue real, como as suas

colegas.

Envergava uma espécie de blusa aos quadrados de cores vivas, uma saia feita de ervas tecidas e bordadas de missangas; tinha enfiadas de pérolas por toda a parte, trunfa recortada, fazendo como que uma moldura enorme à pequena cabeça, enfim, um monstro. As outras mulheres, primas ou irmãs do rei, ricamente vestidas, mas mais novas, caminhavam atrás dela, prontas, ao mais leve aceno do seu senhor, a servir de móveis humanos, que na verdade não são outra coisa aquelas desgraçadas. Se o rei quer sentar-se, curvam-se duas das suas mulheres e servem-lhe de cadeira, enquanto os reais pés descansam sobre outros corpos de mulheres como sobre um chão de ébano!

No séquito de Moini Lunga vinham os empregados, oficiais e mágicos, e saltava logo à vista que àqueles selvagens, que titubeavam diante do seu senhor, faltava uma parte qualquer do corpo: a uns uma orelha, a outros um olho, a este o nariz, àquele uma das mãos. Não havia um único que estivesse completo, porque em Kasonde aplicam-se duas espécies de castigo: a mutilação e a morte, segundo a vontade do rei. Pela mais pequena falta, uma amputação; e os mais castigados são aqueles a quem se tiram as orelhas, por ficarem privados do gosto de trazer brincos!

Os capitães dos quilolos, governadores dos distritos, hereditários ou nomeados por quatro anos, usavam como uniforme barretes de pele de zebra e coletes encarnados. Brandiam compridas bengalas de rota, untadas em uma das pontas com drogas mágicas.

Os soldados tinham por armas ofensivas e defensivas arcos enfeitados com franjas e em cuja madeira estava enrolada uma corda de sobresselente, facas afiadas como línguas de serpentes, lanças largas e compridas, escudos de madeira de palma guarnecidos de arabescos. O uniforme, porém, não custava

absolutamente nada ao tesouro de Sua Majestade.

Finalmente, na comitiva do rei vinham em último lugar os mágicos da corte e os músicos.

Os feiticeiros, “megangas”, são os médicos do reino. Dão aqueles selvagens grande fé aos ofícios adivinhatórios, aos encantos e aos feitiços — figuras de argila com malhas brancas e encarnadas, representando animais fantásticos ou pequenas estátuas de homens e de mulheres, feitas de madeira. Os mágicos, contudo, não estavam menos mutilados que os cortesãos, porque sem dúvida alguma o monarca lhes pagava com a mutilação as curas que não conseguiam fazer.

Os músicos, homens e mulheres, agitavam estrídulas matracas, faziam ressoar ruidosos tambores ou vibrar por meio de baquetas terminadas por bolas de cauchu as marimbas, feitas de duas ordens de cabeças de diversos tamanhos. O conjunto de todos estes sons era insuportável para quem não tivesse ouvidos africanos.

Sobre a multidão que compunha o séquito real tremulavam bandeiras e galhardetes, e em chuços, espetados, os crânios embranquecidos de alguns dos chefes rivais que Moini Lunga vencera.

Logo que o rei desceu do palanquim, romperam de todos os lados as aclamações. Os guardas das caravanas descarregavam para o ar as espingardas, cujas fraquíssimas detonações não se podiam ouvir, tal era a algazarra que fazia a multidão. Os condutores, “halvidares”, depois de terem pintado a negra cara com cinábrio em pó, que traziam num saco, prostraram-se. Depois Alves, dirigindo-se para o rei, entregou-lhe uma porção de tabaco — erva mitigativa — como lhe chamam na região; e tinha Moini Lunga grande necessidade de alguma coisa que o acalmasse, porque estava, sem se saber a razão, de muito mau humor.

Ao mesmo tempo que Alves, foram Coimbra, Ibn

Hamis e os traficantes árabes ou mestiços cumprimentar o poderoso soberano de Kasonde. “Marhaba”, diziam os árabes, palavra que na sua língua da África Central quer dizer — bem-vindo — ; outros batiam com as mãos e curvavam-se até ao chão; alguns enlambuzavam-se com lodo, e davam à horrenda majestade todas as provas do mais baixo servilismo.

Moini Lunga mal via toda aquela gente e caminhava abrindo as pernas, como se o terreno balanceasse como um barco. Andou assim, ou antes cambaleou, entre os lotes de escravos, e se os traficantes receavam que ele tivesse a fantasia de tomar para si alguns dos cativos, estes não temiam menos de cair em poder de semelhante bruto.

Negoro não deixava Alves um momento, e junto a ele apresentava os seus respeitosos cumprimentos ao rei. Conversavam na língua indígena, se a palavra “conversar” pode ser empregada para dar ideia de um diálogo no qual Moini Lunga só tomava parte empregando monossílabos, que a muito custo saíam dos seus lábios avinhados, e ainda assim era para pedir ao seu amigo Alves que lhe renovasse a provisão de aguardente que se gastara em grandes libações.

— Bem-vindo seja o rei Moini Lunga à feira de Kasonde! — dizia o mercador de escravos.

— Tenho sede — respondia o monarca.

— Terá o rei a sua parte nos negócios do grande “lakoni” — acrescentava Alves.

— Dá-me de beber — insistia Moini Lunga.

— O meu amigo Negoro está satisfeitíssimo por tornar a ver o rei de Kasonde depois de tão grande ausência.

— Quero beber — repetia o bebedor, que exalava de toda a sua pessoa desagradável cheiro a álcool.

— Pois bem, terá ponche e hidromel — afirmou José António Alves, como quem percebia bem aonde Moini

Lunga queria chegar.

— Não... não — atalhou o rei. — Quero aguardente, Alves, e por cada gota darei...

— Uma gota de sangue de um branco — propôs Negoro depois de ter feito a Alves um sinal, que ele entendeu e aprovou.

— Um branco!... Matar um branco! — replicou Moini Lunga, cujos instintos ferozes se despertaram com a proposta do ex-cozinheiro.

— Um agente de Alves foi morto por um branco — continuou Negoro.

— É verdade, foi o meu agente Harris — informou o traficante de escravos —, e a sua morte requer vingança.

- — Pois bem; mandem esse branco ao rei Massongo no Alto Zaire, do reino dos Assuas. Vão cortá-lo em pedaços e comê-lo vivo! Ainda não se esqueceram do gosto que tem a carne humana! — declarou Moini Lunga.

Era, com efeito, Massongo o rei de uma tribo de antropófagos. Em algumas províncias da África Central o canibalismo é usado ainda. Refere-o Livingstone nos seus apontamentos de viagem. Nas margens do Lualaba, os Manyemas comem não só os homens mortos na guerra, mas até compram escravos para devorar, e dizem que a carne humana é ligeiramente salgada e exige pouco condimento! Cameron encontrou canibais em Moéné Bougga, onde comem os cadáveres depois de os terem amolecido em água corrente. Stanley viu igualmente entre os habitantes de Ukussu a antropofagia, evidentemente generalizada entre as tribos do centro. Mas por muito cruel que fosse o gênero de morte proposto pelo rei para Dick Sand, não convinha ele a Negoro, que não desejava perder de vista a sua vítima.

— Foi aqui — explicou ele — que o branco matou o nosso camarada Harris.

— É aqui que ele deve morrer — acrescentou Alves.

— Morrerá onde quiseres, Alves — respondeu Moini

Lunga —; mas gota de aguardente por gota de sangue!...
— Decerto — concordou o traficante de escravos. —
Hoje vereis que bem merece ela tal nome. Fá-la-emos
deitar chamas! José António Alves oferecerá um ponche
ao rei Moini Lunga!...

O borrachão bateu nas mãos do seu amigo Alves.
Estava louco de alegria. As concubinas e os cortesãos
participavam do delírio do seu senhor. Nunca tinham
visto a aguardente em chamas, e contavam bebê-la
nesse estado. Demais a mais à sede de álcool juntava-se
a sede do sangue, igualmente imperiosa entre os
selvagens.

Pobre Dick Sand, que horrível suplício o esperava!
Quando se pensa nos efeitos terríveis ou ridículos da
embriaguez nos países civilizados, compreende-se a que
excessos pode ela levar gente bárbara.

Acredita-se facilmente que o pensamento de
torturar um branco não podia desagradar nem aos
indígenas nem a José António Alves, negro como eles,
nem a Coimbra, mestiço de sangue negro, nem
finalmente a Negoro, animado como estava de ódio feroz
contra a gente da sua cor.

Veio a noite, noite sem crepúsculo, hora propícia
para se verem as chamas do álcool.

Fora na verdade magnífica ideia que Alves tivera de
oferecer um ponche à negra majestade e de lhe fazer
saborear a aguardente sob outra forma. Moini Lunga
começara a achar que a aguardente não justificava
bastante o seu nome. Talvez que chamejante excitasse
mais agradavelmente as papilas já insensíveis da sua
língua! O programa da noite era, por conseguinte, um
ponche primeiro, um suplício depois.

Dick Sand, rigorosamente encerrado na escura
prisão, só devia sair dela para morrer. Os escravos,
vendidos ou não, tinham sido reenviados para os
respectivos barracões. Na “tchitoka” estavam apenas os

traficantes, os condutores e os soldados, prontos para provar do ponche, se o rei e a sua corte os deixassem.

José António Alves, por conselho de Negoro, dispôs tudo bem.

Trouxeram uma larga bacia de cobre, em que podiam caber cem canadas de líquido, e a qual foi colocada no meio da grande praça. Despejaram-se na bacia alguns barris de álcool de inferior qualidade, mas muito forte. Não se poupou a canela, pimenta e outros ingredientes que pudessem tornar ainda mais forte este ponche feito para selvagens.

Todos haviam cercado o rei. Moini Lunga dirigiu-se cambaleando para a poncheira. Dir-se-ia que aquela tina de aguardente o fascinava e que ia precipitar-se nela.

Alves, porém, reteve-o e deu-lhe para a mão uma mecha acesa.

— Fogo! — exclamou ele, fazendo semblante de fingida satisfação.

— Fogo! — repetiu Moini Lunga, agitando o líquido com a extremidade inflamada da mecha.

Que facho e que efeito quando as chamas azuladas flutuaram na superfície da bacia! Alves, para sem dúvida fazer o álcool ainda mais acre, tinha-lhe misturado alguns punhados de sal marinho. As faces dos assistentes tomaram então a lividez dos espectros que a imaginação dá aos fantasmas. Aqueles negros, já ébrios, começavam a gritar, a gesticular e, agarrando nas mãos uns dos outros, dançavam à roda do rei de Kasonde.

Alves, com uma enorme colher, remexia o líquido, que lançava grandes mas pálidos clarões sobre aqueles macacos delirantes.

Moini Lunga avançou. Tirou a colher das mãos de Alves, mergulhou-a na bacia e, retirando-a cheia de ponche a arder, chegou-a aos beiços.

Grito terrível foi o que então deu o rei de Kasonde!
Produzira-se um fenómeno de combustão

espontânea. Pegara fogo no rei como em petróleo! Mas este fogo, que desenvolvia pouco calor, consumia bastante.

À vista de tal espetáculo, a dança dos indígenas parou. Um dos ministros de Moini Lunga precipitou-se sobre o seu soberano para lhe apagar o fogo; mas, porque não estava menos alcoolizado do que o seu senhor, começou também a arder.

Toda a corte de Moini Lunga corria grande risco de se incendiar! Alves e Negoro não sabiam como socorrer Sua Majestade. As mulheres, cheias de espanto, tinham fugido. Coimbra, porque conhecia bem a sua natureza combustível, retirou-se depressa.

O rei e o ministro, que tinham caído, rolavam no chão, sofrendo horrivelmente.

Nos corpos tão profundamente alcoolizados, a combustão produz apenas uma tênue chama azulada, que a água não pode extinguir. Abafada que estivesse no exterior, continuaria interiormente. Quando os licores têm penetrado em todos os tecidos, não há meio de fazer parar a combustão.

Instantes depois, Moini Lunga e o seu ministro tinham sucumbido, mas ardiam ainda, e não tardou muito que no lugar em que ambos caíram se vissem apenas alguns restos carbonizados, um ou dois pedaços da coluna vertebral, dedos das mãos e dos pés, que o fogo não consome no caso da combustão espontânea, mas que cobre com uma espécie de ferrugem infecta e nauseabunda.

Era quanto restava do rei de Kasonde e do seu ministro!

CAPÍTULO XII

UM ENTERRO REAL

No dia seguinte, 29 de Maio, a grande sanzala de Kasonde apresentava extraordinário aspecto. Os indígenas, aterrados, não saíam das cubatas. Nunca tinham visto um rei, que pretendia ser de origem divina, nem sequer um simples ministro, sucumbir de tão horrível morte. Já tinham queimado alguns dos seus semelhantes, e os mais idosos não podiam esquecer certos preparativos culinários que se relacionavam com o canibalismo. Sabiam, pois, com que dificuldade se opera a incineração dos corpos humanos, e contudo o rei e o seu ministro haviam ardido rapidamente! Parecia-lhes, e devia parecer-lhes com efeito, que isto era um acontecimento inexplicável.

José António Alves conservava-se em casa, sem nada dizer. Temia que o fizessem responsável pelo fatal acidente. Negoro fez-lhe compreender a razão daquele acontecimento e advertiu-o para que tivesse cuidado. Lançar à sua conta a morte de Moini Lunga seria um mau negócio, do qual não se sairia bem sem grande custo.

Teve, porém, Negoro uma boa ideia. Por diligências suas, Alves fez espalhar a notícia de que a morte do soberano de Kasonde fora sobrenatural, imorte que o grande Manitu reservava unicamente para os seus escolhidos, e os indígenas, sempre propensos para a superstição, aceitaram sem repugnância este embuste. O fogo que saía do corpo do rei e do seu ministro era o fogo sagrado. Restava pois honrar Moini Lunga, fazendo-lhe um enterro digno de um homem elevado até à ordem dos deuses.

O funeral, com todas as cerimônias que o acompanhavam, entre as tribos africanas, dava boa

ocasião a Negoro para fazer com que Dick Sand desempenhasse nele um papel.

Não se acreditaria facilmente quanto sangue ia custar a morte do rei Moini Lunga se os viajantes da África Central, e entre outros o tenente Cameron, não tivessem relatado certos fatos de que não é lícito duvidar.

A herdeira natural do rei de Kasonde era a rainha Moina. Procedendo, sem demora, às cerimônias, fazia ato de autoridade soberana e podia assim afastar os competidores, entre os quais estava o rei de Ukusu, que tentava usurpar os direitos dos soberanos de Kasonde. Além disto, Moina, porque era proclamada rainha, não teria a sorte cruel reservada para as outras mulheres do defunto, e, ao mesmo tempo, livrava-se das mais novas, de quem ela, primeira em data, tinha com certeza motivos para se lastimar. Este resultado convinha particularmente ao temperamento feroz da megera. Fez pois anunciar, ao som de chavelhos de “codu” e de marimbas, que o funeral do defunto rei se realizaria na tarde do dia seguinte com todas as cerimônias do estilo.

Não houve um único protesto, nem da gente da corte, nem dos indígenas. Alves e outros traficantes de escravos nada tinham a recear pela exaltação da rainha Moina. Com alguns presentes e lisonjas facilmente a submeteriam à sua influência. A herança real transmitia-se, pois, sem dificuldades. Só no harém houve terror, e não foi sem razão.

No mesmo dia, deu-se princípio aos trabalhos preparatórios do funeral. Na extremidade da rua principal de Kasonde corria uma ribeira profunda e torrencial: era um afluente do rio Cuango. Tratou-se de desviar o curso da ribeira, a fim de lhe descobrir o leito, para nele se cavar a sepultura do rei. Depois do enterro, a ribeira tornaria a seguir o seu antigo curso.

Os indígenas construíram uma espécie de dique,

que obrigou a ribeira a formar um leito provisório, atravessando a planície de Kasonde. No fim da fúnebre cerimônia, romper-se-ia o dique, e a torrente retomaria o seu antigo caminho.

Negoro destinava Dick Sand para complemento do número de vítimas que deviam ser sacrificadas sobre a sepultura do rei. Vira o ímpeto de cólera do jovem prático quando Harris lhe notificou a morte de Mrs. Wel-don e de Jack. Negoro, que era mau, mas covarde, não se expôs a ter a mesma sorte que o seu cúmplice. Agora, porém, em presença de um prisioneiro bem amarrado de pés e mãos, supôs que nada tinha a recear, e resolveu ir visitá-lo. Era Negoro um desses miseráveis que se não contentam só com as torturas das suas vítimas. Querem o gozo de as ver sofrer.

Foi, pois, pelo meio-dia ao barracão onde Dick Sand estava guardado à vista; ali, rigorosamente amarrado, jazia o prático, quase privado de alimentos, havia vinte e quatro horas, enfraquecido pelas privações passadas, torturado pelas cordas que lhe apertavam as carnes, podendo apenas voltar-se, mas aguardando a morte, por mais cruel que fosse, como o fim de tantos sofrimentos.

Contudo, vendo Negoro, sobressaltou-se. Fez um esforço instintivo para quebrar os nós que o impediam de se lançar sobre aquele miserável e vingar-se dele; mas nem Hercule seria capaz de os quebrar. Compreendeu que um outro gênero de luta se ia travar entre ambos e, armado de paciência, Dick Sand limitou-se a olhar para Negoro, fitamente, decidido a não lhe dar a honra de uma resposta, dissesse ele o que dissesse.

— Julguei do meu dever — disse Negoro, para dar princípio à conversação — vir cumprimentar ainda mais esta vez o meu jovem comandante, e dizer quanto sinto que não governe aqui como governava a bordo do “Pilgrim”.

Mas vendo que Dick Sand não respondia,

continuou: — O que ocorrerá no caso de que não conheça o seu antigo cozinheiro, capitão? Saiba que venho receber as suas ordens, e perguntar-lhe o que quer almoçar.

Ao mesmo tempo Negoro empurrava brutalmente com o pé o jovem prático, que estava estendido no chão.

— Tenho também — acrescentou Negoro — uma pergunta a fazer-lhe, meu jovem capitão. Poderá, finalmente, explicar-me como foi que, querendo ir para a costa da América, veio parar à costa de Angola?

Dick Sand não carecia das palavras de Negoro para compreender o que já tinha adivinhado, quando reconheceu que a agulha do “Pilgrim” fora desviada por aquele malvado. A pergunta de Negoro equivalia a uma confissão. Dick Sand respondeu-lhe com desdenhoso silêncio.

— Deve confessar, capitão, que foi uma felicidade ter encontrado a bordo um marinheiro como o que encontrou. Onde estaríamos agora se não fosse ele! Em vez de morrer sobre os escolhos para onde o atirasse o temporal, o capitão chegou, por favor dele, a porto de salvamento, e, se a alguém deve o estar em lugar seguro, é a esse marinheiro, que o meu capitão teve o mau gosto de desprezar.

Falando desta maneira, Negoro, cujo sossego aparente era o resultado de imenso esforço, chegara por tal modo a cara a Dick Sand, e tão feroz estava que parecia até querer devorá-lo. O furor daquele patife não se podia reprimir por mais tempo.

— A cada um a sua vez! — exclamou ele repentinamente, no paroxismo de violenta agitação, que mais lhe excitava a passividade da sua vítima. — Hoje sou eu o comandante, sou eu o senhor! A tua carreira e a tua vida estão nas minhas mãos!

— Pois dispõe dela — respondeu-lhe Dick Sand, sem se alterar. — Fica sabendo, porém, que há no céu um

Deus que castiga todos os crimes, e a tua punição não tarda!

— Se Deus se ocupa dos homens, é tempo que pense em ti.

— Estou pronto para aparecer ante o Supremo Juiz — retorquiu friamente Dick Sand. — Não temo a morte.

— Isso veremos! — gritou Negoro. — Contas talvez com algum socorro! Socorro em Kasonde, onde Alves e eu somos poderosos. Estás louco! Imaginas talvez que os teus companheiros ainda aqui estão, o velho Tom e os outros! Desengana-te! Há muito tempo que foram vendidos e que partiram para Zanzibar. Muito felizes serão se não morrerem por esses caminhos!

— Deus tem muitos meios de administrar a sua justiça — replicou Dick Sand. — O menor instrumento lhe basta. Hercule está livre.

— Hercule! — exclamou Negoro, batendo com o pé no chão. — Esse há muito que morreu às garras dos leões e das panteras, e só lastimo que as feras tivessem adiantado a minha vingança.

— Se Hercule morreu —olveu-lhe Dick Sand —, Dingo vive ainda. Um cão como Dingo é de mais para matar um homem da tua casta. Conheço-te bem, Negoro, não és valente. Dingo procura-te, há de achar-te, e então morrerás despedaçado por ele.

— Maldito! — exclamou, cheio de desespero, o ex-cozinheiro. — Maldito! Dingo morreu com um tiro que lhe disparei! Está morto como Mrs. Weldon e o seu filho, e como hão de morrer todos os náufragos do “Pilgrim”!...

— E como tu morrerás também, não tardará muito tempo! — respondeu Dick Sand, cujo olhar tranquilo fazia empalidecer Negoro.

Este, fora de si, esteve quase a passar das palavras às ações e a estrangular por suas próprias mãos o seu prisioneiro desarmado. Tinha-se lançado sobre ele e sacudia-o enraivecido. Repentina reflexão, porém, o fez

parar. Compreendeu que ia matar a sua vítima, que tudo acabaria ali, e que por tal modo lhe poupava vinte e quatro horas de torturas que lhe havia preparado. Levantou-se, disse algumas palavras ao guarda, que ficara impassível, e, recomendando-lhe que vigiasse bem o prisioneiro, saiu do barracão.

Em vez de o abater, esta cena fez recuperar a Dick Sand toda a força moral, de cuja influência se ressentiu a sua energia física. Negoro, agarrando-se a ele desesperadamente, teria de algum modo alargado as cordas que até então lhe impossibilitavam qualquer movimento? É provável, porque Dick Sand percebeu que os seus membros se moviam melhor do que antes da chegada do seu algoz. O jovem prático, sentindo-se aliviado, pensou que talvez fosse possível soltar os braços sem grandes esforços. Encerrado como estava numa prisão, seria sem dúvida um incômodo, um suplício de menos, mas há momentos na existência em que o menor bem-estar tem grande valor.

Dick Sand nada esperava. Nenhum socorro humano lhe podia vir senão de fora; mas de onde? Estava, pois, resignado. Não lhe interessava viver. Pensava naqueles que haviam morrido antes dele e só aspirava a encontrá-los na outra vida. Negoro repetia-lhe o que Harris já lhe havia dito: isto é, que Mrs. Weldon e Jack tinham sucumbido. Era verosímil que Hercule, exposto a tantos perigos, tivesse sofrido morte cruel! Tom e os seus companheiros estavam já longe, e era crível que para sempre perdidos para Dick Sand. Esperar outra coisa que não fosse o fim dos seus sofrimentos, pela morte que não lhe podia ser mais terrível do que lhe era a vida, seria grande loucura. Preparava-se, pois, para morrer, entregando-se a Deus e rogando-lhe que lhe desse coragem para chegar ao fim dos seus tormentos sem fraquejar. É grande e inefável o prazer que se sente em pensar em Deus. Não é em vão que se eleva a alma

Àquele que tudo pode; e, quando Dick Sand acabou a sua súplica, percebeu que, se fosse possível penetrar até ao mais fundo do seu coração, ver-se-ia talvez um tênue raio de esperança, que a um sopro divino podia transformar-se em brilhante luz.

Decorreram horas. Veio a noite. Os raios do dia, que se filtravam através do colmo do barracão, foram-se pouco a pouco enfraquecendo e apagando. Os últimos ruídos da “tchitoka”, que durante aquele dia estivera mais silenciosa, depois do horroroso alarido da véspera, extinguiram-se também. Havia profunda obscuridade no interior da acanhada prisão. Dentro de pouco tempo tudo repousaria na sanzala de Kasonde.

Dick Sand dormiu um pequeno sono reparador, que durou duas horas. Depois acordou refeito. Conseguiu desprender um dos braços, já um pouco inchado, e sentiu enorme prazer em o estender e encolher à vontade.

A noite devia estar em meio. O guarda dormia profundamente, devido a uma garrafa de aguardente, cujo gargalo segurava ainda. O selvagem tinha-a bebido até à última gota. Dick Sand lembrou-se então de se apoderar das armas do seu carcereiro, as quais lhe podiam ser de grande auxílio dado o caso de evasão; mas, quando assim pensava, julgou ouvir esgaravatar levemente na parte inferior da porta do barracão. Com a ajuda do braço que tinha livre conseguiu arrastar-se até ao umbral, sem que o guarda acordasse.

Dick Sand não se enganara: continuava o mesmo ruído, mas mais distintamente. Parecia que da parte de fora escavavam o terreno por debaixo da porta.

“Hercule! Se fosse Hercule!”, pensou o jovem prático, e os seus olhos fixaram-se sobre o guarda: estava imóvel, dormia profundamente. Dick Sand, aproximando a boca do limiar da porta, atreveu-se a murmurar o nome de Hercule. Um gemido, como um

latido abafado e lamentoso, foi a resposta que teve.

“Não é Hercule”, disse consigo mesmo Dick Sand, “é Dingo! Pressentiu-me neste barracão! Dar-se-á o caso que traga algum bilhete de Hercule? Mas se Dingo não morreu, mentiu Negoro, e talvez que...”

Neste momento passou por debaixo da porta uma pata de cão. Dick agarrou-a e reconheceu que era de Dingo. Mas se ele tivesse um bilhete, só ao pescoço o devia ter. Como faria? Seria possível aumentar o buraco para que pudesse passar a cabeça de Dingo? Fosse como fosse, convinha experimentar.

Mas apenas Dick Sand começou a escavar a terra com as mãos ouviram-se na praça latidos que não eram de Dingo. O fiel animal fora descoberto pelos cães indígenas e teve sem dúvida de fugir. Estrondearam no ar algumas detonações. O guarda estava meio acordado. Dick Sand, não podendo já pensar em se evadir, porque o sinal de alarme estava dado, voltou novamente para o seu canto, e, depois de crudelíssima espera, viu, finalmente, brilhar o dia, que para ele devia ser o último.

Durante todo este dia a sepultura cavava-se com grande atividade. Muitos indígenas trabalhavam nela sob a direção do primeiro-ministro da rainha Moina. Devia estar tudo pronto para a hora marcada, sob pena de mutilação, porque a nova soberana prometia seguir, ponto por ponto, todos os métodos do defunto rei.

Foram desviadas as águas do ribeiro, e foi no seu leito, completamente seco, que a grande cova se abriu. Tinha dez pés de profundidade, sobre cinquenta de comprido e dez de largura.

Pelo fim do dia começaram a juncar-lhe o fundo e a revestir-lhe as paredes com mulheres vivas, escolhidas entre as escravas de Moini Lunga. Habitualmente, estas escravas são enterradas vivas. Mäs, em razão da extraordinária e quase milagrosa morte de Moini Lunga, decidiu-se que elas morressem afogadas juntas ao corpo

do seu senhor(1).

**1. Não se imagina o que são estas horríveis hecatombes nas tribos do centro da África quando se trata de honrar dignamente a memória de um poderoso chefe. Cameron refere que mais de cem vítimas foram sacrificadas no funeral do rei de Kasonde.*

É também de uso que o rei defunto, antes de ser metido na sepultura, seja vestido com o seu mais rico vestuário. Mas desta vez, porque da real pessoa apenas restavam alguns ossos calcinados, era mister proceder de outro modo. Fez-se um manequim, que representava suficientemente, e talvez com vantagem, Moini Lunga, e meteram-se-lhe dentro os restos que o fogo poupou. Revestiu-se depois com o fato real, o espólio, que, como se sabe, nada valia, e puseram-se-lhe, como ornamento, os óculos de primo Bénédict. Havia nesta máscara alguma coisa de cômico e de horrendo.

A cerimônia devia fazer-se à luz dos archotes e com grande aparato. A ela devia assistir toda a população de Kasonde, indígena ou não.

Assim que veio a noite, um longo cortejo desceu pela rua principal, desde a “tchitoka” até ao lugar onde estava cavada a sepultura. Gritos, danças fúnebres, feitiços dos mágicos, bulha de instrumentos, detonações de velhos mosquetes, nada faltava.

José António Alves, Coimbra, Negoro, os traficantes árabes como os seus condutores, engrossavam as alas de povo de Kasonde. Ninguém deixara ainda o grande “lakoni”. Não o permitira a rainha Moina, e não seria prudente infringir as ordens daquela que começava a exercer o papel de soberana.

O corpo do rei, deitado num palanquim, ia no fim do cortejo, rodeado pelas suas concubinas de segunda categoria, algumas das quais o acompanhariam para além da vida. A rainha Moina, vestida de gala, caminhava atrás do que se pode talvez chamar esquife. Era noite

escura quando chegaram às margens da ribeira, mas os brandões de resina, agitados por aqueles que os levavam, Rançavam sobre a multidão sinistros clarões.

Viu-se então distintamente a cova. Estava alcatifada com corpos de negras ainda vivas, porque se Viam mexer sob as cadeias que as prendiam ao solo. Cinquenta escravas aguardavam ali que a torrente voltasse para o seu antigo leito, correndo sobre elas. A maior parte eram novas e, se umas estavam resignadas e mudas, outras soltavam gemidos.

As concubinas do rei que deviam perecer, ornadas como se fossem para uma festa, tinham sido escolhidas pela própria rainha.

Uma das vítimas, a que usava o título de segunda mulher, curvou-se sobre as mãos e joelhos, para servir de cadeira real, assim como fazia durante a vida do monarca; a terceira esposa sustentou o manequim, enquanto a quarta se deitava aos pés em guisa de almofada.

Em frente do manequim, na extremidade da vala, saía da terra um poste pintado de encarnado. Nele estava um branco, que se ia também contar entre as vítimas daquela ostracíssima cerimônia.

Era Dick Sand. No seu corpo, meio nu, viam-se os sinais das torturas que lhe haviam sido infligidas por ordem de Negoro. Ligado ao poste, esperava a morte como quem só na outra vida tem esperança!...

Não chegara, porém, ainda o momento em que se devia romper o dique.

A um sinal da rainha, a quarta esposa, a que estava deitada aos pés do rei, foi degolada pelo carrasco de Kasonde, e o sangue da vítima correu na cova. Foi o princípio de uma horrorosa cena de carnificina. Cinquenta escravas caíram sob os cutelos dos executores; no leito do ribeiro correram ondas de sangue.

Durante meia hora os gritos das vítimas

confundiram-se com as vociferações da multidão, e em vão se procuraria entre aquela gente um sentimento de indignação ou de pena.

Finalmente, a rainha Moina fez um aceno, e a barreira que retinha as águas superiores começou a abrir-se pouco a pouco. Com requintada maldade, deixaram filtrar a corrente, em vez de a precipitar por meio de uma grande ruptura. A morte lenta em vez da morte rápida.

A água cobriu primeiramente o tapete de escravas que enchiam o fundo da sepultura. Viram-se as horríveis oscilações daquela gente ainda viva, lutando contra a asfixia. Viu-se também Dick Sand, submerso até aos joelhos, tentar um derradeiro esforço para quebrar as correntes que o prendiam.

Mas a água subia, subia sempre. As últimas cabeças escondeu-as a torrente, que retomava o seu antigo curso, e já não havia sinal de que no fundo daquela ribeira se cavara uma vala onde cem vítimas tinham perecido em honra do rei de Kasonde.

A pena se recusaria a traçar tais quadros se o amor pela verdade não impusesse o dever de descrevê-los com toda a sua execrada realidade. A humanidade está ainda, naquelas tristes regiões, como a pintamos. Convém que todos o saibam.

CAPÍTULO XIII

O INTERIOR DE UMA FEITORIA

Harris e Negoro tinham mentido quando disseram que Mrs. Weldon e Jack estavam mortos. Ela, Jack e primo Bénédicte achavam-se então em Kasonde.

Depois do assalto ao formigueiro, foram levados para além do acampamento do Cuanza por Harris e Negoro, acompanhados por doze guardas indígenas.

Um palanquim (“kitanda”), então em uso, serviu para transportar Mrs. Weldon e o pequenino Jack. Porque eram tantos os cuidados da parte de um homem como Negoro?

Mrs. Weldon não se atrevia a explicá-los.

Rapidamente e sem fadiga se fez a jornada desde o Cuanza até Kasonde. Primo Bénédicte, a quem as desgraças não pareciam abalar, caminhava bem. Como o deixavam ver à vontade, para um e outro lado, não se queixava. O pequeno rancho chegou, pois, a Kasonde, oito dias antes da caravana de Ibn Hamis. Mrs. Weldon, com o filho e primo Bénédicte, foi recolhida na feitoria de Alves.

Jack estava muito melhor. Logo que saiu da região pantanosa, onde fora atacado pelas febres, foi o seu estado pouco a pouco melhorando, e estava bem. Nem ele nem sua mãe teriam podido suportar as fadigas da caravana. Nas condições, porém, em que fizeram a última jornada, durante a qual não lhes recusaram um certo número de cuidados, o seu estado era satisfatório, pelo menos considerado fisicamente.

Dos seus companheiros não teve Mrs. Weldon notícias. Depois de ter visto Hercule, fugindo, embrenhar-se pela floresta, nunca mais soube dele. Pelo que respeita a Dick Sand, esperava, porque Harris e Negoro não estavam com ele, que a sua qualidade de homem branco lhe evitaria maus tratamentos. Nan, Tom, Bat, Agostinho e Acteon, por serem negros, era crível que como tais fossem tratados! Pobre gente, que bom lhe fora nunca ter pisado aquela terra da África, onde a traição os lançara!

Quando a caravana de Ibn Hamis chegou a Kasonde, Mrs. Weldon, porque estava incomunicável, nada pôde saber.

Os ruídos do “lakoni” em nada a instruíram. Soube apenas que Tom e os seus camaradas tinham sido vendidos a um traficante de Ujiji e que brevemente partiriam. Não teve, porém, conhecimento, nem do suplício de Harris, nem da morte do rei Moini Lunga, nem das cerimônias do régio funeral, que haviam juntado Dick Sand ao número das vítimas.

A desgraçada senhora achava-se, pois, só em Kasonde, à mercê dos negreiros e em poder de Negoro. Para lhes escapar não podia, sequer, pensar na morte, porque tinha consigo o filho!

Mrs. Weldon ignorava completamente a sorte que a esperava. Durante o tempo da jornada do Cuanza a Kasonde, nem Harris nem Negoro falaram com ela.

Depois da chegada nunca mais os tornara a ver, e não podia ela sair do cercado que fechava a feitoria do rico negreiro.

Será necessário dizer que Mrs. Weldon não teve auxílio de espécie alguma de primo Bénédict? É fácil supor-se que não teve.

Logo que o digno sábio soube que não estava no continente americano, como julgava, não se inquietou em investigar a razão de tal acontecimento. Não pensou

nisso!

O seu primeiro sentimento foi de despeito. E, com efeito, os insetos que imaginou ter sido o primeiro a ver na América, as tsé-tsé, e muitos outros, eram simplesmente hexápodes africanos, que muitos naturalistas antes dele haviam já descoberto nos lugares donde tais insetos são oriundos.

Adeus, pois, sonhada glória de ligar o nome a tão grandes descobertas! Que poderia haver de maravilhoso no que fizera primo Bénédic: classificar insetos africanos, estando na África?

Mas, passado o primeiro ímpeto de despeito, primo Bénédic a si mesmo disse que a “Terra dos Faraós” — teimava ele em lhe chamar assim — possuía incomparáveis riquezas entomológicas, e que por não estar na “Terra dos Incas” não perdera com a troca.

— Ah! — repetia ele a si mesmo e a Mrs. Weldon, que o -não ouvia. — É a pátria das manticoras, coleópteros de pernas compridas e aveludadas, clitos ligados e cortantes, grandes mandíbulas, e a mais notável das quais é a manticora tuberculosa! É o país dos colosonos de pontas douradas — auropunctatus; dos cetonirs polyphemas da Guiné e do Gabão, cujas pernas são guarnecidas de serras; das anthias mosqueadas, que põem os ovos nas cascas dos caracóis; dos ateuchgus sagrados, que os habitantes do Alto Egipto veneravam como deuses. É daqui que são oriundas as acherontes atropos, já tão espalhadas por toda a Europa, e essas Idias Bigoti, cuja mordedura é muito temida pelos naturais da costa do Senegal. Há aqui, sem dúvida, importantes achados que fazer, e fá-los-ei eu se esta “boa gente” me deixar.

Sabe-se quem era a “boa gente” de quem primo Bénédic não achava motivo de se queixar. Como ficou dito, o entomologista gozara na companhia de Negro e de Harris de certa liberdade, que lhe não fora consentida

por Dick Sand, durante a viagem desde a costa até ao Cuanza. O ingênuo sábio estava, pois, muito grato por tal condescendência.

Enfim, primo Bénédict teria sido o mais feliz dos entomologistas se não fosse a perda que tivera, para ele tão sensível. Conservava a caixa de folha, mas os óculos já lhe não pousavam no nariz, nem a lente lhe pendia do pescoço!

Ora, um naturalista, sem lente e sem óculos, não se compreende. Mas primo Bénédict não tornaria a ver estes dois aparelhos de óptica, porque ambos haviam sido enterrados com o real manequim.

Assim, pois, quando apanhava algum inseto, era obrigado a metê-lo pelos olhos, para lhe distinguir as particularidades mais elementares. Ah! Era isto motivo de grande amargura para primo Bénédict, que por bom preço teria pago um par de óculos, se este artigo se encontrasse à venda nos mercados de Kasonde. Apesar de tudo, porém, primo Bénédict podia andar livremente na feitoria de José António Alves. Sabiam que ele era incapaz de tentar fugir. Demais a mais, uma estacada alta separava a feitoria do resto da sanzala, estacada que não era fácil de saltar.

Mas este bem seguro cerrado não tinha menos de uma milha de circunferência. Árvores e arbustos de espécies peculiares da África, ervas altas, alguns delgados cursos de água, o colmo dos barracões e das cubatas, era quanto bastava para conter os raros insetos do continente e fazer, se não a riqueza, pelo menos a felicidade de primo Bénédict. Efetivamente descobriu alguns hexápodes, e esteve quase perdendo a vista por ter querido estudá-los sem óculos, mas conseguiu, enfim, aumentar a sua preciosa coleção e lançar os fundamentos de uma grande obra sobre a entomologia africana. Quisesse a sua boa estrela que ele descobrisse um inseto, a que ligasse o seu nome, e nada mais

ambicionaria neste mundo.

Se a feitoria de Alves era suficientemente espaçosa para as excursões científicas de primo Bénédicte, parecia imensa ao pequeno Jack, que podia correr por ela à vontade.

Mas a pobre criancinha procurava pouco os brinquedos tão naturais na sua idade.

Raras vezes deixava a mãe, que não gostava de o deixar só, receando sempre alguma desgraça. Jack falava frequentes vezes de seu pai, que de longa data não via! Pedia que o levassem para junto dele. Perguntava por todos, pela velha Nan, pelo seu amigo Hercule, por Bat, Agostinho, Acteon e por Dingo, que parecia tê-lo também abandonado. Queria ver o seu camarada Dick Sand. A sua tenra imaginação vivia apenas destas recordações. Às perguntas de Jack, Mrs. Weldon respondia abraçando o filho e cobrindo-o de beijos. Tudo o que podia fazer era não chorar diante dele!

Contudo, Mrs. Weldon não deixava de notar que, se os maus tratamentos lhe tinham sido poupados durante a viagem do Cuanza até ali, nada indicava que na feitoria de Alves mudassem de conduta a seu respeito. Aqui, só havia os escravos ocupados no serviço do negreiro. Todos os mais, os que eram objeto de comércio, tinham sido metidos nos barracões da “tchitoka” e vendidos depois aos corretores vindos do interior. Naquela ocasião os armazéns da feitoria trasbordavam de fazendas e de marfim, aquelas destinadas para as permutações nas províncias do centro, este para ser exportado para os principais mercados do continente.

Em poucas palavras, na feitoria havia pouca gente. Mrs. Weldon ocupava com Jack uma cubata especial, e primo Bénédicte uma outra. Não comunicavam com os criados do negreiro. Comiam juntos. A alimentação, que se compunha de carne de cabra ou de carneiro, legumes, mandioca, inhame e frutos da região, era abundante.

Halima, jovem escrava especialmente destinada ao serviço de Mrs. Weldon, testemunhava-lhe, como sabia e podia, uma certa afeição selvagem, mas sincera.

Mrs. Weldon raras vezes via José António Alves, que ocupava a casa principal da feitoria, e nunca via Negoro, que estava alojado fora, mas cuja ausência era bastante inexplicável.

Tal reserva não deixava de espantá-la e inquietá-la ao mesmo tempo.

“Que quer ele? Que espera ele?”, pensava Mrs. Weldon. “Porque nos trouxe para Kasonde?”

Assim se passaram os oito dias que precederam a chegada da caravana de Ibn Hamis, isto é, os dois dias antes das cerimônias fúnebres, e finalmente os seis dias seguintes.

No meio de tantas ansiedades, Mrs. Weldon não podia esquecer que o seu marido devia estar aflitíssimo, vendo que nem a sua mulher nem o seu filho chegavam a São Francisco.

Mr. Weldon não podia saber que sua mulher tinha resolvido embarcar-se a bordo do “Pilgrim”, e devia acreditar, pelo contrário, que ela teria tomado passagem em um dos vapores da companhia transpacífica. Os vapores chegavam regularmente, e nem Mrs. Weldon, nem Jack, nem primo Bénédicte vinham a bordo. Também já era tempo para o “Pilgrim” estar fundeado no porto da chegada. Como, porém, não aparecia, James Weldon devia classificá-lo entre os navios considerados perdidos por falta de notícias. E que terrível golpe seria quando recebesse dos seus correspondentes de Auckland o aviso da partida do “Pilgrim” e do embarque de Mrs. Weldon!

Que teria ele feito? Ter-lhe-ia custado a acreditar que ela e o seu filho tivessem perecido no mar! Mas, em tal caso, aonde dirigiria ele as suas investigações? Evidentemente para as ilhas do Pacífico, e talvez para todo o litoral americano. Mas nunca, nunca, lhe acudiria

ao pensamento que ele tivesse sido levado para a costa da África!

Assim pensava Mrs. Weldon. Mas que podia ela tentar? Fugir? Como? Se a vigiavam tanto! E demais, fugir, para se aventurar, por entre as densas florestas, no meio de perigos sem número, a empreender uma viagem de mais de duzentas milhas para chegar à costa! Contudo, Mrs. Weldon estava resolvida a fazê-lo se não se lhe oferecesse outro meio de recuperar a sua liberdade. Antes, porém, queria saber com certeza quais eram as intenções de Negoro.

Soube-as enfim.

No dia 6 de junho, sete dias depois do funeral do rei de Kasonde, Negoro entrou na feitoria, aonde ainda não tinha ido depois da sua volta, e dirigiu-se para a cubata ocupada pela prisioneira.

Mrs. Weldon estava só. Primo Bénédicte andava numa das suas excursões científicas; Jack, vigiado pela escrava Halima, brincava no pátio da feitoria.

Negoro empurrou a porta e, sem preâmbulos, informou:

— Mrs. Weldon: Tom e os seus companheiros foram vendidos para os mercados de Ujiji.

— Deus os proteja! — respondeu Mrs. Weldon, limpando uma lágrima.

— Nan morreu no caminho, Dic Sand foi morto...

— Quê? Nan morreu! E Dick... também! — exclamou Mrs. Weldon.

— Sim, era justo que o seu capitão de quinze anos pagasse com a vida o assassinato de Harris — replicou Negoro. — Agora está só em Kasonde, senhora, só em poder do antigo cozinheiro do “Pilgrim”, absolutamente só, entende-me bem?...

O que dizia Negoro era verdade, até no que se referia a Tom e aos seus camaradas. O velho negro, com seu filho Bat, Acteon e Agostinho, tinham partido na

véspera com a caravana do negreiro de Ujiji, sem terem a consolação de tornar a ver Mrs. Weldon, sem saberem mesmo que a sua companheira de desgraça estava em Kasonde, na feitoria de Alves. Tinham partido para a região dos lagos, viagem que se conta por centenas de milhas, que poucos conseguem fazer e de onde ainda menos voltam!

— Ah! — murmurou Mrs. Weldon, fitando Negro e sem lhe responder.

— Mrs. Weldon — continuou o ex-cozinheiro secamente — , podia vingar-me da maneira como fui tratado a bordo do “Pilgrim”. Mas a morte de Dick Sand basta para satisfação da minha vingança. Agora sou negociante, e eis quais são os meus projetos a seu respeito. Mrs. Weldon fitava-o sem lhe dizer nada.

— A senhora — continuou Negro — , o seu filho e esse imbecil que se diverte a apanhar moscas, têm um certo valor comercial que eu pretendo aproveitar. Assim, pois, vou vendê-los.

— Sou de raça livre — respondeu Mrs. Weldon com energia.

— É escrava, porque eu quero.

— E quem comprará uma branca?

— Um homem que me dará tudo quanto eu lhe pedir(1)...

Mrs. Weldon curvou a cabeça, porque bem sabia que naquele terrível continente tudo era possível.

— Entendeu-me? — perguntou Negro.

— Quem é esse homem a quem quer vender-me?

— Vender ou revender... Suponho pelo menos... — continuou Negro, sorrindo-se.

— O nome desse homem? — insistiu Mrs. Weldon.

— James W. Weldon!

— Meu marido! — exclamou Mrs. Weldon, que não podia acreditar no que ouvia.

— Sim, Mrs. Weldon, o seu marido, a quem eu não

quero entregar, mas fazer pagar por bom preço, a mulher, o filho e primo Bénédict!

Mrs. Weldon perguntava a si mesma se Negoro não lhe estaria preparando uma cilada. Contudo pareceu-lhe que ele falava seriamente. Pode-se confiar num miserável para quem o dinheiro está acima de tudo, quando se trata de negócios, e neste caso tratava-se de um negócio?

— E quando pensa fazer essa operação? — inquiriu Mrs. Weldon.

— O mais cedo possível.

— Onde?

— Aqui! James W. Weldon não hesitará em vir até Kasonde buscar a mulher e o filho...

— Não hesitará decerto! Mas quem o avisará?

— Eu! Irei a São Francisco procurar James Weldon. E não me faltará dinheiro para fazer a viagem.

— O dinheiro roubado de bordo do “Pilgrim”?

— Sim... esse... e outro mais — respondeu impudentemente Negoro.- — Mas se a quero vender com brevidade, quero também vendê-la por bom preço. Julgo que James Weldon não fará questão de cem mil dólares...

— Não, decerto, se os puder dar — respondeu friamente Mrs. Weldon. — Mas meu marido, a quem decerto dirá que estou retida como prisioneira em Kasonde, na África Central...

— Exatamente.

— Não o acreditará sem provas, e não cometerá a imprudência de vir até Kasonde fiado unicamente na sua palavra.

— Virá se eu lhe levar uma carta que Mrs. Weldon lhe há de escrever, e na qual lhe dirá qual é a sua situação, e me pintará como um servo fiel, fugido aos selvagens...

— Nunca a minha mão escreverá tal carta — afirmou ainda mais friamente Mrs. Weldon.

— Recusa? — exclamou Negoro.

— Recuso!...

A lembrança dos perigos que correria o seu marido vindo até Kasonde, a pouca confiança que mereciam as promessas de Negoro, a facilidade que este teria de reter James Weldon, depois de haver recebido o preço ajustado, todas estas razões fizeram que no primeiro momento Mrs. Weldon, não pensando senão em si, e esquecendo tudo, até mesmo seu filho, recusasse sem hesitar a proposta de Negoro.

— Há de escrever! — teimou Negoro.

— Não... — afirmou outra vez Mrs. Weldon.

— Ah! Tome bem conta! — exclamou Negoro.

— Olhe que não está aqui só. O seu filho também está em meu poder, e eu bem sei o que tenho a fazer!...

Se Mrs. Weldon quisesse responder, ser-lhe-ia impossível. O coração batia-lhe extraordinariamente. Não podia falar.

— Mrs. Weldon — avisou Negoro — , pense bem na proposta que lhe fiz. Daqui a oito dias, ou me entregará uma carta dirigida a James Weldon, ou se arrependerá se o não fizer!

Dito isto, o ex-cozinheiro do “Pilgrim” retirou-se sem dar expansão à sua cólera; mas era fácil de ver que nada haveria que o impedisse de obrigar Mrs. Weldon a obedecer-lhe.

CAPÍTULO XIV

BREVE NOTÍCIA DO DR. LIVINGSTONE

Quando Mrs. Weldon ficou só, pensou antes de tudo que decorreriam ainda oito dias até que Negoro lhe viesse pedir a resposta definitiva. Era tempo bastante para refletir e tomar qualquer resolução. Na proibidade de Negoro não havia que confiar, mas sim no seu interesse. O valor comercial que ele dava à prisioneira devia sem dúvida salvaguardá-la e acautelá-la, temporariamente pelo menos, contra qualquer tentativa desagradável. Talvez que ela conseguisse achar um meio termo pelo qual pudesse ser entregue a seu marido sem que este fosse obrigado a vir até Kasonde. James Weldon, vendo uma carta de sua mulher, partiria e afrontaria os perigos de uma viagem através das mais terríveis regiões da África. Mas chegado que fosse a Kasonde, e quando Negoro tivesse já nas suas mãos os cem mil dólares, que garantia teriam James W. Weldon, sua mulher, Jack e primo Bénédicte de que os deixariam partir? Não os impediria qualquer capricho da rainha Moina? A entrega de Mrs. Weldon e dos seus não se faria em melhores condições em um ponto determinado da costa, evitando a James W. Weldon os perigos da viagem pelo interior e as dificuldades, para não dizer as impossibilidades, da volta?

Era no que refletia Mrs. Weldon. Foi por isto que recusou aceder imediatamente à proposta de Negoro de lhe dar uma carta para seu marido. Pensava também

que, se Negoro tinha fixado a segunda visita para daí a oito dias, era, sem dúvida, porque necessitava desse tempo para preparar a viagem; senão viria decerto mais cedo obrigá-la a escrever.

“Pretenderá ele realmente separar-me do meu querido filho?”, murmurava ela.

No mesmo momento, Jack entrou na cubata, e por um movimento instintivo a mãe agarrou-o, como se ali estivesse Negoro para lho arrancar dos braços.

— Mãe, tens algum desgosto? — perguntou a criança.

— Não, meu Jack, não tenho! — respondeu Mrs. Weldon. — Lembrava-me do teu papá! Gostavas de o ver agora?

— Oh, se gostava! Então ele vem cá?

— Não, não. Não é necessário que ele venha!

— Então vamos nós ter com ele?

— Sim, meu Jack.

— Com o meu amigo Dick... e Hercule... e o velho Tom?

— Sim... Sim! — respondeu Mrs. Weldon, baixando a cabeça para esconder as lágrimas.

— O papá escreveu? — perguntou Jack.

— Não, meu querido.

— Então é a mamãe que lhe vai escrever?

— Sim... sim... talvez!

E, sem o saber, Jack entrava diretamente nos pensamentos de sua mãe, que, para não lhe responder de outro modo, o cobriu de beijos.

Convém dizer que aos diversos motivos que levaram Mrs. Weldon a resistir às exigências de Negoro se juntava um outro, de não pequeno valor. Mrs. Weldon tinha talvez a probabilidade inesperada, é certo, de ser posta em liberdade sem intervenção de seu marido e até contra a vontade de Negoro.

Era apenas um vago clarão de esperança, mas era

esperança.

Com efeito, algumas palavras de uma conversação, que ela ouvira dias antes, tinham-lhe deixado antever a possibilidade de socorro em época próxima. Podia dizer-se que era um socorro providencial.

Alves e um mestiço de Ujiji conversavam a alguns passos da cabana que Mrs. Weldon ocupava. Não é de estranhar que o assunto da conversação destes honrados negociantes fosse a escravatura. Os dois mercadores de carne humana falavam de negócios. Discutiam o futuro do seu comércio e mostravam-se inquietos pelos esforços que faziam os Ingleses para o destruir, não só nas costas marítimas com os cruzadores, mas no interior do continente, servindo-se dos missionários e dos viajantes.

José António Alves era de opinião que as explorações destes atrevidos viajantes se opunham à liberdade das transações comerciais. O seu interlocutor tinha absolutamente as mesmas ideias, e dizia que esses visitantes deviam ser todos recebidos a tiro de espingarda.

Pouco menos lhes fariam, mas, com grande desprazer dos negociantes, se acaso matassem alguns dos tais curiosos, vinham logo outros. Estes, de volta ao seu país, contavam “exagerando”, dizia Alves, os horrores do tráfico de escravos, o que fazia grande mal a este comércio, já muito decaído.

O mestiço concordava e deplorava, sobretudo pelo que dizia respeito aos mercadores de Nyamgué, de Ujiji, de Zanzibar e de toda a região dos lagos. Ali tinham ido sucessivamente Speke, Grant, Livingstone, Stanley e outros. Era uma invasão. Dentro em pouco, a Inglaterra e a América ocupariam todo o território.

Alves lastimava sinceramente o seu colega, e confessava que as províncias da África Ocidental tinham sido até ali menos maltratadas, isto é, menos visitadas; mas a epidemia dos viajantes ia-se espalhando. Se

Kasonde havia sido poupada, não acontecia outro tanto a Caçange e ao Bié, onde Alves possuía também feitorias. Não deve ter-se esquecido que Harris falou a Negoro de um certo tenente Cameron, que poderia ter talvez o atrevimento de atravessar a África de uma costa para a outra, entrando por Zanzibar, para sair pela província de Angola.

O negreiro tinha, com efeito, razões para recear, pois é sabido que, alguns anos depois, Cameron pelo sul e Stanley pelo norte, exploravam essas ignotas províncias de oeste e descreviam as grandes atrocidades da escravatura, patenteavam as cumplicidades criminosas dos agentes estrangeiros e faziam recair toda a responsabilidade sobre quem realmente a deve ter.

Da exploração de Cameron e de Stanley nada podiam saber ainda, nem Alves nem o mestiço; o que porém sabiam, o que disseram, o que Mrs. Weldon ouviu, o que era de grandíssimo interesse para ela, numa palavra, o que a firmara na recusa de satisfazer imediatamente às exigências de Negoro, foi o seguinte:

O Dr. Livingstone devia chegar a Kasonde dentro de pouco tempo.

Ora a chegada de Livingstone, com a sua escolta, a muita influência que o grande viajante tinha na África, o concurso das autoridades portuguesas de Angola, que não deixariam de lhe prestar auxílio, tudo isto podia contribuir para pôr em liberdade Mrs. Weldon e os seus, contra a vontade de Negoro e de Alves! Era talvez a sua repatriação, em época próxima, e sem que James W. Weldon tivesse de arriscar a vida numa viagem cujo resultado não podia deixar de ser mau.

Mas haveria alguma probabilidade de que o Dr. Livingstone viesse proximamente visitar esta parte do continente? Havia, porque, seguindo tal itinerário, completava a exploração da África Central.

É conhecida a vida heróica do filho do pequeno

negociante de chá de Blantyre, vila do condado de Lanark. Nascido em 13 de março de 1813, David Livingstone, o segundo dos seis filhos, obteve, à força de estudar, os diplomas de teólogo e médico, e, depois de ter feito o seu noviciado em London Missionary Society, desembarcou em 1840 no Cabo da Boa Esperança, com o intento de se juntar ao missionário Moffat, na África Meridional.

Do Cabo passou o futuro viajante para o reino dos Bechuanas, que pela primeira vez explorou, voltou a Kuruman, desposou a filha de Moffat, essa valente companheira que tão digna foi dele, e, em 1843, fundava uma missão no vale de Mabotsa.

Quatro anos depois, encontrava-se Livingstone estabelecido em Kolobeng, duzentas e vinte e cinco milhas ao norte de Kuruman, no reino dos Bechuanas.

Dois anos depois, em 1849, Livingstone deixava Kolobeng, acompanhado por sua mulher, pelos seus três filhos e por mais dois amigos, Oswell e Murray. No dia 1 de Agosto do mesmo ano descobria o lago Negami e voltava para Kolobeng descendo o Zuga.

Durante esta viagem, Livingstone, contrariado pela má vontade dos negros, não conseguira ir além de Negami. Não foi mais feliz na segunda tentativa. À terceira devia ser bem sucedido. Seguindo novamente a caminho do norte, com a sua família e Mr. Oswell, depois de misérias terríveis, falta de víveres e de água, pensando que lhe custaria a vida dos seus filhos, chegou, finalmente, caminhando ao longo do Chobé, afluente do Zambeze, ao reino dos Macolobos. O chefe, Sebituane, veio ter com Livingstone a Linyanti. No fim de junho de 1851, o Zambeze estava descoberto, e o doutor voltava para o Cabo a fim de mandar a sua família para Inglaterra.

O intrépido Livingstone queria ser o único a arriscar a vida na difícil viagem que ia empreender.

Propunha-se desta vez, partindo do Cabo, atravessar a África obliquamente do sul para o oeste e ir a São Paulo de Luanda.

Partiu, com efeito, acompanhado por alguns indígenas, em 3 de junho de 1852. Chegou a Kuruman e atravessou o deserto de Kalahari. Em 31 de dezembro entrou em Litubaruba e foi encontrar a terra dos Bechuanas assolada pelos Boers, antigos colonos holandeses, senhores do Cabo da Boa Esperança antes de os Ingleses tomarem posse dele. Livingstone saiu de Litubaruba a 15 de Janeiro de 1853, penetrou até ao centro do reino dos Bamanguatos e, em 23 de maio, chegou a Linyanti, onde o poderoso soberano dos Macololos, Sekeletu, o recebeu com honras.

Aí, o doutor, retido por intensas febres, entregou-se ao estudo dos costumes da região, e pela primeira vez teve ocasião de ver os danos que fazia na África o comércio de escravos. Um mês depois desceu o Chobé, viu o Zambeze, entrou em Naniele, visitou Katonga e Libonta, chegou ao confluente do Zambeze e do Leba, projetando subir por este rio até às possessões portuguesas do oeste, e voltou a Linyanti para se preparar para tal viagem depois de nove semanas de ausência.

Em 11 de novembro o doutor, acompanhado por vinte e sete macololos, deixou Linyanti, e em 27 de dezembro chegou à embocadura do Leba. Subiu este rio até ao território dos Balundas, no lugar onde recebe o Makondo, que vem de leste. Era a primeira vez que um homem branco aparecia naquela região.

Em 14 de janeiro de 1854 entrou Livingstone na residência de Shinte, o mais poderoso soberano dos Balundas, que o recebeu bem, e em 26 do mesmo mês, depois de haver atravessado o Leba, chegava até junto do rei de Katema. Aí teve igualmente boa recepção e daí partiu sem detença a pequena caravana, que em 20 de

fevereiro acampou nas margens do lago Dilolo.

A partir deste ponto, regiões más, exigências dos indígenas, ataques das tribos, revolta dos que o acompanhavam e ameaças de morte, tudo se juntou, tudo conspirou contra Livingstone, e um homem menos enérgico teria sucumbido.

O doutor resistiu sempre, e em 4 de abril chegou às margens do Cuango, corrente de água caudalosa a que forma a fronteira das possessões portuguesas, e, caminhando para o norte, lançou-se no Zaire.

Seis dias depois Livingstone entrou em Caçande, onde Alves o viu, e a 31 de Maio chegou a São Paulo de Luanda.

Pela primeira vez, e depois de dois meses de viagem, era a África atravessada obliquamente do sul para o oeste.

Em 24 de setembro do mesmo ano, David Livingstone deixou Luanda e, seguindo pela margem direita do Cuanza, rio que tão funesto foi a Dick Sand e aos seus companheiros, chegou à confluência do Lombe, encontrando numerosas caravanas de escravos, tornou a passar por Caçande, de onde partiu a 20 de fevereiro de 1855, atravessou o Cuango e entrou no Zambeze em Kawawa. Em 8 de junho tornou a encontrar o lago Dilolo, foi a Shinte, desceu o Zambeze e deu entrada em Linyanti, de onde partiu em 3 de novembro.

A segunda jornada em direção à costa oriental devia completar a viagem através da África do oeste para leste.

O Dr. Livingstone, depois de ter visto a famosa catarata Vitória, o “fumo ruidoso”, deixou o Zambeze para se dirigir ao nordeste. Atravessou o território dos Batocas, indígenas embrutecidos pelo fumo do cânhamo, visitou Semalembue, chefe poderoso, atravessou o Kafue, voltou ao Zambeze, visitou o rei Beburuma, viu as ruínas de Zumbo, antiga cidade portuguesa, encontrou-

se em 17 de Janeiro de 1856 com o chefe Mepende, que então estava em guerra com os Portugueses, e chegou finalmente a Tete, nas margens do Zambeze, no dia 2 de Março. Tais foram os fatos mais notáveis deste itinerário.

Em 22 de abril, Livingstone deixou esta região, tão rica outrora, desceu até ao delta do rio e chegou a Quelimane em 20 de maio, quatro anos depois de ter partido do Cabo. Em 12 de julho embarcou para as ilhas Maurício e em 22 de dezembro voltou a Inglaterra, ao cabo de dezasseis anos de ausência.

Prémios da Sociedade de Geografia de Paris, a primeira medalha da Sociedade de Geografia de Londres, recepções brilhantes, nada faltou ao ilustre viajante.

No seu lugar outros teriam pensado que o repouso lhes era devido. Não o julgou assim o doutor, e no dia 1º de Março de 1858 partiu novamente, acompanhado por seu irmão Charles, pelo capitão Bedindfield, pelos Drs. Kirk e Meller e por Mr. Thornton e Mr. Baines, chegando em maio à costa de Moçambique, tendo por fim o reconhecimento do vale do Zambeze.

Alguns destes exploradores não deviam voltar desta viagem.

Um pequeno vapor, o “MacRobert”, permitiu aos exploradores subir o grande rio, entrando pela boca do Kangone. Chegaram a Tete em 8 de setembro. Reconheceram em janeiro de 1859 o curso inferior do Zambeze e do Chire, seu afluente na margem esquerda, visitaram o lago Chirua em abril, exploraram o território dos Manguenjas, e descobriram o lago Niassa em 10 de setembro, voltando às cataratas Vitória em 9 de agosto de 1860.

Em 31 de janeiro de 1861, Mackenzie e os missionários que o acompanhavam chegaram ao Zambeze; em março fez-se a exploração do Rovuma, a bordo do “Pioner”; em setembro de 1861 voltaram ao lago Niassa, onde ficaram até fins de outubro. Em 30 de

janeiro de 1862 chegou Mrs. Livingstone em outro vapor, o “Lady Niassa”. Tais foram os fatos mais notáveis da segunda expedição. A este tempo já o bispo Mackenzie e um dos missionários tinham sucumbido pela ação do clima, e, em 27 de abril, Mrs. Livingstone morreu nos braços do marido.

Em maio tentou o doutor fazer segundo reconhecimento do Rovuma, e nos fins de novembro entrou no Zambeze, subiu o Chobé, perdeu o seu companheiro Thornton em abril de 1863, e mandou para a Europa o seu irmão Carlos e o Dr. Kirk, extenuados pelas doenças. A 10 de Novembro viu pela terceira vez o Niassa, do qual completou o estudo hidrográfico. Três meses depois voltou novamente à foz do Zambeze, de passagem para Zanzibar, e em 20 de julho de 1864, depois de cinco anos de ausência, chegou a Londres e publicou o livro *Exploração do Zambeze e dos seus afluentes*.

Em 28 de janeiro de 1866, Livingstone desembarcou de novo em Zanzibar; começava então a sua quarta viagem.

Em 8 de agosto, depois de ter assistido às terríveis cenas que o comércio de escravos produzia naquela ilha, o doutor, levando apenas consigo, desta vez, alguns sipaios e negros, estava novamente em Mokalaose, nas margens do Niassa. Seis semanas depois a maior parte da gente que o acompanhava fugiu, voltando a Zanzibar, onde se espalhou o falso boato da morte de Livingstone.

Este, porém, não recuava. Queria visitar as terras que ficavam entre o Niassa e o Tanganica. Em 10 de dezembro, guiado por alguns indígenas, atravessou a ribeira de Loangula, e em 2 de abril do ano seguinte descobriu o lago Liemba. Aí esteve um mês entre a vida e a morte. Apenas restabelecido, em 30 de agosto chegou ao lago Moero, do qual viu toda a margem setentrional, e em 21 de novembro entrou em Cazembe,

onde esteve quarenta dias, durante os quais por duas vezes renovou a sua exploração ao lago Moero.

De Cazembe, Livingstone caminhou para o norte com o desígnio de chegar à importante cidade de Ujiji, no Tanganica.

Contrariado pelas cheias e abandonado pelos guias, teve de voltar a Cazembe. Desceu para o sul em 6 de julho de 1868, e seis semanas depois estava no grande lago de Banguelo. Ali se demorou até 9 de agosto, tentando então nova marcha para o Tanganica.

Que viagem! A partir de 7 de janeiro de 1869, a fraqueza do heroico doutor era tal que tinham de transportá-lo.

Em fevereiro chegou ao lago e entrou em Ujiji, onde encontrou alguns objetos que lhe haviam sido enviados pela Companhia Oriental de Calcutá.

Livingstone tinha então uma única ideia: descobrir as origens ou o vale do Nilo, subindo o Tanganica.

Em 21 de setembro estava em Bambarre, no Manyema, região de canibais; pouco depois chegou ao Lualaba — o Lualaba que Cameron suspeitaria e Stanley descobriria ser o Alto Zaire ou Congo. Em Mamohela Livingstone esteve doente oitenta dias, tendo apenas três empregados. Em 21 de julho de 1871 voltou para o Tanganica, e só em 23 de outubro estava de volta a Ujiji. Era um esqueleto.

Antes desta época, porém, havia muito que não se recebiam notícias do famoso viajante. Na Europa julgavam-no morto. O próprio Livingstone chegou a perder a esperança de ser socorrido.

Onze dias depois da sua chegada a Ujiji, em 3 de novembro, ouviram-se muitos tiros de espingarda a cerca de um quarto de milha do lago. O doutor apressou-se a ir ver. Um homem branco apareceu diante dele.

— Doctor Livingstone, I presume...

— Dr. Livingstone, eu suponho...

— Sim — respondeu este, tirando o boné com um sorriso benevolente.

E apertaram as mãos com efusão.

— Dou graças a Deus por tê-lo encontrado!

— E eu considero-me muito feliz em me achar aqui para recebê-lo.

Era o americano Stanley, correspondente do *New York Herald*, que Mr. Bennett, diretor do jornal, enviara em busca de David Livingstone.

No mês de outubro de 1870, este americano, sem hesitar, sem alardear, mas simplesmente como um herói, embarcou em Bombaim com destino a Zanzibar, e, seguindo proximamente o itinerário de Speke e Burton, depois de grande número de provações e tendo muitas vezes a vida em grande risco, chegou a Ujiji.

Os dois viajantes, já amigos, fizeram então juntos uma expedição ao norte do Tanganica. Embarcaram, foram até o Cabo Malaga, e, depois de minuciosa exploração, concordaram que o grande lago tinha por desaguadouro um dos afluentes do Lualaba. Foi isto mesmo que Cameron e o próprio Stanley determinaram poucos anos depois.

Em 12 de dezembro, o Dr. Livingstone e o seu companheiro estavam novamente em Ujiji.

Stanley dispôs-se a partir. Em 27 de dezembro, ao cabo de oito dias de navegação, o doutor e Stanley chegaram a Urimba, e em 23 de fevereiro do ano seguinte entravam em Kuiuara.

O dia 12 de março foi o da despedida.

— Fez o que poucos homens seriam capazes de fazer — disse o doutor ao seu companheiro —, e muito melhor do que alguns viajantes notáveis. Fico-lhe muito obrigado. Deus o acompanhe, meu amigo, e o abençoe!

— Permita Ele — desejou Stanley, apertando a mão de Livingstone — que o nosso caro doutor volte são e salvo.

Stanley separou-se rapidamente, voltando-se para esconder as lágrimas.

— Adeus, doutor! Adeus, caro amigo! — disse com voz sufocada.

— Adeus — respondeu fracamente Livingstone. Stanley partiu, e em 12 de julho de 1872 desembarcava em Marselha.

Livingstone continuou nas suas investigações. Em 25 de agosto, tendo passado cinco meses em Kuiuara, acompanhado pelos empregados Susi, Chumba e Amada, de mais dois criados de Jacob Wainwright e cinquenta e seis homens enviados por Stanley, dirigiu-se para o sul do Tanganica.

Um mês depois, no meio de trovoadas, que grandes secas haviam provocado, chegou a caravana a Mura. As chuvas, a má vontade dos nativos e a perda das montarias, mortas pelas picadas da tsé-tsé, contrariaram não pouco a pequena caravana, que chegou, no entanto, a Chkanokue. Em 27 de abril de 1872, tendo contornado pelo leste o lago Banguelo, caminhou em direção à aldeia de Chitambo.

Foi neste ponto que alguns traficantes de escravos tinham deixado Livingstone. É isto o que, por eles, sabiam Alves e o seu colega de Ujiji. Era crível que o doutor, depois de explorar o lado sul do lago, se aventurasse a procurar para o ocidente regiões desconhecidas, seguindo depois para Angola, visitando os territórios infestados pela escravatura, passando por Kasonde. Era o itinerário provável, e era verosímil que Livingstone o seguisse.

Foi, pois, com a chegada próxima do grande viajante que Mrs. Weldon contava, porque no princípio de junho havia mais de dois meses que ele deveria ter chegado ao sul do lago Banguelo.

Em 13 de junho, véspera do dia em que Negoro viria reclamar de Mrs. Weldon a carta que lhe renderia

cem mil dólares, espalhou-se uma triste notícia, que alegrou imensamente Alves e os outros negreiros.

No dia 1º de maio de 1873, ao romper da manhã, o Dr. David Livingstone morreu.

A pequena caravana chegara com efeito, em 29 de abril, à aldeia de Chitambo, na margem sul do lago. O doutor era conduzido numa padiola. Na noite do dia 30, sob a influência de excessivos sofrimentos, soltou ele este lamento que mal se ouviu: "Oh! dear! dear!", e caiu em grande torpor.

Uma hora depois chamava Susi, pedia alguns medicamentos e murmurava com voz extremamente fraca: — Muito bem! Agora pode retirar-se!

Pelas quatro horas da manhã, Susi e mais cinco homens entraram na cabana do doutor.

David Livingstone estava ajoelhado junto ao leito, com a cabeça apoiada entre as mãos. Parecia estar rezando.

Susi pôs-lhe cautelosamente o dedo na face: estava fria.

David Livingstone já não era deste mundo.

Nove meses depois seu corpo, transportado pelos fiéis criados à custa de grandes esforços, chegava a Zanzibar, e em 12 de abril de 1874 era sepultado na Abadia de Westminster, entre os grandes homens que a Inglaterra honra a par dos seus reis.

CAPÍTULO XV

AONDE PODE CONDUZIR UMA MANTICORA

Qual é a tábua de salvação a que não se agarre o desgraçado? Qual é a luz de esperança, por vaga e tênue que seja, que o condenado não procure descobrir?

Assim aconteceu a Mrs. Weldon, e compreende-se o que ela sentiu quando soube, porque o ouviu de Alves, que Livingstone tinha morrido havia pouco tempo numa pequena aldeia próxima do lago Banguelo. Pareceu-lhe que estava mais isolada que nunca, que uma espécie de laço, que a prendia ao viajante, e com ele ao mundo civilizado, se desfizera. A tábua de salvação escapava-lhe das mãos, a luz de esperança fugira-lhe dos olhos. Tom e os seus companheiros tinham partido de Kasonde para a região dos lagos.

De Hercule não havia a menor notícia. Mrs. Weldon não podia contar com pessoa alguma. Tinha por consequência de aceder à proposta de Negoro, tratando de a modificar e de lhe assegurar bom resultado.

Em 14 de junho, dia fixado, Negoro apresentou-se na cabana de Mrs. Weldon.

O ex-cozinheiro do “Pilgrim” foi, como sempre, e como ele próprio dizia, perfeitamente prático. Não teve de ceder sobre a importância, que aliás a sua prisioneira não discutiu. Mrs. Weldon, porém, mostrou-se também muito prática, porque lhe disse: — Se quer realizar um negócio, não o torne impossível propondo condições inaceitáveis. A troca da nossa liberdade pela quantia que exige obtém-se sem que o meu marido precise de vir a

uma terra onde se sabe o que pode acontecer a um branco. Ora, custe o que custar, não quero que ele venha aqui!

Depois de pequena hesitação, Negoro cedeu, e Mrs. Weldon conseguiu que James Weldon não tivesse necessidade de se aventurar até Kasonde. O navio que o transportasse surgiria na baía de Moçâmedes, porto muito conhecido de Negoro. Seria ali que este levaria James W. Weldon e ali que, em data determinada, os agentes de Alves conduziriam Mrs. Weldon, o pequeno Jack e primo Bénédict.

A soma ajustada seria entregue aos agentes, a troco dos prisioneiros, e Negoro, que teria passado para James Weldon por homem honrado, desapareceria logo depois da chegada do navio.

Era importantíssimo o que Mrs. Weldon obtivera. Evitava a seu marido os perigos da viagem até Kasonde, ou da volta para o litoral, e o risco de ser retido como prisioneiro depois de ter pago o resgate ajustado. As seiscentas milhas que separavam Kasonde de Moçâmedes não causariam a Mrs. Weldon, percorrendo-as nas mesmas condições em que tinha viajado desde que partiu do Cuanza, senão pequena fadiga, mas o interesse de Alves — porque tinha parte no negócio — era que os prisioneiros chegassem sãos e salvos.

Combinadas assim as coisas, Mrs. Weldon escreveu a seu marido, no sentido indicado, deixando a Negoro o cuidado de se apresentar como servo dedicado, fugido aos indígenas. Negoro pegou na carta, que não dava a James Weldon motivo de hesitação para o seguir até Moçâmedes, e no dia seguinte, escoltado por vinte negros, dirigia-se para o norte. Porque seguia esta direção? Teria a intenção de ir embarcar em algum dos navios que frequentam a embocadura do Zaire, evitando deste modo as autoridades portuguesas, assim como as cadeias de que já fora hóspede involuntário? É provável.

E foi justamente esta razão que deu a Alves.

Depois da partida de Negoro, Mrs. Weldon devia dispor-se a passar o melhor que fosse possível o tempo que ainda tivesse de demora em Kasonde. Eram três ou quatro meses, admitindo as hipóteses mais favoráveis. A ida e volta de Negoro não exigia decerto menos tempo.

Não tencionava Mrs. Weldon deixar a feitoria. Ali, ela, o filho e primo Bénédict estavam relativamente seguros. Os cuidados de Halima suavizavam um pouco os rigores da prisão. Era também verosímil que o traficante os não deixasse sair.

A boa maquia que lhe havia de dar o resgate da prisioneira valia bem a pena de a guardar com todas as cautelas. Fora bom que Alves não tivesse sido obrigado a sair de Kasonde, para visitar as suas duas feitorias de Bié e de Caçande. Coimbra fora substituí-lo na expedição de novas correrias; nunca havia motivo para sentir a ausência deste borrachão.

Finalmente, Negoro, antes de partir, fizera as mais vivas recomendações a respeito de Mrs. Weldon. Convinha vigiá-la rigorosamente. Não se sabia o que era feito de Hercule. Se tivesse escapado aos muitos perigos da terrível província de Kasonde, era possível que tentasse aproximar-se da prisioneira e arrancá-la das mãos de Alves. O traficante tinha compreendido bem uma situação que representava bom número de dólares. Respondia por Mrs. Weldon, como pelo seu dinheiro.

A vida monótona para a prisioneira, durante os primeiros dias que passou na feitoria, logo depois da chegada, continuou ainda. O que se passava dentro do cerrado reproduzia com exatidão os diversos atos da existência indígena. Alves tinha os hábitos dos naturais de Kasonde. As mulheres pertencentes à feitoria lidavam, como se estivessem na sanzala, trabalhando em proveito dos seus maridos ou senhores. O arroz era pisado com pilões dentro de almofarizes até estar completamente

descascado; escolhia-se, joeirava-se o milho, e faziam-se-lhe todas as manipulações necessárias para lhe extrair uma substância granulosa que serve para fazer a sopa a que na região se dá o nome de “metylé”; a colheita de uma espécie de milho “miúdo”, que naquela época estava perfeitamente em estado de se colher; a extração do óleo odorífero dos caroços de “mepafu”, espécie de azeitona, cuja essência constitui um aroma muito apreciado pelos indígenas; a fiação do algodão, cujas fibras são torcidas com um fuso de um pé de comprimento, e ao qual as fiandeiras imprimem rápido movimento de rotação; a fabricação, por meio de macetes, dos tecidos vegetais; a extração da raiz de mandioca e a preparação da terra para os diversos produtos da região: a farinha de mandioca, as favas chamadas “mosksamés”, cujas vagens têm quinze polegadas de comprimento e crescem em árvores de vinte pés de altura, as pistaceiras, destinadas a fazer óleo, as ervilhas vivazes, azuis-claras, conhecidas pelo nome de “chibolés”, cujas flores tornam melhor o gosto um pouco desenxabido do caldo de massango, o café indígena, as canas-de-açúcar, cujo suco se transforma em melaço, as cebolas, as goiabas, o gergelim, os pepinos, cujas pevides são assadas como castanhas; a preparação das bebidas fermentadas, o malufo, feito de bananas, o “pombe” e outros licores; o tratamento dos animais, como as vacas, que se não deixam ordenhar sem que tenham à vista os próprios filhos ou um vitelo feito de palha, as bezerras, de raça pequena, de chavelhos curtos, e algumas das quais têm corcova, as cabras, que, na região onde a carne delas serve para a alimentação, são objeto importante para as permutações, e até, pode dizer-se, moeda corrente, como é o escravo; finalmente, o tratamento das aves domésticas e dos porcos, dos carneiros, bois, etc; toda esta extensa enumeração mostra quais são os rudes

trabalhos que incumbem ao sexo fraco naquelas selváticas regiões do continente africano. Enquanto as mulheres trabalham, os homens fumam tabaco ou cânhamo, caçam elefantes ou búfalos, contratam-se com os traficantes para fazer correrias. Colheita de milho ou escravos é sempre colheita, que se faz em épocas determinadas.

Destas diversas ocupações, Mrs. Weldon conhecia apenas na feitoria do Alves as que eram desempenhadas por mulheres. Algumas vezes parava para as ver, mas estas acolhiam-na mal. O instinto da raça levava aquelas desgraçadas a odiar uma branca, e decerto não se lhes encontraria no coração comiseração por ela. Halima era a única exceção, e Mrs. Weldon, tendo aprendido um pouco da língua indígena, conseguia trocar algumas palavras com a jovem escrava.

Jack acompanhava muitas vezes a mãe, quando esta passeava dentro do cerrado, mas teria maior prazer se o deixassem sair. Havia porém lá dentro, sob a copa de uma enorme adansônia, ninhos de marabus, feitos com pequenas varinhas, e de “suimangas” de peito e pescoço encarnado, as quais se assemelham aos tecelões; viam-se também as viúvas, que, para abrigo da sua prole, tiram as palhinhas ao colmo; “calaos”, cujo canto é agradável; papagaios cinzentos-claros e de cauda vermelha, os quais no Manyema se chamam “suss” e dão nome aos chefes das tribos; e finalmente “drugos” insetívoros, semelhantes a pintarroxos que tivessem o bico grande e vermelho. Pelo ar esvoaçavam centenas de borboletas de diferentes espécies, principalmente na proximidade dos ribeiros que atravessavam a feitoria, mas isto interessava mais a primo Bénédict do que a Jack, que tinha muita pena de não ser maior para poder ver por cima dos muros. Ah! Onde estaria o seu bom amigo Dick Sand, que na mastreação do “Pilgrim” subia com ele a tão grande

altura! Como ele o seguiria sobre os ramos daquela árvore, que se elevava a mais de cem pés! Que grandes divertimentos teriam ali!

Primo Bénédict achava-se sempre bem onde estava, contanto que não lhe faltassem os insetos.

Tinha descoberto na feitoria — porque estudava quanto podia sem lente e sem óculos — uma abelha minúscula, que formava os alvéolos entre o caruncho da madeira, e um “sphex” dos que põem os ovos nas células que lhe não pertencem, exatamente como faz o cuco no ninho dos outros pássaros. Os mosquitos também não faltavam, perto dos arroios de água, e mordiam por tal modo primo Bénédict que o tornavam desconhecido. Quando Mrs. Weldon o censurava por se deixar devorar de tal maneira por tão importunos insetos, respondia, coçando-se até fazer escorrer sangue: — É o instinto, prima Weldon, é o instinto. Não lhes devemos querer mal por isso!

Enfim, um dia — foi em 17 de junho —, primo Bénédict esteve quase sendo o mais feliz dos entomologistas. Mas esta aventura, que teve inesperadas consequências, merece ser contada com algumas particularidades.

Eram pouco mais ou menos onze horas da manhã. Insuportável calor obrigara os habitantes da feitoria a conservarem-se nas suas cabanas, e não se encontrava um indígena nas ruas de Kasonde.

Mrs. Weldon estava sentada perto de Jack, que dormia.

Primo Bénédict, que não escapara à influência daquela temperatura tropical, abandonara as suas caçadas favoritas, o que não deixava de lhe ser extremamente sensível, porque sob os ardentíssimos raios do sol do meio-dia ouvia ele zunir milhares de insetos. Tinha-se pois abrigado, com grande pena, dentro da sua cubata, e o sono começava a apoderar-se dele

durante aquela sesta involuntária.

Repentinamente, quando os olhos mal se lhe fechavam, sentiu um estremecimento, isto é, um desses insuportáveis zumbidos de insetos; alguns destes pequenos animais dão quinze a dezasseis mil batidas de asas em um segundo.

— Um hexápode! — exclamou Bénédict, que imediatamente acordou, passando instantaneamente da posição horizontal para a posição vertical.

Que era um hexápode que zumbia dentro da cubata de primo Bénédict, não havia dúvida. Mas se primo Bénédict era muito míope, tinha em compensação um ouvido delicadíssimo, a tal ponto que podia distinguir um inseto do outro pela intensidade do zumbido. Pareceu-lhe, porém, que este lhe era desconhecido, conquanto fosse produzido por um gigante da espécie.

“Que hexápode será?”, perguntava a si mesmo primo Bénédict.

E ei-lo tentando distinguir o inseto, o que era muito difícil para a sua vista desarmada, mas procurando principalmente conhecê-lo pela agitação das asas.

O instinto de entomologista advertiu-o de que tinha boa caçada e que o inseto, tão providencialmente entrado na sua cabana, não devia ser o primeiro.

Primo Bénédict, sentado no chão, não se mexia. Escutava. Alguns raios de sol penetravam na cubata até onde ele estava. Os seus olhos descobriram então um grande ponto negro, que adejava, mas que não passava perto o bastante para que ele o pudesse reconhecer. Reprimia a respiração e, se se sentisse picado na cara ou nas mãos, estava decidido a não fazer o menor movimento sequer que obrigasse a fugir o hexápode.

Finalmente o inseto, zunindo sempre e depois de ter girado muito tempo em volta do entomologista, pousou-lhe na cabeça. A boca de primo Bénédict estendeu-se um pouco, como se fosse para sorrir; e que

sorriso! Sentia o ligeiro animalzinho a correr-lhe pelos cabelos. Teve num momento vontade de lhe deitar a mão; mas resistiu, e fez bem.

“Não, não!”, pensou ele. “Podia escapar-me ou, o que seria pior ainda, podia fazer-lhe -mal. Deixá-lo chegar mais! Cá anda ele! Desce agora! Sinto-lhe as delicadas pernas sobre a minha cabeça! Deve ser um hexápode de bom tamanho. Oh! Meu Deus! Se ele descesse até à ponta do meu nariz, aí, envesgando um pouco os olhos, podia vê-lo, e determinar a que ordem, gênero, espécie ou variedade pertence!”

Assim pensava primo Bénédicte. Mas era longe do seu crânio oblongo à ponta do seu comprido nariz. Muitos outros caminhos podia seguir o caprichoso inseto; para o lado das orelhas ou do alto da cabeça, caminhos que o afastariam dos olhos do sábio, sem contar que de um instante para o outro podia tornar a voar, sair da cubata e perder-se nos raios do sol, onde passava a sua vida, entre os zumbidos dos seus congêneres, que de fora o atraíam.

Primo Bénédicte pensou tudo isto. Nunca durante toda a sua vida de entomologista passara tantas emoções em tão curto espaço de tempo. Um hexápode africano, de espécie, ou pelo menos de variedade, ou talvez de subvariedade nova, estava sobre a sua cabeça, e não podia reconhecê-lo, a não ser que ele se dignasse passear a menos de uma polegada dos olhos do paciente entomologista.

Porém a súplica de primo Bénédicte devia ser ouvida. O inseto, depois de haver caminhado sobre aquela cabeleira eriçada, como na copa de um arbusto inculto, começou a descer pela testa de primo Bénédicte, e a este sorriu enfim a esperança de que ele se aventuraria até ir à ponta do nariz. Chegado onde estava, porque não desceria mais?

“No seu lugar, com certeza, eu descia”, pensava o

digno sábio.

O que é verdade é que qualquer outro teria dado uma grande palmada na testa, a fim de esmagar o inseto importuno, ou de, pelo menos, o obrigar a fugir. Sentir seis perninhas a moverem-se sobre a pele, sem falar no receio de ser mordido, e não fazer um gesto sequer, deve confessar-se que era heroísmo. O espartano, deixando que uma raposa lhe devorasse o peito, o romano, conservando entre os dedos carvões incandescentes, não resistia melhor do que primo Bénédict, descendente sem dúvida destes dois heróis.

O inseto, depois de dar algumas pequenas voltas, chegou ao alto do nariz. Primo Bénédict teve um momento de indecisão. O hexápode subiria ou desceria?

Desceu. Primo Bénédict sentiu-lhe as pernas aveludadas mexerem-se perto do nariz. O inseto não se inclinou, nem para a direita nem para a esquerda. Conservou-se ao meio, sobre a aresta levemente quebrada daquele nariz de sábio, tão bem disposto para trazer óculos. Transpôs a pequena cova feita pelo uso incessante de tal instrumento de óptica, que tanta falta fazia ao pobre primo, e parou finalmente na ponta do seu apêndice nasal.

Foi o melhor lugar que o hexápode podia ter escolhido. A tal distância, os dois olhos de primo Bénédict, fazendo convergir os raios visuais, podiam, como duas lentes, lançar sobre o inseto duplo olhar.

— Oh! Louvado seja Deus! — exclamou primo Bénédict, que não se pôde conter. — A manticora tuberculosa!

Não era preciso gritar, bastava apenas pensar. Não seria, porém, exigir muito do mais entusiasta de todos os entomologistas?

Ter na ponta do nariz uma manticora tuberculosa, de grandes élitros, um inseto da tribo das cincidelas, exemplar raríssimo nas coleções, e que parece ser

especial das regiões meridionais da África, e não soltar um brado de admiração, era superior às forças humanas!

Infelizmente, a manticora ouviu um grito, que foi quase seguido de um espirro, que sacudiu o apêndice sobre o qual ela estava pousada. Primo Bénédicte quis agarrá-la, estendeu a mão, fechou-a violentamente e conseguiu apenas agarrar a ponta do nariz.

— Maldita! — exclamou ele.

Mas depois deu provas de notável paciência.

Sabia que a manticora tuberculosa apenas esvoaça, que melhor anda do que voa. Ajoelhou-se e conseguiu distinguir, a menos de dez polegadas de distância dos olhos, um ponto negro passando rapidamente pelos raios do sol.

Antes estudá-la em completa liberdade. Convinha porém não a perder de vista.

“Posso apanhar a manticora, mas corro o risco de a esmagar!”, pensou primo Bénédicte. “Nada, não! Segui-la-ei! Admirá-la-ei primeiro! Tenho muito tempo para lhe deitar a mão.”

Enganar-se-ia? Ou se se enganasse ou não, ei-lo de pés e mãos pelo chão, com o nariz quase junto à terra, como um cão que fareja, e seguindo o magnífico hexápode, à distância de quatro a cinco polegadas. Pouco depois estava fora da cubata, sob a ação do ardente sol do meio-dia, e minutos depois junto da paliçada que circundava a feitoria de Alves.

Iria a manticora voltear por cima do cerrado, e de tal sorte pôr uma parede entre ela e o seu adorador? Não! Não estava isso na sua natureza, bem o sabia primo Bénédicte. Assim, pois, seguiu-a sempre, arrastando-se como uma cobra, bastante longe para entomologicamente reconhecer o inseto, mas à distância indispensável para poder distinguir aquele grande ponto móvel que caminhava pelo solo.

A manticora, chegando perto do cercado, encontrou

a entrada de uma toca de toupeiras, que perto dela se abria. Sem hesitar, penetrou por aquela galeria subterrânea, porque é dos seus hábitos procurar os lugares escuros. Primo Bénédicte julgou que ia perdê-la de vista, mas, com grande surpresa, verificou que o furo aberto pelas toupeiras tinha a largura de dois pés pelo menos, e que a toca formava uma espécie de galeria em que o seu corpo magro e delgado podia caber. Nesta caçada, era ele como o furão, e por isso nem sequer percebeu que, enterrando-se por aquele modo, passava por debaixo da paliçada, porque a toca punha em comunicação natural o exterior com o interior da feitoria. Em meio minuto primo Bénédicte achava-se do lado de fora. Não era porém coisa que o preocupasse. Todo o seu espírito estava concentrado na contemplação do elegante inseto que o guiava. Este, porém, tinha já caminhado bastante. Os élitros afastaram-se, as asas abriram-se. Primo Bénédicte conheceu o perigo, e ia fazer da mão prisão provisória para a manticora, quando esta, frrrr... voou!

Ficou desesperado! A manticora, porém, não podia ir longe. Primo Bénédicte levantou-se, olhou e avançou as mãos estendidas e abertas.

O inseto esvoaçava-lhe por cima da cabeça; ele apenas distinguia um grande ponto negro, sem forma apreciável.

A manticora viria repousar novamente na terra, depois de ter traçado alguns círculos caprichosos em torno da cabeça desgrenhada de primo Bénédicte? Tudo fazia supor que assim sucederia.

Infelizmente, porém, a parte da feitoria de Alves, que estava situada na extremidade norte da povoação, confinava com uma vasta floresta, que cobria o território de Kasonde na extensão de muitas milhas quadradas. Se a manticora se metesse pela espessura do arvoredor, e lá comesse a voar de ramo em ramo, estava perdida a

esperança de a fazer figurar na famosa caixa de folha, da qual ela seria jóia preciosa.

Foi o que aconteceu. A manticora pousara novamente no chão. Primo Bénédicte, tendo a inesperada probabilidade de a tornar a ver, precipitou-se imediatamente com o nariz para a terra; mas a manticora já não andava, saltava.

Primo Bénédicte, cansado, com os joelhos e as unhas ensanguentados, saltava também. Os braços e as mãos parecia que se desmanchavam, ora para a direita, ora para a esquerda, conforme o ponto negro saltava de um ou do outro lado. Dir-se-ia que o entomologista nadava de bruços sobre aquele solo ardentíssimo.

Trabalho inútil! Fechava as mãos repetidas vezes, mas sempre as fechava vazias. O inseto fugia-lhe sempre também, e, logo que chegou debaixo da fresca ramagem das árvores, elevou-se, mas depois de ter roçado levemente as orelhas de primo Bénédicte e feito o mais irônico zumbido que podem produzir asas de coleóptero.

— Maldita! — exclamou pela segunda vez primo Bénédicte. — Escapar-me! Ingrato hexápode! Tu, que tinhas um lugar de honra marcado na minha coleção! Pois não te deixarei! Perseguir-te-ei até que te apanhe!...

Esquecia-se, o desconcertado primo, que os seus olhos de míope não lhe permitiam distinguir a manticora entre a folhagem. Mas estava fora de si. O despeito e a cólera faziam-no louco. E era ele, e só ele, o culpado da sua infelicidade! Se tivesse agarrado o inseto quando devia, em vez de o seguir para o ver em “liberdade”, nada disto lhe teria acontecido e possuiria aquele admirável exemplar das manticoras africanas, cujo nome é o do animal fabuloso que tinha a cabeça de homem e o corpo de leão!

Primo Bénédicte estava com a cabeça perdida. Não pensava que a mais imprevista circunstância lhe dera a liberdade. Não percebia que a toca da toupeira, na qual

se introduzira, lhe abriu uma saída, e que estava fora da feitoria de Alves. Achava-se, porém, na floresta, e sobre as árvores, a sua fugitiva. Queria tornar a vê-la, custasse o que custasse.

Ei-lo, pois, correndo através do denso mato, sem consciência do que fazia, imaginando sempre ver o precioso inseto, e movendo os longínquos braços, como um grande aranhaço! Onde ia, como voltaria, não pensava, e assim andou mais de uma milha, embrenhando-se nos bosques, com o risco de ser encontrado pelos indígenas ou atacado pelas feras.

Repentinamente, como passasse junto a uma balça, um vulto enorme pulou e saltou sobre ele. Depois, exatamente como primo Bénédicte teria feito à manticora, o vulto deitou-lhe uma das mãos à nuca e a outra às costas, e, sem que Bénédicte tivesse tempo de reconhecer quem era, foi levado pelo bosque dentro.

Primo Bénédicte perdera naquele dia a melhor das ocasiões para se proclamar o mais feliz de todos os entomologistas das cinco partes do mundo!

CAPÍTULO XVI

UM MEGANGA

Quando, no dia 17, Mrs. Weldon não viu aparecer à hora do costume primo Bénédicte, ficou extremamente inquieta. Não era crível que ele tivesse conseguido fugir da feitoria, cujo cercado era muito alto. Além de que Mrs. Weldon conhecia bem o seu primo. Se lhe tivessem proposto fugir, abandonando a caixa de folha e a coleção de insetos africanos, teria recusado sem a menor hesitação. Ora, a caixa estava na barraca, intacta, contendo tudo quanto o sábio conseguira apanhar desde a sua chegada ao continente africano. A hipótese, pois, de que ele voluntariamente se separara do seu tesouro entomológico era inadmissível.

Contudo, primo Bénédicte não se encontrava dentro da feitoria de José António Alves.

Durante todo o dia Mrs. Weldon procurou-o obstinadamente, juntamente com Jack e com a escrava Halima. Foi inútil.

Mrs. Weldon teve, pois, de aceitar esta hipótese pouco animadora: o prisioneiro fora levado dali por ordem do traficante, e por motivo que ela não podia descobrir. Mas, em tal caso, o que lhe fez Alves? Encarcerou-o num dos barracões da praça principal? Qual era a razão de tal surpresa, depois de feita a convenção entre Mrs. Weldon e Negoro, convenção que compreendia primo Bénédicte no número dos prisioneiros que o traficante devia conduzir a Moçâmedes, para

serem entregues, a troco de dinheiro, a James W. Weldon? Se Mrs. Weldon tivesse visto a cólera de Alves, quando este soube do desaparecimento do prisioneiro, teria percebido que Alves não fora a causa de tal desaparecimento. Mas se primo Bénédicte se evadira voluntariamente, porque não lhe confiou o segredo da evasão?

Entretanto as pesquisas de Alves e dos seus servos, feitas com o maior cuidado, levaram à descoberta da toca das toupeiras que estabelecia comunicação entre a feitoria e a floresta vizinha. O traficante ficou convencido de que o “apanha-moscas” fugira por aquela abertura. Julgue-se qual foi o seu furor quando pensou que a fuga de Bénédicte seria lançada à conta da sua responsabilidade, e conseqüentemente diminuída a parte que lhe devia caber!

“Não valia muito aquele parvo”, pensava ele “e contudo há de custar-me caro! Ah! Se eu o tornasse a apanhar...”

Apesar, porém, das buscas que se fizeram dentro da feitoria, e conquanto se tivessem batido os matos em larga extensão, foi impossível encontrar traços do fugitivo. Mrs. Weldon teve de conformar-se com a perda do seu primo, e Alves de lastimar a fuga do seu prisioneiro. Como não era provável que este tivesse restabelecido relações com o exterior, parecia evidente que foi o acaso que lhe deparou a toca das toupeiras, e que por ela fugira, pensando tanto nos que deixava na feitoria como se eles nunca tivessem existido.

Mrs. Weldon foi obrigada a julgar que assim devia ser, mas não pensou por tal motivo em querer mal àquele pobre homem, que não tinha consciência dos atos que praticava.

“Desgraçado! Que lhe acontecerá?”, dizia ela consigo mesmo.

Inútil será dizer que no mesmo dia foi tapada com o

maior cuidado a entrada da toca e que aumentou a vigilância tanto da parte de dentro como do lado de fora da feitoria.

A vida monótona dos prisioneiros continuou, pois, para Mrs. Weldon e para Jack.

Entretanto produziu-se na província um fenômeno climatérico raríssimo naquela época do ano. Em 19 de Junho começaram chuvas persistentes, apesar de o período da “masica”, que finda em Abril, ter já passado. O céu estava coberto, e aguaceiros contínuos inundavam o território de Kasonde.

Isto, que foi desagradável para Mrs. Weldon, por não poder continuar os seus passeios no interior da feitoria, para os indígenas era uma calamidade. Os terrenos baixos, cobertos de searas já em estado de se ceifarem, ficaram completamente alagados. Os habitantes da província, aos quais as colheitas faltavam tão repentinamente, viram-se a braços com a miséria. Todos os trabalhos próprios da estação estavam paralisados, e a rainha Moina não sabia, nem os seus ministros, de que modo afrontariam a catástrofe.

Recorreu-se então aos feiticeiros, mas não aos que curam os doentes por meio de encantamentos ou bruxarias ou que lêem as sinas aos indígenas. Como se tratava de uma calamidade pública, pediu-se aos melhores megangas, que têm a faculdade de provocar ou de fazer cessar as chuvas, que conjurassem o perigo.

Perderam o tempo. Entoaram cânticos monótonos, agitaram os guizos e campainhas, empregaram os mais preciosos amuletos e usaram particularmente de um chavelho cheio de lodo e de casca de árvores, em cuja ponta tinha três pequenas protuberâncias; esconjuraram, atirando com bolas de esterco ou cuspendo na cara das mais augustas personagens da corte; mas, apesar de tudo, não conseguiram expulsar os maus espíritos que presidiam à formação das nuvens.

As coisas iam de mal a pior quando a rainha Moina se lembrou de mandar chamar um célebre meganga, que se achava então ao norte, nos sertões de Angola. Era um mágico de primeira ordem, cujo valor era tanto mais maravilhoso quanto, como era certo, nunca fora experimentado naquela província, onde ainda não estivera. Mas tratava-se unicamente dos seus sucessos na região das “masicas”.

Foi na manhã de 25 de junho que o novo meganga anunciou ruidosamente a sua entrada em Kasonde, por grande bulha de guizos e de campainhas.

Veio o feiticeiro direito à “tchikoka” e logo a multidão de indígenas se precipitou para ele. O céu tinha aspecto menos chuvoso, o vento indicava que ia mudar, e estes sintomas de bonança, coincidindo com a chegada do meganga, predispunham os espíritos em seu favor.

Era um homem magnífico, um negro perfeito. Media seis pés de altura, e devia ser extraordinariamente vigoroso. Tal gentileza impô-lo à multidão.

Normalmente os feiticeiros reúnem-se aos três, aos quatro ou cinco, quando percorrem as povoações, e são sempre acompanhados por alguns ajudantes. Este porém vinha só. Tinha o peito todo zebrado com malhas brancas feitas com giz. A parte inferior do corpo era tapada por um amplo saiote feito de tecido vegetal, cuja “cauda” não desdenhariam damas elegantes. Trazia ao pescoço um colar feito de crânios de pássaros, na cabeça um casco de couro com penas enfeitadas com missangas, sobre os rins um cinto de cobre do qual pendiam centenas de guizos, mais ruidosos do que os dos arreios dos machos espanhóis. Assim estava vestido o magnífico exemplar da corporação dos necromantes indígenas.

Todo o material da sua arte consistia numa espécie de saco, cujo fundo era formado por uma cabaça, cheio de conchas, amuletos, ídolos pequenos de madeira e outros feitiços, e além disso uma não pequena

quantidade de bolas de esterco, acessórios importantes dos encantamentos e necromancias do centro da África.

Uma particularidade notou toda a gente: o meganga era mudo, mas este defeito orgânico aumentava ainda mais a consideração que lhe tributavam. Fazia apenas ouvir um som gutural, grave e prolongado, sem significação. Mais uma razão para ser bem aceite em assuntos de sortilégios.



O meganga principiou a dar a volta à praça principal, executando uma espécie de pavana, que fazia ressoar o carrilhão de guizos que consigo trazia. Seguiu-o a multidão, imitando-lhe os movimentos. Dir-se-ia um bando de macacos seguindo um enorme quadrúmano. Depois, mas de repente, o feiticeiro tomou pela rua principal de Kasonde e dirigiu-se à residência real.

Logo que a rainha Moina teve conhecimento da chegada do novo adivinho, apareceu, acompanhada por todos os seus cortesãos.

Então o meganga inclinou-se até ao chão e levantou-se logo, mostrando a sua bela estatura. Levantou os braços para o céu, onde corriam rapidamente nuvens esfarrapadas. Apontou para elas, imitou-lhes os movimentos de rotação que se não podia travar.

Repentinamente e com grande surpresa do povo e da corte o feiticeiro agarrou pela mão a temível rainha de Kasonde. Alguns cortesãos quiseram opor-se a este ato, que contrariava as etiquetas da corte; mas o vigoroso meganga, deitando a mão ao pescoço do que estava mais próximo, fê-lo ir cair a quinze passos de distância.

A rainha pareceu não desaprovar este arrogante modo de proceder e fez para o necromante -uma espécie de careta, que devia ser um sorriso. O necromante levou a rainha com passo arrebatado; a multidão seguia-os.

Foi para a feitoria de Alves que se dirigiu o feiticeiro. Chegou à porta, que estava fechada. Meteu-lhe os ombros, atirou-a por terra e fez entrar a rainha.

O traficante, com os seus guardas e escravos, correram a castigar o imprudente que se atrevia a arrombar as portas sem esperar que lhas abrissem. Porém, vendo a soberana, que nada dizia, pararam, ficando em atitude respeitosa.

Alves ia, sem dúvida, perguntar à rainha qual era a causa a que devia a honra da sua visita, mas não lhe deu

tempo o mágico, e, fazendo recuar a multidão, para que ficasse grande espaço livre em volta dele, recomeçou a pantomima com maior animação ainda. Mostrou as nuvens, ameaçou-as, esconjurou-as, primeiro fez-lhes gestos para que parassem, depois para que se afastassem. Encheu as enormes bochechas e soprou sobre aquela massa de vapores, como se tivesse poder de os dissipar. Em seguida endireitou-se, pareceu querer obrigá-las a parar. Dir-se-ia que a sua enorme estatura lhe dava a faculdade de lhes deitar as mãos.

A supersticiosa Moina, “empalmada”, é o termo, por aquele grande farsante, não era senhora de si. Soltava gritos. Delirava, e repetia instintivamente os gestos do meganga. Os cortesãos e a plebe imitavam a rainha, e os sons guturais do mudo confundiam-se com os cânticos, gritos e os urros em que tanto abunda a linguagem indígena.

Cessaríam as nuvens de se levantar do horizonte para o lado do oriente e de velar aquele céu tropical? Iriam desfazer-se sob a influência dos exorcismos do recém-chegado feiticeiro? Não. E já quando a rainha e o seu povo imaginavam rendidos os espíritos malignos que ameaçavam de a submergir com chuvas torrenciais, o céu, menos carregado desde a madrugada, escureceu profundamente, e grossos pingos de chuva, como a das trovoadas, caíram, crepitando no solo.

Então operou-se grande mudança na opinião de todos. Desconfiaram que este meganga não valia mais do que os outros, e, por um franzimento de sobrancelhas da rainha, perceberam que ele, pelo menos, tinha as orelhas em muito risco. Os indígenas haviam apertado o círculo em torno do meganga, ameaçavam-no, e iam talvez castigá-lo, quando um incidente imprevisto mudou as disposições hostis.

O meganga, que pela sua altura dominava aquela agitada multidão, estendera o braço para um ponto do

recinto onde estavam. Foi tão imperioso este gesto que todos olharam.

Mrs. Weldon e Jack, atraídos pelo tumulto e clamores, tinham saído da sua palhota. Foram eles que o mágico, com um movimento de cólera, designou com a mão esquerda, apontando com a direita para o céu.

Eles, eram eles! Era a branca e o seu filho que causavam tantos males! Deles provinham tantos malefícios! Tinham trazido aquelas nuvens das suas pluviosas regiões para inundar o território de Kasonde.

Compreenderam-no. A rainha, apontando para Mrs. Weldon, fez um sinal ameaçador. Os indígenas, soltando gritos terríveis, correram para ela.

Mrs. Weldon julgou-se perdida, e, apertando o filho entre os seus braços, ficou imóvel como uma estátua ante aquela plebe exaltada.

O meganga dirigiu-se para ela. Afastaram-se para dar passagem ao feiticeiro, que, descobrindo a causa do mal, parecia ter achado o remédio.

O traficante Alves, para quem a vida da prisioneira era preciosa, aproximou-se também, sem contudo saber o que fizesse.

O meganga lançara as mãos a Jack, e, arrancando-o dos braços da mãe, ofereceu-o ao céu. Acreditou-se que lhe ia quebrar a cabeça de encontro ao solo para apaziguar a ira dos deuses!

Mrs. Weldon deu um grito terrível e caiu desmaiada.

Mas o meganga, depois de ter feito um sinal à rainha, que sem dúvida a tranquilizou sobre as intenções dele, levantou a infeliz mãe e levou-a, bem como ao filho, enquanto a multidão, perfeitamente dominada, lhe abria caminho.

Alves, furioso, não entendia as coisas do mesmo modo. Depois de ter perdido um prisioneiro entre três que tinha, não queria ver fugir o depósito que estava confiado à sua guarda, e, com o depósito, a grossa

quantia que lhe reservava Negoro, embora desaparecesse sob outro dilúvio todo o território de Kasonde! Quis porém opor-se àquele rapto.

Foi então contra Alves que se revoltaram os indígenas. A rainha ordenou aos seus guardas que o prendessem, e o traficante, sabendo quanto lhe podia custar a sua ousadia, aquietou-se, amaldiçoando, porém, a estúpida credulidade dos súbditos da augusta Moina.

Os selvagens esperavam ver limpar o céu, com o desaparecimento dos que tinham atraído as nuvens, e não duvidavam de que o mágico quisesse conter as águas, que tantos danos lhes causaram, com o sangue dos estrangeiros.

Entretanto o meganga levava as suas vítimas, como um leão leva dois cabritinhos na boca poderosa, Jack espantado, Mrs. Weldon sem sentidos. A multidão seguia-o enraivecida, mas o meganga saiu da feitoria, atravessou Kasonde, meteu-se pela floresta, caminhou perto de três milhas, sem que fraquejasse uma única vez e finalmente — os indígenas tinham compreendido que ele não queria que o seguissem — -chegou junto a uma ribeira, cuja rápida corrente se dirigia para o norte.

Aí, no fundo de uma larga cavidade, por detrás de compridas folhas pendentes de uma sarça que escondia a margem, estava amarrada uma canoa coberta por uma espécie de colmo.

O meganga embarcou, depôs dentro dela o duplo fardo que trazia, e afastou-a com um pé, lançando-a para a corrente, que rapidamente lhe pegou; depois disse com voz bem clara e distinta:

— Meu capitão, aí tem Mrs. Weldon e o menino Jack! A caminho agora, e que todas as nuvens do céu se abram sobre os idiotas de Kasonde!

CAPÍTULO XVII

À MERCÊ DA CORRENTE

Era Hercule, impossível de reconhecer sob os atavios de mágico, quem assim falava, e era a Dick Sand que ele se dirigia — a Dick Sand, tão fraco ainda, que necessitava de se apoiar em primo Bénédict, perto de quem Dingo estava deitado.

Mrs. Weldon, que recuperara os sentidos, apenas pôde proferir estas palavras:

— Tu, Dick! Tu aqui!

O práctico levantou-se, mas já Mrs. Weldon o abraçava e Jack lhe prodigalizava milhares de carícias.

— O meu amigo Dick! O meu amigo Dick! — repetia ele.

Depois, voltando-se para Hercule, disse-lhe: — E eu que te não conheci!

— Que tal era o disfarce! — respondeu Hercule, esfregando o peito para tirar as manchas que o zebravam.

— Estavas muito feio!- — disse Jack.

— Pudera não! Se eu era o diabo, e o diabo nunca foi bonito.

— Obrigada, Hercule! — agradeceu Mrs. Weldon, estendendo a mão ao valente negro.

— Libertou-a — acrescentou Dick Sand — como me salvou a mim, apesar de ele não ser desta opinião.

— Salvos! Salvos! Por ora ainda não! — respondeu

Hercule! — E demais, se não fosse o Sr. Bénédict, que nos veio dizer onde estava Mrs. Weldon, nada poderíamos fazer!

Fora com efeito Hercule quem, cinco dias antes, saltara sobre o sábio, na ocasião em que este, depois de se haver distanciando duas milhas da feitoria, andava em perseguição da manticora. Se não fosse tal incidente, nem Dick Sand nem o negro saberiam onde estava Mrs. Weldon, e portanto Hercule não se teria arriscado a ir a Kasonde com o vestuário de mágico.

Enquanto a canoa era levada pela rápida corrente, naquele ponto mais apertado do rio, Hercule contou o que se passara desde a sua fuga no arraial junto ao Guanza, como seguira, sem que fosse visto, a “kitanda” em que era conduzida Mrs. Weldon e o seu filho; como encontrara Dingo ferido por uma bala; de que modo ambos haviam chegado até aos arredores de Kasonde; como um bilhete de Hercule levado pelo cão instruíra Dick Sand do que acontecera a Mrs. Weldon; como, depois da inesperada chegada de primo Bénédict, tentara, mas em vão, penetrar na feitoria, mais rigorosamente vigiada do que nunca; como, finalmente, encontrara aquela oportunidade de roubar a prisioneira ao terrível José António Alves. A ocasião oferecera-se naquele mesmo dia. Um meganga que andava em giro de bruxarias — o célebre mágico tão impacientemente desejado — passou próximo da floresta por onde Hercule vagueava todas as noites, espiando, escutando e sempre pronto para tudo. Saltar sobre o meganga, espoliá-lo das vestimentas e do trem de mágico, prendê-lo ao tronco de uma árvore com voltas de cipó e por tal modo que nem os irmãos Davenport seriam capazes de se desprenderem, pintar o corpo tomando o feiticeiro para modelo, e desempenhar o seu papel, foi tudo obra de poucas horas; mas ainda assim era necessária a extraordinária credulidade dos indígenas para serem de

tal modo enganados.

Na narrativa de Hercule não se falava de Dick Sand.

— E tu, Dick Sand? — perguntou Mrs. Weldon.

— Eu — respondeu o prático — nada lhe posso dizer. O meu último pensamento foi para Mrs. Weldon e para Jack!... Quis, mas em vão, quebrar as cordas que me prendiam ao poste... A água cobriu-me a cabeça... Perdi os sentidos... Quando os recuperei, servia-me de abrigo um buraco, escondido entre os canaviais da margem que nos fica além, e Hercule, ajoelhado, cuidava de mim.

— Demônio! — respondeu Hercule. — Pois se eu sou médico, necromante, feiticeiro, mágico e se, além disso, leio sinas!...

— Hercule — perguntou Mrs. Weldon — , como conseguiste salvar Dick Sand?

— Então julga que fui eu? E não seria possível que a corrente tivesse quebrado o poste a que estava preso o nosso capitão, e o arrastasse, já alta noite, sobre aquela viga de onde eu o tirei meio-morto? Demais, não era difícil, naquelas trevas profundas, confundir-se qualquer com as vítimas que estavam no fundo da sepultura, esperar que se rompessem os diques, nadar entre duas águas e com um pouquinho de força arrancar ao mesmo tempo o nosso capitão e o cepo a que aqueles patifes o tinham amarrado. Nisto nada há de extraordinário! Todos o podiam fazer. Até o Sr. Bénédicte ou mesmo Dingo! E, é verdade, por que não seria Dingo?...

Ouviu-se um pequeno latido, e Jack, agarrando a cabeça do cão, deu-lhe pequenas palmadas de amizade, perguntando-lhe:

— Dingo, foste tu que salvaste o nosso amigo Dick? E ao mesmo tempo obrigou a cabeça do cão a abanar da esquerda para a direita.

— Olha, Hercule: diz que não! Bem vês que não foi

ele.

— Dingo, foi Hercule quem salvou o nosso capitão? O pequenito obrigou a cabeça do fiel animal a mover-se cinco ou seis vezes de baixo para cima.

— Diz que sim, Hercule! Diz que sim! — exclamou Jack. — Agora não podes negar!

— Ah! Dingo — disse Hercule, afagando o cão — , isso não se faz. Tinhas prometido não me descobrir!

Foi, com efeito, Hercule quem arriscara a sua vida para salvar a de Dick Sand. Mas era feito assim, e a sua modéstia não lhe permitia confessar a verdade. Além de que julgava que era coisa simples, e repetiu que nenhum dos seus companheiros em tais circunstâncias teria hesitado em proceder como ele.

Deu isto causa a que Mrs. Weldon falasse do velho Tom, de Bat, de Acteon, de Agostinho, dos seus companheiros de desgraça.

Iam de marcha para a região dos lagos. Hercule vira-os passar com a caravana de escravos. Seguiria-os, mas nunca se lhe ofereceu ocasião de comunicar com eles. Tinham partido! Estavam irremediavelmente perdidos!

E ao riso franco de Hercule sucederam-se grossas lágrimas, que ele não tentou reprimir.

— Não chores, meu amigo--disse-lhe Mrs. Weldon.

— Quem sabe? Talvez Deus nos faça a mercê de os tornarmos a ver!

Alguns esclarecimentos mais foi quanto bastou para que Dick Sand ficasse sabendo tudo quanto se passou durante o tempo que Mrs. Weldon esteve na feitoria de Alves.

— Quem sabe? — acrescentou ela. — Talvez fosse melhor ter ficado em Kasonde...

— Muito desastrado sou eu! — exclamou Hercule.

— Não, Hercule, não és! — respondeu Dick Sand. — Aqueles malditos acharam talvez meio de armar alguma

cilada a Mrs. Weldon. Convém, pois, fugirmos sem demora! Chegaremos à costa antes de Negro estar de volta, em Moçâmedes. Lá teremos o auxílio e a proteção das autoridades portuguesas, e quando o traficante Alves se apresentar para receber os cem mil dólares...

— Receberá cem mil cacetadas na cabeça! — acrescentou Hercule. — Eu me encarregarei de lhe fazer as contas!

Não deixava, porém, de ser o caso complicado; contudo Mrs. Weldon não pensava voltar a Kasonde. Era forçoso chegar antes de Negro. Todos os ulteriores projetos de Dick Sand deviam tender para este fim.

Dick Sand conseguira, finalmente, realizar o que desde muito tempo havia imaginado: encaminhar-se para o litoral, aproveitando a corrente de uma ribeira ou de um rio. Encontrara-a enfim; dirigia-se para o norte e era possível que fosse misturar as suas águas com as do Zaire.

Em tal caso, Mrs. Weldon e os seus companheiros, em vez de irem diretamente a São Paulo de Luanda, seria à embocadura daquele grande rio que iriam parar. Era-lhes, porém, indiferente, porque não lhes faltariam socorros por toda a costa de Angola.

A primeira ideia que teve Dick Sand, já decidido a descer a corrente do pequeno rio onde estava, foi a de se fazer transportar, como se fosse numa jangada, nalguma das muitas ilhas de capim (1) que se encontram com frequência nas correntes dos rios da África.

**1. Cameron fala repetidas vezes destas ilhas flutuantes.*

Mas Hercule, vagueando pela margem durante a noite, teve a fortuna de achar uma embarcação, que ia abandonada e à tona de água. Assim o desejava Dick Sand. O acaso favoreceu-o. Não era, com efeito, dessas estreitíssimas canoas de que os indígenas usam

frequentemente, mas das que medem trinta pés de comprimento por três de largura, e que, ao impulso de grande número de pás, correm com extraordinária velocidade sobre as águas dos grandes lagos. Mrs. Weldon e os seus companheiros podiam, pois, acomodarse bem dentro dela, e bastaria conservá-la direita na corrente da água, por meio de uma ginga, para descer bem o rio.

Dick Sand, desejando passar sem ser visto, imaginou viajar unicamente durante a noite. Mas andar só doze horas por dia, e essas mesmas à mercê da corrente, equivalia a duplicar o tempo de viagem, que não podia ser longa.

Felizmente, Dick teve a lembrança de fazer cobrir a canoa com um tecto de capim, sustentado sobre uma vara comprida, posta de vante a ré; e como o capim pendia até à superfície das águas, escondia a ginga. Dir-se-ia que era um montão de ervas correndo entre ilhotas flutuantes. E era tão engenhosa a disposição daquela choça que os pássaros se enganavam; as gaivotas de bico encarnado, as anhingas de penas negras, e os maçaricos cinzentos e brancos vinham repetida vezes pousar sobre elas e debicar no capim.

Além disto, aquele tecto de verdura servia de abrigo contra os ardores do sol. Uma viagem em tais condições, pois, podia fazer-se sem fadiga, mas não sem perigos.

Devia ser longa e, além disso, era mister prover dia a dia do sustento quotidiano. Daqui provinha a necessidade de caçar em uma e na outra margem, quando a pesca não bastava; e Dick Sand tinha apenas a espingarda que Hercule conservara, depois do assalto contra o formigueiro. Esperava, porém, não perder um único tiro. Talvez que passando a espingarda através da cobertura da embarcação pudesse atirar com mais certeza.

Entretanto a canoa deslizava mansamente pela ação da corrente, cuja velocidade Dick Sand não estimava em menos de duas milhas por hora. Esperava, por consequência, percorrer proximamente cinquenta milhas em vinte e quatro horas. Mas, em razão da rapidez da corrente, convinha que a vigilância não fosse interrompida, para evitar os obstáculos, tais como rochas, troncos de árvores e baixios. Havia ainda o receio dos saltos e das cataratas, que tão frequentemente se veem nos rios africanos.

Dick Sand, a quem a alegria de tornar a ver Mrs. Weldon e seu filho fizera recuperar o antigo vigor, fora postar-se na proa da embarcação. Por entre o capim observava o curso do rio para o lado da foz e, ou por palavras ou por gestos, indicava a Hercule, que manejava a ginga, o que convinha fazer para seguirem bom caminho.

Mrs. Weldon, estendida no meio da canoa sobre uma cama feita de folhas secas, ia absorvida nos seus pensamentos. Primo Bénédict, taciturno, franzindo os sobrolhos quando olhava para Hercule, a quem não perdoava a sua intervenção na caçada à manticora, pensando também na sua coleção, nos seus apontamentos entomológicos, a que os indígenas de Kasonde não dariam o menor apreço, estava ali, de pernas estendidas, os braços cruzados sobre o peito, fazendo às vezes o movimento instintivo de levantar para a testa os óculos, que já lhe não descansavam no nariz. Jack compreendera que não devia fazer bulha, mas, como não lhe era proibido mexer-se, imitava o seu amigo Dingo, correndo com as mãozinhas pelo chão de um ao outro extremo da canoa.

Durante os primeiros dois dias sustentaram-se Mrs. Weldon e os seus companheiros dos alimentos que Hercule conseguira arranjar antes da partida. Dick Sand só parou durante a noite para descansar algumas horas.

Não desembarcou, porém, querendo fazê-lo unicamente quando a necessidade de se abastecer de provisões a isso o obrigasse.

Nenhum incidente notável se deu no princípio da viagem naquele rio desconhecido, o qual em média não tinha mais de cinquenta pés de largura. Algumas ilhas de capim eram arrastadas também pela corrente, com velocidade igual à da embarcação.

Não havia pois receio de atracar com elas, se, por acaso, inopinado obstáculo as fizesse parar.

As margens pareciam desertas. Evidentemente aquela porção de território de Kasonde era pouco frequentada pelos indígenas.

Nas praias crescia grande número de plantas selvagens, de cores muito vivas e variadas. Asclépias, espadanas, lírios, clematites, balsaminas, aloés, fetos arbóreos e arbustos odoríferos formavam uma orla de incomparável beleza. Algumas florestas vinham quase banhar-se no rio e receber a frescura das suas águas correntes.

As árvores de onde se extrai a goma-copal, as acácias, as bauínias, de que se corta a madeira conhecida pelo nome de pau-ferro e cujos troncos estavam cobertos de líquenes do lado oposto àquele de onde sopram os ventos frios, e outras árvores de diversas espécies levantadas sobre as raízes, semelhando estacadas, como os mangues, e algumas mais de grandes lançamentos, inclinavam-se sobre o rio. As ramadas mais altas, entrelaçando-se e confundindo-se a grande altura, formavam uma abóbada que os raios do Sol não penetravam. Em alguns lugares lançavam-se de um lado para o outro uma espécie de pontes formadas de plantas enredadiças. Por uma dessas pontes viu Jack, com grande espanto seu, na manhã de 27, passar um bando de macacos, segurando-se com a cauda, para se acautelarem da queda, se porventura a ponte quebrasse.

Pertenciam à família dos chimpanzés, que na África Central são conhecidos pelo nome de “sokos”. São horrendos exemplares da sua raça: testa pequena, focinho amarelo-claro e orelhas grandes. Vivem aos bandos de dez, ladram como cães e são muito temidos pelos indígenas, a quem roubam algumas vezes as crianças, que agatam e mordem. Ao passar pela ponte de cipós, mal cuidavam eles que, sob aquele montão de ervas que a corrente levava, havia uma criança, com a qual eles se poderiam divertir bastante. O aparelho imaginado por Dick Sand estava tão bem disposto que enganava aqueles perspicazes animais.

No mesmo dia, vinte milhas mais abaixo, a embarcação estacou repentinamente.

— Que é isto? — perguntou Hercule, que se conservava ao leme.

— Um obstáculo natural.

— Que é forçoso vencer, Sr. Dick.

— Sim, Hercule, mas a machado. Já algumas ilhas de capim caíram sobre ele, e ele resistiu!

— Nesse caso, mãos à obra, meu capitão! Mãos à obra! — disse Hercule, dirigindo-se para a proa da embarcação.

Era o obstáculo produzido pelo enlaçamento de uma planta resistente, de folhas lustrosas, que por si mesmo se junta e comprime, tornando-se muito resistente. Chamam-lhe “tikatika”, e pode dar passagem sobre as ribeiras a quem não recear enterrar os pés cerca de doze polegadas no seu tabuleiro ervoso. Cobriam-lhe a superfície magníficas ramificações de lódãos.

Começava a cair a noite. Hercule pôde sem grande imprudência sair da embarcação, e tão bem manejou o machado que duas horas depois o obstáculo estava vencido, a corrente prolongava sobre as margens as duas metades cortadas por Hercule, e a canoa corria

novamente sobre as águas serenas do rio.

É forçoso dizê-lo! Primo Bénédicte, sempre criança, apesar da idade, teve por um momento a esperança de que não continuariam para diante. A viagem era-lhe fastidiosa. Tinha saudades da feitoria de José António Alves e da palhota onde se conservava ainda a sua preciosa caixa de entomologista. Era verdadeira a pena que sentia, e fazia dó ver o pobre homem. Nem um inseto sequer!

Qual foi a sua alegria quando Hercule — que fora seu discípulo — lhe deu um horrendo animalzinho, que apanhara numa haste da “tikatika”. Coisa notável, o negro parecia estar um pouco embaraçado quando lho entregou.

Mas que exclamações soltou primo Bénédicte quando aproximou o inseto, que tinha entre os dedos polegar e o indicador, o mais próximo possível dos seus olhos de míope, aos quais faltavam os óculos e a lente.

— Hercule! — exclamou ele. — Hercule! Ah! Este inseto vale o teu perdão. Prima Weldon! Dick! Vejam, um hexápode único no seu gênero e de origem africana! Este, ao menos, hão de permitir-me que só me deixe com a vida!

— Então é muito precioso? — perguntou Mrs. Weldon.

— Se é precioso! — disse primo Bénédicte.

— Um inseto que não é coleóptero, nem neuróptero, nem himenóptero; que não pertence a nenhuma das ordens reconhecidas pelos sábios, e que seria talvez bem classificado na segunda secção dos aracnídeos! Uma espécie de aranha, que seria aranha se tivesse oito pernas, mas que é um hexápode, porque apenas tem seis! Ah! Meus caros, o céu devia dar-me esta alegria. Vou finalmente ligar o meu nome a uma descoberta científica! Este inseto chamar-se-á “Hexápode Bénédicteus”!

O entusiasta sábio estava contentíssimo, esquecia todas as suas desgraças passadas e futuras. Mrs. Weldon e Dick Sand não lhe pouparam cumprimentos.

Entretanto a canoa deslizava nas águas escuras do rio. O silêncio da noite era apenas interrompido pelo ruído das escamas dos crocodilos ou pelo ronco dos hipopótamos que pastavam pelas margens.

Por entre as fendas do colmo, a Lua, que se via através das ramadas do arvoredado, lançava a suave claridade no interior da embarcação.

Mas de repente ouviu-se na margem direita um estrondo longínquo, depois um ruído surdo, como se fossem bombas gigantescas a trabalhar.

Eram muitas centenas de elefantes que, fartos de raízes lenhosas, que durante o dia haviam devorado, vinham beber água antes de repousarem. Poder-se-ia julgar que todas as trombas destes animais, abaixando-se e elevando-se por um mesmo movimento automático, iam estancar o rio.

CAPÍTULO XVIII

VÁRIOS INCIDENTES

Durante oito dias foi a pequena embarcação levada pela corrente, nas condições que ficam relatadas. Não se deu nenhum acontecimento importante. Na extensão de muitas milhas banhava o rio as orlas de magníficas florestas; depois nas terras, já despidas das belas árvores, até ao horizonte, só se viam juncais.

Se não havia indígenas naquela região — o que Dick Sand não lastimava — abundavam os animais. Zebras correndo pelas margens, alces, caamas, espécie de antílopes extremamente graciosos, que se escondem à noite, quando aparecem os leopardos, cujos bramidos se ouviam, e os leões, que se viam saltando por cima das moitas. Até então os fugitivos não sofreram dano causado pelos ferozes carniceiros, ou fosse dos que povoavam a terra ou dos que viviam no rio.

Contudo, todos os dias, normalmente de tarde, Dick Sand aproximava-se de uma das margens, atracava, desembarcava e explorava os lugares vizinhos. Era mister renovar o sustento quotidiano, e naquele território inculto não havia mandioca, massango, milho ou os frutos que constituem a alimentação vegetal dos indígenas. Estes vegetais, que cresciam sem amanho, não podiam servir de comestíveis. Dick Sand via-se, pois, obrigado a caçar, apesar de a detonação da sua espingarda lhe poder atrair algum mau encontro.

Obtinha-se fogo pela fricção de dois pedaços de

madeira, segundo o uso indígena, ou como se afirma que fazem os gorilas. Depois cozia-se uma porção de carne de alce, ou de corça, que durasse para muitos dias. No dia 4 de Julho, Dick Sand conseguiu matar com um único tiro um “pokou”, que deu boa porção de alimento. Era animal de cinco pés de comprimento, tinha chavelhos compridos, guarnecidos de anéis, pele amarela-avermelhada, cheia de pontos brilhantes, e ventre branco; a carne deste animal era excelente.

Em razão dos desembarques quase quotidianos e das horas de descanso durante a noite, o caminho andado até 8 de julho não se devia calcular em mais de cem milhas.

Era já bastante, e Dick Sand perguntava a si mesmo até onde o levaria aquele rio sem fim, que recebia pequenos tributos de água e que pouco se alargava. A direção, que se conservara por muito tempo ao norte, inclinou-se então para o noroeste.

O rio fornecia também alimentos. Compridos cipós, armados de espinhos em guisa de anzóis, traziam alguns “sandjikas”, de sabor delicado, os quais, secos, se conservavam facilmente; “usakas” muito apreciados, “monndés” de grande cabeça, e que nas gengivas têm, em vez de dentes, uma espécie de barbas de escova, “dagalas”, pequenos peixes que frequentam de preferência as águas correntes, pertencentes ao gênero dos arenques, e que fazem lembrar os “whitebeats” do Tamisa.

No dia 9 de Julho, Dick Sand deu provas do seu grande ânimo. Estava só em terra esperando um caama, cuja cabeça se via por cima de uma pequena mata; tinha feito fogo, quando, a trinta passos de distância, saltou um outro caçador, mas que vinha sem dúvida reclamar a sua parte da presa, e não se mostrava disposto a abandoná-la.

Era um leão enorme, daqueles a que os indígenas

dão o nome de “karamos”, e não dos que pertencem à espécie que não tem juba, chamados leões de Nyassi. Este media cinco pés de altura; era formidável.

Com o salto que deu, caiu sobre o caama que o tiro de Dick Sand lançara por terra, e que, ainda vivo, berrava sob as garras do terrível animal.

Dick Sand, desarmado, não teve tempo de carregar novamente a sua carabina.

O leão vira-o logo, mas não fez mais do que olhar para Dick Sand.

Este, muito senhor de si, não fazia um movimento sequer. Lembrou-se de que em tais circunstâncias a imobilidade pode ser a salvação. Não tentou carregar a arma nem fugir.

O leão, sempre com os olhos fixados em Dick Sand, olhos de gato, brilhantes e luminosos, hesitava entre as duas presas, a que mexia e a que estava completamente imóvel. Se o caama não se estorcesse entre as garras do leão, Dick Sand estava perdido.

Passaram assim dois minutos. O leão não despegava a vista de Dick Sand e Dick Sand fixava o leão sem pestanejar sequer.

Então o leão, abocando o caama ainda palpitante, levou-o como um cão leva uma lebre, e, sacudindo os arbustos com a cauda, meteu-se pelo mato dentro.

Dick Sand ficou imóvel ainda alguns instantes, depois saiu do lugar onde estava e veio juntar-se aos seus companheiros, sem lhes contar o perigo de que escapara pelo seu valoroso ânimo. Mas se, em vez de irem levados pela corrente, os fugitivos tivessem de atravessar as planícies e as florestas frequentadas pelas feras, talvez que àquela hora não existisse um único dos naufragos do “Pilgrim”. Aquela região, que então se via desabitada, não o fora sempre. Mais de uma vez em certas depressões do terreno se encontravam vestígios de antigas aldeias. Um viajante como David Livingstone,

habitado a percorrer aquelas terras, não se teria enganado. Quem visse as estacadas de eufórbios resistindo ainda, quando já não havia sinais de cubatas, a árvore sagrada elevando-se no meio da antiga povoação, afirmaria que ali existia uma aldeia. Mas, segundo os usos indígenas, a morte de um chefe basta para obrigar os habitantes a abandonar as suas casas e a transportarem-se para outro lugar.

É também possível que naquela região, que o rio atravessava, as tribos vivessem debaixo da terra, como em outros lugares da África. Estes selvagens, colocados no mais baixo grau da humanidade, apenas saem de noite para fora dos seus antros, como os animais que saem dos covis, e tanto seria para temer o encontro de uns como o de outros.

Dick Sand não duvidava de que aquele território fosse habitado por antropófagos. Por três ou quatro vezes, em alguma clareira, entre cinzas mal frias, viam-se ossos humanos, meio calcinados, restos sem dúvida de horrendo banquete. Um funesto acaso podia atrair os canibais do alto Kasonde àquelas margens, exatamente quando Dick Sand desembarcasse. Não parava, pois, sem que fosse obrigado por grande necessidade e sem que Hercule lhe promettesse que, ao mais leve sinal, a embarcação seria impelida para o meio do rio. O bom preto prometera com efeito, mas, quando Dick Sand desembarcava, custava-lhe muito a esconder a sua inquietação a Mrs. Weldon.

Durante toda a noite de 10 de julho foi preciso usar ainda de mais prudência. Na margem direita do rio estava uma aldeia formada de habitações lacustres. O alargamento do rio ali formava como que uma espécie de lago, cujas águas banhavam cerca de trinta cubatas construídas sobre estacadas. A corrente metia-se por debaixo das habitações e a canoa tinha de passar sob elas, porque, perto da margem esquerda, o rio, semeado

de rochedos, não era navegável.

A aldeia era habitada. Viam-se brilhar algumas luzes por debaixo dos colmos. Ouviam-se vozes que pareciam rugidos. Se por desgraça, como acontece muitas vezes, estivessem redes estendidas entre as estacas, podia dar-se o alarme enquanto a canoa forcejasse a passagem.

Dick Sand, na proa, abaixando a voz, dava as indicações para não abalroar de encontro àquelas carcomidas construções. A noite estava clara. Via-se bastante para se poder dirigir a embarcação, e bastante também para se ser visto.

Houve um momento terrível. Dois indígenas, que conversavam em voz baixa, estavam acorados rente da água sobre as estacas, por entre as quais a corrente ia levar a canoa, e cuja direção não se podia modificar em razão de a passagem ser muito estreita. Era mais que provável que a vissem, e não era de recear que os seus gritos de alarme despertassem toda a população?

Havia ainda a percorrer um espaço de cem pés de extensão proximamente quando Dick Sand ouviu os dois indígenas falar mais animadamente. Um mostrava ao outro o montão de ervas que vinha à tona de água e que ameaçava destroçar as redes que eles estavam lançando. Suspendendo-a apressadamente, chamaram para que os auxiliassem.

Cinco ou seis pretos desceram pelas estacas e puseram-se sobre os barrotes transversais que as ligavam e sustinham, gritando por modo tal que difícil é fazer ideia. Na canoa, o contrário: absoluto silêncio, interrompido apenas por algumas ordens dadas por Dick Sand em voz muito baixa; imobilidade completa, a não ser do movimento de vaivém do braço direito de Hercule, manobrando a ginga; às vezes um bramido abafado de Dingo, cujas maxilas Jack comprimia com as mãozinhas; fora, o murmúrio da corrente de encontro às estacadas;

nas margens, os rugidos das feras e dos canibais.

Entretanto os indígenas alavam as redes com rapidez. Se fossem colhidas a tempo, a embarcação passaria; senão embarçar-se-ia nelas e acabariam todos os que a canoa transportava. Modificar e suspender o andamento não o podia fazer Dick Sand, e tanto menos quanto era mais forte a corrente, em razão das construções que apertavam o rio.

Em meio minuto a canoa estava entre as estacadas. Por grande, mas rara fortuna, os indígenas conseguiram tirar as redes.

Mas, ao passar, como receava Dick Sand, a canoa perdeu parte do capim que lhe cobria o lado direito.

Um dos indígenas soltou um grito. Teria ele tido tempo para ver o que o colmo escondia, e teria avisado os seus camaradas? Era mais que provável.

Dick Sand e os seus estavam já fora do alcance, e, dentro de poucos minutos, sob o impulso da corrente transformada numa espécie de salto, perderam de vista a aldeia lacustre.

— Guina para a margem esquerda! — mandou Dick Sand por prudência. — O rio torna a ser navegável.

— Para a margem esquerda! — repetiu Hercule, fazendo mover vigorosamente o remo com que governava.

Dick Sand veio postar-se junto dele, observando a superfície das águas que a Lua iluminava. Nada viu que lhe causasse suspeita. Nem uma canoa os perseguia. Talvez que aqueles selvagens não as tivessem, e, quando despertou o dia, não se viu um único indígena na praia ou na terra alta. Contudo, e por maior precaução, a canoa conservou-se sempre encostada à margem esquerda.

Durante os quatro seguintes dias, de 11 a 14 de julho, Mrs. Weldon e os seus companheiros não deixaram de notar que aquela porção de território de Kasonde

tinha aspecto diferente. Não era só uma região deserta, mas o próprio deserto, e podia-se compará-lo a esse Kalahari, explorado por Livingstone na sua primeira viagem. A aridez do solo não fazia lembrar os feracíssimos campos da região elevada.

E sempre aquele rio sem fim! Merecia este nome, pois parecia ir desaguar no Atlântico!

Era difícil em território tão estéril obter alimentação. Haviam-se acabado todas as provisões. A pesca dava pouco, a caça absolutamente nada. Alces, antílopes, “pokus” e outros animais não tinham de que viver em tal deserto. A falta deles era a causa de faltarem os carnívoros.

Não se ouviram, pois, durante a noite, os rugidos do costume. O que unicamente perturbava o silêncio era o concerto das rãs, que Cameron compara à bulha dos calafates, dos ferreiros abatendo rebites, e dos furadores fazendo girar os roquetes, num estaleiro de construções navais.

A terra das duas margens era baixa e sem arvoredo, até às colinas longínquas que se erguiam a leste e a oeste. Só as euforbiáceas cresciam profusamente, não as euforbiáceas que produzem a farinha de mandioca, mas aquelas de que se extrai óleo e que não servem para comer.

Era mister, porém, prover à alimentação. Dick Sand não sabia o que devia fazer, quando Hercule lhe lembrou que os indígenas comiam às vezes os rebentos ainda novos dos fetos e a medula da haste dos papiros. E ele quando seguia, por entre as florestas, a caravana de Ibn Hamis, mais de uma vez lançou mão de tal recurso para matar a fome. Felizmente os fetos e os papiros abundavam em ambas as margens e a medula, cujo sabor é adocicado, foi apreciada por todos, e principalmente por Jack.

Era contudo substância pouco alimentar; mas no

dia seguinte, graças a primo Bénédict, tiveram melhor sustento.

Desde a descoberta do “Hexápode Bénédictus”, que devia immortalizar o seu nome, primo Bénédict recuperara a sua antiga feição. Tendo o inseto em sítio seguro — espetado no forro do chapéu — o sábio entregava-se de novo às suas pesquisas, assim que punha pé em terra. Foi neste dia que, procurando entre as plantas, fez levantar um pássaro cujo canto lhe chamara a atenção.

Dick Sand ia fazer fogo, quando primo Bénédict gritou: — Não atire! Não atire! — repetiu primo Bénédict. — Um pássaro para cinco pessoas é pouquíssimo!



— É quanto basta para Jack — respondeu Dick Sand, apontando segunda vez para o pássaro, que não se apressava em fugir.

— Não atire! Não atire! — tornou a repetir primo Bénédict. — É um “indicador”, que nos vai mostrar grande abundância de mel!

Dick Sand desviou a arma, calculando que algumas libras de mel valiam mais do que um pássaro, e imediatamente foram em perseguição do indicador, que,

ora pousando, ora voando, os convidava a acompanhá-lo.

Não tiveram de ir longe: alguns minutos depois descobriram troncos velhos, escondidos entre os eufórbios, e rodeados por enxames de abelhas.

Primo Bénédict teria preferido não despojar estes industriais himenópteros “do fruto do seu trabalho” — foi assim que ele se expressou — mas Dick Sand não o entendeu do mesmo modo. Afugentou as abelhas com fumo de ervas secas, e apoderou-se de grande quantidade de mel. Depois, deixando ao indicador os favos, que são o seu quinhão, voltou para a canoa com primo Bénédict.

Foi bem recebido o mel, mas era pouco, e todos teriam sofrido grande fome se no dia 12 a canoa não tivesse parado perto de uma angra, onde pululavam gafanhotos. Contavam-se por miríades, em duas ou três ordens, cobrindo a terra e os arbustos.

Como primo Bénédict tivesse já dito que os indígenas se sustentavam frequentemente destes ortópteros — o que era exato —, apanharam grande quantidade daquele maná. Era tão grande quantidade que se podia carregar duas vezes a embarcação. Grelhados em fogo lento, aqueles gafanhotos comestíveis teriam agradado mesmo a gente que tivesse menos fome. Primo Bénédict comeu boa porção deles — suspirando, é certo —, mas enfim comeu.

Era já tempo que esta larga série de provações morais e físicas tivesse fim. Conquanto a viagem naquele rio não fosse tão incômoda como a marcha por entre as primeiras florestas do litoral, o calor excessivo do dia, a umidade da noite, os ataques incessantes dos mosquitos, tudo tornava ainda muito penosa a descida pelo rio. Era já tempo de chegar, e, contudo, Dick Sand não podia prever ainda o termo da viagem! Demoraria oito dias ou um mês? Nada havia que o indicasse. Se o rio tivesse corrido diretamente para o oeste, estariam já na costa do

norte de Angola; mas a direção inclinava-se mais para o norte, e podiam caminhar assim muito tempo antes de chegar ao litoral.

Dick Sand estava extremamente inquieto quando, na manhã de 14 de Julho, mudou a direção do caminho.

Jack estava na proa da embarcação, olhando através do colmo, quando um grande espaço coberto de água lhe apareceu no horizonte.

— O mar! — exclamou ele.

A estas palavras Dick Sand estremeceu e correu para onde estava Jack.

— O mar! Não, ainda não, mas, pelo menos, um rio que corre para oeste, e do qual este em que vamos é afluente. É talvez o Zaire!

— Deus te ouça, Dick — disse Mrs. Weldon.

Era, com efeito, o Zaire ou Congo, que Stanley devia reconhecer alguns anos depois. Não havia, pois, mais do que descer o seu curso para chegar às feitorias portuguesas, que estão próximas da sua foz. Dick Sand esperava que fosse assim, e tinha razões para isso.

Durante os dias 15, 16, 17 e 18 de julho, a embarcação corria entre terras menos áridas, levada pelas águas prateadas do rio. Contudo, continuavam as mesmas precauções, e era sempre o mesmo montão de ervas que a corrente arrastava.

Mais alguns dias e, sem dúvida, os naufragos do “Pilgrim” veriam o termo de tantos trabalhos e privações. A cada um caberia uma parte de tanta dedicação, e se o jovem prático não reivindicasse para si a maior, Mrs. Weldon a daria.

Mas em 18 de julho, à noite, produziu-se um acontecimento que quase arriscou a salvação de todos.

Às três horas da madrugada, ouviu-se um ruído longínquo, ainda pouco distinto, na direção de oeste. Dick Sand, cheio de ansiedade, quis saber a causa de tal ruído. Enquanto Mrs. Weldon, Jack e primo Bénédic

dormiam, chamou Hercule à proa e pediu-lhe que escutasse com atenção.

A noite estava serena. Nem a mais leve aragem agitava as camadas atmosféricas.

— É a arrebentação do mar! — disse Hercule, cujos olhos brilhavam de alegria.

— Não — discordou Dick Sand, sacudindo a cabeça.

— Que é então? — perguntou Hercule.

— Esperemos o dia, e entretanto vigiemos ainda com mais atenção.

Ouvindo esta resposta, Hercule voltou para a popa.

Dick Sand ficou à proa. Escutava sempre. O ruído aumentava. Parecia já um rugido afastado.

Nasceu o dia, quase sem aurora. Rio abaixo, sobre ele, à distância de meia milha, proximamente, flutuava na atmosfera uma espécie de nuvem. Mas não eram vapores de água, o que evidentemente se mostrou quando, aos primeiros raios do Sol, apareceu um arco-íris de uma a outra margem.

— Anda para a praia! — gritou Dick Sand, por tal modo que acordou Mrs. Weldon. — Cataratas além. Aquela névoa é a água dividida em partículas pequeníssimas, como que pulverizada! Anda para a praia, Hercule!

Não se enganava Dick Sand.

Mais abaixo de onde estavam, o solo deprimia-se mais de cem pés, e as águas precipitavam-se com imponente mas irresistível impetuosidade. Meia milha mais, e a embarcação teria sido levada para o abismo.

CAPÍTULO XIX

S. V.

Hercule, com uma vigorosa remada, dirigiu-se para a margem esquerda. A corrente não se acelerava ainda naquele lugar e o leito do rio conservava até junto das cataratas a sua inclinação normal. Era, como fica dito, o solo que faltava de repente, e a atração só se sentia a trezentos ou quatrocentos pés da catadupa.

Na margem esquerda erguiam-se grandes e densos bosques. Nem um raio de luz passava através da sua impenetrável espessura. Dick Sand via com terror aquele território habitado pelos canibais do Zaire e que, contudo, era preciso atravessar, pois que a embarcação não podia continuar a seguir o curso do rio.

Transportá-la para baixo das quedas de água não era possível.

Este inesperado golpe atingia aquela infeliz gente, quando estava quase a ponto de chegar às feitorias portuguesas! Tinham lutado bastante. Não os auxiliaria agora o céu?

A canoa atracou à margem. À medida que ela se aproximava, Dingo dava sinais de impaciência e de tristeza.

Dick Sand, que o observava — porque por toda a parte há perigos —, julgou que estaria alguma fera ou algum indígena escondido entre o alto capim que orlava a praia. Reconheceu, porém, que não era um sentimento de cólera que agitava o animal.

— Parece que chora! — observou Jack, abraçando Dingo.

O cão, porém, fugiu-lhe e, saltando para a água, quando a canoa chegou à distância de vinte pés da terra, desapareceu por entre o capim.

Nem Mrs. Weldon, nem Dick Sand, nem Hercule sabiam o que pensar.

Atracaram, instantes depois, no meio da espuma verde de confervas e de outras plantas aquáticas. Alguns pica-peixes, dando assobios agudos, e pequenas garças, brancas como a neve, levantaram voo. Hercule amarrou a canoa ao tronco de um rizóforo, e depois treparam todos pela encosta, no cimo da qual se debruçavam árvores enormes.

Nem uma vereda se encontrava na floresta. Contudo, as ervas pisadas do solo indicavam que aquele sítio fora recentemente visitado pelos indígenas ou pelos animais.

Dick Sand, com a carabina engatilhada, e Hercule, de machado, não tinham ainda caminhado dez passos quando descobriram Dingo. Este, de nariz no chão, farejava, ladrando sempre. Primeiramente, fora atraído por um inexplicável pressentimento para aquela margem, depois era um outro que o levava pelo bosque dentro. Foi isto notado por todos.

— Atenção! — recomendou Dick Sand. — Mrs. Weldon, Sr. Bénédic, Jack, sigamos! Atenção, Hercule!

Nesta ocasião Dingo levantava a cabeça, e, pulando, parecia desafiá-los a que o seguissem.

Um instante depois Mrs. Weldon e os seus companheiros reuniram-se a Dingo, junto a um velho sicômoro, escondido no lugar mais fechado do bosque.

Aí, erguia-se uma cabana arruinada e desconjuntada, diante da qual Dingo ladrava tristemente.

— Quem está aí? — perguntou Dick Sand.

E entrou na cabana, seguido de Mrs. Weldon e dos

outros.

O solo estava juncado de ossos, já embranquecidos pela ação descorante da atmosfera.

— Nesta cabana morreu um homem! — afirmou Mrs. Weldon.

— E era conhecido de Dingo — acrescentou Dick Sand. — Foi, deve ter sido o seu dono! Ah! Vejam!

Dick Sand mostrou no fundo da cabana o tronco despido do sicômoro.

Nele distinguiam-se ainda duas grandes letras vermelhas, quase apagadas pela ação do tempo.

Dingo pôs a pata direita sobre a árvore, como para mostrá-las.

— S. V. — exclamou Dick Sand. — As mesmas letras que Dingo reconheceu entre todas! As mesmas iniciais que tem na coleira!...

Não acabou. Abaixou-se e pegou numa pequena caixa de cobre, oxidada, que estava num canto da cabana.

Abriu a caixa e tirou dela um pequeno papel, no qual Dick Sand leu estas poucas palavras:

Assassinado... roubado pelo meu guia Negoro... 3 de dezembro de 1871... aqui... a 120 milhas da costa... Dingo! Dingo!

S. Vernon.

Este bilhete explicava tudo. Samuel Vernon, tendo partido com o seu cão para explorar o centro da África, foi guiado por Negoro. O dinheiro que aquele trazia excitou a cobiça deste infame, que resolveu roubá-lo. O viajante francês, chegado àquele ponto das margens do Zaire, estabeleceu o seu acampamento naquela cabana. Aí foi mortalmente ferido, roubado e abandonado. Feito o assassinato, Negoro fugiu, e foi então que caiu nas mãos dos Portugueses. Reconhecido como um dos agentes de

Alves e conduzido para Luanda, foi condenado a prisão perpétua. Sabe-se como conseguira evadir-se e desembarcar na Nova Zelândia, como depois embarcou a bordo do “Pilgrim”, para desgraça daqueles que nele vinham! Mas o que acontecera depois do crime? Nada que não fosse fácil de compreender! O infeliz Vernon, antes de morrer, havia evidentemente tido tempo de escrever um bilhete, no qual, com a data e o móbil do assassinato, indicava o nome do assassino. Metera o bilhete na caixa de cobre, onde sem dúvida estava o dinheiro roubado, e, por último esforço, com o dedo ensanguentado traçou como epitáfio as iniciais do seu nome. Ante aquelas duas letras vermelhas esteve Dingo muitos dias! Aprendeu a conhecê-las! Não se devia esquecer! Depois, voltando à costa, fora recolhido pelo capitão do “Valdeck”, e finalmente a bordo do “Pilgrim”, onde se encontrara com Negoro. Durante este tempo os ossos do viajante faziam-se brancos no meio daquela floresta perdida da África Central, e apenas revivia na lembrança do seu cão. As coisas deviam ter acontecido assim, e já Dick Sand e Hercule se dispunham a dar sepultura cristã aos restos de Samuel Vernon quando Dingo deu um uivo de cólera e correu para fora da cubata.

Pouco depois ouviram-se a curta distância gritos horríveis. Era evidentemente um homem que estava lutando com o vigoroso animal.

Hercule fez como Dingo. Saiu, correndo, da cubata, seguido por Dick Sand, Mrs. Weldon, Jack e Bénédict, que o viram lançar-se sobre um homem, que se debatia em terra, e a quem os terríveis dentes do cão tinham seguro pelas goelas.

Era Negoro.

Dirigindo-se para a embocadura do Zaire, a fim de se passar à América, este malvado, deixando ficar para trás a gente que o acompanhava, veio ao mesmo sítio

onde assassinou o viajante que a ele se confiara.

Não era, porém, sem motivo, como por todos foi visto quando deram com alguns punhados de dinheiro francês em ouro, que brilhava numa cova recentemente feita junto a uma árvore. Era, pois, evidente que depois do assassínio, e antes de cair “nas mãos dos Portugueses, Negoro escondera o roubo, com a intenção de voltar mais tarde para o levar, e ia lançar mão deste ouro quando Dingo o descobriu e lhe saltou às goelas. O miserável, surpreendido, arrancara o punhal e ferira o cão, exatamente no momento em que Hercule corria sobre ele, gritando:

— Ah! Patife. Vais enfim morrer às minhas mãos!

Era desnecessário! O antigo cozinheiro do “Pilgrim” já não dava sinais de vida, fulminado, para assim dizer, pela justiça divina, e no mesmo lugar onde o crime fora cometido. Mas o fidelíssimo cão, que recebera um golpe mortal, arrastou-se até à cubata e foi morrer onde fora morto Samuel Vernon.

Hercule enterrou profundamente os restos do viajante; e, Dingo, chorado por todos, foi metido na mesma cova com o seu antigo dono.

Se Negoro não existia já, os indígenas que o acompanhavam desde Kasonde não podiam estar longe. Não o vendo, procurá-lo-iam com toda a certeza para a banda do rio. Era isto não pequeno perigo.

Dick Sand e Mrs. Weldon pensaram sobre o que convinha fazer, e sem perda de tempo.

Ficara bem demonstrado que aquele rio era o Congo, a que os indígenas chamam Kuango, ou Ikutu-ya-Kongo, que é o Zaire até certa longitude e o Lualaba em outra. Era, com efeito, a grande artéria da África Central, à qual os geógrafos deveriam dar agora o nome de Stanley, em honra do jornalista americano que quatro anos depois lhe descobriu o curso.

Não havia, pois, motivo para duvidar de que era o

Congo, como era certo também que o bilhete do viajante francês indicava que a embocadura do grande rio distava ainda cento e vinte milhas daquele ponto, e, infelizmente, naquele lugar não era navegável. Cataratas imponentes, provavelmente as cataratas de Ntemo, obstavam a que as embarcações continuassem a navegar. Havia, pois, mister de seguir por uma ou por outra margem, pelo menos até que fossem passadas as quedas de água, isto é, na extensão de duas milhas, e construir depois uma outra jangada para de novo correr à tona de água.

— Resta decidir — disse Dick Sand — se desceremos a margem esquerda, onde estamos, ou a margem direita. Ambas, Mrs. Weldon, me parecem perigosas, e em ambas os indígenas são para temer. Contudo, deste lado parece-me que corremos mais risco em razão de recearmos a gente de Negoro.

— Passemos para a outra margem — decidiu Mrs. Weldon.

— E poder-se-á ir por ela? — observou Dick Sand. — O caminho para a foz do Zaire é decerto melhor pela margem esquerda, porque Negoro o escolhia. Seja como for! Não há tempo para hesitações, mas, antes de atravessarmos todo o rio, convém que eu saiba se o podemos descer até abaixo das cataratas.

Era proceder com prudência, e Dick Sand quis realizar o seu projeto imediatamente.

O rio naquele lugar não tinha mais de trezentos a quatrocentos pés de largura. Atravessá-lo era obra fácil para o jovem (prático, habituado como estava a governar com a ginga).

Mrs. Weldon, Jack e primo Bénédict deviam ficar entregues à guarda de Hercule, esperando o regresso de Dick Sand.

Dispostas as coisas assim, ia este partir quando Mrs. Weldon lhe disse: — Não receias ser arrastado para

as cataratas?

— Não, Mrs. Weldon, porque passarei a quatrocentos pés acima delas!

— Mas na outra margem?...

— Não desembarcarei, se vir o menor perigo.

— Leva a tua carabina.

— Sim, levarei, mas não se preocupe comigo.

— Talvez fosse melhor não nos separarmos, Dick — acrescentou Mrs. Weldon, como que impressionada por um pressentimento.

— Não... deixe-me ir só... — pediu Dick Sand. — Convém que assim seja, para a salvação de todos! Antes de uma hora estarei de volta. Hercule, toma muito cuidado!

Depois desta resposta, a embarcação, desamarrada, levou Dick Sand para o outro lado do Zaire.

Mrs. Weldon e Hercule, escondidos entre o capim, seguiam-no com a vista.

Dick Sand em pouco tempo estava a meio rio; a corrente, sem que fosse muito forte, sentia-se mais devido à atração das cataratas. À distância de quatrocentos pés o estrondo enorme das águas enchia o espaço, e as brumas, açoutadas pelo vento oeste, chegavam ao jovem práctico. Tremia ele pensando que a canoa, se não tivesse havido tanta vigilância durante a última noite, se teria perdido naquelas catadupas. Mas já não havia motivo para recear, e naquela ocasião a ginga, habilmente manobrada, bastava para conservar a canoa em direção um pouco oblíqua à corrente.

Um quarto de hora depois Dick Sand chegou à margem oposta e dispunha-se para saltar na praia...

Ouviram-se então gritos, e doze indígenas se precipitaram sobre o tecto de capim, que ainda cobria a embarcação.

Eram os canibais da aldeia edificada sobre estacas no meio do rio. Durante oito dias seguiram eles a

margem direita. Sob o colmo da canoa, que se abria de encontro às estacas que lhes sustentavam as casas, tinham visto os fugitivos, isto é, presa certa, porque contavam que as cataratas obrigariam estes infelizes a desembarcar mais cedo ou mais tarde em uma das margens.

Dick Sand julgou-se perdido, mas perguntou a si mesmo se com o sacrifício da sua vida não poderia salvar os seus companheiros. Senhor de si, de pé na proa da embarcação, com a carabina apontada, conservava os canibais em respeito.

Estes, entretanto, tinham arrancado o colmo, debaixo do qual supunham encontrar outras vítimas. Quando perceberam que o jovem práctico era o único que lhes caíra nas mãos, julgaram-se por tal modo logrados que soltaram vociferações de espanto. Um rapaz de quinze anos para dez!

Mas um dos indígenas reparou e, apontando com o braço para a margem esquerda, mostrou Mrs. Weldon e os seus companheiros, que, tendo visto tudo, e não sabendo o que fazer, tinham subido a encosta.

Dick Sand não pensava em si: esperava do céu uma inspiração que os pudesse salvar.

A embarcação fora impelida para fora da praia. Os canibais iam atravessar o rio. Diante da carabina, apontada para eles, não se atreviam a mexer-se porque conheciam o efeito das armas de fogo. Mas um deles lançara a mão à ginga e manejava-a como quem sabia; a canoa atravessava o rio obliquamente. Estava já a cem pés de distância da margem esquerda.

— Fuja! — gritou Dick Sand para Mrs. Weldon. — Fuja imediatamente!

Nem Mrs. Weldon nem Hercule se mexeram. Dir-se-ia que tinham os pés pegados ao solo.

Para que lhes servia fugir? Em menos de uma hora estariam em poder dos canibais!

Compreendeu-o Dick Sand. Então teve a inspiração suprema que ele pedia ao céu. Entreviu a possibilidade de salvar aqueles que ele tanto estimava, fazendo o sacrifício da sua própria vida!... Não hesitou.

— Deus os proteja — murmurou ele — e que a sua infinita bondade tenha piedade da minha alma!

E no mesmo instante Dick Sand disparou sobre o indígena que manobrava a embarcação, quebrando-lhe a gíngua.

Os canibais soltaram um grito de terror.

Com efeito, a canoa, sem governo, caíra no veio da água. A corrente arrastava-a com velocidade crescente, e poucos instantes depois distava apenas cem pés das cataratas.

Mrs. Weldon e Hercule tinham compreendido tudo. Dick Sand tentara salvá-los precipitando com ele os canibais no abismo. Jack e sua mãe, ajoelhados na praia, enviaram-lhe um último adeus! Hercule estendia-lhe o seu braço, agora impotente!...

Então os indígenas, querendo tentar chegar a nado à margem esquerda, atiraram-se para fora da embarcação, que fizeram virar.

Dick Sand não perdera o ânimo em presença da morte que de tão perto o ameaçava. Acudiu-lhe então ao pensamento que a canoa, por isso mesmo que estava voltada, podia servir para o salvar.

Havia efetivamente dois perigos para recear, no momento em que Dick Sand chegasse às cataratas: a asfixia pela água e a asfixia pelo ar. Ora aquele casco voltado era como caixa, na qual ele poderia talvez conservar a cabeça fora de água, ao mesmo tempo que ficava abrigado do ar exterior, que decerto o sufocaria em razão da rapidez da queda. Em tais condições parece que qualquer homem teria probabilidade de escapar à dupla asfixia, até mesmo descendo as cataratas de um Niágara!

Dick Sand viu tudo isto como um relâmpago. Agarrou-se instintivamente ao banco que prendia as duas bordas da embarcação, e, com a cabeça fora de água dentro da canoa virada, sentiu a irresistível corrente arrastá-lo a cair quase perpendicularmente...

A canoa sumiu-se no abismo cavado pelas águas junto à catadupa, e, depois de ter mergulhado profundamente, voltou à superfície. Dick Sand, como bom nadador, percebeu que a sua salvação dependia agora do vigor dos seus braços.

Um quarto de hora depois chegava à “margem esquerda e encontrava Mrs. Weldon, Jack e primo Bénédict, que Hercule ali conduzira apressadamente. Mas já os canibais haviam desaparecido no redemoinho das águas. Eles, que não foram protegidos pela embarcação soçobrada, morreram antes mesmo de chegar às profundidades do abismo, e os seus corpos foram despedaçar-se de encontro às rochas aguçadas, onde se quebrava a corrente inferior do rio.

CAPÍTULO XX

CONCLUSÃO

Dois dias depois, a 20 de Julho, Mrs. Weldon e os seus companheiros encontravam uma caravana que se dirigia para Boma. Não eram mercadores de escravos, mas honrados negociantes portugueses, que comerciavam em marfim. Tiveram os fugitivos bom acolhimento, e a última parte da viagem fizeram-na em condições mais suportáveis.

O encontro daquela caravana foi realmente um favor da Providência. Dick Sand não poderia numa jangada descer o Zaire. Desde as cataratas de Ntemo até Yallala, o rio não é mais do que uma série de catadupas e saltos de água. Stanley contou setenta e duas, e é certo que nenhuma embarcação se lhes atreve. Foi ali que o intrépido viajante sustentou, quatro anos mais tarde, o último dos trinta e um combates que ele se viu obrigado a dar aos indígenas, e escapar por milagre dos perigos das cataratas de Mebelo.

Em 11 de agosto, Mrs. Weldon, Dick Sand, Jack, Hercule e primo Bénédicte chegavam a Boma, onde os Srs. Mota Veiga e Harrison os recebiam com generosa hospitalidade. Estava a partir um vapor para o istmo de Panamá. Mrs. Weldon e os seus companheiros embarcaram nele e chegaram felizmente à costa americana.

Um telegrama, expedido para São Francisco, avisou a James Weldon da chegada inesperada da mulher e do filho, de quem em vão procurava notícias em todos os pontos onde supunha que o "Pilgrim" tivesse naufragado.

Finalmente, no dia 25 de agosto, o trem conduzia os naufragos para a capital da Califórnia! Ah! Se o velho Tom e os seus companheiros pudessem estar com eles!...

Que se diriam agora de Dick Sand e Hercule? Um ficou como filho, o outro como amigo da casa. James Weldon sabia quanto era devedor ao jovem prático e ao valente negro. Foi realmente bom que Negro não chegasse a procurá-lo, porque decerto teria dado toda a sua fortuna para resgatar mulher e filho. Teria partido para a costa da África, e lá quem sabe a quantos perigos e perfídias se exporia!

Uma palavra mais a respeito de primo Bénédict. No mesmo dia da chegada, o digno sábio, depois de ter apertado a mão de James Weldon, fechou-se no seu gabinete e entregou-se ao trabalho, como se o tivesse interrompido na véspera. Meditava uma obra enorme, sobre o “Hexápodes Bénédictus, um dos desideratos da ciência entomológica.

No seu gabinete, cheio de insetos por toda a parte, achou logo uma lente e uns óculos... Ah! Que grito de desespero foi o que ele deu quando pela primeira vez se serviu dos dois instrumentos de óptica para estudar o único exemplar que lhe forneceu a entomologia africana.

O “Hexápode Bénédictus” não era um hexápode! Era uma aranha vulgar! E se tinha apenas seis pernas, em vez de oito, é porque lhe faltavam as duas de diante! E se lhe faltavam, é porque Hercule, quando a apanhou, lhas cortou desastrosamente! Tal mutilação reduzia o pretendido “Hexápode Bénédictus” ao estado de exemplar incompleto e classificava-o entre os aracnídeos mais vulgares, o que a miopia de primo Bénédict impedira de ver mais cedo! Esteve doente por causa disto, mas curou-se, felizmente.

Três anos depois, tinha Jack oito, Dick Sand ensinava-lhe as lições ao mesmo tempo que não descansava nos seus trabalhos. Apenas chegou a terra,

lembrando-se de tudo quanto lhe faltara, dedicou-se ao estudo com uma espécie de remorso, o que tem o homem a quem, faltando a ciência, se acha acima do que vale.

— Na verdade — dizia ele repetidas vezes. — Se a bordo do “Pilgrim” eu soubesse tudo quanto um marinheiro deve saber, quantas desgraças teria evitado!

Assim falava Dick Sand. Aos dezoito anos tinha terminado com distinção os estudos de pilotagem, e, munido da respectiva carta, por favor especial, ia comandar os navios da casa James Weldon.

Eis até onde chegara pela sua conduta, pelo seu trabalho, o pobre e pequenino órfão, encontrado na ponta de Sandy-Hook. Via-se, apesar da sua mocidade, rodeado pela estima e pode dizer-se pelo respeito de todos, mas era tão simples e tão modesto que o não enchiam de orgulho tais provas de consideração. Não suspeitava sequer, conquanto não se lhe pudessem atribuir dessas ações de que toda a gente fala, que a audácia, o valor e a constância de que dera tantas provas tivessem feito dele um herói.

Contudo, absorvia-o um pensamento. Durante os raros momentos de descanso, que lhe deixavam os seus estudos, lembrava-se sempre do velho Tom, de Bat, de Agostinho e de Acteon, pela desgraça dos quais se julgava responsável!

James Weldon, Dick Sand e Hercule revolveram céus e terra para os descobrir. Conseguiram-no afinal, por meio dos correspondentes que o rico proprietário de navios tinha por toda a parte do mundo. Foi em Madagáscar, onde demais a mais a escravatura ia ser abolida, que Tom e os seus companheiros foram vendidos. Dick Sand queria dar as suas pequenas economias para resgatar os pobres pretos, mas não o consentiu James Weldon. Um dos seus correspondentes fez o negócio, e um dia, a 15 de Novembro de 1877,

quatro negros batiam à porta da casa de James Weldon.

Eram o velho Tom, Bat, Acteon e Agostinho. Os pobres homens, depois de haverem escapado a tantos e tão grandes perigos, estiveram a ponto de morrer sufocados pelos abraços dos seus amigos.

De quantos o “Pilgrim” lançara na funesta costa da África, faltava ali somente a pobre Nan; mas à velha criada, como a Dingo, ninguém lhes podia dar vida. E foi na verdade um grande -milagre que só dois entes tivessem sucumbido no meio de tantas desgraças.

Aquele dia, de mais será dizê-lo, foi todo de festa em casa do rico negociante da Califórnia, e a melhor saúde, a que todos aclamaram entusiasticamente, foi a que Mrs. Weldon levantou a Dick Sand, ao herói de quinze anos.

FIM

Tradução e polêmica

Um Capitão de quinze anos ou Angola na obra de Júlio Verne

ALBERTO OLIVEIRA PINTO

Universidade de Lisboa

RESUMO: A LEITURA DA OBRA DE JÚLIO VERNE *UM CAPITÃO DE QUINZE ANOS* FLAGRA A PRESENÇA DE ANGOLA EM SUAS PÁGINAS E REFLETE COMO ALGUMAS DE SUAS IMAGENS REPERCUTEM EM OUTROS TEXTOS DE TEMPOS DIVERSOS.

“Viagem fatal” ao continente maldito

O espaço africano subsahariano surge como pano de fundo em pelo menos seis romances de Júlio Verne (Nantes, 1828- Amiens, 1905), que constituem o corpus do ensaio de Carlos J. F. Jorge *Jules Verne. O Espaço Africano nas Aventuras da Travessia: Cinq semaines en ballon* (1863), *Aventures de Trois Russes et de trois Anglais dans l’Afrique australe* (1872), *Un Capitaine de*

quinze ans (1872), *L'Étoile du Sud* (1884), *Le village aérien* (1901) e *L'étonnante aventure de la Mission Barsac* (1919) (JORGE, 2000). De todos, porém, o único que contempla especificamente o território angolano é *Un Capitaine de quinze ans*, razão pela qual o escolhemos para objeto deste estudo. Pretendemos, numa apreciação de *Un Capitaine de quinze ans*, publicado em França em dois volumes em 1872 e traduzido para português ainda no século XIX, mostrando Angola em plena época em que o tráfico de escravos subsiste apesar das medidas persecutórias preconizadas pela Grã-Bretanha, analisar algumas representações do imaginário de Júlio Verne, que mais tarde viriam a repercutir-se na literatura colonial portuguesa e na própria literatura angolana, acerca de realidades como o espaço geográfico angolano, os homens angolanos, os colonizadores portugueses e ainda o próprio tráfico de escravos e a escravatura.

A ação do romance desenrola-se entre o dia 2 de Fevereiro e o dia 25 de Agosto do ano de 1873 e é narrada em dois volumes, o primeiro dos quais se intitula *A Viagem Fatal* e contém dezoito capítulos. O segundo, com um título bem apelativo para o leitor do exotismo oitocentista, *Na África*, é dividido por vinte capítulos.

O patacho “Pilgrim”, pertencente ao armador norte-americano James W. Weldon, parte de Auckland, na Nova Zelândia, rumo a São Francisco, na costa ocidental dos EUA, percorrendo, portanto, o Oceano Pacífico de sudeste para noroeste. Leva a bordo, como passageira, a esposa do armador, Mrs. Weldon, acompanhada do seu filho Jack, criança de cinco anos, uma ama negra já idosa de nome Nan e ainda o primo Benedict, solteirão de cinquenta anos de temperamento pueril e excêntrico que se dedica maniacamente à entomologia, o estudo colecionista dos hexápodes, insectos de seis patas. A tripulação do pequeno navio é constituída pelo capitão

Hull, por cinco marinheiros e por um jovem praticante de quinze anos de idade chamado Dick Sand. Este é um enjeitado cujo nome próprio é o do homem que o recolheu, Richard, de que Dick é diminutivo, acrescido do apelido Sand, que em inglês significa “areia”, em alusão à ponta de Sandy-Hook, a entrada do porto de Nova Iorque, lugar onde foi encontrado. A estes tripulantes acresce um oitavo elemento, o cozinheiro, o único homem a bordo que não é de origem americana, recém contratado em Auckland, indivíduo taciturno e enigmático cujo nome sinistro, Negro, augura desde logo a perversidade que lhe será inerente ao longo de toda a trama do romance. Juntam-se-lhes ainda cinco negros recolhidos de um navio abalroado, todos cidadãos norte-americanos livres que regressavam ao seu país ao fim de três anos de trabalho rural ao serviço de um fazendeiro australiano. O mais velho, Tom, nascera e fora capturado algures em África - não se diz nunca em que ponto exato do continente - quando tinha seis anos e levado para a América como escravo, adquirindo já adulto a emancipação. Os outros quatro, Bat, filho de Tom, Agostinho, Acteão e Hercule, eram muito mais jovens e todos já nascidos na vigência da “lei do ventre livre”. Hercule tem a particularidade de se vir a revelar, como o próprio nome indica, um bom gigante devotado e fiel, sobretudo em relação a Mrs. Weldon, ao pequeno Jack e a Dick Sand. Mas é recolhido igualmente um sexto sobrevivente do navio abalroado, um cão, corpulento mastim de nome Dingo que, segundo informação de Tom, fora pouco tempo antes encontrado nas margens do rio Zaire e em cuja coleira se encontram gravadas as letras S e V, as iniciais do nome de um explorador francês, Samuel Vernon, desaparecido em África, provavelmente o seu antigo dono.

Tendo o capitão Hull e os seus cinco marinheiros sucumbido ao tentarem desesperadamente capturar uma

baleia, Dick Sand, secundado por uma tripulação improvisada constituída pelos cinco negros, assume o comando do “Pilgrim”, fazendo jus ao título do romance, e compromete-se a conduzir Mrs. Weldon e os restantes passageiros pelo menos até à costa ocidental da América do Sul. Mas os precoces conhecimentos científicos do capitão de quinze anos não são ainda suficientes para lhes permitirem detectar um ato fraudulento de Negro. O sinistro cozinheiro de bordo consegue, às escondidas, aplicar um ímã à agulha magnética da bússola do navio e desviar assim a sua rota. Ao fim de cinquenta dias, a 27 de Março, surpreendido por uma tempestade, o “Pilgrim” vai encalhar numa praia fronteira a uma floresta, onde os náufragos estabelecem acampamento por uma noite, durante a qual Negro desaparece. Todos estão convencidos de que estão na América do Sul e essa ilusão vem a ser alimentada por Harris, um norte-americano que surge inexplicavelmente montado a cavalo, vindo da floresta, que lhes garante encontrarem-se no litoral da Bolívia e lhes propõe conduzi-los, subindo o curso de um riacho que desagua meio quilómetro a norte, a uma fazenda. Durante o percurso, Harris desaparece, e Dick Sand desconfia de que ele se encontra conluiado com Negro.

Neste ponto da narrativa, que coincide com o último capítulo do primeiro volume, o herói compreende finalmente que se encontra no continente africano. Os indícios que o confirmam prendem-se por um lado com a natureza física, isto é, com a flora e a fauna, por outro com a natureza socializada, ou seja, com o tráfico de escravos e a escravatura. Entre os que dizem respeito à flora, evidencie-se, logo no momento em que os náufragos desembarcam, a presença junto à costa de adansônias, árvores conhecidas em Angola pelo nome de *embondeiros* ou *imbondeiros* (do kimbundu *mbondo*), inexistentes no continente americano (Ribas, 1998,

p.93).

A fauna africana é identificada em três momentos cruciais do Capítulo XVII (pp.185-199), o penúltimo do primeiro volume, pelas personagens Jack, Dick Sand e primo Benedict. O pequeno Jack apercebe-se da ausência das araras coloridas e dos papagaios de penas verdes, abundantes nas florestas das Antilhas e da América do Sul, e na vez deles só vê os tipicamente africanos papagaios de penas cinzentas e cauda vermelha. Dick Sand está convencido de que avistou ao longe girafas a correr, não obstante Harris tentar enganá-lo assegurando-lhe que se trata de uma ilusão de óptica e que esses animais de pescoço comprido não são girafas e sim avestruzes, aves corredoras de que proliferam várias espécies igualmente no continente americano. Finalmente o primo Benedict captura um insecto que identifica como sendo a mosca tsé-tsé, propagadora da tripanossomíase, a *doença do sono*, que só existe na África Equatorial. Mais adiante, aliás, já no Capítulo V do segundo volume (pp. 58-67), o mesmo primo Benedict assegura que só em África se encontram exemplares do que designa por “sirafus”, a variedade de térmitas obreiras do formigueiro argiloso em cujo interior os náufragos se refugiam, que mais não é do que aquilo a que em Angola se chama um *morro de salalé*, isto é, um formigueiro de térmitas cujo nome, *salalé*, provém do termo kimbundu *sualala* (Ribas, 1998, p. 264-265).

Quanto ao tráfico de escravos e à escravatura, é graças a uma chamada de atenção do velho Tom que Dick Sand identifica as manchas de sangue que vê nos troncos das árvores, assim como os restos de membros humanos mutilados, as cangas quebradas e as cadeias rebentadas que encontra no chão, como sendo vestígios recentes de caravanas (*kibukas*) de cativos acorrentados conduzidos pelos negreiros até ao litoral. O velho negro mal consegue balbuciar “Já vi... já vi... estes ferros... Era

muito pequenino... Vi!...”, mas a Dick Sand, ainda que preocupado em ocultar a realidade a Mrs. Weldon e aos demais companheiros, logo ocorre exclamar horrorizado: “A África! A África Equatorial! A África dos negreiros e dos escravos!”. O título do Capítulo XVIII, que se conclui com esta exclamação do herói, é precisamente “A palavra terrível”.

O espaço geográfico angolano

Até aqui, nada evidencia Angola ou o seu território em relação à África em geral vista como o continente dos horrores – algo de similar ao que Joseph Conrad viria a imortalizar em 1904 com *Hart of Darkness* – e dos homens selvagens. Na perspectiva de Júlio Verne, que vai ao encontro da mentalidade ocidental da época, os africanos seriam, aliás, ainda *mais selvagens* ou, pelo menos, *mais maus selvagens* do que os americanos, pois Dick Sand, a fim de tranquilizar os companheiros, no momento em que enveredam pela floresta ainda convencidos de que se encontram na Bolívia, garante que “os índios americanos não se deviam confundir com os selvagens da África ou da Polinésia e que provavelmente as suas agressões não seriam de recear” (Verne, s.d., p.153). No seu cientismo rigoroso, Júlio Verne tem a preocupação de assinalar de passagem que, ao contrário do que sucederia se efetivamente Dick Sand e os seus companheiros se encontrassem no continente americano, não se avistam na costa nem palmeiras nem seringueiras, árvores que não são oriundas da África, se bem que umas e outras tenham sido plantadas e domesticadas em território angolano e fossem mesmo abundantes nesse ano de 1873. A palmeira terá entrado

em Angola pelo menos logo após a descoberta do Brasil e a intensificação do tráfico atlântico de escravos. Quanto à seringueira ou *árvore da borracha*, igualmente trazida do Brasil, viria a proliferar em Angola na segunda metade do século XIX, mas não em regiões costeiras, a fim de que a borracha se transformasse numa mercadoria do comércio “lícito” em substituição do escravo (Henriques, 1997, p.515-563).

Mas afinal em que ponto da costa de Angola é que os naufragos do “Pilgrim” desembarcaram? Segundo indicação dada já no segundo volume, o “Pilgrim” encalhou a cerca de cem milhas, ou seja, aproximadamente a 160 quilômetros, da foz do Kuanza (VERNE, s.d., p.88). Não se diz se a norte ou a sul, mas presumimos que a sul, uma vez que a norte, a essa distância da Barra do Kuanza, se encontra quer a cidade de Luanda – adiante, aliás, se dirá que Luanda dista 400 milhas de Kasonde (Verne, s.d., p.146) -, quer o litoral socializado dessa região. No entanto a descrição da paisagem feita por Júlio Verne, se exceptuarmos o exagero que atribui ao tom verdejante da vegetação, que em geral não se avista a não ser nas margens dos rios ou a um mínimo de 50 quilômetros para o interior, corresponde no essencial à de qualquer ponto da costa angolana, com a sua aridez sahélica e os seus barrocais a erguerem-se a partir das praias:

“Era uma estreita praia de areia, semeada de pedras escuras, da qual se erguia a rocha escarpada e cortada por sulcos irregulares. (...) No alto do rochedo (...) havia uma espessa floresta, cujos tufos de verdura, ondulantes à vista, se estendiam até às montanhas que formavam o fundo do quadro” (Verne, s.d., p.146).

Creemos tratar-se de uma praia situada algures entre Benguela-Velha, abandonada desde o século XVII e só vindo a ser recuperada em 1913, adquirindo então o nome de Porto Amboim, e o então Presídio de Novo Redondo (actual cidade do Sumbe), fundado em 1769 pelo governador Sousa Coutinho mais a sul, na foz do rio Ngunza (Milheiros, 1972, p.223-224 e p.230). O pequeno rio cuja embocadura Júlio Verne aponta a cerca de meio quilómetro (um quarto de milha) a norte do lugar do naufrágio é, certamente, o Longa. Estranhámos, no entanto, não haver qualquer referência aos vestígios da antiga povoação de Benguela-Velha, cuja existência Júlio Verne certamente ignorava. Do mesmo modo que as montanhas a que faz referência só podem ser as da Gabela e da Kibala, situadas na realidade muito mais para o interior. É aliás nesta direcção, ou seja, para nordeste, percorrendo mais de duzentos quilómetros do território do que em 1919 viria a ser designado por distrito e em 1975 por província do Kuanza Sul, que Dick Sand e os seus companheiros se dirigem, quer enquanto são guiados por Harris, quer já depois de capturados pelos negreiros uma vez saídos do formigueiro inundado.

A partir deste ponto os seis negros, incluindo a ama Nan, são separados dos seus companheiros brancos e, mesmo sendo cidadãos americanos, destinam-se a ser vendidos como escravos na costa, excepto Hercule, que logra fugir acompanhado do cão Dingo. Os negreiros não libertam os brancos Dick Sand, Mrs. Weldon, Jack e o primo Benedict, mantendo-os como reféns dos quais será exigido avultado resgate. São então todos conduzidos a “Um arraial nas margens do Cuanza” - é este o título do Capítulo VII do segundo volume -, arraial esse que provavelmente é o Dondo, a mesma localidade que mais adiante Júlio Verne referirá como sendo a terra natal do negreiro José António Alves. Tal como atrás Benguela-Velha se encontra ausente, também aqui é de estranhar

que não se indique a existência, nem do Presídio de Cambambe, logo em frente ao Dondo, na margem sul do Kuanza, nem a histórica povoação de Massangano, no ponto de confluência entre o Kuanza e o Lukala, situada a menos de cinquenta quilômetros a noroeste do Dondo. A explicação reside no fato de Júlio Verne não ter tido acesso a nenhum autor português nem brasileiro sobre o território de Angola, nem aos cronistas dos séculos anteriores, como António de Oliveira de Cadornega, nem a Joaquim Rodrigues Graça, que percorrera o Kuanza trinta anos antes, em 1843, e muito menos aos exploradores científicos patrocinados pela Sociedade de Geografia de Lisboa, dos quais os primeiros a passarem por este rio serão Capelo e Ivens, na sua primeira viagem, que só ocorreria em 1877, aliás apenas dois anos depois de ter sido criada a entidade patrocinadora da expedição. As fontes do romancista restringiram-se aos testemunhos dos britânicos Livingstone, Standley e Cameron, sobretudo deste último, cujos percursos reproduz com grande entusiasmo em várias partes do romance.

As personagens de Júlio Verne, sempre conduzidas pelos negreiros, seguem do Dondo para o Kasonde, que a par do Kasanje e do Bié é evidenciado pelos referidos autores britânicos como sendo um dos mais prestigiados mercados angolanos de escravos. Júlio Verne utilizará rigorosamente, daqui em diante, quer no que diz respeito à paisagem e à localização do Kasonde, quer quanto a personagens verídicas que se entrecruzam com as fictícias, as descrições constantes do então recentíssimo relato *Across Africa* do tenente da marinha inglesa Verney Howet Cameron, que entre os anos de 1872 e 1876, à procura de Standley, o qual por sua vez tinha partido em busca de Livingstone e era dado como desaparecido - entretanto é o corpo do próprio Livingstone que a expedição de Cameron vem a

encontrar pelo caminho -, atravessou o continente africano desde Zanzibar até S. Filipe de Benguela.

Kasonde, localidade que não encontramos indicada em qualquer mapa ou índice toponímico de Angola (não se confunda com Kassongue, povoação localizada, precisamente, no Kuanza Sul) mas que Cameron descreve com pormenor, situa-se, segundo Júlio Verne, a cerca de 640 quilômetros (400 milhas) a sudeste de Luanda e a 480 quilômetros (300 milhas) a nordeste da foz do Kuanza, passando perto o rio Luhi (que também não deve confundir-se com o território do Lui, no Barotse, onde existia outro importante mercado que Silva Porto frequentou nas décadas de 1850 e 1860), afluente do Kuango, o qual, por sua vez, entroncará no Kongo/Zaire muito mais a norte, já fora de território angolano (Verne, s.d., p.88 e p.105-106). Faz parte, portanto, da actual província de Malanje, separada das Lundas pelo Luhi e pelo Kuango. À existência do seu mercado não é, decerto, alheia a saída dos portugueses da Feira de Kasanje, que se deu dez anos antes, em 1862, em virtude das revoltas do Jaga Bumba, nem a conseqüente criação do concelho de Malanje em 1867. Terá Cameron querido dizer Kisonde, nome de uma das onze divisões que integravam o concelho de Malanje em 1868 (Milheiros, 1972, p.193)? Ou, atendendo a que o prefixo *ki* é aumentativo e o prefixo *ka* diminutivo, ter-se-á Kisonde chamado Kasonde num tempo anterior em que, porventura, seria um povoado mais pequeno?

Numa fase final Hercule e Dick Sand logram salvar alguns dos companheiros, com os quais seguem numa canoa os cursos do Luhi e do Kuango, para norte, que lhes dá acesso ao Kongo/Zaire. A descida deste grande rio até ao Atlântico, interrompida a 183 quilômetros da foz pelas cataratas de Ielala - não se referindo, evidentemente, as inscrições deixadas nas pedras por Diogo Cão e outros navegadores portugueses, que só

viriam a ser descodificadas por Luciano Cordeiro já no início do século XX -, é descrita, já não a partir do relato de Cameron, e sim do de Standley.

Os portugueses, o tráfico de escravos, o degredo e a personagem Negoro

Analisar aqui a questão dos portugueses e do tráfico de escravos tem interesse sobretudo em relação às observações do tradutor português nas notas de rodapé. O tom de indignação nelas utilizado reflete um dos argumentos mais obsessivos do discurso colonial português que viria a ser apropriado por uma grande parte da historiografia portuguesa posterior, influenciando igualmente intelectuais brasileiros e angolanos: o do tabu do tráfico de escravos e da escravatura, isto é, a operação retórica de negação ou de ocultação da longevidade da participação portuguesa nestas duas realidades e de atribuição a Portugal de um espúrio papel pioneiro na sua supressão, impostura que ainda hoje subsiste escandalosamente nos manuais escolares. A realidade, contudo, foi bem diferente, pois Portugal foi, não só o primeiro país europeu a desenvolver o tráfico da escravatura negra destinada à Europa e ao continente americano, como o último a aboli-lo juridicamente, assim como à própria escravatura, persistindo na sua prática clandestina até um período muito tardio do século XIX que atingiu em alguns casos os primeiros anos do século XX.

Impulsionado internacionalmente pela Grã-Bretanha em consequência da independência dos EUA e da revolução industrial de finais do século XVIII e consagrado no Congresso de Viena (1814-1815), o

aboliconismo viria a ter a adesão quase imediata das legislações das potências europeias, como a Dinamarca (1792), a Grã-Bretanha (1806), a Suécia (1813), a Holanda (1814), a França (1815) e a Espanha (1817). Assente numa economia rural e escravagista e numa sociedade secularmente desprovida de uma tradição filosófica e humanística, Portugal resistiria durante décadas a esta dinâmica. Graças à habilidade diplomática do duque de Palmela, o tráfico negreiro português conseguiu manter-se legal no hemisfério sul, entre a costa angolana e o litoral brasileiro, depois de independência do Brasil em 1822. O decreto emitido pelo marquês de Sá da Bandeira em 1836 proibindo o tráfico de escravos em todas as colônias portuguesas, sobretudo em Angola e em Moçambique, não seria aplicado por não ter tido a aceitação dos governadores dessas mesmas colônias, eles próprios envolvidos com o tráfico, e viria a ser revogado menos de um ano após a sua entrada em vigor. A aprovação em 1839 do *bill* de Palmerston pelo parlamento britânico permitiu aos navios ingleses fiscalizar os cargueiros portugueses a sul do Equador e declará-los piratas caso se descobrissem escravos a bordo, o que apressou a celebração de um tratado abolicionista entre Portugal e a Grã-Bretanha em 1842 que só viria a ser ratificado, isto é, a entrar em vigor entre as partes, cinco anos depois. Tal não obstou a que a Grã-Bretanha instalasse em São Tomé, Luanda e Lourenço Marques consulados cujo ponto estratégico da sua localização nestas cidades permitia aos ingleses vigiar o embarque de navios negreiros, o que viria a impulsionar sobremaneira o tráfico clandestino, que no caso de Angola não é feito apenas a partir dos arredores das cidades de Luanda e Benguela, mas igualmente de pontos recônditos do interior e da costa angolana e particularmente dos portos então independentes de Cabinda. O tráfico clandestino fora de Luanda e de

Benguela viria a crescer ainda mais quando, depois de a legislação do senador brasileiro Euzébio Queiroz em 1850 proibir o desembarque de escravos em portos do Brasil, se assiste a um aumento considerável dos impostos alfandegários naquelas duas principais cidades angolanas. Se podemos apontar esta data como a da abolição legal do tráfico negreiro em Portugal e nas suas colônias, já a abolição da escravatura, prevista para 1878, será antecipada para 1876 por iniciativa de Andrade Corvo, ministro tão malquisto da sociedade portuguesa quanto o fora quarenta anos antes Sá da Bandeira. Mas insista-se que, no caso de Angola, só em Luanda e em Benguela é que as autoridades coloniais portuguesas se preocuparam a partir de então em punir os eventuais escravistas recalcitrantes, e mesmo assim sempre sob a pressão dos diplomatas britânicos e brasileiros (estes últimos a partir da década de 1860) e perante os desagradados manifestados pelos comerciantes angolanos. Noutros pontos do território, não obstante os esforços empreendidos por comerciantes como Silva Porto ou Rodrigues Graça por substituir gradualmente o escravo por outros produtos “lícitos” tais como o marfim, a cera e posteriormente a borracha (Santos, 1998, P.83-176), os negreiros actuaram com a maior liberdade durante a segunda metade do século XIX e frequentemente com a conivência dos governadores coloniais, apesar de algumas ações pontuais por parte destes - como foi o caso da tomada violenta do Ambriz em 1855 - destinadas a tentar convencer a Grã-Bretanha de que Portugal era um país abolicionista. O objetivo era, evidentemente, procurar demonstrar perante a comunidade internacional que Portugal tinha a ocupação efetiva da maioria dos territórios angolanos que reivindicava, princípio que só teria consagração jurídica na Conferência de Berlim (1884-1885), mas que então já se debatia entre as potências europeias como

fundamento de ocupação do continente africano. O abolicionismo e a ocupação efetiva dos territórios vão, pois, andar de mãos dadas ao longo da segunda metade do século XIX e mesmo durante as primeiras décadas do século XX como princípios de direito internacional e é desesperadamente e sem convicção que os portugueses, ainda agarrados ao argumento obsoleto dos direitos históricos, procuram demonstrar aos seus parceiros coloniais que também os acatam (Pinto, 2006, p.213-219 e p.236-244).

As anotações de Pedro Guilherme dos Santos Dinis, tradutor de *Um Capitão de Quinze* anos de Júlio Verne, vão ao encontro desta argumentação. Perante a eloquente resenha de Verne acerca do tráfico de escravos e da escravatura, que ocupa todo o Capítulo I do segundo volume, e a observação acertada do romancista francês de que estas práticas só prevaleciam ao tempo nas colônias portuguesas, o tradutor não hesita em introduzir uma nota de rodapé tão extensa quanto o próprio capítulo, chegando a abranger três páginas (Verne, s.d., nota de rodapé das pp.13-15), onde começa desde logo por acusar Verne de se desviar, ainda que involuntariamente, da verdade e por declarar que, além de não haver qualquer fato que provasse a existência de escravatura nas “províncias ultramarinas” portuguesas, os portugueses se encontrariam ilibados de culpas quanto ao seu passado esclavagista pelo simples fato de não terem sido os únicos a escravizar africanos e a isso terem sido instigados pelos outros europeus e pelos muçulmanos. A estes argumentos farisaicos, infelizmente ainda hoje assaz utilizados na sociedade portuguesa, seguem-se outros que não menos o são, como a evocação das malogradas legislações de Sá da Bandeira e de Andrade Corvo e ainda do absurdo e persistente mito do decreto do rei D. José em 1773 proibindo o desembarque de escravos em Portugal continental e nas

ilhas da Madeira e dos Açores, que faria do seu ministro Sebastião José de Carvalho e Melo (então já Marquês de Pombal), ao olhos néscios de uma certa intelectualidade lusa, um estranho precursor do abolicionismo em Portugal e até, pasme-se, na Europa! Não é necessário, evidentemente, conhecer a fundo a sociedade portuguesa do século XVIII para perceber que o referido decreto de D. José mais não foi do que uma medida circunstancial destinada a reduzir o número de indigentes, que o abandono dos escravos por parte de uma nobreza arruinada aumentava, e que o Marquês de Pombal, à semelhança de todos os portugueses do seu tempo, não só ignorava o que fosse o abolicionismo como, além de ter sempre possuído escravos, notabilizou-se mesmo como um grande incentivador do tráfico negreiro entre Angola e Brasil. Mais adiante, o tradutor persistirá nos seus propósitos supostamente patrióticos noutras anotações mais curtas, nomeadamente solidarizando-se com os que em Portugal protestaram contra as acusações de esclavagistas aos portugueses feitas por Cameron, que os considerava ainda mais cruéis do que os muçulmanos, e inclusive refutando peremptoriamente o tráfico clandestino (Verne, s.d., notas de rodapé da p.85 e da p.30). O fato de estas notas se dirigirem a um público juvenil torna o seu teor ainda mais grave e perverso, pois procuram ludibriar a juventude com a ideia subversiva de que basta que mudem as instituições numa sociedade para que as mentalidades e os interesses automaticamente se alterem.

A preocupação do tradutor em demonstrar os direitos históricos dos portugueses sobre os territórios angolano e moçambicano e mesmo sobre o espaço que medeia entre eles e que viria a dar corpo em 1886-1890 ao delirante sonho do Mapa Cor-de-Rosa encontra-se bem expressa na nota em que enuncia exhaustivamente as

travessias do continente africano anteriores a Livingstone, Grant, Speke, Burton, Cameron e Standley, como as dos brasileiros Lacerda e Almeida (1798-1799) e Joaquim Rodrigues Graça (1843-1847), as dos portugueses Monteiro e Gamito (1831-1832) e Silva Porto (1853-1856) e a dos angolanos Pedro João Baptista e Amaro José (1802-1811), às quais acrescenta as que se realizaram já depois da publicação de *Um Capitão de Quinze Anos*, como as de Capelo e Ivens, Serpa Pinto e Anchieta (Verne, s.d., nota de rodapé das pp. 32-33).

Merece ainda, a propósito do tradutor, uma apreciação da personagem Negoro. A sua nacionalidade foi deliberadamente omitida na tradução portuguesa por se tratar... de um português! Quem é Negoro? Júlio Verne dedica-lhe todo o Capítulo II do segundo volume, intitulado “Harris e Negoro”. É através do diálogo entre os dois homens que se levanta todo o véu que pendia sobre o passado do cozinheiro português. E deparamos então com outra realidade que, a par do tráfico de escravos e da escravatura, a historiografia de Portugal ocultou: o degredo. Abolido apenas em 1932 e então substituído pelas colônias penais, o degredo de criminosos de delito comum esteve secularmente na origem de grande parte da população branca do Brasil, de Angola e de Moçambique. Inicialmente depositados nas fortalezas do litoral, como foi o caso da Fortaleza de S. Miguel em Luanda, os degredados portugueses eram depois postos em liberdade e acabavam na sua maioria por se tornar comerciantes, muitos percorrendo o sertão angolano como *funantes* (do kimbundu *ku funa*, comerciar) e obtendo dos povos do interior escravos destinados a embarcar na costa em troca de produtos como o vinho português ou a cachaça brasileira. Negoro foi, certamente, um desses homens, os verdadeiros povoadores das colônias, mas a quem os políticos portugueses da Primeira República, como Norton de

Matos, e do Estado Novo, como Armindo Monteiro, não hesitaram em transformar em bodes espiatórios do tráfico negreiro e da escravatura, considerando-os a “escória da humanidade” e apodando-os de *cafrealizados* por viverem com mulheres negras. Ao seu enselvamento procederia a literatura colonial de Henrique Galvão nos anos de 1930 (Pinto, 2002).

Antecipando-se a esta perspectiva, sem que aliás o tradutor português nada objete em contrário, escreve Júlio Verne, a respeito dos negreiros, que “os agentes de origem europeia, em grande parte portugueses, são os facínoras que os seus respectivos países têm expulsado do seu seio, condenados, fugidos das prisões (...) Tal era Negoro (...)” (Verne, s.d., p.83). Tendo sido degredado para Angola depois de crimes praticados em Portugal, Negoro viveria durante anos do tráfico de escravos com toda a legitimidade e todo o apoio do governo colonial português. Em 1870, porém, num período em que as autoridades de Luanda e Benguela - e apenas estas - começam a perseguir os negreiros a instância dos britânicos e dos brasileiros, Negoro tem o azar de ser capturado quando conduzia uma caravana a um porto clandestino perto de Luanda, sendo encarcerado numa enxovia da capital de Angola. Daí consegue fugir e embarcar clandestinamente para a Nova Zelândia, de onde regressará dois anos depois como cozinheiro do “Pilgrim”. O seu objetivo é retomar a atividade de comerciante de escravos, decerto a única que lhe permitiu em toda a sua vida ser um homem livre e próspero. Júlio Verne faz dele um vilão, raptor de Dick Sand e dos companheiros e assassino do explorador francês Samuel Vernon, e reserva-lhe uma morte hedionda e humilhante em combate com um cão, Dingo, com o qual se cruza no momento em que os heróis interrompem o périplo pelo Kongo/Zaire nas cataratas de Ielala.

Os angolanos escravagistas e en selvajados

Se o tradutor se indigna, como vimos, com as acusações de escravagismo feitas aos portugueses, em contrapartida é plenamente conivente com o retrato en selvajador que Júlio Verne faz dos africanos e que vai ao encontro dos estereótipos desenvolvidos pelos escritores portugueses já durante o século XX. Sempre partindo dos relatos de Cameron e com base em três figuras reais descritas pelo explorador inglês - José António Alves, Lourenço de Sousa Coimbra e o Moini Lunga -, Júlio Verne apresenta os angolanos segundo as categorias sociais em que o discurso colonial português os dividiria.

José António Alves, reputado comerciante de escravos entre Kasonde, Bié e Kasanje, é descrito como um negro de avançada idade que “de português tinha apenas o nome” (Sic.), pois na realidade chamar-se-ia Kendelé. Tendo em tempos trabalhado ao serviço de comerciantes brancos, há mais de vinte anos que traficava por conta própria (Verne, s.d., pp.107-108). À semelhança de Cameron, Júlio Verne diz que Alves nasceu no Dondo, embora segundo Capelo e Ivens fosse natural de Pungo Andongo, igualmente nas margens do Kuanza mas mais a leste. Num caso ou noutro, porém, não restam dúvidas de que se tratava de um ambaquista (aportuguesamento do kimbundu *muku a mbaka*, pl. *aku a Mbaka*, literalmente *gente de Ambaca*) de entre os muitos a quem o conhecimento da língua portuguesa e da escrita conferiu um estatuto superior ao dos *kimbares*, os guias das caravanas descendentes de escravos forros, o que lhes permitiu, nos séculos XVIII e XIX, dedicarem-se ao comércio no sertão angolano. Sendo embora na maioria negros e mestiços, consideravam-se frequentemente “portugueses” ou descendentes de portugueses (Heintz,

2004, p. 59-61). Alves integrava-se, pois, na categoria que no século XIX se designava por “pretos calçados”, intermediários dos europeus no comércio com as populações do interior, e que no século XX, em consequência da legislação iniciada em 1875 com o primeiro *Código de Trabalho Indígena*, desapareceria ou seria substituída pela dos “assimilados”.

Lourenço de Sousa Coimbra, o braço direito de Alves, tem a particularidade de ser um mestiço (ou *mulato*), pois é neto de um português branco que, tendo emigrado para o Brasil, aí se casara com uma mulher negra ou mestiça com a qual fora para Angola e de quem tivera um filho, Júlio José Francisco Coimbra, também conhecido por Francisco José Coimbra, nascido na Caconda, major do exército português e capitão-mor do Bié entre 1838 e 1885, data em que foi substituído por Silva Porto (Milheiros, 1972, p.33 e Heintz, 2004, p.206). A descrição que Júlio Verne faz de Lourenço de Sousa Coimbra, um dos muitos filhos do major do Bié, mais não é do que a reprodução do retrato dele já traçado por Cameron, impregnado do preconceito do positivismo naturalista e poligenista que associa a ideia de degeneração da espécie dos mestiços à sordidez, à perversidade e à torpeza de caráter: “ente imundo quase nu, de olhar inflamado, guedelha áspera e encarapinhada, tez amarela, vestindo uma camisa esfarrapada e um saiote feito de ervas” (Verne, s.d., p.112).

Finalmente o Moini Lunga, soberano do Kasonde cujo nome é adequadamente alusivo aos títulos políticos dos mbundu orientais das margens do Kuango e do baixo Luhi - *moini* é uma corruptela de *muene*, o senhor das terras, e *lunga* é o símbolo dos espíritos das águas das chuvas, dos rios e dos lagos que, representado normalmente por uma figurinha humana em madeira, legitima a autoridade sobre as fronteiras territoriais (MILLER, 1995, p.59-63) -, personifica o africano

enselvajado com todos os recursos usados pelo discurso colonial para negar a cultura ou a “civilização” do Outro, de que se destacam a animalização (associada, numa primeira fase, às feras e aos animais de carga, e numa fase mais recente ao antropóide), a antropofagia, o despotismo e a propensão excessiva para o sexo e para o abuso de bebidas alcoólicas ou de estupefacientes:

“Era o rei um velho precoce, gasto pelos vícios, queimado pelas bebidas espirituosas, maníaco, fazendo por mero capricho mutilar os seus súbditos, os seus oficiais ou os seus ministros, cortando a uns o nariz ou as orelhas, os pés ou as mãos a outros” (Verne, s.d., p.107).

O enselvajamento do africano destinou-se sempre a legitimar a dominação do homem europeu. No entanto, se entre o século XV e a primeira metade do século XIX essa dominação se processava pela submissão do africano à condição de escravo, a partir da segunda metade do século XIX, período em que às economias europeias interessa a abolição do tráfico de escravos e da escravatura e a sua substituição por uma exploração dos recursos naturais da África, o africano, que continua a ser visto como selvagem e atrasado, vai ser agora reduzido ao estatuto de *indígena*, destinado a fornecer mão-de-obra barata às unidades produtivas controladas pelos europeus. Assiste-se, conseqüentemente, a uma curiosa inversão do discurso colonial no sentido de transformar o esclavagismo num elemento de enselvajamento. Por outras palavras, se antes o mérito da escravatura residia em subtrair o africano à selvajaria, doravante o africano vai ser ironicamente considerado selvagem pelo fato de... ser esclavagista! Este discurso, também ele assaz utilizado pela literatura colonial

portuguesa do século XX, é aqui introduzido por Júlio Verne ao fazer do Moini Lunga o principal cúmplice, enquanto fornecedor de escravos, do comerciante José António Alves, o qual por sua vez, sendo igualmente negro, “se entendia perfeitamente com o beerrão, a quem toda a província prestava vassalagem” (Sic.) (Verne, s.d., p.107).

À semelhança de muitos autores seus contemporâneos e de tantos que o seguiram, Júlio Verne faz do soberano africano um retrato físico escarnecedor, evidenciando os seus ornamentos, quer os tradicionais, quer aqueles que são introduzidos pelos europeus e que por isso se transformam em bens de prestígio entre os seus mas que segundo o discurso colonial não passam de demonstrações da ideia de que o colonizado jamais igualará o colonizador em grau de “civilização”, não passando nunca de uma sua imitação ridícula e caricatural:

“Na cabeça trazia uma espécie de tiara ornada com garras de leopardo pintadas de encarnado e enfeitada com tufos de pêlo branco: era a coroa dos soberanos de Kasonde. Na cintura, dois saiotos de couro, bordados de pérolas, e mais enroscados que um avental de ferreiro. No peito, grande número de desenhos, sinal da antiga nobreza do rei, e os quais, dando-se-lhes fé, mostravam que a genealogia de Moini Lunga se perdia na noite dos tempos. Nos antebraços, nos pulsos e nos braços de Sua Majestade, braceletes de cobre, engastados de “sofis”, e os pés metidos numas botas de lacaio com canhão amarelo, presente que lhe fizera Alves havia já vinte anos. Na mão direita uma grande bengala com castão de prata, na esquerda uma ventarola com o cabo enfeitado de missangas, no nariz a lente e os óculos

do primo Benedict, que tinham sido encontrados na algibeira de Bat, e finalmente coberto por um velho chapéu de sol, tão cheio de remendos que parecia feito dos calções dos arlequins” (Verne, s.d., p.128).

Resta ainda referir que, a par do Mau Selvagem, hostil ao homem ocidental e personificado no Moini Lunga, também o Bom Selvagem, aquele que se mostra “grato” à ação civilizadora do homem branco e a ele se submete com docilidade enquanto amigo e aliado, se encontra presente neste romance de Júlio Verne, ainda que na figura de um norte-americano descendente de escravos, o bondoso e servil Hercule, que mais do que uma criança grande - o mérito do colonizador, segundo o discurso colonial, reside sempre na transformação dos “déspotas” em “crianças grandes” -, é uma criança gigantesca ou, como o próprio nome indica, hercúlea. O Capítulo XVI do segundo volume, intitulado “Um Meganga” e onde se descreve a aventura de Hercule, sob o disfarce de um *meganga* (ou *nganga*, o sacerdote curandeiro da tradição bantu), subtraindo Mrs. Weldon e o pequeno Jack à antropofagia do povo do Moini Lunga, é disso um bom exemplo.

Referências bibliográficas

Bibliografia Activa

VERNE, Júlio. *Um Herói de Quinze Anos*¹. *Primeira Parte. A Viagem Fatal*, Trad. Pedro Guilherme dos Santos Dinis, Capa de José Cândido e Desenhos da edição original francesa de 1872 de Henri Meyer, gravados por Ch. Barbant. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d., 210 p.

VERNE, Júlio. *Um Herói de Quinze Anos. Segunda Parte*.

Na África, Trad. Pedro Guilherme dos Santos Dinis, Capa de José Cândido e Desenhos da edição original francesa de 1872 de Henri Meyer, gravados por Ch. Barbant. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d., 226 páginas.

Bibliografia Passiva

- HEINTZE, Beatrix. *Pioneiros Africanos. Caravanas de carregadores na África Centro-Occidental (entre 1850-1890)*. Trad. Marina Santos. Lisboa: Caminho, 2004.
- HENRIQUES, Isabel Castro. *Percursos da modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações no século XIX*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1997.
- HENRIQUES, Isabel Castro. *Os pilares da diferença. Relações Portugal-África séculos XV-XX*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.
- JORGE, Carlos J. F. *Jules Verne. O espaço africano nas aventuras da travessia*. Prefácio de Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- 1 Título da edição original francesa de 1872: *Un Capitaine de Quinze Ans*.
- MILHEIROS, Mário. *Índice Histórico-corográfico de Angola*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola, 1972.
- MILLER, Joseph C. *Poder Político e Parentesco; Os Antigos Estados Mbundu em Angola*, Trad. Maria da Conceição Neto (ed. original da Oxford University Press de 1976). Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995.
- PINTO, Alberto Oliveira. *Cabinda e as construções da sua história. 1783-1887*. Lisboa: Dinalivro, 2006.
- PINTO, Alberto Oliveira. O concurso de literatura colonial da Agência Geral das colônias (1926-1951); Colonialismo e Propaganda. In *Clio*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Nova Série, Vol. 7, 2002, p.191-256.
- RIBAS, Óscar. *Dicionário de regionalismos angolanos*.

- Matosinhos: Contemporânea Editora, 1998.
- SAID, Edward W. *Culture et Impérialisme*. Trad. Paul Chemla. Paris: Fayard Le Monde Diplomatique, 2000.
- SANTOS, Maria Emília Madeira. *Nos caminhos de África. Serventia e posse. Angola Século XIX*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical, 1998.
- SERRÃO, Joel (Dir. de). *Dicionário de história de Portugal*, 6 Volumes. Porto: Livraria Figueirinhas, s/d (1981).
- SPURR, David. *The Rhetoric of Empire. Colonial Discourse in Journalism, Travel Writing and Imperial Administration*. Durban & London: Duke University Press, 1993.